Manoel Raymundo Querino
(Do Instituto Geographico e Historico da Bahia)

Artistas Bahianos

(INDICAÇÕES BIOGRAPHICAS)

2.ª edição melhorada e cuidadosamente revista

BAHIA
Officinas da Empreza «A BAHIA»
27—Praça Castro Alves—27
1911

Artistas Bahianos

Manoel Raymundo Querino

DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

Ao o Querino 26. I. 927

ARTISTAS BAHIANOS

(INDICAÇÕES BIOGRAPHICAS)

2.ª EDIÇÃO MELHORADA E CUIDADOSAMENTE REVISTA

BAHIA

OFFICINAS DA EMPREZA «A BAHIA»

27 — Praça Castro Alves — 27

1911

THE GETTY CENTER
LIBRARY

Manuel R. Guerrero

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

Exemplo e estimulo da mocidade estudiosa

Exigua homenagem do Autor.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/artistasbahianos01quer

A' MEMORIA DE

Lellis Piedade

JORNALISTA BAHIANO

Preito de homenagem e admiração
do seu antigo discipulo

Manoel Querino.

PROLOGO

Um livro sobre artistas bahianos!

E' em verdade temerario arrojo esse de atirar á publicidade, em nosso meio, qualquer trabalho sobre semelhante assumpto.

Arte e artistas bahianos!

Que extravagancia!

Não conhecesse eu a independencia de espirito de seu autor, o seu animo sinceramente devotado ao trabalho; não conhecesse a paixão que lhe domina a alma de patriota, sonhando com o dia em que a arte empolgue e subjugue todos esses espiritos que andam adormentados na apathia que o egoismo gera e a indifferença avoluma, e, com certeza certa, ver nelle um desses perturbadores da ordem constituida, ou um caprichoso colleccionador de cousas inuteis, disposto a nos aborrecer a todos com as impertinencias insistentes de sua monomania.

Quem foi que lhe disse que a arte póde ser amada por nós, e esta terra foi ou póde ser uma terra de artistas?

Que temos nós com a arte e com seus pobres visionarios que andaram por aqui a lhe dedicar cultos?

De que nos póde servir, se com ella nem ao menos fabricamos diches para fazer lustrar a fatuidade que impa no mundo official, nem pavoneamos sequer a toleima que papagueia satisfeita da propria ignorancia, nem podemos transmudal-a em thuribulo de mercantilismo triumphante e das consciencias afogadas no interesse?

Talento, aptidão, vocação, que vale isso? Que morram para ahi de fome, pouco importa. Já será caridade mandar a hygiene enterrar essas podridões, que podem inficionar o ar livre que respiram os bemaventurados da fortuna. De outras cousas cuidamos nós, que nos podem fazer felizes.

Se não é que cultivar a arte, e hontal-a, termos artes de parecer grandes sem trabalho nem esforço, e até com ausencia absoluta de qualquer merecimento.

A nossa preoccupação de falsas grandezas não nos dá tempo para volver olhos a cousas minimas como essa.

Mas o autor deste livro é do numero dos que se não conformam com este lamentavel estado em que nos encontramos. Não esmorece diante do pavoroso aspecto da nossa demencia; reage e lucta convencido de que o ideal que ardorosamente defende será um dia triumphante. Tambem não é de outro modo que se faz a propaganda de uma idéa superior. E' necessario arrastar todos os perigos, atacar, com valentia, o reducto do pessimismo, que lhe cria os obices mais formidaveis e lhe embaraça o caminho traçado.

Elle sente o doloroso constrangimento que soffrem os que se fazem artistas, entre nós, ainda quando em suas obras fulgurem os vivazes lampejos da intelligencia e do genio.

Mas teve olhos para ver que toda essa montanha de gelo que a indifferença sobrepõe ao merecimento dos nossos artistas, teve essa uma causa, que póde e deve ser destruida, annullada de vez. Viu que

Quem não sabe a arte não na estima

e não duvidou fazer-se batalhador da idéa salvadora; apostolo desse grande evangelho do trabalho, para cuja pregação se faz mister patentear a verdade com toda a força irresistivel de belleza, com toda a claridade deslumbrante de sua luz. Para isso, era necessario fazer um trabalho consciencioso. Não hesitou.

Era preciso pedir á historia o seu concurso, acompanhal-a a toda parte, donde ella pudesse desenterrar nomes e factos indispensaveis ao estudo criterioso, verdadeiro, da nossa existencia de povo civilisado. Berço da civilisação brazileira, a Bahia, tão amesquinhada sempre até nas expansões naturaes do seu patriotismo, mas sempre tão resignada, guardava-lhe todos os elementos da obra que concebera. E de animo resoluto consultou archivos, reviu apontamentos particulares, collecções de jornaes, conferenciou com antigos artistas, ouviu tudo quanto poude colher da tradição de nomes que a chronica bahiana registra, percorreu templos e estabelecimentos publicos, onde uma copia valiosa de trabalhos attesta a existencia de artistas de merecimento, desde o Brazil colonia até os nossos dias, visitou casas de antigas familias bahianas, onde encontrou com algumas obras de que fez acquisição, informações preciosas para o seu livro, e tudo isso sem descançar, com uma tenacidade heroica, com um ardor crescente de investigador decidido. Coordenando as notas

colhidas nesse afanoso lidar, em que não poucas vezes viu quasi perdido todo o seu trabalho de pesquisa com relação a alguns dos nossos artistas, por não encontrar dos proprios descendentes destes a menor informação acerca de seus trabalhos, e ainda sobre a data de seu nascimento ou de sua morte, traçou o seu livro, que vê agora a luz da publicidade, para o estudo de tão importante assumpto, que de ha muito está a reclamar, de parte dos poderes publicos, um pouço de attenção e de boa vontade. E' um livro despretencioso, mas sincero e verdadeiro, feito á luz de factos historicos, sem enxertos, nem phantasias.

Não se limitando a expôr quanto poude á custa de um lidar insano e por vezes desalentador, sobre a vida e obras dos artistas que em trabalhos de valor iniciaram a cultura das artes no Brazil, ajunta documentos interessantes, reivindicando glorias lidimas da Bahia, que sem hyperbole se póde ufanar, não só de ser berço de estadistas, guerreiros, oradores e poetas, mas tambem dos primeiros artistas brazileiros.

E desta sorte faz passar aos olhos da geração actual, ainda estremunhada do somno opiado em que tem dormido, um grupo apreciavel de pintores, esculptores e musicos, que se não tiveram os clarins da fama a espalhar-lhes por toda a parte o renome das obras que produziram, sob a montanha de criminosa indifferença que lhes peza na memoria, se sepultaram, comtudo, envoltos no fulgor de sua intelligencia incomprehendida e não pavoneada.

O seu merito não está em emmoldurar nomes nas galas de um estylo pomposo, onde chispem lentejoilas fulgurantes, para fazel-os apparecer maiores do que foram; não está em fazer a critica das producções de tantos e tão bellos talentos que estavam sepultados na valla do anonymato.

Está o seu merito em registar, em linguagem chã e despretenciosa, mas clara, que a Bahia, logo nos primeiros sopros da civilisação occidental, se mostrou apta para a cultura das artes, capaz de comprehender e amar o bello, devassar-lhe os mysteriosos segredos, e entrar no concerto da cultura humana com essa percepção discreta e nitida das compleições verdadeiramente artisticas.

E isto só lhe basta ao objectivo: a vulgarisação deste facto, que comprova, illustrando a sua obra com a photogravura de quadros de José Joaquim da Rocha, José Theophilo de Jesus, Antonio Joaquim Franco Vellasco, e das esculpturas de Chagas—o cabra,—Felix Pereira, Bento Sabino dos Reis, Manoel Ignacio da Costa e Domingos Pereira Baião.

Em 1553, informa Manuel Querino, apoiando-se numa carta do Bispo Sardinha a D. João III, vem á Bahia o primeiro musico, de quem não póde declinar o nome por o não fazer aquelle bispo na alludida carta.

E' bem crivel que esse musico, que no conceito do bispo não servia para mestre de capella, não tivesse capacidade para representar a divina arte.

Mas o que é verdade é que Frei Eusebio da Soledade (irmão de Gregorio de Mattos), sendo philosopho, poeta, orador, mathematico e pintor, foi igualmente musico de grande talento.

A musica teve como legitimos representantes na Bahia artistas da estatura de Damião Barbosa de Araujo, José Pereira Rebouças, que foi o primeiro brazileiro diplomado em musica na Europa, Mussurunga, Francisco Moniz Barreto, filho do celebrado repentista bahiano desse nome, João Amado Coutinho Barata, Adelelmo Nascimento, Domingos de Faria Machado e Germano Limeira, para somente falar de mortos. E' como uma resurreição de nomes, muitos dos quaes estavam apagados na memoria do povo, que os deve amar e reverenciar, como precursores desse movimento attestador de todos os povos cultos.

Repositorio de informações veridicas, afoito-me em dizer que quem quer que tenha de escrever a historia das artes liberaes no Brazil terá necessidade de buscar neste livro os elementos indispensaveis á uma segura orientação, a um estudo consciencioso.

O livro de Manuel Querino preenche, a meu ver, uma grande lacuna, vindo servir a uma necessidade inadiavel de nosso espirito de progresso que começa de insuflar a alma nacional.

Já não é possivel procrastinar, por mais tempo, a cultura esthetica do povo, que nesta terra, onde as artes brazileiras iniciaram os seus passos, sob tão promissores auspicios, não possue na medida das exigencias da civilisação e das instituições politicas, que instam pela disseminação larga e abundante da educação popular, em suas multiplas modalidades, nem escolas de arte, nem museus artisticos, em que possa aproveitar as suas faculdades estheticas, educar e desenvolver o gosto.

Não é possivel.

Seria crer na perpetuação da impunidade de um crime. Crime, digo, porque só assim julgo que se póde capitular esse descuido dos governos e das classes interessadas no desenvolvimento das mais abundantes fontes de riqueza.

O pouco que temos, nos dois estabelecimentos que no Estado ministram ensino profissional, a *Escola de Bellas Artes* e o *Lyceu de Artes e Officios*, que quasi não dispõem de recursos,

é apenas uma aspiração bem accentuada de alguns espiritos tenazes, sinceramente apaixonados por esse ideal grandioso das nações cultas.

Precisamos, pois, de tornar aquillo, que ainda é um desejo ardente de alguns, numa realidade para todos.

Seja este livro um brado em favor de tão nobre tarefa. Será assim bem fadado, e o seu operoso e intelligente autor terá a melhor das recompensas.

Sinto que as minhas palavras lhe não possam revelar os esforços extraordinarios, que empregou para organisal-o, e que tanto lhe realçam o merecimento.

Peço-lhe, entretanto, que não descanse. Seu animo é o de um luctador que não arrefece diante dos perigos da lucta, senão que os arrosta sereno, certo de que a tenacidade exercida por um impulso sincero será triumphante.

Bahia — 1907.

Torquato Bahia.

As Bellas-Artes são a pedra de toque da civilisação de um povo.

Dr. Virgilio Damazio.

Sem que me julgue apparelhado para o bom desempenho de uma empreza que demanda requisitos indispensaveis a um resultado satisfactorio, e, visando, não só despertar o enthusiasmo dos competentes, mas, ao mesmo tempo, dedicar pequeno esforço em homenagem á classe a que tenho a satisfação de pertencer,—resolvi traçar o ligeiro esboço que se segue, no intuito de tornar conhecido, si bem que resumidamente, o merecimento incontestavel de alguns artistas que floresceram nos seculos XVIII e XIX, a par de poetas, escriptores e jornalistas que enalteceram as glorias desta terra, pois a Bahia possue muita preciosidade na poeira do esquecimento.

O Dr. J. M. de Macêdo, em sua *Chorographia do Brazil*, publicada em 1873, disse: «A Bahia foi o seio que amamentou, a cabeça que dirigiu, o braço potente que defendeu quasi todas as capitanias que formam hoje o Imperio do Brazil. A ella é de direito a veneração e o reconhecimento das actuaes provincias, no outro tempo suas amamentadas, dirigidas, tuteladas e defendidas. E' uma mãe ennobrecida pelas bençãos filiaes das gerações do passado».

Egualmente, foi o berço das artes e officios, o fóco productor de artistas e obras d'arte que abasteceram todo o paiz, no periodo de mais de dous seculos.

De facto, não póde ser mais contristador para aquelles que deploram, com interesse patriotico, o estado actual da Bahia, na razão inversa do progredir de seus ex-tutelados, quebrados os florões de sua antiga nobreza, estacionaria e abatida por ingratidão de seus filhos.

No evoluir das artes sobresahio, com especial vigor, a esculptura que, no seculo XVIII, floresceu com muita regularidade e gosto.

Si, por vezes, acontece a pintura vir em seu auxilio, nem por isso ella perde o seu valor proprio e natural, nascido da belleza e da harmonia, na imitação da superficie dos corpos organizados.

Devido a essa circunstancia, a esculptura procurou imitar, de preferencia, o homem como o melhor elemento que reune, na belleza da fórma, a sublimidade do espirito e a grandeza das paixões; é o objectivo principal do culto do artista; é o seu modelo mais nobre e majestoso. Formado de elementos geometricos diversos, animado pela luz divina do espirito, o homem, considerado o modelo superior na arte, teve necessariamente muitos typos de perfeição; e, por isso, sua belleza reside na harmonia, e a harmonia não resulta de uma só, mas de muitas combinações.

A falta de ferramenta apropriada e o desconhecimento de anatomia das fórmas do corpo humano não obstaram a que os artistas do tempo, armados de talento e amor ao trabalho, produzissem obras

de merito real e incontestavel, como attestam os principaes templos desta cidade.

«Dir-se-ia que a natureza virgem e portentosa do Brazil suppria, com suas aspirações patrioticas e arrebatadoras, as Academias e os mestres abalisados, que faltaram na America Portugueza a esses e a todos os bellos talentos».

Artistas Bahianos

ESCULPTURA

CHAGAS.

Este operoso artista, de justificada nomeada, de quem a tradição, apenas, conservou o cognome e o appellido — *Chagas* — o *Cabra*, é o ponto de partida do explendor da esculptura, na Bahia.

Não me foi possivel precisar as datas de nascimento e morte deste artista, porque ninguem ignora o pouco apreço a que são votados os homens que se levantam por esforço proprio, glorificando a terra de seu berço; e assim é que intelligencias peregrinas por ahi vegetam, desprovidas do bafejo aulico, desde o tempo do despotismo aterrador até hoje, em plena civilisação de palavras, unida a uma democracia que se tem distinguido por banquetes e desfalques, sem ideal decente, sem escrupulos, e balda de patriotismo. Apezar disso, a memoria do grande artista ficará, imperecivel, na justiça da posteridade.

Seus trabalhos conhecidos são:

Na Ordem Terceira do Carmo, o monumental grupo de *Nossa Senhora das Dores, S. João e Magdalena*, digno do maior elogio, pela dôr, resignação e ternura que exprime; *Nossa Senhora do Monte do Carmo*, de uma expressão admiravel, principalmente o *Menino Deus*, segundo a tradição, copiado de uma criança que o artista considerou um modelo; um bem acabado *S. Benedicto*, cujo *Menino Deus* é um primor, na matriz de Sant'Anna: *Senhor da Redempção*, trabalho de alto valor, pertencente á irmandade do mesmo nome, e que se venera na egreja do Corpo Santo.

Circumstancia notavel: as imagens de *Nossa Senhora do Carmo* e do *Senhor da Redempção*, qualquer que seja a posição do observador, parece que o acompanham com a vista devido á boa collocação dos olhos.

Diz a tradição que o artista fôra encarregado da execução de um *Menino Deus*, com a condição de fazel-o egual ao de *Nossa Senhora do Monte do Carmo*, afim de ser remettido para Portugal, e porque se negasse formalmente em acceder, dahi lhe provieram desgostos, prisões e, afinal a loucura.

Glorificado por suas obras, dotado de imaginação brilhante e fertil, aprofundado na mais severa cultura da arte de sua predilecção, Chagas não poude, na velhice, ao menos, receber o premio a que tinha direito, pelas importantes producções de seu brilhante engenho.

Existe no Estado de Santa Catharina um trabalho de muito valor, cujo autor não se póde nomear, com perfeita segurança; mas, como na

época precisada o esculptor mais notavel da Bahia era o Chagas, presumo pertencer-lhe a execução desse primor artistico, visto que os seus contemporaneos não se occupavam de obras de vulto; cediam-lhe a palma, nesse particular, e limitavam-se a pequenos trabalhos.

Trata-se de uma imagem do *Senhor Jesus dos Passos*, cuja descripção é a seguinte:

«Esta veneranda imagem, de um formoso acabado, que parece sahida do prodigioso cinzel de Canova, segundo refere a tradição, não se destinara para receber o culto catholico do povo catharinense: fôra esculpida, na Bahia, para os nossos visinhos irmãos do Sul; mas outros eram os designios da Providencia.

Foi no anno de 1764 que uma embarcação, zarpando da poetica bahia de S. Salvador, partiu em demanda do Rio-Grande do Sul, conduzindo este artistico primor. Ao chegar á temerosa barra, impossivel foi ao fragil lenho transpol-a, tendo por isso de arribar ao seguro porto desta cidade. Nova investida foi feita com o mesmo resultado, vindo ainda uma vez ter ás nossas aguas.

Pela terceira vez, para lá singra e mais outra decepção lhe estava reservada!

Vendo o capitão nessas successivas arribadas manifesta a vontade divina para que a imagem aqui ficasse, a ella submetteu-se.

Este singular acontecimento faz lembrar aquelle facto que se deu com a téla de Raphael Sanzio, representando Christo conduzindo a cruz.

Era um quadro em que o inspirado pintor, elevara-se ao fastigio da arte pela verdade com que pintou os soffrimentos do Homem Deus e que fôra feito para o mosteiro dos irmãos do Monte-Olivete, em Palermo. A embarcação que para alli o transportava, sendo colhida por violenta tempestade, foi de encontro a um rochedo e despedaçou-se. Tripolação e carga tudo perdeu-se; sómente o quadro escapou do perigo.

Impellida pelas ondas, a caixa que o encerrava foi ter ás costas de Genova e, ao ser aberta, verificou-se que a pintura achava-se intacta.

Todas as pessoas aqui moradoras ou de passagem, que a têm contemplado, são accordes em affirmar que ainda não viram outra imagem naquella attitude, em que o talento artistico se

haja revelado mais pujantemente. Em verdade, não se poderia dar mais nitida expressão á dôr e ao soffrimento do que aquella que o genial artista imprimio na meiga physionomia da imagem do Divino Mestre. A afflicção e o cansaço estão alli fielmente estampados na bocca semi-aberta, nos olhos annuviados, na empallidecida fronte e nas faces macerradas. E em todo esse admiravel composto transluzem sobrenaturaes effluvios, transparece uma essencia toda divina.

Extraordinario é o culto que se lhe consagra; numerosos são os seus fervorosos devotos.

Nos dias de tribulação, nas horas de tristeza, nos terriveis momentos de desalento da alma, todos para ella recorrem, todos vão implorar-lhe remedio para seus males, depondo esmolas e offerendas a seus pés.

. . . . . .

Logo depois que o capitão do navio resolveu deixar aqui a imagem, reunitam-se diversos parochianos e instituiram no dia 1.º de janeiro de 1765, na egreja matriz, a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos».

(*Breve noticia sobre a imagem do Senhor Jesus dos Passos* —Santa Catharina, 1892).

PROCISSÃO DE PASSOS

«Entre as solennidades religiosas que se fazem no Desterro desde muitos annos, occupa o primeiro logar a chamada *Procissão de Passos*, que, pelo seu valor, significação e magnificencia, se destaca consideravelmente em meio a todas as outras. Esse acto, que commemora para o mundo catholico uma parte da grande passagem tragica do Calvario, assume alli annualmente as proporções de um grande acontecimento, pois abala até as regiões mais longinquas a população do Estado, que acóde á pequena capital carregada de promessas e offertas consagradas á imagem do Senhor.

. . . . . .

De quantas festas religiosas se effectuam no Estado é a *Procissão de Passos* a que mais prende e impressiona o espirito popular. Esta imagem, verdadeiro primor de esculptura, foi feita na capital da Bahia por um velho artista brazileiro e filho daquelle Estado, cujo nome ignora-se, isto em 1763, sendo no anno seguinte transportada para Santa Catharina, conforme já vimos».

(*Santa Catharina—Quarto Centenario do Brazil*, por Virgilio Varzea, 1900).

FELIX PEREIRA.

Falleceu nos fins do seculo XVIII e deixou: na matriz de Sant'Anna, *a padroeira* e uma *Nossa Senhora das Dores*, trabalho excellente, cuja expressão tem a nitidez da invocação; um *Christo* que está nos carneiros da dita matriz; um *Senhor dos Passos*, trabalho de grande valor, na ilha de Bom Jesus, esculpturado em 1762. Ao mesmo artista é attribuida a execução da venerando imagem do *Senhor dos Passos e Vera-Cruz*, que existe na capella da Ajuda e que em algum tempo, pertenceu ao convento do Carmo.

BENTO SABINO DOS REIS.

Falleceu em 1846, na avançada idade de mais de 80 annos.

Caracter severo, chefe da escola de esculptura de seu tempo, deixou discipulos de merito que foram seus continuadores.

Suas obras principaes são: *Senhora Sant'Anna e Senhora da Piedade*, no convento de S. Francisco; *a Padroeira*, de Santa'Anna do Rio da Dona; *S. José e S. Joaquim*, na matriz de Sant'Anna desta cidade.

Era de felicidade extrema, na composição de um rosto de velho, como se póde verificar na magnifica effigie de *S. Francisco de Paula*, na capella do mesmo nome.

São ainda do mesmo artista: um *S. Francisco*

de Assis, de barro cozido, trabalho muito importante, offerecido á Ordem Terceira do mesmo nome por D. Gervasia Leopoldina Alves; o sumptuoso *presepe* do Convento da Solidade, cujas figuras de barro medem tres palmos de altura; uma imagem da *Divina Pastora*, na cidade de Alagoinhas; e bem assim uma collecção de 14 quadros, representando a *Via Sacra*, trabalho em barro cozido.

Sua obra prima, ou a que constitue a epopéa do artista, é um *Senhor dos Passos*, cuja historia é a seguinte:

Em 1783, o esculptor Bento Sabino fôra procurado por um sertanejo que lhe encommendara uma imagem do Senhor dos Passos. E já pela pericia de que era dotado, e, pelo cumprimento que dava á sua palavra, aprompiou-a perfeita e no prazo estipulado. Apresentado o trabalho ao sertanejo, este, para diminuir o valor ajustado, recusou recebel-a, pretextando imperfeição

O artista depois de fazer ver as bellezas da obra, inspirando-se no justo orgulho que possuia pela execução, convidou-o a comparecer na audiencia do Juiz de paz de Sant'Anna, com seus peritos, para um julgamento definitivo.

Isto feito, os peritos apresentados pelo sertanejo julgaram o trabalho perfeito, e estabeleceram que, quem o tinha encommendado, deveria recebel-o pelo preço ajustado, e pagar as despezas do exame, em cujas custas fôra condemnado, julgando-se afinal tudo por sentença.

O artista sahio triumphante do pleito, tirou certidão do occorrido, e, quando o sertanejo apresentou-se para cumprir o aresto da justiça, Bento Sabino recebeu somente a importancia das custas e recusou entregar a imagem, declarando não haver preço para sua acquisição.

Passados alguns dias, o artista com seus discipulos instituiu a actual Devoção do Senhor dos Passos dos Humildes, que se venera em sua capella, á rua do Tingui, actualmente, rua dos Zuavos.»

Bello exemplo legou Bento Sabino aos vindouros!

MANOEL IGNACIO DA COSTA

Discipulo de Felix Pereira, falleceu em 1849, contando quasi 90 annos de edade.

Revelou-se laborioso e fecundo na concepção gigantesca de suas producções, como attestam o vigor e a belleza no talhe de suas obras.

E' impossivel conhecer o numero de seus trabalhos, devido principalmente á exportação e porque os artistas não tomavam notas, nem firmavam com assignaturas suas producções.

São deste artista: o *Anjo da Fama*, no theatro S. João; *quatro anjos* maiores do natural, que no Hospicio da Piedade sustentavam a cupola do altar mór (1); *Senhor da Paciencia*, padroeiro da irmandade do mesmo nome, e *S. João de Deus*, levantando um louco, ambos na matriz de S. Pedro Velho; *S. Miguel*, de seis palmos; *S. Gonçalo*, de tres; *Sant'Anna*, de cinco; *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, de sete; *Nossa Senhora do Rosario*, de seis, todos na matriz de Sant'Anna; *S. Guilherme*, na egreja da Palma; *Santo Eduardo*, na Inglaterra; o *Senhor Morto*, que sahe em procissão da Ordem Terceira do Carmo. Quem quizer admirar o que é grandeza artistica observe esta imagem. Maravilham aquellas formas surprehendentes de belleza: a naturalidade dos ferimentos da cabeça, que pende sobre o peito, e os cabellos em madeixas empastam-se, ensanguentados, sobre os olhos já fechados.

---

(1) Em 1868, o eximio esculptor Baião diminuiu-lhes o tamanho, mudou-os de posição, de modo que, hoje, representam allegorias, segurando cornucopias.

Não se póde dar á morte do justo tristeza mais pungente, profunda e immensa, majestade mais solemne. Poucas vezes se tem talhado imagem do Homem Deus tão grandiosa.

Na egreja da mesma Ordem Terceira se deparam as imagens de *Santo Elias* e de *S. Eliseu*, de execução do emerito artista.

E mais:

Uma *Magdalena*, obra de merecimento, sob qualquer ponto de vista, tanto na belleza do talhe, como na expressão e roupagem opulenta, na egreja da Lapinha; uma *Conceição*, um *Santo Antonio* e uma *Sant'Anna*, no convento de S. Francisco.

Suas obras eram caprichosamente acabadas, a roupagem bem desenvolvida e talhada com muito gosto.

O *S. Lazaro*, padroeiro do hospital de morpheticos, de bonita roupagem, pela imitação feliz que o artista soube dar ao estylo andrajoso que se attribue ao santo, é producto de sua fertilissima imaginação, como tambem uma linda imagem da *Piedade*, um *S. Christovão* e uma *Sant'Anna*, todos de quatro palmos, no Hospital da Quinta dos Lazaros; *S. Jorge*, de tamanho natural, na cidade de Maragogipe, e um *S. Pedro d'Alcantara*, no convento de S. Francisco, verdadeiro monumento de arte.

Nesta imagem, observa-se mais uma vez o genial talento de Manoel Ignacio, aliás desconhecendo, como é de presumir, as regras de anatomia. O santo, na attitude contemplativa, com o olhar dirigido para o céo, apresenta, de accordo com a posição propria dos beatos, que se submettem ao

S. Pedro d'Alcantara.
Esculptura de Manuel Ignacio da Costa, no Convento de S. Francisco. — Bahia.

regimen das privações e dos jejuns continuos, o typo de um individuo magro, mas de uma magreza admiravelmente representada.

A região frontal quasi toda descoberta, testa enrugada, a excavação da região temporal, a saliencia dos ossos malares, a grande depressão na região da bochecha, e as rugas da face, são trabalhadas, de modo a simular o natural.

A posição do pescoço, pondo em relevo um dos musculos sternos, onde se vêem bem a cartilagem, seus bordos e o começo do canal laryngeo, são de uma perfeição completa. As mãos descarnadas, as saliencias osseas que constituem as articulações do punho, os ossos do metacapo, as articulações dos dedos, as veias do pescoço, faces e mãos são trabalhados de modo irreprehensivel.

D. Pedro II, quando aqui esteve, em 1859, não se conteve em mostrar desejos de possuir esta obra prima; mas teve que ceder á resistencia opposta pelos franciscanos.

Outra especialidade do artista eram os trabalhos em barro cozido, entre os quaes se destacam: *a Fugida de Nossa Senhora, S. José* e o *Menino Deus para o Egypto; o Despertar do povo ao ter noticia do nascimento do Christo; a Degolação dos innocentes,* onde se vêem os algozes de alfange em punho para trucidar as crianças, e, mulheres espavoridas correm a livrar-se dos verdugos que as perseguem; *os Pastores do Egypto contemplando, por gesto e admiração, o nascimento do Messias.*

Estes trabalhos pertenceram ao Sr. Bellarmino Gomes Villela.

Foi ainda o emerito artista o autor das seguintes obras:

Os Sete passos da Paixão de Christo, em relevo, que se acham na freguezia de S. Felippe, termo de Maragogipe; *os Quatorze Passos da Paixão*, tamanho natural, no convento do Carmo; *S. Dimas* no convento de S. Francisco, e um *Christo*, na matriz do Rosario, de Santo Amaro.

E' Manoel Ignacio o autor do *Caboclo*, um dos emblemas de nossa emancipação politica, nos gloriosos feitos de 1823, do qual se conserva a tradição seguinte:

« No anno immediato á independencia, os patriotas resolveram festejar, com brilhantismo, a celebre data. Para isso lançaram mão de uma carreta tomada aos lusitanos, nos combates de Pirajá, enfeitaram-na com ramos de café, fumo, cannas, folha brazileira, etc., e sobre a carreta collocaram um velho mestiço, descendente de indigenas. E assim conduziram do largo da Lapinha ao Terreiro de Jesus o carro e emblema da occasião juntamente com o inolvidavel carro da bagagem, ao som de pandeiros, violas, acclamações delirantes, fanfarras, porque naquelle tempo não existiam musicas de batalhões. (1)

---

(1) Convém aqui desfazer um engano da tradição oral: não foram as religiosas da Soledade que sahiram do convento para coroar os vencedores, á entrada do exercito libertador na cidade do Salvador, e sim, o respectivo capellão, como se deprehende da seguinte:

« Falla que em 2 de julho de 1823 fez ao general Lima e Silva o padre vigario Antonio José Gonçalves de Figueiredo, então capellão interino das Religiosas da Soledade, em nome das mesmas: « A Madre Superiora e mais religiosas deste convento, innundadas do mais justo prazer e alegria, pela plausivel e triumphante entrada do Exercito Pacificador nesta cidade, têm a honra de offerecer a V. Ex. e aos Srs. chefes e officiaes do valoroso Exercito do seu commando estas verdes e frondosas corôas de louro, para passar com ellas neste arco triumphal.

Em 1826, encommendaram os patriotas ao esculptor Manoel Ignacio um carro allegorico do assumpto (2).

O artista desempenhou-se da incumbencia apresentando o carro actual, cujas rodas são as mesmas tomadas aos lusitanos, para levarem a effeito os festejos annuaes do triumpho.

O esbelto caboclo, ornado de pennas, aljava e setas symbalisa o Brazil livre, esmagando a tyrannia, representada pela serpente que arfa e se estorce sob os pés do indigena que, com a mão direita crava no animal hervada taquara; e com a esquerda empunha galhardamente o estandarte nacional. A serpente está rodeada dos trophéos de guerra, com os quaes foi vencida: cornetas, reflex, espingardas, espadas, escudos, balas e canhões. Dous pequenos anjos annunciam a victoria: duas cornucopias despejam flores. Em redor do carro, diversas ellipses com inscripções allusivas, indicam os logares onde se feriram os combates de maior heroismo, como Pirajá, Cabrito, Cachoeira, Santo Amaro, Itaparica, Funil, etc.

Costumava o artista trabalhar durante um anno, seis mezes em obras de madeira e o resto do tempo em obras de pedra jaspe, barro, casca de cajazeira, na factura de figurinhas importantes, animaes e outros objectos que dizem respeito ás tradicionaes festas do Natal.»

Em 1847, já o artista não trabalhava; aconteceu, porém, chegar do Rio Grande do Sul um seu filho,

---

E como as mesma religiosas, pela sua profissão, não podem pessoalmente adornar-lhes as frontes, digne-se V. Ex. receber das minhas mãos este publico testemunho das grandes virtudes e patriotismo de que se acha revestida toda esta Illustre e Religiosa Communidade.» (*Obras poeticas*, de Ladislau dos Santos Titara, vol. 5.º, pag. 293.)

(2) Os Srs. José Alvares do Amaral e Damasceno Vieira, em publicações referentes ao 2 de julho, dão o esculptor Bento Sabino dos Reis como autor do *Caboclo*. Ha engano; é trabalho de Manoel Ignacio da Costa. Isto sempre ouvi a esculptores antigos, e o testimunho de maior peso é o Sr. Antonio Machado Peçanha, discipulo do referido Manoel Ignacio, que me declarou ter ouvido a seu mestre que *ainda havia de, com um pouco de betume, dar as feições caracteristicas da raça indigena, no rosto do caboclo, pois não o achava bom.*

Deixou assim ficar a contento da commissão que o encommendara. Ainda mais; o Sr. Peçanha, que ainda vive, vio nas paredes da officina os traços a lapis do dito caboclo, como era de costume proceder seu mestre, com trabalhos de vulto.

desterrado por ter tomado parte na *Sabinada* o velho enthusiasmou-se, voltou ao trabalho e produziu dous enormes indigenas, que foram collocados na praça de Palacio, junto ao coreto dos festejos do 2 de Julho daquelle anno.

Um dos indigenas carregava cornucopias derramando flores, fructos, etc.; o outro ostentava a bandeira nacional e segurava um coração.

ANTONIO DE SOUZA PARANHOS.

Nasceu em 1786 e falleceu em 1854.

Trabalhou muito para a exportação, em obras grandes: bom córte e bastante expressivo na roupagem.

Tem uma *Nossa Senhora da Piedade*, no Convento de S. Francisco.

FRANCISCO DE ASSIS MACHADO PEÇANHA.

Foi discipulo de Bento Sabino e contemporaneo de Paranhos.

Tem um *S. Roque*, na Ordem Terceira de S. Francisco.

JOÃO BAPTISTA FRANCO.

Nasceu em 1824 e falleceu em 1870. Esculptor e modelador que foi do extincto Arsenal de Marinha desta Capital, assentou as estatuas do Passeio Publico. Occupava-se, principalmente, em obras pequenas, e bem assim com vestimentas principescas nas imagens.

Produziu um *S. Cosme e S. Damião*, vestidos á Luiz XV, obra boa como miniatura.

DOMINGOS PEREIRA BAIÃO.

Nascido em 1825, falleceu em 21 de agosto de 1871 e foi discipulo de Bento Sabino dos Reis. Identificado com a arte, foi esculptor eximio, retratista regular e musico de familia.

Estudou preparatorios e desenho, no antigo Lyceu Provincial, brilhou tanto na elegancia do traço, como na firmeza da execução. Suas obras estão espalhadas, em profusão, por todo o paiz, sendo as mais conhecidas:

Diversos ornatos e o coro de anjos, no altar mór do hospicio da Piedade; duas imagens da *Conceição*, uma que sahe, em procissão, no dia 8 de dezembro de cada anno, e outra que se conserva em exposição, na sacristia da matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia; *a Conceição*, padroeira da irmandade dos Artistas, na matriz da *Sé*; *S. Sebastião*, no Ceará; *Senhora da Soledade*, no convento do mesmo nome, nesta Capital; *Senhor dos Passos*, uma imagem só que representa os *Sete Passos da Paixão do Christo*, na Feira de Santa Anna; uma *Conceição*, em Aracajú; os *Sete Passos*, no interior do Estado; *Nossa Senhora dos Anjos*, *S. Manoel* e *Santa Ritta*, no convento dos Humildes, em Santo Amaro; *S. Pedro de Alcantara*, offerecido a D. Pedro II, cópia do de Manoel Ignacio, e que lhe valeu o titulo de esculptor da Casa Imperial, de que nunca fez uso; uma *Conceição*, na capella da Ordem Terceira de S. Francisco, no cemiterio da Quinta dos Lazaros; *Nossa Senhora do Amparo*, de seis palmos; *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, de dous e meio; *Nossa Senhora da*

Boa-Morte, de quatro; *Nossa Senhora do Parto*, de tres (todos estes trabalhos na egreja de Nossa Senhora do Amparo, na cidade de Santo Amaro); *Senhor Santo Amaro*, de tamanho natural, e *Nossa Senhora da Conceição*, de quatro palmos, *Nossa Senhora do Rosario* e *Nossa Senhora da Boa-Morte*, na egreja de Santa Luzia, tambem na cidade de Santo Amaro.

Na matriz de Madre Deus do Boqueirão, possue o celebrado artista a padroeira e um *S. José*, ambos em tamanho natural.

A *Cabocla*, um dos emblemas de nossa emancipação politica, nos gloriosos feitos de 1823, é concepção de Domingos Baião.

A gentil indigena, vestida de linda plumagem, tem numa das mãos o estandarte nacional, que fluctua desfraldado pelas auras da liberdade, e com a outra mostra ao povo a eloquente legenda dos veteranos da patria: *Independencia ou morte.*

A esse respeito diz a tradição o seguinte:

«Em 1846, o tenente general, Francisco José de Souza Soares de Andréa, presidente e commandante das armas da provincia, portuguez naturalizado, procurou entender-se com a commissão dos festejos do 2 de Julho, de que faziam parte, entre outros, o Sr. Manoel Joaquim Garcia e o pharmaceutico Manoel Rodrigues da Silva, e ponderou que não achava conveniente a continuação do caboclo nos festejos, que considerava uma humilhação aos portuguezes, visto que elles já se casavam com as brazileiras e assim não havia razão para continuar um emblema que significava uma nação esmagando outra.

Achava mais prudente que se fizesse uma cabocla, representando Catharina Paraguassú, e desapparecesse o caboclo.

Estavam as cousas neste pé, quando, no dia 2 de Julho, reuniram-se diversos veteranos, trajando jaqueta e chapéo de couro e mostraram-se descontentes com a resolução tomada.

Fachada da Cathedral ou Collegio dos Jesuitas. — Bahia.

Discutiram o assumpto e mandaram um parlamentar, major Umbuzanas, entender-se com o presidente da provincia, a respeito.

Em palacio, o parlamentar desempenhou suas funcções, motivando o descontentamento de seus collegas pela idéa do general.

Dadas as razões pelo presidente, o veterano não se conformou e terminou dizendo: *o caboclão ha de sahir, custe o que custar, ainda que eu morra; o emblema pertence a nós, não é do governo.*

Retirou-se e no logar combinado relatou o occorrido aos demais companheiros, que approvaram o seu dito, e foram buscar o caboclo e uniram-se ao prestito.

A idéa de desapparecer o caboclo despertou n'alma popular, devido ao enthusiasmo patriotico da época, má vontade contra o presidente e preparou-se para explodir n'uma manifestação de desagrado.

A' noite, houve espectaculo de gala no *Theatro S. João*, para solemnisar a data gloriosa. Então, como de costume, se fizeram ouvir diversos oradores e poetas.

Nessa occasião, o distincto poeta e homem de lettras, Manoel Pessoa da Silva, interpretando o sentimento popular, recitou de camarote onde estavam sua senhora, o chronista Ignacio Accioli e o jornalista Guedes Cabral, junto ao do presidente, a seguinte poesia que foi publicada no *Guaycurú*, n. 213, de 4 de Julho de 1846:

AO GLORIOSO 2 DE JULHO

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas acções,
Com tyrannos não combinam
Brazileiros corações.

GLOSA IMPROVISADA E RECITADA EM A NOITE DE 2 DE JULHO, NO THEATRO PUBLICO, POR MANOEL PESSOA DA SILVA

Pela marcha lisonjeira
Que segue o genero humano
Hoje, tentar ser tyranno
E' inaudita cegueira:

Ver-s'ha frustrado o que queira
Renovar o terrorismo;
Uma vez com heroismo
Conquistada a liberdade
Reger, dominar não ha de
Nunca mais o despotismo.

Erra o que amamentado
Por leite do captiveiro
Queira o povo brazileiro
Governar pelo passado;
Vae caminho todo errado
Nutrindo taes intenções,
Varie de opiniões,
Pense melhor e conclua
Que nunca a vontade sua
Regerá nossas acções.

Escoria da humanidade
Quem seu berço renegou
Noutra terra nunca amou
Lealmente a liberdade,
Porém, calcal-a não ha de
Nas que seus heróes se assignam
Entre si elles se ensinam
De gozal-a eterno jus
São filhos de Santa Cruz
Com tyrannos não combinam.

Esse que heroicos Bahianos
Memoram tão nobre feito
Seja um proficuo preceito
A' correção dos tyrannos;
Escarmente-os porque insanos
Não manchem nossos brazões,
Vejam NELLE esses mandões
Que livres em peitos bravos
Jamais podem ser escravos
Brazileiros corações.

Terminada a recitação, como era de prever, o poeta foi calorosamente applaudido, e quasi todo o auditorio bradava *bis*.

Começando de novo deu-se um incidente desagradavel; o major José da Victoria Soares de Andréa, filho e ajudante de ordens do presidente, sahiu do camarote onde estava, e, dirigindo-se ao poeta, bateu-lhe com o rebenque nas costas.

A senhora de Manoel Pessoa, nessa occasião, espedaçou um leque de marfim no rosto do dito major, que foi immediatamente preso por ordem de seu pae, e retirado do Theatro pelo delegado de policia Dr. Bernardino Ferreira Pires.

O general Andréa foi sempre muito acatado por seu módo justiceiro; esse caso isolado não destróe os actos de benemerencia praticados durante o seu governo. Os patriotas tinham razão; e o general queria cohonestar as cousas.

Seu pensamento não visou hostilisar aos bahianos, era o seu modo de pensar.

Ainda o artista Baião é o autor de tres imagens de grande valor artistico que mereceram os maiores elogios da imprensa do Rio Grande do Sul, donde destacamos a seguinte opinião, publicada no *Commercio*, de 20 de outubro de 1863:

"*Imagens* — Na matriz estiveram expostas á veneração dos fieis as imagens de *Nossa Senhora da Piedade, S. João Baptista* e *Santo Antonio*, vindas da Bahia, sendo alli esculpidas pelo artista Domingos Pereira Baião.

Quem observar, com attenção, o grupo da Senhora da Piedade não póde deixar de reconhecer o profundo e artistico estudo que o seu autor tem feito do corpo e das paixões humanas, estas tão fielmente reproduzidas num cadaver, e numa mãe que acaba de perder o unico filho. Nas feridas, na coagulação do sangue, que ensopa e mantém empastado o cabello, ha uma verdade que inspira um momento de reflexão, e obriga a pensar que só um Deus podia supportar tão longos e crueis tormentos.

Na face do mesmo cadaver ha toda tranquilidade da vida de martyr para o eterno descanso, isto é, a pallidez, a contracção do labio inferior, um todo cadaverico, mas sem perder aquelle finissimo toque divino e de bondade que fez dizer: *perdoai-lhes, meu pae, porque não sabem o que fazem.*

Parece que a bocca que o habil artista tão perfeitamente esculpio ainda sente pairar sobre seus divinos labios estas immortaes palavras.

O vulto da Senhora é cheio de poesia e de devoção. A ultima lagrima ainda humedece as faces; os olhos já não estão arrazados, porque seccou a fonte pela pungente dôr que abalou aquella organização humana. Procura-se no rosto outra expressão que não seja a magnanimidade do sacrificio, inevitavel e desde muitos seculos annunciada, e não se encontra mais do que a convicção, a bondade, a dôr, e a abnegação de tudo para todos. Este grupo é realmeate um bellissimo trabalho artistico, que honra muito seu autor, que parece manejar com a mesma delicadeza o pincel como o escopro. As outras imagens, S. *João e Santo Antonio*, são bem executadas, mórmente a ultima, porém não podem ser comparadas com o grupo magistral de *Nossa Senhora da Piedade*.

Comprovam gosto e muiia execução no artista, que se eleva a um alto gráo, reproduzindo paixões e grandes affectos da arte sublíme que exercita."

Mais alevantado não póde ser o elogio que comprova a capacidade do artista.

AURELIO RODRIGUES DA SILVA.

Discipulo de Paranhos, nasceu em 1834 e falleceu a 25 de dezembro de 1896.

Artista de merito, bastante caprichoso em seus trabalhos, completo em imagens vestidas, o que quer dizer que se desempenhava bem na roupagem.

Não conhecia preliminares de anatomia, apezar disso foi-se bem em alguns trabalhos nús.

Suas producções conhecidas são:

S. *Vicente de Paulo*, sua obra prima, está em Pernambuco; *Senhor do Bomfim dos Bahianos*, pertencente a uma sociedade, no Rio de Janeiro; *Senhor Resuscitado*, na matriz do Pilar; *Coração de Jesus*, na matriz da Penha; *dito* que sahiu em procissão nas festas do centenario do Brazil; *dito* em Porto-Seguro; *Senhor dos Passos* e *Senhor Resuscitado*,

em Macahubas; *S. João Apostolo*, maior do natural, em S. Carlos do Pinhal; *S. Benedicto, Menino Deus* e *S. Carlos*, na egreja da Palma; *Senhor Resuscitado*, na Ordem Terceira do Boqueirão; *Conceição*, magnifico trabalho na egreja de S. Bento, em S. Paulo; *Conceição*, no Àsylo de Mendicidade; um grupo de *Jesus, Maria e José*, na Allemanha; uma collecção de vinte e tantas imagens da *Conceição*, nos povoados onde passa a Estrada de Ferro de Alagoinhas; *Conceição*, na egreja do Quartel da Palma; *Senhor dos Passos*, na cidade do Prado; *Sant'Anna*, que sahe em procissão, da egreja, no arrabalde do Rio Vermelho; e uma quantidade enorme de trabalhos exportados.

JOÃO CARLOS DO SACRAMENTO.

Nasceu em 1830, falleceu em 1886 e teve por mestre a Magalhães Requião.

Artista bem regular, fôra grande exportador, não só dos trabalhos feitos em sua officina, que era uma verdadeira fabrica, mas tambem dos de pequenos esculptores, de que fazia acquisição.

Não dispunha de conhecimentos indispensaveis á carreira que abraçou, mas, com boa applicação e esforço, conseguiu reputação de bom artista. Era excellente no talhar as obras, lance de olhos, facilidade de expressão na physionomia de um rosto de velho, como demonstram as imagens de *S. Francisco de Paula*, *S. Joaquim* e *Santa Anna*, etc.

Fez pequena fortuna com seu trabalho e dirigiu-se á Europa, em viagem de recreio.

Tem um *Senhor Resuscitado*, no interior do Estado. Produziu muito; tudo, porém, está no Amazonas, Pará e Rio-Grande do Sul.

ANTONIO MACHADO PEÇANHA

Nascido em 1835, foi discipulo de seu tio Francisco Peçanha e de Manoel Ignacio da Costa. Arrojado e imaginoso, na execução de suas obras, muito gosto pela arte, interpreta bem o sentimento do bello.

Seus trabalhos, logo de primeira vista, annunciam o vigoroso talento do artista. Tem: *S. Francisco de Assis*, na Ordem Terceira de S. Domingos; *Santo Elias*, no convento do Carmo; *Nossa Senhora da Piedade*, no Estado do Paraná; *S. Sebastião*, no Ceará; *Nossa Senhora da Victoria*, em Ilhéos; *S. Joaquim*, padroeiro do collegio do mesmo nome, nesta Capital e *S. Manoel*, todos de tamanho natural; 14 imagens de invocações differentes, de dous e meio palmos cada uma, pertencentes aos herdeiros de Ivo José Gomes; *Senhora Sant'Anna*, de tamanho natural, na egreja da Candelaria, no Rio de Janeiro; *S. Cosme e S. Damião*, de dous palmos, com vestimenta principesca; uma estatua da *Liberdade*, pertencente ao Dr. Paulo Fontes, de nove palmos; tres figuras, em grupo, para os festejos do 2 de julho; a *Victoria e a Liberdade*, coroando o Brazil, representado por um indigena; diversas estatuas allegoricas para os festejos carnavalescos, como: *Gutenberg*, *Leões* e muitas outras, bem esboçadas, de effeito puramente scenographico; uma *estatua* de D. Pedro II, maior do

natural, que serviu em festejos do 2 de julho, pertencente ao Instituto Historico da Bahia.

Exportou muito trabalho, e actualmente não vive mais da arte.

Do artista, dissera, uma feita, Domingos Baião: « Si o Peçanha tivesse a paciencia de concluir os seus trabalhos seria quasi um genio na esculptura. E' muito intelligente, corajoso, valente na concepção e afoito no desbastar ».

BASILIO ANTONIO RODRIGUES SETUBAL.

Nasceu em 1836 e foi discipulo de Souza Paranhos.

Tem trabalhado para a exportação em pequenas encommendas. Suas obras mais conhecidas, são: *Senhor dos Passos*, tamanho natural, em Matto-Grosso; *Santo Antonio*, *Santa Maria do Terço*, em Porto-Seguro; *S. Benedicto* e *S. Roque*.

Continúa no exercicio de sua profissão.

EROTIDES AMERICO D'ARAUJO LOPES.

Nasceu nesta capital em 17 de dezembro de 1847.

Organização artistica bem pronunciada, manifestou, desde criança, o gosto pela arte em que um dia a posteridade havia de coroar-lhe os esforços.

Motu-proprio, procurou mestre para inicial-o nos segredos da esculptura, da qual é festejado cultor.

Dirigiu-lhe os primeiros passo o artista Beirão, portuguez, que, sendo tamanqueiro, á custa de muita perseverança, conseguiu, com algum lustre,

fazer parte do grupo de esculptores de seu tempo, especialisando-se em imagens de Nossa Senhora da Piedade. Com Erotides e Beirão deu-se caso egual ao de Raphael com Perugino. Depois de certo tempo, Beirão não tinha mais o que ensinar a Erotides: o mestre copiava o traço do discipulo, o que já era uma gloria para este. Estudou desenho com o professor José Rodrigues Nunes, na aula publica desta cidade, quando o ensino desta disciplina já estava em decadencia.

A não ser quem havia estudado com Velasco, ninguem mais conseguia aprender desenho; a maior dedicação não excedia ás raias de copista.

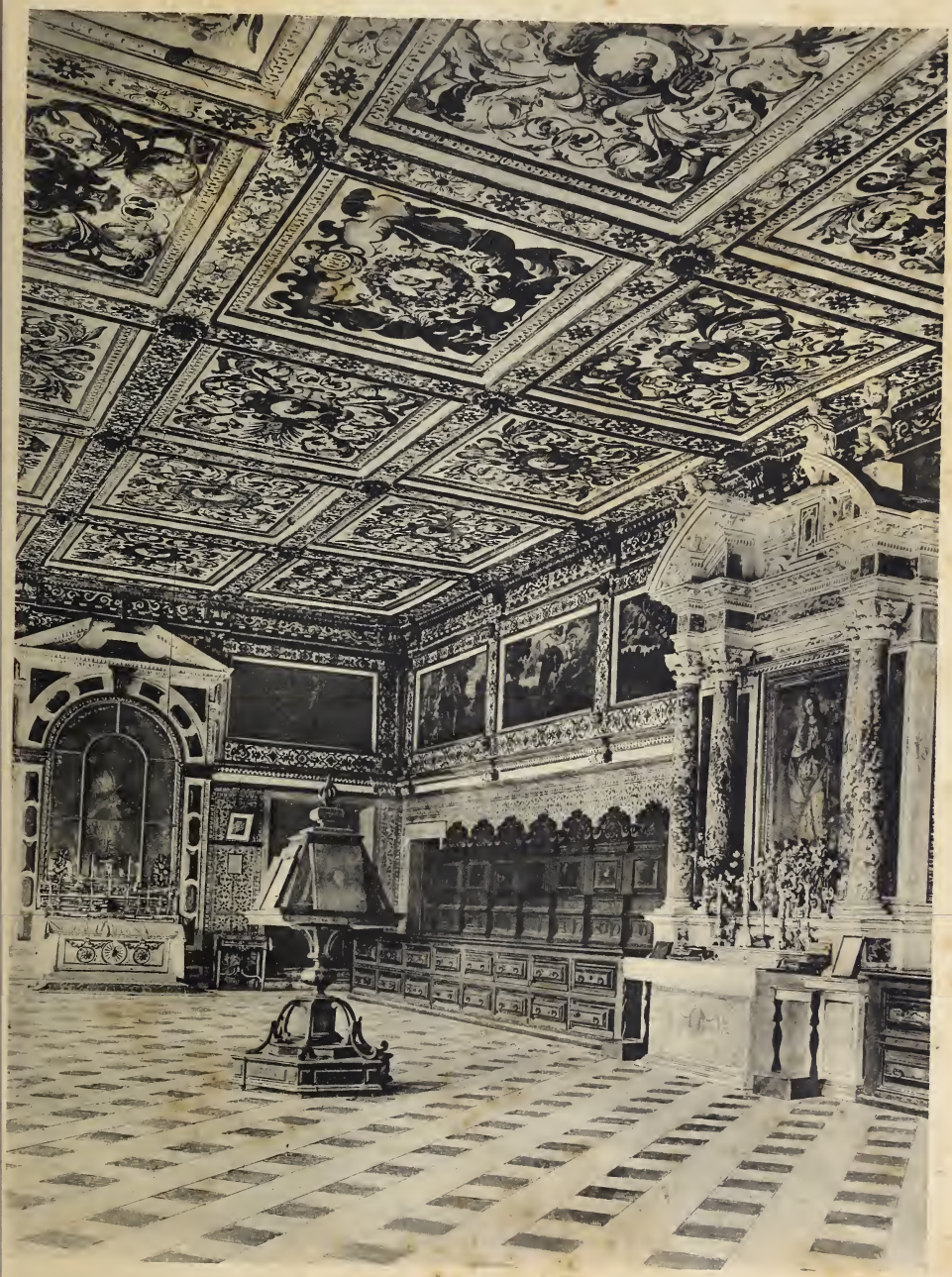
Até certo tempo, trabalhou Erotides em obras de madeira; dedicando-se depois a trabalhos de pedra jaspe e casca de cajazeira. E' o unico, actualmente, especialista em miniaturas, no que é inexcedivel. Suas obras estão espalhadas, em profusão, principalmente na Inglaterra, Portugal e França.

Seus trabalhos mais conhecidos são: *Typos das ruas*—ganhadeiras com gamellas, contendo fructos, peixes, etc.; domesticos com samburás de compras; africanos carregando agua em barris; ditos com cestos, garrafões e artefactos; animaes amarrados em cestos de conducção; negociantes ambulantes e tudo mais que tem relação neste genero.

Todos estes trabalhos são feitos de casca de cajazeira.

Em pedra jaspe possue:

Um *Christo*, uma *Piedade*, um *S. Sebastião*, no Estado de S. Paulo; *a Supremacia*—domadora de



Sacristia da Cathedral ou Collegio dos Jesuitas. 1ª parte. — Bahia.

feras, uma *Grega domando tres leões*, cópia de uma gazeta ingleza; *Creoula em grande gala; a Vivenda do camponez*, contendo casa, arvoredos, curral de bois, uma mulher com trouxa de roupa, duas cabras pascendo, um cavalleiro, gallinhas, pintos, pombos e outros animaes em redor da casa; *a Lucta de dous leões*—em tres grupos: no primeiro, dous leões se acommettem de pé; no segundo, um dos leões mostra-se enfraquecido; no terceiro, um leão subjuga o outro; uma *Aguia tentando suspender um carneiro*; (este trabalho pertence ao Dr. Pacifico Pereira); uma *Aguia apanhando uma cobra*, pertence ao Sr. Willcox e *Trabalho interrompido*—um tigre devorando uma cabra, o qual, de repente, olha para os lados como que receando alguma cousa; uma *collecção* de gallinhas, gallos, pintos e outros objectos em roda; *a Lucta do touro com dous leões e uma leôa*, obra de muito merito artistico; um *Veado sobre uma rocha*— é a obra prima do artista, trabalho de uma difficuldade extrema, principalmente pela delicadeza das pernas e desenvolvimento das galhas do animal, e sobretudo pela execução em um só blóco de pedra.

Estes trabalhos recommendam-se pelo gosto, perfeição, delicadeza no talhar da pedra, posições elegantes dos animaes, fidelidade na interpretação do motivo, emfim, são verdadeiras joias artisticas, de subido valor.

Admira-se ainda ao artista:

Um *Presepe*, tendo 16 palmos de comprido por o de largo: no primeiro plano vêem-se a Lapinha e o Menino Deus, rodeado das personagens que o adoram; no fundo, ultimo plano, está a cidade de

Belém, perfeitamente arranjada, com seus zimborios, torres, fortalezas, tudo de madeira; dirigem-se á cidade por montes e sérras, os tres Reis Magos, seguidos dos seus servos, todos montados em dromedarios; diversos animaes da mesma especie conduzindo cargas; arvores e arbustos de tamanhos diversos; um rebanho, boiada, muitas criações; pastores com offerendas e as figuras no gôsto antigo, descalças e vestidas de tunica; animaes bebendo agua, outros desviando-se do rebanho. A *adoração* é de madeira pintada fingindo pedra.

Trata-se, emfim, de um conjuncto de trezentas e tantas figuras numa disposição feliz.

E' um caso em que a intelligencia se irradia de contentamento, ante um trabalho que produz a melhor das impressões: a arte representando a natureza em suas manifestações mais sublimes.

JOÃO GUILHERME DA ROCHA BARROS.

Nasceu em 1851 e foi discipulo de Baião. Estudou desenho no antigo Lyceu Provincial e actualmente lecciona esculptura no Lyceu de Artes e Officios. Seus trabalhos conhecidos são: *S. Pedro d'Alcantara*, cópia do de Manoel Ignacio, na colonia do mesmo nome, no Paraná; *Conceição*, no arraial do Sacco; *Nossa Senhora Rainha dos Anjos*, em Nazareth; *Senhora Sant'Anna*, no Pará; *Senhor dos Passos*, no Ceará; *dito*, na Cachoeira; *Senhor Morto* e *Senhor Resuscitado*, em Aracajú; *Senhor Morto*, na Matta de S. João; *Senhor Resusitado*, na Penha; *idem*, no hospicio da Piedade; *Senhor*

do Bomfim, na Ordem Terceira de S. Domingos, no altar-mór; *Nossa Senhora das Dôres,* em Amargosa; *dita*, na matriz do Coité; *Senhor Bom Jesus da Lapa,* encommenda do arcebispo D. Jeronymo; *S. José*, em Aracajú; *S. Francisco de Paula,* na egreja do mesmo nome; *Nossa Senhora das Portas do Céo*, no convento do Carmo; a restauração das imagens dos altares lateraes da Ordem Terceira de S. Domingos.

Obteve medalha de ouro, em exposição do Lyceu de Artes e Officios.

Tem exportado muitas obras, e ainda produziu os bustos de *Gutenberg, Galeno, Vitello* e *Victor Hugo.*

DOMINGOS DE BARROS LISBOA.

Nasceu em 1859, foi discipulo de Eustaquio da Cruz e estudou desenho no Lyceu de Artes e Officios. Trabalha para exportação e encommendas.

Seus trabalhos conhecidos são:

Grupo de *Nossa Senhora das Dôres, S. João* e *Magdalena,* na sacristia da egreja do Bomfim; quatro figuras para carro mortuario de 1.ª classe, no Pará; ditas para o mesmo fim, nesta Capital; uma *Deusa da Saude,* pertencente ao Dr. Bonifacio Costa; um carro para carnaval, com duas figuras, representando o *Tempo* e a *Fama;* uma *Cabocla* para festejos de Dous de Julho, em Ilhéos; *Senhor Morto*, de cinco palmos, no Amazonas; medalha com a figura da justiça; busto de Mozart, com 0,50 de altura; e a *Ceia do Senhor*, a cujo respeito assim se exprimiu, com justiça e sincera

imparcialidade, o *Jornal de Noticias*, de 19 de março de 1910:

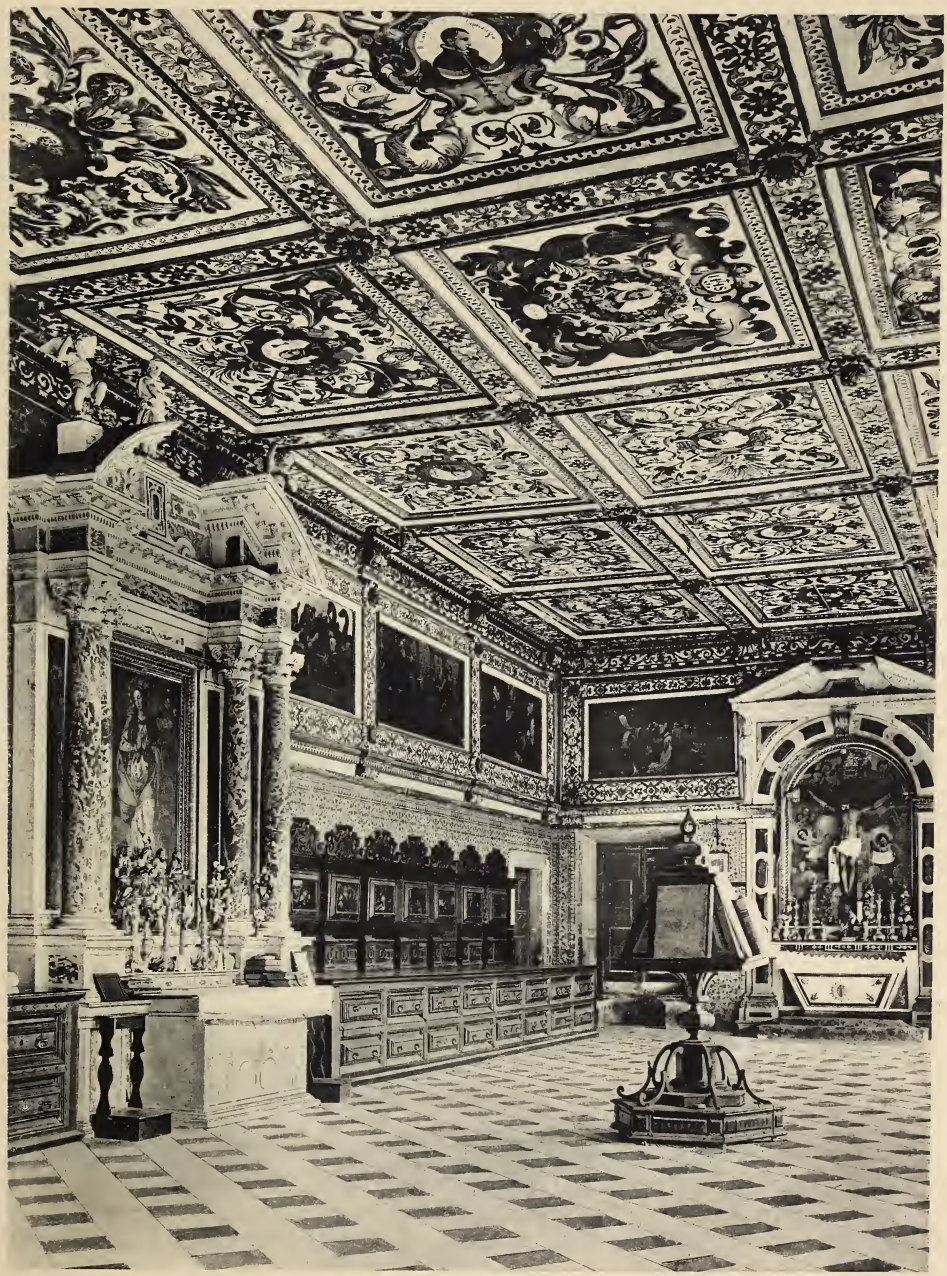
«Expuzemos hoje, na vitrina deste jornal, um bem acabado trabalho de esculptura representando a *Ceia do Senhor*, em cedro, tendo quatro palmos de comprimento por tres de altura e tres pollegadas de espessura.

A referida esculptura, em alto relevo, é copia de um trabalho francez de baixa gravura, em gêsso, e foi executada perfeitamente pelo artista Domingos de Barros Lisboa, residente na rua da Oração, districto da Sé, o qual, attesta ainda o passado glorioso da Arte, na Bahia.

O bonito trabalho, sabemos, vae figurar na capella particular da residencia do dr. Austricliano de Carvalho, nesta Capital.»

JOSÉ FLORENCIO GOMES JUNIOR.

Nasceu em 1858 e falleceu a 30 de setembro de 1903. Estudou preparatorios e desenho no Lyceu de Artes e Officios. Artista bem regular, estabeleceu-se com officina e exportou muito trabalho para os diversos estados do Paiz. Suas obras mais conhecidas, são: *SS. Trindade*, em Jaguarão; *Jesus*, *Maria* e *José*, em Pelotas, ambas no Rio Grande do Sul; *S. Miguel*, no interior do Estado; *Nossa Senhora da Piedade*, em Santa Catharina; *Nossa Senhora da Conceição* e *Santo Antonio*, todos de tamanho natural; e um *Menino Deus*, pertencente ao pharmaceutico Antonio Prisco de Araujo Falcão. Foi premiado com medalha de prata, em exposição do Lyceu de Artes e Officios.



Sacristia da Cathedral ou Collegio dos Jesuitas. 2ª parte. — Bahia.

PEQUENOS ESCULPTORES

RAYMUNDO NONATO VIEIRA LIMA.

Nasceu em 1852 e estudou desenho no antigo Lyceu Provincial.

Fôra discipulo predilecto, e o que mais se approximou, na belleza do talhe, de seu grande mestre, Domingos Pereira Baião, de quem se constituira constante auxiliar, por longo tempo.

Estabeleceu-se com officina, exportando alguns trabalhos. Devido ao gosto e ao louvavel empenho de bem terminar suas obras, e não se sujeitando a trabalhos de *carregação*, desanimado porque o lucro auferido não compensava o trabalho produzido, este esculptor mimoso abandonou a arte, que contava engrandecer-se com os louros conquistados por seu bello talento artistico. Foi mais uma vocação perdida.

Dedicou-se á musica, no que se tem distinguido, por sua applicação e vocação especial ao cultivo das bellas-artes. Fez parte da banda militar do Corpo de Policia do Estado, leccionou a diversas philarmonicas e ultimamente se acha aposentado.

JOVINO DE MATTOS GUIMARÃES.

Nasceu em 1856 e falleceu em 1896. Depois do curso primario, preparava-se para os estudos ecclesiasticos, e isso não conseguindo, dedicou-se á pintura de imagens. Dotado de muito talento e vocação artistica, começou de interessar-se pela esculptura em barro cozido, produzindo alguns trabalhos regulares, como sejam:

A Miseria, representada por um velho maltrapilho, semblante denunciador do soffrimento, onde se nota alguma tendencia do estudo do natural; *A Caridade; O Reino do Céo*, (trabalho não concluido), apenas vê-se um côro de mais de duzentos anjos, em forma simetrica e gradual; e *a Ceia do Senhor*.

E' ainda o autor das seguintes obras em madeira:

A gruta de Nossa Senhora de Lourdes; Nossa Senhora do Monte do Carmo; Senhor Morto; Nossa Senhora das Dores e *Senhor dos Passos*, a melhor de suas producções. Estas imagens têm cada uma 40 centimetros de altura. Era especialista em miniaturas.

EUSTAQUIO MANUEL DA CRUZ.

Nascido em 1838, falleceu em 1902. Muito lhe aproveitou a aprendizagem com Antonio de Souza Paranhos, tornando-se artista regular, justamente durante o florescimento dos trabalhos de esculptura, destinados á exportação, o que muito estimulou aos artistas da epoca.

O convento de S. Francisco possue uma *Nossa Senhora da Conceição,* um *S. Benedicto* e um *S. Francisco*, de concepção do artista.

ANTONIO BORBA.

Espirito applicado e de intelligencia lucida, iniciara-se na esculptura com Domingos Baião.

Tres annos depois desligou-se do mestre e começou a trabalhar por conta propria.

Os contemporaneos assignalavam-lhe logar de distincção no circulo dos bons esculptores.

Imitava, com vantagem, o recórte do mestre, dando a nota predominante do seu traço, do que é documento vivo uma imagem do *Christo*, cuja execução lhe proporcionou honrosa nomeada.

Obteve primeiro premio em uma exposição de artes, exhibindo excellente copia da *Virgem*, de Murillo.

Brilhante nomeada lhe aureóla o nome.

IVO JOSÉ DE ARAUJO.

Um bohemio, na accepção lata do vocabulo: intelligencia mal aproveitada e finalmente um grande artista de menos.

Especialista em imagens do *Christo* e do *Deus Menino,* tornou-se admirado pela presteza da execução. Não precisando de trabalhar para se manter, fazia da arte um passa-tempo, tornando-se um espirito transviado, e assim é que esculpia dous Christos por dia, e a importancia perdia no jogo.

Acto continuo, recolhia-se á casa para a execução de outras imagens, tal era o apreço das suas producções.

Artistas da ordem de Domingos Baião davam especial preferencia aos trabalhos de Ivo Araujo, realçando-lhe assim a merecida reputação.

FELICIANO DOS REIS E SILVA.

Discipulo de Domingos Baião frequentou, com assiduidade e proveito, o curso de desenho do Lyceu Provincial, recebendo, ainda, lições particulares, para melhor se aperfeiçoar.

Por morte do mestre, estabeleceu-se e trabalhou bastante, relativamente. Tinha bom recórte, auxiliado por excellente golpe de vista.

Finou-se ao 23 annos de idade, em 1873.

LINO MARTINS AGRA.

Recebera proveitosas lições do artista Beirão, a quem a perseverança elevara, de simples tamanqueiro, a um esculptor de merecimento, especialmente em imagens de *N. S. da Piedade.*

Trabalhou sempre para exportação e em algumas encommendas. Falleceu em 1875, contando quarenta annos de idade.

LUIZ HERMOGENES.

A despeito de haver sido discipulo de Souza Paranhos, nos seus trabalhos se divulgaram os traços peculiares ao estylo de Domingos Baião.

JOÃO CHRISOSTOMO.

Do banco de discipulo passara para a cadeira de contra-mestre na officina de João Carlos do Sacramento.

As suas obras obtiveram geral acceitação, especialmente no traço de um rosto e no desenvolvimento da roupagem.

Era famoso em trabalhos de miniatura.

ESTANISLAU FERREIRA BARROS.

Frequentou a antiga aula de desenho do Lyceu Provincial e recebeu as primeiras noções da arte com João Baptista Franco.

Era intelligente, mas as diversões não lhe consentiram deixar melhor traço de sua passagem pelos dominios da arte.

Foi bom official de limpo (1) e dedicou-se á miniatura e miudezas (2).

CAMILLO BAPTISTA DOS ANJOS.

Nasceu em 1853. Estudou preparatorios e, juntamente, desenho de imitação, ensaiando-se depois na arte de esculptura com Luiz Hermogenes e João Carlos do Sacramento, em cuja officina trabalhou para a exportação.

Retirando-se mais tarde, começou a trabalhar por conta propria.

Poderiamos citar ainda outros artistas, como Miguel das Neves, discipulo de João Carlos, Ismael Moscoso, discipulo de Eustaquio da Cruz e Wen-

---

(1) Chama-se *limpar*, em esculptura, o aperfeiçoamento do trabalho.

O artista mais graduado desbasta, isto é, dá os golpes principaes, que é onde está toda a importancia da concepção: o subalterno, porém, remata, subordinando-o ao traço primitivo, que é o *recorte*.

(2) Chamam-se *miudezas* os pequenos enfeites das obras, como sejam: meia lua, cajado, mãos, cruz, anjos, cordões, Christos em miniatura, mitra, estolas etc.

ceslau do Amor Divino. Não deixaram estes obras de vulto, visto que se consagravam a trabalhos de exportação, os quaes, nem sempre, se recommendam pelo apuro e primor da execução.

A maior parte dos artistas esculptores da segunda metade do seculo passado desappareceram, devido ao excesso de trabalho, d'onde auferiam grandes proventos, proporcionados pela extraordinaria exportação de imagens.

PINTURA

PERIODO PRIMEIRO

DO SEU ESTABELECIMENTO NA BAHIA

> Não se póde estar dentro da civilisação e fóra da arte.
>
> CONS. RUY BARBOSA.

Nascida no Egypto, a pintura aprimorou-se na Grecia e decahiu entre os Romanos do esplendor a que attingira na patria de Homero.

Pode-se precisar o seculo XVII como o da sua introducção, no Brazil, muito embora os maiores monumentos da nossa historia sejam omissos a respeito.

Entretanto, a nossa conjectura autoriza essa fundada supposição.

Existem na sacristia da Cathedral dezeseis pequenos quadros pintados, sobre laminas de cobre, medindo cada um cincoenta e quatro centimetros por trinta e dois, os quaes representam a vida da Santa Virgem, em seus detalhes, e figuraram, com successo, na Exposição Nacional de 1908.

Pertencem á escola flamenga; e, nesse pequeno espaço, o artista concentrou, em alguns, até quatorze figuras, de uma belleza admiravel, pelo vigor, pela expressão e harmonia do effeito.

Ahi tudo é bom: a disposição das figuras, a correcção do desenho, o colorido.

Maravilha e arrebata toda a composição, vigorosa e completa.

O artista teve a rara felicidade de vencer a monotonia que resulta de uma composição em que é preciso empregar tantos corpos, muitos rostos, côres eguaes, difficuldades na distribuição da luz, movimento nos corpos, attitude dos grupos, vivacidade e variedade nas feições.

E' um trabalho em miniatura que iguala, em merecimento, ás mais vastas obras primas.

Quem foi o seu autor?

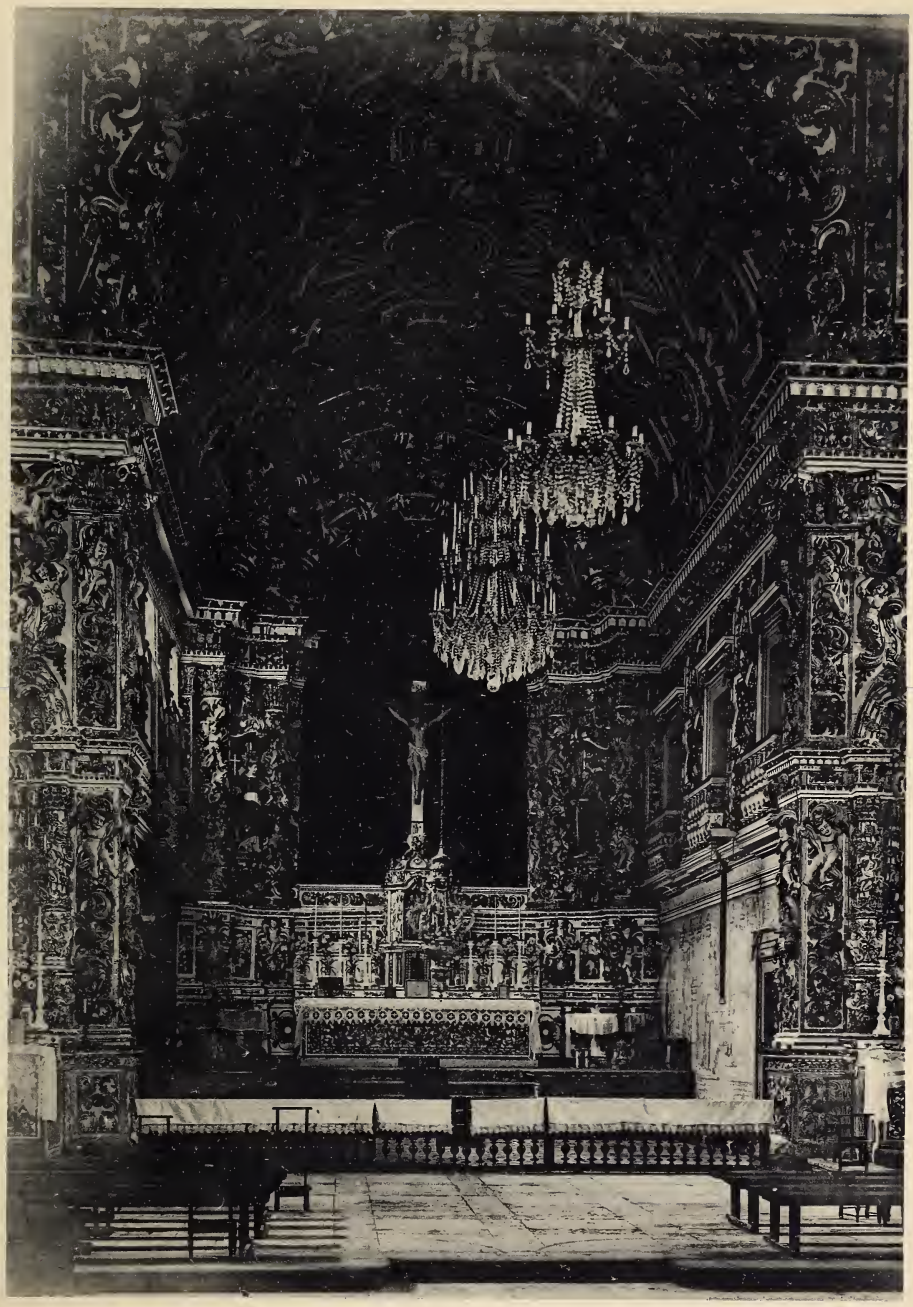
Ninguem o sabe.

Vagamente, se tem dito que, de 1568 a 1580, chegou a esta cidade um artista, incumbido do ensino do desenho aos alumnos do collegio dos jesuitas.

Nada posso informar a respeito, visto que não me foi possivel colher dados seguros, nesse sentido.

E' provavel que a metropole possuindo, naquella epoca, pintores de alguma nomeada, como José d'Avellar Rebello, Claudio Coelho e alguns outros, destes procedesse o ensino dessa disciplina.

Nada de positivo, porém, existe a respeito do assumpto. Quando, no seculo XVII, o elemento hollandez dominou o norte do Brasil, um grupo de artistas acompanhou a Mauricio de Nassau, destacando-se entre elles Francisco Post, pintor, gravador e chefe do dito grupo, e bem assim Pieter Post, que era architecto. Do aproveitamento que coube á Bahia, não se sabe ao certo, principal-



Capella mór do Convento de S. Francisco. — Bahia.

mente porque aquelles artistas dedicavam-se, de preferencia e com afinco, ao estudo da paysagem, maravilhados pelo encanto e pela exhuberancia da natureza americana. Assim como poetas europeus iam beber no Oriente as suas mais bellas inspirações, não admira que, do mesmo modo, artistas ciosos da reproducção de uma tonalidade quente, que denotasse o caracter proprio da zona tropical, viessem ao Brasil, unicamente, com o intuito dessa satisfação. Não será fóra de proposito suppôr que partissem desses artistas as primeiras noções do ensino do desenho.

A meu ver, a bellissima collecção de pinturas que faz o assumpto destas linhas é devida ao pincel do monge bahiano Fr. Euzebio da Soledade, cuja aprendizagem, sem esforço de raciocinio, pode ser attribuida a esses pequenos flamengos, que aqui estiveram por algum tempo.

O genial monge bahiano fôra pintor, poeta, musico, philosopho e mathematico; affirmaram os escriptores de seu tempo ter sido elle um dos maiores talentos que o Brasil tem produzido.

Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana,* entre outras cousas, disse de Fr. Eusebio o seguinte:

«Pintor engenhoso, do qual conservam, com estimação particular, muitos debuxos».

E o grande Padre Antonio Vieira affirmara: «Que Deus se apostara em o fazer em tudo grande, e não o fôra maior por não querer».

«Desenhista admiravel, fazia quadros com perfeição tal que pareciam gravuras.» E' a opinião de seus contemporaneos.

Possuidor de tão altos predicados, não tenho duvida em acreditar que o illustre monge bahiano, á imitação de Frei Angelico, o genial pintor italiano, legasse á religião e á arte esse traço luminoso de sua vida, sobretudo admiravel pelo fervor religioso que o encerra.

Fr. Eusebio nunca sahiu da Bahia; desde o descobrimento do Brasil até á chegada dos artistas flamengos ninguem, positivamente, já affirmou que tivesse aportado aqui algum pintor, nem tão pouco que viesse da Europa trabalho algum de pintura.

Além disso, o monge foi contemporaneo desse acontecimento, e pouco tempo depois era um pintor laureado, segundo a opinião de escriptores da epoca, que assim se manifestavam: «E' um dos maiores talentos que tem produzido o Brazil, porque á muita lição historica, á muitos conhecimentos scientificos e á grande sciencia theologica e philosophica reuniu um gosto apurado de artista, que muito o distingue.»

Portanto, em vista do exposto, inclino-me a acreditar que mesmo aos hollandezes não se poderia dar a autoria desses bellos quadros: primeiro, porque eram paysagistas, genero de pintura em que não se observa a correcção da figura humana; segundo, porque, sendo acatholicos, não se prestavam á execução desse trabalho.

Com tamanha infelicidade não é possivel discriminar os trabalhos do illustre monge bahiano, por falta de indicação nominal.

Que o objectivo dos pintores flamengos fôra, exclusivamente, reproduzir a nossa paysagem, não resta a menor duvida, e quem o diz é competentis-

simo,—o sabio barão de Humboldt, na seguinte passagem do seu *Cosmos*:

«João Brenghel, que começou a tornar-se celebre pelos fins do seculo XVI, representou, com verosimilhança encantadora, ramos, flores e fructos de arvores estranhas á Europa.

Mas, só depois do meiado do seculo XVII em diante é que se veiu a possuir paysagens pintadas pelo artista sobre os proprios logares, e que reproduzem o caracter proprio da zona torrida. O merito de tal innovação pertence, como nol-o dá Wagen a conhecer, a Francisco Post, de Harlem, que acompanhou a Mauricio de Nassau, ao Brasil, quando este principe, tão curioso pelas producções tropicaes, foi nomeado pela Hollanda governador das provincias conquistadas aos portuguezes (1637 a 1644). Muitos annos levou Post em seus estudos da natureza sobre o cabo de Santo Agostinho, *na bahia de Todos os Santos*, sobre as margens do Rio S. Francisco e nos paizes regados pelo curso inferior do rio Amazonas.

Desses estudos são uns paysagens acabadas, outros foram gravados por Post, de um modo original. A essa mesma época pertence o quadro a oleo de Eckhont, composição muito notavel, conservada em Dinamarca, na galeria do bello castello de Frederiksburg. Eckhont se achou tambem sobre as costas do Brasil, em 1641, com o principe Mauricio de Nassau.

As palmeiras e paysagens, as bananeiras e os heliconios são representados, nessa paysagem, sob traços caracteristicos, como tambem passaros de

brilhante plumagem e pequenos quadrupedes particulares a esse paiz.»

Esses e outros trabalhos, ainda existentes, verdadeiras reliquias, coube ao elemento religioso a gloria de conserval-os, com carinho, e bem assim essas preciosidades que perpetuam a grandeza artistica da Bahia. E' na egreja modesta, como no sumtuoso templo, que se encontram a rica obra de talha, o formoso painel, a esculptura grandiosa.

Fóra dahi tudo perdeu-se: abate-se, mas não se eleva; derriba-se e não se constróe.

E como lição ao presente, a religião e a arte representam a tradição de uma civilisação pujante que passou.

Posteriormente, aos assignalados progressos da esculptura, começou de erguer-se a pintura historica, na parte que se refere aos fastos do Catholicismo, o elemento revelador de genios artisticos que tanto celebraram as glorias da humanidade com seu saber, em todos os tempos, em todos os paizes.

O apparecimento da pintura, entre nós, favoreceu as aspirações da liberdade, firmando animação. Vocações decididas dedicaram-se, com amor, á cultura de tão nobre preoccupação humana, muito embora faltasse o preparo indispensavel. A força de vontade supprir a deficiencia de meios, de modo que, a semente atirada germinou com proveito.

A natural disposição do brazileiro para a cultura das artes fez prodigios, com o nobre intuito de saber.

Tollenare, referindo-se á pintura, nesta capital, disse:

«Um amador da Bahia manifesta pela pintura um gosto pronunciado, uma paixão arrebatadora. Vi em sua casa uma *cabeça de S. Jeronymo e a do celebrante*, copiadas de uma gravura da *Communhão do Dominicano*, sem mais auxilio para o colorido do que o dos livros. E' uma obra verdadeiramente surprehendente, porque, tanto quanto me ajuda a memoria, tem exactamente o aspecto do quadro original.

Foi feita por um homem que nunca, na sua vida, viu um quadro de mestre, nem mesmo em cópias; e sabe-se quanto é difficil exprimir, por palavras, a variedade que se observa na côr das carnações dos nossos differentes pintores.

A admiração que excita este pintor da Bahia é devida ao isolamento em que se acha para cultivar a sua arte. (1)

A pintura não fornece quadros de preço para os altares; só se vêem miseraveis garatujas (2); mas os tectos exercitam o talento do decorador, que, sobre um fundo plano, representa, em perspectiva, planos de phantastica architectura, galerias, arcadas magnificas, sobrepostas umas ás outras, no genero das frontarias das casas, na Italia.

Por vezes os forros têm cartuchos em que estão pintados os actos da vida do santo a que a egreja ou capella é consagrada.

Na egreja dos Jesuitas ha alguns excellentes, vistos á distancia.»

A' excepção de alguns trabalhos, cujos autores, até esta data, são desconhecidos, bem como os do convento de S. Francisco e Cathedral, provavelmente no ultimo quartel do seculo XVIII teve começo o desenvolvimento da pintura entre nós.

---

(1) *Chronicas Domingueiras*, de Tollenare, viajante francês, que esteve na Bahia, nos annos de 1816 a 1817, trabalho inedito traduzido para o vernaculo pelo Dr. Alfredo de Carvalho, do Recife.

(2) E' possivel que alguns trabalhos fossem passiveis de tamanha censura; mas, falando de modo geral, não. Ahi estão os paineis da nave da matriz de Sant'Anna, pintados em 1813, e bem assim os da capella do Senhor do Bomfim, em 1819, pelo artista Antonio Joaquim Franco Vellasco, para completo desbarato da opinião do illustre viajante.

JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA.

Homem de letras e, igualmente, artista de merito, foi o fundador e mestre da escola de pintura da Bahia (1).

Ha duvidas quanto ao logar do seu nascimento: si natural da Bahia, de Minas Geraes ou do Rio de Janeiro.

O Dr. Tristão Nunes, em sua alludida publicação, dá, positivamente, o pintor José Joaquim da Rocha como natural de Minas Geraes.

O illustrado Dr. Mello Moraes, pae, não inqueriu, como seria mister, dos diversos factos que trouxe ao conhecimento publico, no *Brazil Social e Politico*, editado em 1866. Limitou-se a copiar os documentos que encontrou, o que, sem contestação, já foi um immenso serviço e, na falta de outros, reproduziu informações verbaes, sem o trabalho meticuloso da investigação e da critica.

---

(1) O Dr. Tristão R. Nunes, numa publicação inserta no *Jornal de Noticias*, em outubro de 1906, sobre os pintores bahianos fallecidos, affirma, sem dados positivos, que Rocha fundou a escola de pintura da Bahia, em 1740. Não me parece acceitavel esta data. Quando o illustre pintor aqui chegou, com certeza era já um artista feito e de nomeada, como demonstra, especialmente, o tecto da egreja de S. Pedro Velho. O tirocinio artistico é mais longo do que o de outra carreira qualquer; portanto, não podia elle ter menos de 35 annos de edade, quando aqui se estabeleceu. Seu discipulo Velasco nasceu em 1780, isto é, 40 annos depois da chegada do mestre, segundo a data indicada pelo Dr. Tristão, e contando, por conseguinte, nessa época, 75 annos.

Velasco não podia iniciar o estudo de pintura em edade inferior a 15 annos.

Ahi temos Rocha com a edade de 90 annos; a aprendizagem de Velasco não deveria terminar em menos de oito annos; já o mestre não contava menos de 98 annos de edade. Quem assegura que elle attingiu a essa longa velhice? Quando attingisse, quem é capaz de, nessa idade, ensinar pintura?

Que Velasco nasceu em 1780, é certo; que foi discipulo de Rocha e sómente com elle aprendeu até tornar-se artista, sem nunca retirar-se da Bahia, não resta a menor duvida; o que não póde ser exacto é a chegada de Rocha á Bahia em 1740. A meu ver, este facto só poderia occorrer, provavelmente, de 1775 em diante.

E assim, sem dados positivos, affirmou que o artista José Joaquim da Rocha, fundador e mestre da escola de pintura da Bahia, era mineiro. Dahi por deante, essa opinião generalisou-se e todos quantos se tem occupado do assumpto, sem o mais leve exame, dão-na como exacta.

José Rodrigues Nunes, nascido em 1800, terceiro professor da cadeira publica de desenho desta capital, discipulo de Franco Velasco, que fôra alumno do artista Rocha, em publicação inserta no *Musaico*, (vol. II n. 4.º—julho de 1845) informa o seguinte a respeito da naturalidade do dito Joaquim da Rocha:

«Quanto ao logar do seu nascimento não se sabe ao certo; porque emquanto uns tem-n'o como natural de Minas Geraes, outros dizem que nascera no Rio de Janeiro ou na Bahia».

Salvo o caso de força maior, outra circumstancia, a meu ver, não obrigaria o artista Rocha, depois de concluir os seus estudos de pintura, na Europa, a não se dirigir, de preferencia, á terra de seu berço.

E porque Joaquim da Rocha, deixando o velho mundo, veio directamente para a Bahia e não se encaminhou para o Rio de Janeiro ou para Minas Geraes?

A esse tempo, a Bahia não era mais a capital do Brasil; o ouro regorgitava em Minas, e o Rio de Janeiro gosava não só de mais importancia, como offerecia campo mais vasto á ambição de glorias de um artista de merito, como era José Joaquim da Rocha.

Quem se afasta da patria querida leva comsigo

a saudade e conserva o desejo ardente de voltar ao seio da familia, ao conchego dos amigos ; e, por isso, de modo inimitavel escreveu o saudoso poeta Gonçalves Dias, distante do carinhoso ninho natal :

«Quanto é grato em terra estranha,
Sob um céu menos querido,
Entre feições estrangeiras
Ver um rosto conhecido ;
Ouvir a patria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos,
Saudosos da terra amada".

Si o facto de ver um rosto conhecido fóra dos patrios lares é motivo de extrema satisfação, que não será o vehemente desejo de abrigar-se á terra natal, coberto de virentes louros, para, regosijado, depol-os aos pés da patria e receber desta o justo premio de admiração imperecivel?

Quem se furtará a essas demonstrações legitimas de carinhosa effusão da alma brazileira?

Assim, pois, o artista Joaquim da Rocha, vindo directamente da Europa para a Bahia, aqui fundou a primeira escola de pintura e depois mandou aperfeiçoar no velho mundo, a expensas suas, a José Theophilo de Jesus, seu discipulo e natural da Bahia, com o intuito nobre de continuar a obra meritoria de propagar o ensino das bellas-artes, aproveitando as vocações da mocidade: essa dedicação, e essa preferencia se me affiguram o desejo, todo natural de contribuir, admiravelmente, com o seu saber e com os recursos de que dispunha, para o progresso da cultura artistica, na terra do seu berço.

Os chronistas que se têm referido ao grande artista, inclusive o erudito autor das *Ephemerides Mineiras*, trabalho de inestimavel valor historico, todos se aproveitaram das informações do dr. Mello Moraes; e, por conseguinte, até hoje, ninguem demonstrou, firmado em documento incontroverso, que o artista tivesse nascido em Minas Geraes.

Procurando elucidar esse ponto cheguei ao seguinte resultado: houve, é exacto, um José Joaquim da Rocha, natural de Minas Geraes, engenheiro militar, tido como auctor d'uma interessante *Memoria Historica da Capitania de Minas*, a quem o Tiradentes fez referencias, em seu depoimento sobre a Inconfidencia. Assim como é tambem verdadeira a existencia de outro José Joaquim da Rocha, capitão-mór, nascido em 19 de outubro de 1777, na cidade de Mariana e fallecido, em 1848, o qual, no imperio, representou eminente papel politico, na constituinte e na diplomacia, como ministro brazileiro junto á Santa Sé. Estas duas personagens e o artista, seu homonymo, estiveram na Europa, e foram contemporaneos. Dahi, ao meu ver, a confusão dos individuos pela igualdade de nomes, circunstancia facil de occorrer, em um meio pouco escrupuloso, na indagação da verdade historica, e isso, provavelmente, deu logar ao facto que impugno, como não provado de modo indiscutivel. Cabe-me declarar, pois, que a questão subsiste de pé: o erudito dr. Mello Moraes, pae, affirmou que José Joaquim da Rocha era natural de Minas Geraes; eu contesto e continuo a reverenciar a memoria do eminente artista, como filho da Bahia. Nutrirei esta convicção até que documento serio e

irrespondivel venha provar o contrario. E então, piamente, acatarei a irrefutavel sancção da verdade historica.

Vindo de Portugal, onde adquiriu conhecimentos da arte de pintar, especialmente tectos de egreja, então muito em moda, conforme o estylo romano, Joaquim da Rocha obteve reputação, principalmente por não ter competidor.

«Em alguns trabalhos, de Rocha, diz um critico, encontram-se defeitos, devidos, talvez, á falta de correcção no desenho do corpo humano, isso mais se nota na maneira de decorar o tecto de uma egreja, cujas paredes lisas são ornadas por algumas pilastras, vistas architecturaes muito pesadas e quasi sempre com sombras assás crua, de modo que fazia a passagem para as meias tintas, como de salto.

Apezar de taes defeitos, o tom geral tendia para o louro, as cabeças das figuras tinham expressão, suas roupas bem lançadas e a gradação aérea não era sem merecimento; e até na perspectiva, em que elle muita vez peccava, havia pedaços em que a illusão era quasi completa; e é no tecto da egreja de S. Pedro Velho que tal resultado apparece, talvez porque ainda elle estava no vigor de seu talento.»

Encarregado das principaes obras de seu tempo, teve ensejo de preparar discipulos que lhe auxiliassem, e, assim formou a escola de pintura de téla, estofadores e decoradores.

Seus trabalhos conhecidos, e ainda em parte existentes, tornaram-n'o digno do justo apreço da posteridade, como sejam: *as magnificas cupolas*

da matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia, da matriz de S. Pedro Velho, trabalho surprehendente, quanto ao seu effeito, em perspectiva, já retocado, conservando o traço e o colorido antigos; da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosario da Baixa dos Sapateiros e seus paineis; da matriz de Nossa Senhora do Pilar; a primitiva da Ordem Terceira de S. Francisco, com os paineis da sacristia; dita da egreja do Senhor dos Afflictos, e bem assim a da matriz da cidade de Cachoeira. (1)

Exerceu tambem a pintura no genero retrato, mas sem resultado.

Estes e alguns outros trabalhos do foram contemporaneos dos de outros dois artistas, tambem suppostos naturaes de Minas-Geraes, Antonio Pinto e Antonio Dias, inferiores ao mestre Joaquim da Rocha no desenho do corpo humano, roupagem e colorido.

No entanto, sobresahiram elles em planos de decoração architectonica, de exacto e bello effeito. As obras conhecidas destes dois artistas são: *os tectos* da matriz de Nossa Senhora da Rua do Paço, já

---

(1) A pintura do tecto da matriz de nossa Senhora da Purificação da cidade de Santo Amaro, a meu ver, foi executada por este artista.

O desenho, o colorido e a disposição dos ornatos, em tudo, são iguaes aos que se notam nos tectos das matrizes de S. Pedro Velho, nesta Capital, e na cidade de Cachoeira. Na de Santo Amaro, porém, a ornamentação architectonica é mais profusa.

A distribuição da luz é magnifica; o colorido, apezar de ennegrecido, devido naturalmente á acção atmospherica sobre tintas de má qualidade, ainda se apresenta muito bom, fazendo que o effeito do claro-escuro seja surprehendente.

A objecção de que essa egreja terminada em 1700 não podia ser pintada depois de setenta annos, não prevalece, porque a egreja da Ajuda, terminada em 1579 e a da Barroquinha em 1722, a do mosteiro da Graça em 1527, a matriz de Sant'Anna, elevada á fre-

retocado; da capella de Nossa Senhora da Ajuda; da Ordem Terceira do Boqueirão e da capella de Nossa Senhora da Saude e Gloria.

Antonio Dias retirou-se para o Estado de Sergipe e mais tarde, na convivencia de José Theophilo de Jesus, de quem era, ao mesmo tempo, amigo e auxiliar de todos os trabalhos, aperfeiçoou-se no desenho do corpo humano e tornou-se bom pintor. De Antonio Dias existem na cidade de Maroim um retrato celebre, tirado ao natural, de Joaquim F. de Sant'Anna, bom na expressão e no colorido, e avultado numero de producções como sejam: *decorações sacras e profanas*, em capellas e vivendas.

Creou escola e falleceu em idade avançada.

Dos discipulos de José Joaquim da Rocha distinguiram-se: Verissimo de Souza Freitas, Manoel José de Souza Coitinho, José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco, além de outros como Lopes, Marques, Nunes da Motta e Machado.

---

guezia em 1679 e a de S. Pedro, que é de 1673, todas estas só depois da chegada de Rocha, de 1775 em diante, foram pintadas.

A proposito da fundação daquella egreja, diz a tradição: Nos fins do seculo XVII, reinando D. Pedro II, uma princeza portugeza tomara o compromisso de mandar edificar uma egreja na India, dedicada á Nossa Senhora da Purificação. Para satisfação de seu desejo zarpou de Lisboa uma embarcação conduzindo diversos objectos para tal fim.

Aconteceu, porém, que o navio, não se sabe por que circumstancia, chegou á Bahia. O povo sant'amarense, tendo noticia do fim a que se destinava o material do navio, solicitou da referida princeza, por intervenção do Governador da época, D. João de Lencastro, a graça de ser aqui aproveitado o dito material visto que estava em andamento uma capella, com a mesma invocação.

A Princeza concordou, e foi levada a effeito a dita construcção, de modo que em dezembro de 1700 celebrava-se a primeira missa, depois de concluida, portanto, a egreja matriz de Santo Amaro.

VERISSIMO DE SOUZA FREITAS

Foi o primeiro que se apresentou contemporaneo do mestre, encarregando-se de alguns paineis de motivo religioso, sob a direcção de Rocha. Pintou o Hospicio dos extinctos Agostinhos de Nossa Senhora da Palma, a capella de Santo Antonio da Mouraria e o Convento da Lapa.

Em alguns templos, Rocha pintava o tecto e Verissimo se encarregava dos paineis do centro; e em outros dava-se o contrario.

Seu estylo, com ligeira differença, era o do mestre, como se poderá ver no tecto da Palma, onde a imitação é perfeita.

«A differença que se pronuncia em outras obras, diz um critico, o colloca um pouco abaixo do mestre. O tom geral tende mais para o cinzento, suas figuras não eram bem estudadas, as roupas mesquinhas, o desenho pouco correcto, pouca nobreza de relevo; era melhor decorador e pintor de ornatos.»

Apezar dessa opinião, Verissimo de Freitas deixou discipulos que se desempenharam admiravelmente em ornato, estofo de imagens, etc. Morreu idoso, com a reputação de bom artista, sendo sepultado na egreja da Palma. Um de seus discipulos, Lourenço Machado, bom pratico, pintou o tecto da egreja de Nossa Senhora do Rosario de João Pereira.

MANOEL JOSÉ DE SOUZA COUTINHO

Nasceu a 5 de junho de 1776 e falleceu a 30 de agosto de 1830. Dotado de lucido talento e de incli-

nação para as artes, revelou vocação para as representações opticas e architectonicas.

Separando-se do mestre, dedicou-se á pintura de retratos.

Foi encarregado pelo governo da direcção dos trabalhos de pintura, no Arsenal de Marinha desta Capital, donde partiram todas as obras publicas, naquelle tempo, como fossem pintura de bandeiras e mais pertences, para o exercito e milicia.

Quando se tratou da abertura do Theatro S. João, realizada a 13 de maio de 1812, foi, pelo Conde dos Arcos, o artista convidado para pintar o panno de bocca e toda a decoração do scenario, o que executou, com brilhantismo, sendo o primeiro, entre nós, que se occupou do assumpto. No panno de bocca representou a colossal figura da America Brasileira, e ainda em um outro a elegantissima figura de Mercurio, com a conhecida legenda—*Ridendo castigat mores*, o qual, devido á falta de cuidado pelos objectos de merecimento, desappareceu. Nessa época foi representado o drama a *Escosseza*, constituido o proscenio de uma sala regia, uma vista de carcere e outra de praça; a perspectiva foi sabiamente desempenhada, a illusão completa.

Pertence-lhe o desempenho do *mausoléo* da rainha D. Maria I, obra feita no Collegio. A téla, representando *A coroação de D. João VI*, foi de sua execução. Recebeu applausos, especial louvor do Conde de Palma, que não só mandou chamal-o á sua presença, na tribuna, para hontal-o, como para pedir-lhe o desenho, que deveria ser remettido á Côrte Portugeza.

Foi ainda o autor de *dous quadros de Nossa*

Senhora da Conceição: um da Intendencia de Marinha e outro da Thesouraria Geral. Reproduziu, de memoria, o retrato do Principe D. João, em sua passagem por esta Capital, em 1808.

Foi, finalmente, o autor de uma *planta* do Arsenal de Marinha, destinada á Secretaria de Estado. Está sepultado na Ordem Terceira de S. Francisco, e não deixou discipulos de nota.

JOSÉ THEOPHILO DE JESUS.

Falleceu quasi nonagenario, a 19 de julho de 1847. Teve alguma instrucção e conhecia o latim e o francez.

Apreciado devidamente por seu mestre, José Joaquim da Rocha, foi, a expensas deste, mandado aperfeiçoar-se na Europa; e, em Lisboa, frequentou, com muito proveito e raro talento, os melhores pintores da época, como Pedro Alexandrino de Siqueira, Vieira Lusitano, Pompeu Jesuino, Battoni, etc. De volta á Bahia, já não vivia seu mestre, e então desenvolveu uma serie de trabalhos primorosos, em todos os generos d'arte, que ainda se ostentam bellos, frescos e animados, nos seguintes templos: *cupola* do Recolhimento do Senhor dos Perdões e Boa Sentença; *idem* da egreja de Nossa Senhora da Barroquinha e do mosteiro de Nossa Senhora da Graça, ambos sobre estuque; (1); *idem* da egreja

(1) O Dr. A. Cunha Barbosa, á pag. 48 de seus *Estudos Historicos*, diz: «O Convento da Graça, no Rio Vermelho, contém muitos primores artisticos, devendo-se notar principalmente o retrato do famoso padre Antonio Vieira, tão perfeito e tão bem executado que dir-se-hia ter sahido do pincel de Van-Dick.» Não é exacto.

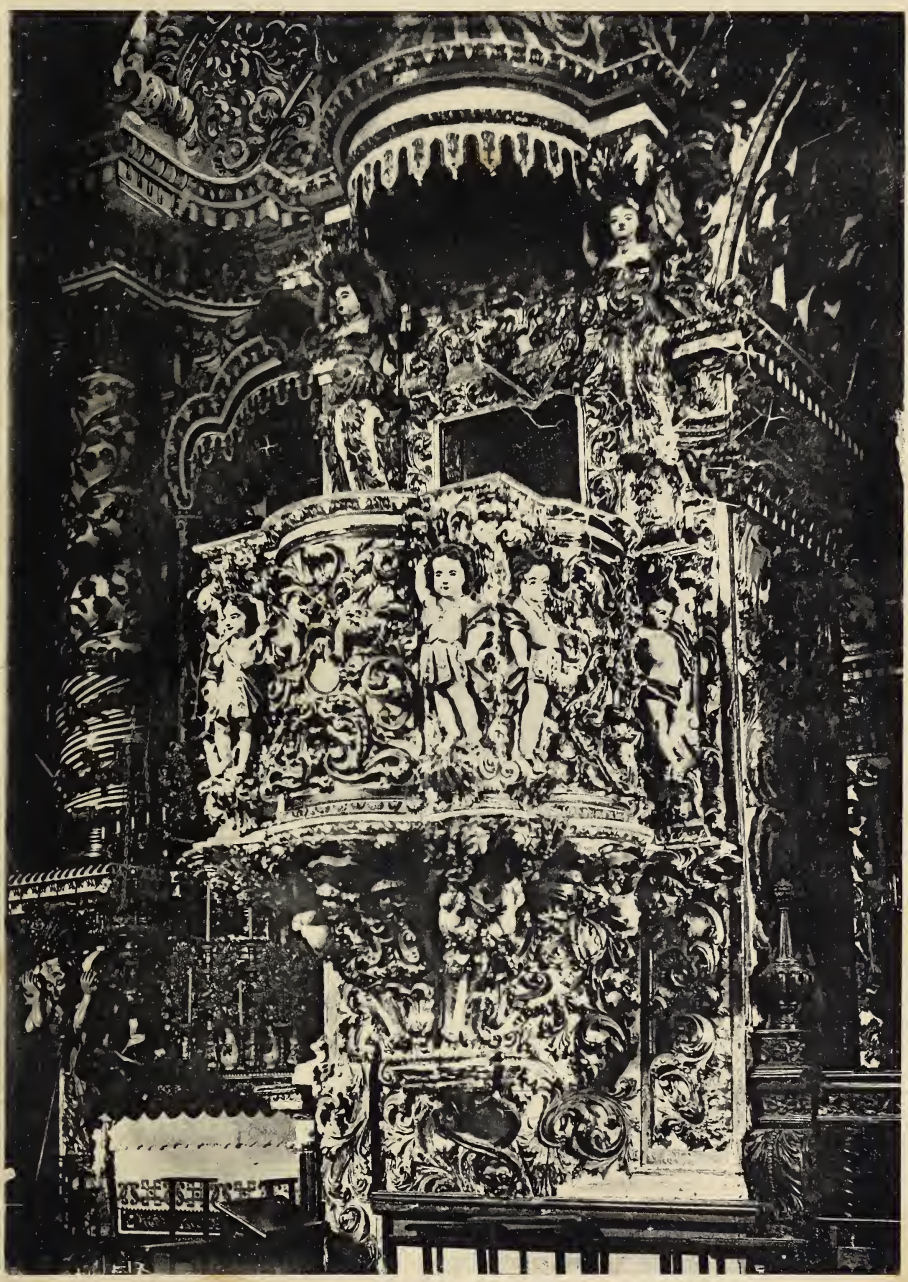
Os terrenos adjacentes ao mosteiro da Graça não estão comprehendidos nos limites da área pertencente ao arrabalde do Rio Vermelho, assim como nunca possuio aquelle convento, em tempo algum, retrato do padre Antonio Vieira.

e Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, em cujo medalhão do tecto, no meio de uma atmosphera celeste, patenteia-se o archanjo Gabriel á Virgem, que óra de joelhos, e, curvando-se no ar, saúda aquella que deve trazer, em seu seio, o Fructo da Vida. As duas figuras se destacam, como em relevo, entre um brilhante côro de anjos; e no fundo luminoso brilha ainda mais o Espirito-Santo, sob a figura de uma alva pomba. São ainda do pincel de José Theophilo de Jesus *os tres paineis* dos altares e o *retrato historico* do irmão Joaquim Francisco do Livramento, benemerito fundador do estabelecimento; *as pinturas* da matriz da cidade de Itapatica; (1) da matriz do Pilar, com alguns paineis da nave e *os quatro Evangelistas* da capella-mór; *os seis primorosos altares* do Hospicio de Nossa Senhora da Piedade, com extensa collecção de retratos e quadros dos santos e veneraveis da Ordem dos Capuchinhos; oito bellos *paineis*, na sacristia da matriz de Sant'Anna; *os paineis* da capella do Sacramento de S. Pedro Velho; *os seis paineis* da sacristia da capella do Senhor do Bomfim, e bem assim *trinta e quatro paineis*, representando a vida do Redemptor, dispersos pelos corredores lateraes da dita capella; *seis paineis* nos altares da Ordem Terceira de S. Francisco; e *dois ditos* na capella da Ordem Terceira de S. Domingos.

---

(1) A pintura do tecto dessa igreja representa a *Ceia do Senhor*, (sem ser copia da eximia téla de Leonardo da Vinci), além de seis quadros grandes e dous menores, nas paredes do corpo da egreja.

Na capellinha de S. João Baptista, em Itapagipe, deixou José Theophilo bellissimo painel do padroeiro, e na sacristia da matriz da Cachoeira—*A Circumcisão do Senhor; Apresentação no Templo; Adoração dos Magos; Adoração dos Pastores e a Visitação.*



Pulpito no Convento de S. Francisco.

Pintou ainda o prodigioso artista:

O tecto da matriz de Nossa Senhora de Nazareth, na capital; *a cupola* do convento de S. Bento, já repintada; *a cupola* da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, onde se observam magistralmente pintados a Virgem, entregando o Escapulario a Santa Thereza e a Santo Elias; em plano inferior, dous anjos cantam louvores; *um côro de archanjos*; e, em redor, *medalhões*, representando os santos e veneraveis da Ordem Carmelitâna; duas *telas* de 3m,×1m4; quatro *ditas* menores, onde se observa o esforço, coroado de rara felicidade, com que o artista conseguiu imitar o colorido do grande mestre Rubens, na capella-mór da egreja da Misericordia.

Na exposição do Lyceu de Artes e Officios, em 1889, figuraram os seguintes trabalhos de José Theophilo de Jesus: *Dous estudos biblicos; Santa Cecilia; Sacrificio da filha de Jephté; Judith e Holophernes; Morte de Judas Macabeu; Cabeça de S. João Baptista,* apresentada a Herodes. José Theophilo era votado á solidão, de uma vida sem prazeres, sem outra paixão que não fosse a pintura.

Em 1826, este Raphael bahiano occupava-se na decoração da egreja dos Orphãos de S. Joaquim, quando visitava esta capital D. Pedro I, e mostrou desejos de conhecer, pessoalmente, o artista. Este, porém, occultou-se, dizendo não gostar de apresentações reaes. Não era um pintor cortezão como Abrahão Mignon em relação a Luiz XIV: preferia o papel modesto de Nicolau Poussin. No exercicio de sua nobre profissão foi o nosso biographado convi-

dado para executar diversos trabalhos, no Estado de Sergipe.

E lá se houve tão bem que, em pouco tempo, grangeou a estima publica, por seus dotes intellectuaes, energia e vigor do seu pincel amestrado. E' quasi o autor de todos os trabalhos de seu tempo, em Sergipe.

Entre muitas obras sacras e profanas notam-se, na matriz de Maroim: uma colleção de 15 quadros de 50 centimetros por 30, representando a *Via Sacra*, ricos de colorido e de uma expressão admiravel, notando-se ainda que as figuras, em miniatura, são de grande correcção.

No engenho *Unha de Gato*, em um oratario, traçou o artista uma tela, representando o *Casamento da Virgem*, cuja figura é a nota dominante do quadro: parece que o artista, propositadamente, diminuiu o valor das demais personagens, para realçar sómente a Mãe de Deus. A Cidade de S. Christovão foi o centro de acção de José Theophilo: ahi é que se póde melhor apreciar quanto enriqueceu a então provincia de Sergipe, com bellezas de alto valor artistico.

Em suas excursões pelo interior desse Estado coube maior partilha de suas producções a Itaporanga. Na matriz do Soccorro, deixou uma téla representando o *Baptismo*, a qual, na opinião de um abalisado amador, é um dos seus melhores trabalhos.

Em Laranjeiras, existe uma mimosa téla, representando a *Assumpção da Virgem*.

Em S. Christovão, na Ordem Terceira de S. Francisco, deixou José Theophilo a pintura sur-

prehendente do tecto, observando-se, na ornamentação, congregados os elementos das cinco ordens de architectura, numa disposição feliz, principalmente pelo effeito perspectivo das operações.

Na egreja da Divina Pastora, o côro e o retabulo são pinturas de muito valor e representam os ultimos trabalhos do artista, pois em consequencia de uma quéda do andaime em que pintava, voltou a esta Capital, onde falleceu.

No dia 2 de fevereiro de 1855, collocou-se no salão nobre da Sociedade Monte-Pio dos Artistas, desta cidade, o retrato de José Theophilo, em apotheose, com esta expressiva legenda: *O genio proprio o exalça, o da pintura o immortalisa.*

E' trabalho de seu discipulo, Olympio Pereira da Matta.

Tudo quanto a natureza póde outorgar ao genio, pelos effluvios da facilidade, manifestou-se, vivo, no illustre bahiano, de immortal memoria.

Olympio da Matta, fazendo o panegyrico de seu mestre, disse:

« Theophilo em Portugal auxiliou o pintor de batalhas — Tabarda. O pintor eximio e primoroso que em muitos dos nossos templos cobriu de trophéos a pintura nacional e sellou a propria gloria, já não vive.

Entretanto, uma remota posteridade lá está absorta e cheia de indizivel prazer tributando encomios áquelle que já passou. »

Foi o autor do segundo panno de bocca do theatro de S. João (1).

---

(1) O terceiro panno de bocca do Theatro S. João, que deu motivo ás correrias da noite de 23 de setembro de 1854, foi pintado por Tassagne, de collaboração com Chapelin.

Representava a chegada de Thomé de Souza, em 29 de março de 1549.

Thomé de Souza apparecia como um guapo mocetão; Diogo Alvares—o Caramurú—descalço, descoberto, na mão direita trazia

ANTONIO JOAQUIM FRANCO VELASCO

Nasceu em fevereiro de 1780 e falleceu a 3 de março de 1833. Tendo ficado orphão de pae, depois de concluido o curso primario, foi entregue ao pintor José Joaquim da Rocha, que o recebeu de bom grado; e, conhecendo o natural pendor do discipulo, facilitou-lhe os meios de estudar a arte que mais tarde soube honrar, distinguindo-se entre os mais notaveis.

Os primeiros ensaios foram logo elogiados pelo mestre e condiscipulos, e procurado para retratar as principaes pessoas desta Capital, como o celebre padre Francisco Agostinho Gomes, Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, Borges de Barros, P. J. de Mello e outros literatos. Nas livrarias destes o artista instruiu-se, lendo a vida e assimilando os trabalhos dos grandes mestres da arte. Velasco ardia em desejos de crear um estylo que correspondesse á sua ardente imaginação e ao enthusiasmo que tinha pela pintura.

---

um pequeno bordão, e na esquerda um gorro, vestido sómente da cintura até os joelhos, e com uma pelle de animal lanudo sobre os hombros. Catharina Paraguassú ou Luiza Alvares, com uma cesta de fructas na cabeça, quasi núa; os tupinambás prostrados de joelhos uns e outros de bruços, aos pés de Thomé de Souza, a cujo lado tremulava o estandarte portuguez.

Oppuzeram-se á exhibição do dito panno, não sómente o povo, mas tambem pessoas gradas, inclusive o consul portuguez.

O capricho do governo, porém, foi avante, como obra de requintada imprudencia.

Depois do primeiro acto do *Ernani* a onda popular invadiu a platéa, e o alferes reformado do exercito João José Alves, erguendo-se voltou-se para o camarote do presidente e apostrophou: *Sr. Wanderley* (depois Barão de Cotegipe), *mande vir abaixo esse panno infame que queremos despedaçal-o! Abaixo o panno infame—fóra o presidente trahidor, fóra o anarchista, o sanguinario Wanderley!*

Foi o brado unisono do povo.

Ao primeiro estampido da tormenta, o presidente retirou-se do camarote dando o braço a uma senhora; nessa occasião foi attin-

Em consequencia da facilidade que já possuia de copiar a natureza, pois o retrato era tirado ao natural, não existindo naquella época a photographia e conhecendo que só a natureza lhe podia servir de modelo, divorciou-se inteiramente do estylo do mestre e imprimiu novo, firmando-se na liberdade do pincel e na força de imaginação de que era dotado. Seus trabalhos apresentaram, tanto na expressão como no relevo, um estylo novo, uma escola mais adiantada, que o tornou notavel pela fecundidade, vigor e energia do pincel.

Seus quadros têm não só muita originalidade, como admiravel vida e animação.

Em 1813, fôra encarregado de pintar a matriz de Sant'Anna.

Em 1819, incumbiu-se da pintura da capella do Senhor do Bomfim, onde sómente pintou o tecto e os seis paineis dos altares, que representam os Passos da Paixão de Christo, pelo preço de 6:000$.

De execução do mesmo artista se conhecem o retrato do coronel João Ladislau de Figueiredo e

---

gido por uma rigida pedrada que, tirando-lhe o chapéo da cabeça, contundiu-lhe uma das mãos. Os Srs. Cid e Jequiriçá bradavam para a força publica: *avança, atira, desembainhem as espadas, soldados!*; não foram attendidos porque o major commandante da força policial, o capitão do 5.º batalhão de artilharia do exercito, havia dado a voz de—*firme*.

O facto do capitão Alexandre Gomes de Argollo Ferrão não se haver prestado a espancar o povo deu em resultado ser transferido, juntamente com o coronel Severo, commandante do 5.º de artilharia, para Matto-Grosso, só voltando a esta capital em 1869, já Visconde de Itapatica e general, glorificado por seu heroismo na guerra do Paraguay.

O dito major esteve preso á disposição do commando das armas, e bem assim o alferes Alves, por oito dias, sendo muito *visitado por quantos o applaudiram*.

(Vide—*O Guaycurú*, de 24 de setembro e *O Paiz*, de 11 de outubro e de 3 de novembro de 1854.)

Cumpre assignalar que o alferes João José Alves era tio do poeta Castro Alves e irmão do dr. Antonio José Alves.

Mello e os paineis de S. João, Santa Joanna, Santa Rosa e Sant'Anna, no oratorio do antigo engenho Campina Grande, de propriedade do mesmo coronel.

Parece que nessa época Velasco estava no vigor de seu grande talento.

Só o quadro do meio do tecto da capella do Bomfim basta para revelar a reputação de um artista.

Em 1821, foi nomeado lente substituto da cadeira publica de Desenho desta cidade, em recompensa da pintura de dous quadros que offerecera a D. João VI. (1)

Em 1825, obteve a nomeação effectiva da referida cadeira. Quando D. Pedro I visitou esta cidade, em 1826, esteve na aula de Desenho e ahi se deixou retratar pelo artista, em duas sessões. E' o autor do retrato historico do Conde dos Arcos, que foi queimado na praça publica, depois de retirado da Associação Commercial, pelos desaffectos do titular, que lhe fizeram uma injusta manifestação de desagrado, quando por aqui passou, em 1821.

Gosou de muita consideração publica, sendo altamente apreciado pelas pessoas mais elevadas de seu tempo.

Apezar dos encargos da aula de desenho sobrava-lhe tempo para incumbir-se de pinturas e retra-

---

(1) O Dr. Tristão R. Nunes, em sua já citada publicação, affirma que Velasco foi o primeiro professor de desenho da cadeira publica desta Capital.

Ainda enganou-se desta vez: o primeiro professor foi o portuguez Antonio da Silva Lopes. Quem o diz é competente, o professor José Rodrigues Nunes, 3.° cathedratico da referida cadeira, e avô do Dr. Tristão. (Pag. 76, vol. II, n. IV do *Musaico*, outubro de 1845).

tos para este e outros Estados, e tambem para o estrangeiro, principalmente para Portugal. Pintou o retrato de D. Romualdo, arcebispo da Bahia, com destino ao Pará, e considerado um dos seus melhores trabalhos.

Achava-se encarregado da nova pintura da Ordem Terceira de S. Francisco, quando a morte veiu surprehendel-o em meio de seus triumphos, tendo sido sepultado na egreja da Misericordia.

Além dos conhecimentos indispensaveis á sua arte, onde mostrou talento não vulgar, Velasco era bastante versado em historia e amigo das letras. Em 28 de Março de 1828, inaugurou-se a aula de desenho, no Convento de S. Francisco, collocando-se nessa occasião o retrato de D. Pedro I, em signal de homenagem, por terem sido melhoradas as condições do ensino dessa disciplina. Velasco, professor da dita cadeira, pronunciou importante discurso, convidando os amadores de Bellas-Artes á visitarem o estabelecimento, afim de que pudessem julgar do aproveitamento de seus alumnos.

Por essa occasião o distincto latinista, professor João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, recitou extensa poesia, allusiva ás Bellas-Artes.

Na exposição do Lyceu de Artes e Officios, em 1889, figuraram os seguintes trabalhos: o notavel *retrato* do Conego Dr. Lino, bemfeitor da Santa Casa de Misericordia; *idem* do padre Antonio Vieira, o mais antigo que se conhece; esboço de quatro *paineis* que figuram nos altares da capella do Senhor do Bomfim; *S. Marcos, S. Matheus, S. Lucas e S. João; David* (estudo); *retrato* do

Conde dos Arcos; *Quadro de costumes;* (scenas do lar); *retrato* de D. Pedro I; *a Literata*; *retrato* do Dr. Paiva; *idem* do Dr. Amaral; *Samuel e Elias; a Ceia do Senhor*, em pequenos paineis, reputada a obra prima de Velasco.

Segundo a tradição, é o autor do primeiro esboço da Bandeira Nacional, cujas cores copiou das pennas do papagaio, ave que naquella época suppunham só existir na Bahia.

O *Instituto Geographico e Historico da Bahia* possue um retrato do grande artista, producção de seu discipulo, o professor José Rodrigues Nunes.

Mostrou-se tão assiduo e perseverante, em seus estudos da puericia, que para coagil-o ao nocturno repouso, era necessario á vigilancia materna subtrahir-lhe a luz, fazel-o largar o incansavel lapis e o aproveitado papel de suas recreações assiduas.

E assim tornava-se necessario áquelle que, por algum tempo, inspirou-se na correcção de seus condiscipulos mais velhos; depois apartou-se dessa dependencia, para, em nobre emulação, luctar com José Theophilo de Jesus.

No pastoso estylo que creou, constituiu-se expressivo e frisante retratista, de uma ampla collecção, de maneira que, a seus trabalhos, fallecem, apenas, a palavra e o movimento.

ANTONIO DA SILVA LOPES.

Natural de Portugal, foi o primeiro professor e director da aula publica de desenho desta Capital, cuja abertura se effectuou no dia 20 de maio de 1813.

Durante, seu magisterio não consta que tivesse

Côro do Convento de S. Francisco. — Bahia.

produzido trabalho algum, assim publico, como particular.

Grande numero de alumnos concorreu á matricula; e nem se podia esperar outra cousa, em vista da propensão conhecida do povo brasileiro para a cultura das artes.

E por isso, não só quem queria seguir a carreira artistica, mas tambem amadores, filhos de pessoas bem collocadas, affluiram, com ardor, áquelle fóco de ensino.

Naquelle tempo, a Bahia não estava destituida de conhecimentos do desenho e da pintura; acostumada a ver producções de seus artistas, contando já um numero sufficiente de desenhistas, aspirava a um resultado mais proveitoso do que aconteceu.

O professor parecia não ter methodo de ensino ou vocação para o cargo em que fôra investido. O processo era muito moroso, comsumiam os alumnos seis mezes desenhando uma cabeça de tamanho natural, e isso produzia enfado, de modo que, durante a sua regencia, a escola não deu um só pintor.

O professor Antonio Lopes residiu, nesta capital, até ao anno de 1820, sempre como cathedratico da aula publica de desenho.

Após o movimento de fevereiro de 1821, ninguem mais falou do mestre, parecendo-me ter-se retirado para Portugal, com as tropas do general Madeira, em 1823.

Tollenare, apreciando devidamente este professor, em 1816, manifestou-se do seguinte modo:

"As lições dos mestres de desenho que se encontram aqui levam, quando muito, os discipulos a saber traçar alguns ornamentos para os decoradores e os moldes para os bordados de que a agulha das mulatas faz obras primas. Um francez viaja para offerecer á Europa uma serie de paysagens brasileiras."

Nada obstante, alguns desenhistas ou copistas fizeram curso, taes foram:

FORTUNATO CANDIDO DA COSTA DORMUNDO.

Em 1814, obteve o segundo premio; e como copista imitava, com a penna, qualquer gravura.

FREDERICO JOSÉ DA SILVA.

Obteve o terceiro premio; desenhava soffrivelmente a lapis vermelho e tinta da China.

MANOEL ANTONIO PIRES.

Foi premiado em terceiro logar; principiou alguns estudos a oleo, com feliz resultado, abandonando-os depois, retirando-se para fóra da capital.

DUARTE BAPTISTA E SILVA.

Obteve o primeiro logar no primeiro e segundo concurso. Desenhava bem e imitava qualquer caracter de letra com perfeição. Falava francez, inglez e sabia musica. Principiou, especialisando-se em miniaturas, para o que mostrou grande applicação, e bem assim para a pintura, promettendo ser um ornamento em qualquer ramo do desenho.

Emprehendeu uma viagem a Portugal e naufragou nas costas de Moçambique.

CORNELIO FERREIRA FRANÇA.

Alcançou o segundo premio no concurso de 1815. Doutor em direito pela Universidade de Coimbra, deputado geral e membro do Tribunal de Justiça, falleceu no Rio de Janeiro em 6 de junho de 1878.

FRANCISCO XAVIER CARNIDE.

Teve o primeiro premio no concurso de 1818. Embarcou para Portugal, afim de aperfeiçoar os seus estudos, e, depois de longa viagem, naufragou.

MANOEL JOSÉ DA SILVA ANTUNES.

JOSÉ ANTONIO DA SILVEIRA.

Conquistaram ambos os primeiros e segundos premios no concurso de 1818. Nos annos de 1819 e 1820 o numero de matriculados foi muito reduzido.

DISCIPULOS DE FRANCO VELASCO

LUIZ GOMES TOURINHO.

Acompanhou o mestre em alguns de seus trabalhos, bem como na pintura da capella de Santo Antonio da Barra.

Deixou por algum tempo a arte e fez-se professor primario. Em 1825, voltou á antiga profissão e produziu, entre outros trabalhos, o *retrato* de D. Pedro I para o Conselho de Provincia, depois Assembléa Provincial.

LUIZ DA SILVA DIAS.

Quando se installou o curso de desenho, já Velasco possuia o seu *atelier*, bastante frequentado. Entre os seus discipulos, o que mais se distinguiu foi Luiz da Silva Dias, empregado frequentemente em diversos trabalhos, como no tecto da matriz de Sant'Anna e capella-mór da cidade de Itapatica.

Deu-se á pintura de retratos, tornou-se conhecido, mostrando aptidão para as obras de miniatura. Retirou-se da Capital, indo pintar o *tecto* da matriz de Jaguaripe, além de outros, em diversos logares.

Falleceu em 1839, na cidade de Nazareth.

BENTO JOSÉ RUFINO DA SILVA.

Nasceu em 1791 e falleceu em 1874, com o nome de Bento José Rufino Capinam, cognome adoptado depois da Independencia.

Era expressivo e pronunciado em seu estylo, artista pratico em todo o genero de pintura e habil scenographo. O seu desenho era seguro, pincel energico e vigoroso, na historia, na paisagem e no retrato. Revelou-se conhecedor da perspectiva linear e do panorama, com expressão e effeito. Seguiu sempre o mestre, em trabalhos publicos e particulares. Dedicou-se á pintura de retratos e auxiliou a Souza Coitinho nos trabalhos do theatro *S. João*.

São de sua execução as antigas télas, representando *Os Sete Passos da Via-Sacra* e o *retrato* de D. Pedro I, pertencente ao Conselho Municipal.

Concurrente ao logar de substituto da cadeira

de desenho, em 1827, em 1833 fez novo concurso para a effectividade. Foi o primeiro brasileiro que, na Bahia, dedicou-se a trabalhos de lithographia.

São ainda do artista algumas obras, no hospicio da Piedade; douramento e retoque da pintura da matriz de Valença; *quadro* a crayon, representando a entrada do exercito pacificador, no dia 2 de Julho de 1823; painel da *Virgem*, tamanho natural, na antiga intendencia da marinha; desenho lithographico, representando a cidade de Valença, em 1845; painel que, na igreja do Bomfim, representa *A Morte do Peccador*; retocou o tecto da Ordem Terceira de S. Domingos; diversos paineis na matriz do Pilar, na Ordem Terceira de S. Francisco, sacristia e claustro; *retratos* de D. Romualdo, arcebispo da Bahia, Xavier de Barros, etc.; pintura e douramento da matriz da villa de Jequiriçá. Trabalhava na egreja de Nossa Senhora da Luz, no Morro de S. Paulo, quando falleceu (1).

CLAUDIO JOSÉ RAMOS AMAZONAS.

Nasceu em 1796 e falleceu em 1835.

Intelligente e applicado, dedicou-se aos trabalhos de pintura decorativa, distinguindo-se como pintor de flores, fructas, natureza morta, no que gozou de grande reputação.

---

(1) O Dr. Tristão Nunes, em sua publicação sobre pintores bahianos fallecidos, dá o velho Capinam, morto de 1861 a 1862.

O professor publico primario do Morro de S. Paulo, Fabio Firmino Ferreira Cajaty, asseverou-me ter assistido aos ultimos momentos de Capinam, em 1874, no logar acima indicado.

Outro testimunho valioso é o de Jeronymo Sacramento Silva que, na occasião, era um dos melhores auxiliares do artista. Assim, pois, o fallecimento de Rufino Capinam occorreu, em 1874.

JOSÉ RODRIGUES NUNES.

Nasceu a 11 de abril de 1800 e falleceu a 27 de novembro de 1881.

Discipulo predilecto de Velasco, foi continuador de muitas de suas obras.

Em 1827, após concurso, foi provido na cadeira de substituto de desenho, até que, por fallecimento de seu mestre, em 1833, fez novo concurso, sendo nomeado lente effectivo.

Por muitos annos incumbiu-se da pintura scenographica do theatro *S. João* e cultivou o genero retrato, com muito exito.

Seus trabalhos conhecidos são:

Retrato de D. Pedro II, no palacio do governo de Sergipe; retrato do jesuita Antonio Vieira, (copia do mestre); dous *quadros* de Nossa Senhora da Conceição, na antiga Secretaria Provincial e na Thesouraria Geral; segundo o esboço do mestre, concluio a pintura do tecto da Ordem Terceira de S. Francisco; retocou as pinturas das egrejas matrizes de Sant'Anna e S. Pedro Velho; deixou grande numero de retratos de lentes da Faculdade de Medicina deste Estado, entre os quaes sobresae o do Dr. Antonio Ferreira França, executado de memoria, dias depois de seu fallecimento.

Este trabalho mereceu os mais francos elogios pela fidelidade com que foram reproduzidos os traços physionomicos do illustre morto.

Retratou tambem, de memoria, seu illustre mestre.

São ainda de Rodrigues Nunes os *retratos* do Visconde de Cayrú, na Bibliotheca Publica; com-

mendador Antonio Vaz de Carvalho, bemfeitor do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim; Visconde de Cayrú e José Bonifacio, numa só téla, no Conselho Municipal; finalmente ainda outros, do Patriarcha da Independencia, no Instituto Geographico e nos salões da Santa Casa de Misericordia.

Na exposição do Lyceu de Artes, em 1889, figuraram: *O mendigo*, de Murillo, (cópia); *Santa Familia*, idem; *Socrates*, idem; *Santa Familia*, escola de Bolonha; *Santa Isabel, S. José e S. Zacharias*, idem; *O Christo*, cópia de um painel da Sé; *Velho escrevendo*, cópia; *Santa Virgem*, cópia de um painel da Sé. Foi artista de merecimento e cultivou as letras.

JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA BASTOS.

Estudou desenho por dilettantismo, revelando inclinação e gosto pelas bellas-artes.

Dedicou-se á pintura em seus diversos ramos, principalmente á miniatura. Esteve na Europa aperfeiçoando-se, e, em 1833, entrou em concurso e obteve o logar de substituto da cadeira publica de desenho. Renunciando o cargo, foi exercer as funcções de interprete, na Secretaria do Governo. Suas obras, especialmente retratos, eram offerecidas aos amigos, como brindes.

JOAQUIM GOMES TOURINHO.

Estudou os primeiros elementos com seu pae, Luiz Gomes Tourinho, e, depois, na aula publica, com Franco Velasco. Cultivou o genero retrato, especializando-se em miniaturas.

DISCIPULOS DE JOSÉ RODRIGUES NUNES

OLYMPIO PEREIRA DA MATTA.

Nasceu em 1810 e falleceu a 9 de setembro de 1887. Habil desenhador, retratista e muito versado na historia das artes, foi professor do Collegio dos Orphãos de São Joaquim e do Arsenal de Guerra.

Concorreu a diversas exposições e obteve alguns premios. Retratou, em apotheose, a seu segundo mestre José Theophilo de Jesus; fez o retrato, em tamanho natural, do general Manoel Deodoro da Fonseca, quando aqui esteve, em 1872, e bem assim o do musico Damião Barbosa de Araujo.

Escreveu: *Biographia de pintores e musicos nacionaes.* Collaborou em diversos jornaes, tratando, de preferencia e com largueza de vista, da defesa e progresso da classe artistica.

Foi considerado o artista mais instruido de seu tempo; retratista e pratico no genero historico, pintou quatro *paineis* na Ordem Terceira do Boqueirão, e mais alguns trabalhos que figuraram em exposições, principalmente retratos. Concluiu o curso de desenho na aula publica, em 1839.

Conhece-se do artista o retrato do virtuosissimo franciscano frei Chagas, de saudosa memoria.

MACARIO JOSÉ DA ROCHA.

Nasceu a 1 de abril de 1816 e falleceu a 26 de fevereiro de 1866. Era versado no estudo de linguas, leccionou em collegios, retratista pratico de grande acceleração e presteza, circumstancia que lhe obstou aprofundar, no estudo do desenho, o seu natural

Tecto da Ordem 3ª de S. Francisco, na Capital da Bahia.
Pintura de Antonio Joaquim Franco Velasco, em 1833.

talento. Como paysagista, genero em que não se dá a necessaria correcção á figura humana, mostrou espirito e muita vocação.

Os seus exageros levaram-no a ditos desta ordem, quando produzia um bom trabalho de paysagem: «Apanhei a natureza em flagrante». Suas obras conhecidas são: retoque no tecto da Ordem Terceira da SS. Trindade; *retratos* de D. Pedro II, general Labatut, commendador Antonio Pedroso, general Muniz Tavares, D. Romualdo, arcebispo da Bahia e de diversos conegos da Cathedral. Quadros de assumptos diversos: *Judith, suspendendo a cabeça de Holophernes; a Morte de Abel por Caim; Catão rasgando as entranhas; Nascimento de Venus; Uma noite de luar; o Incendio de um vapor francez; Um vulcão em erupção; Um castello abandonado; Susana, Lia e Rachel; o Amor banhando-se com Cupido; Neptuno*, e enorme quantidade de paysagens do natural e cópia.

Finalmente, Macario Rocha fôra o autor de um panno de bocca do Theatro S. João, tomando o artista, por thema, a victoria das armas brasileiras, em Paysandú, por occasião da guerra do Paraguay.

JOÃO FRANCISCO LOPES RODRIGUES.

Nasceu a 19 de dezembro de 1825 e falleceu em 11 de outubro de 1893.

Intelligente e applicado, teria sido um grande artista si encontrasse, em vez do egoismo, escola onde pudesse aprimorar a sua vocação. Fez da pintura um apostolado e nunca vergou a grandeza da arte por conveniencias interesseiras.

Exerceu o cargo de desenhador da repartição das Obras Publicas da então provincia, e nelle aposentou-se. Como auxiliar do professor Canysares foi um dos fundadores da Escola de Bellas-Artes, onde exerceu as funcções de professor da 2.ª classe de desenho, de pintura a oleo e de vice-director.

Leccionou, por algum tempo, no Lyceu de Artes e Officios, assim como em collegios e casas particulares. Depois do lithographo Vera-Cruz foi quem melhor trabalhou em retratos a tinta da China e outros desenhos a sepia.

Produziu grande quantidade de retratos a oleo, quadros de costumes, natureza morta, etc. Suas obras mais conhecidas são: *O Ultimo dia de um condemnado*, cópia, uma de suas melhores producções; uma *téla*, representando uma criança espalzindo flores sobre o tumulo de um bemfeitor da Santa Casa de Misericordia; dous *retratos* de bemfeitores do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim; *ditos* de D. Pedro II, no Monte-Pio dos Artistas e no salão do Conselho Municipal, retocado por seu filho; um *dito* na Ordem Terceira do Carmo e outro na Ordem Terceira de S. Domingos; uma *téla* com figura de tamanho natural, denominada—*Vinde a mim os pequeninos*, no Collegio dos Orphãos de S. Joaquim.

Na exposição do Lyceu de Artes e Officios, em 1889, figuraram do artista os seguintes trabalhos: *Estudos de aves mortas; a Virgem*, de Murillo; *Rebeca na fonte; Ruinas do templo de Memnon; Em flagrante*—(dous criados a roubar o vinho em uma adega são surprehendidos pelo amo); *Uma inundação; retratos* dos arcebispos da Bahia,

D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz, D. Manoel, Conde de S. Salvador, e D. Joaquim; *vista* do convento da Lapa, cópia do natural; *vista* do convento de S. Francisco, idem; uma *téla*, tendo Christo no primeiro plano, São Lazaro e mais duas personagens no segundo, todos de tamanho natural, na capella do cemiterio da Quintá dos Lazaros.

FRANCISCO DA SILVA ROMÃO.

Tendo completado o curso na aula publica de desenho, em 1839, iniciou-se na esculptura com seu avô materno, Manoel Ignacio da Costa; mas, como sua vocação era a pintura, voltou a ouvir as lições do retratista Olympio da Matta, de quem se tornou discipulo aproveitado.

Seus trabalhos conhecidos são: *retrato* de D. Pedro II, pertencente á Assembléa do Estado; o do proprio artista tirado deante de um espelho, offerecido por seu irmão ao Lyceu de Artes; o actual retrato do conde dos Arcos, existente na Associação Commercial; *Santa Cecilia*, composição, trabalho muito bom; *Francesca di Remini*, cópia.

Deixou ainda o artista o retrato do coronel João Ladislau de Figueiredo e Mello e dois outros de pessoas de sua familia delle, em tamanho natural.

FRANCISCO RODRIGUES NUNES.

Filho e discipulo do professor José Rodrigues Nunes, nasceu a 30 de julho de 1826, bacharelou-se em letras pelo antigo Lyceu Provincial, em 1846, e falleceu a 1 de maio de 1904. Como pensionista da então Provincia frequentou, durante cinco annos,

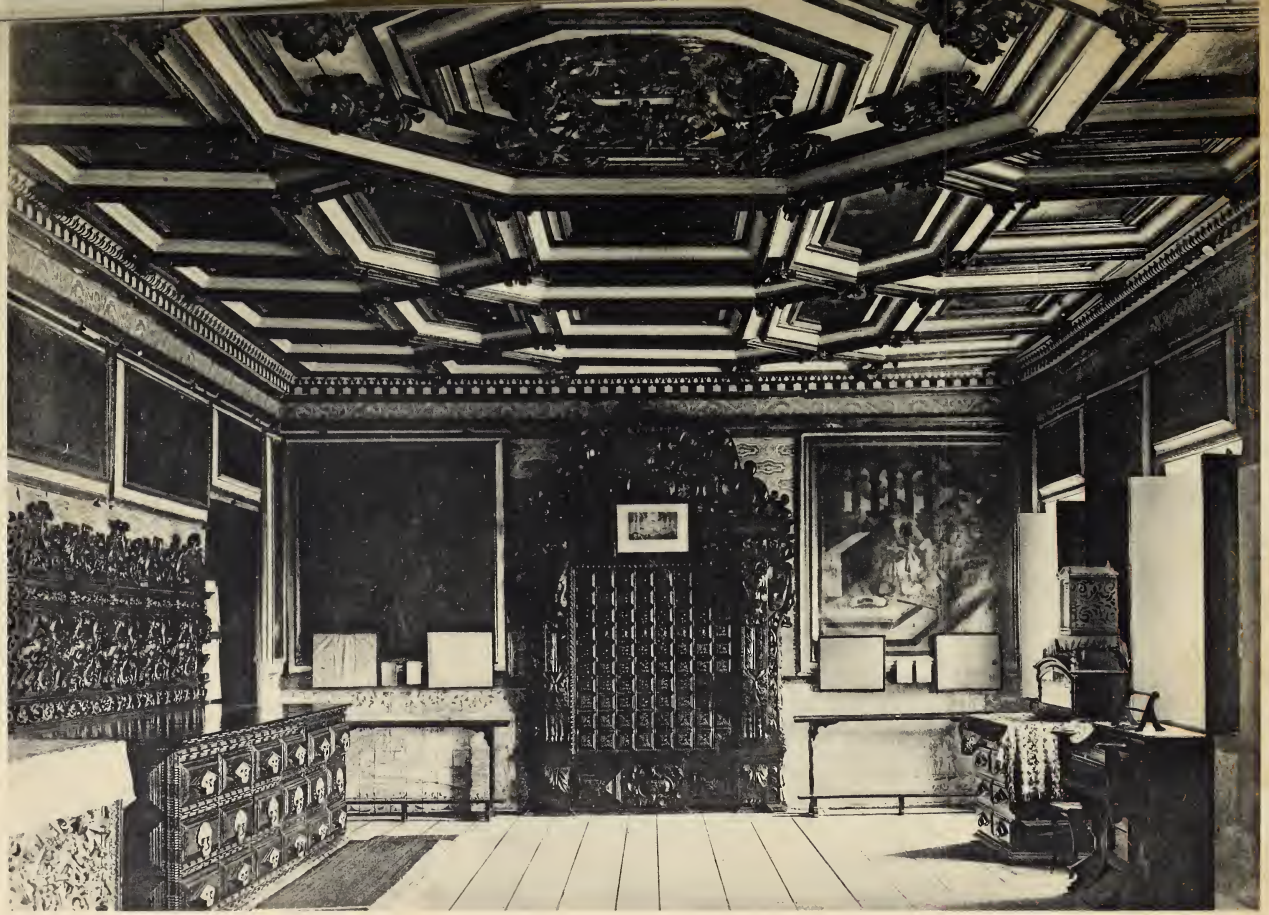
a Escola de Bellas-Artes de Paris, sendo discipulo do pintor Michel Drolling, depois aperfeiçoou-se na Italia, onde visitou as cidades de Roma, Napoles, Florença, etc.

Em 1860, fez concurso para substituir a seu pae na cadeira de desenho do Lyceu, e, sendo nomeado, exerceu o magisterio até se aposentar.

Quando D. Pedro II visitou esta Capital, em 1859, o artista offereceu ao monarcha dous quadros de sua lavra, o que lhe valeu a offerta de uma boceta de ouro para rapé, com a legenda *Pedro II*.

Seus trabalhos mais conhecidos são:

Naufragio da fragata Meduza, de Gericault; *o Diluvio*, de Poussin; *Ecce-Homo*, de Murillo; *a Amante*, de Ticiano, estudo segundo Rembrandt; o actual *tecto* do convento de S. Bento (1874); *retratos* de personagens notaveis, como sejam: diversos professores da Escola de Medicina, do Visconde de S. Lourenço, Dr. Barbosa de Oliveira, bispos de Pernambuco, D. Fr. Vital de Oliveira e do Pará, D. Antonio de Macedo Costa; do padre mestre Turibio Tertuliano Fiusa, executado de memoria, pertencente ao director do Collegio S. José; *a Costureira em meditação* (escola de Rembrandt); *a Virgem; Velho mendigo*, do natural; *Ruinas do forte S. Sebastião*, em Itapagipe; *Angelina e Medor;* estudos de marinha; *Meu atelier* e estudo de flores, etc.; duas cópias das *Magdalenas*, de Correggio e Battoni; *Leda*, de Veronez; *retrato*, segundo Van-Dick; *Jantar de dous velhos*, (escola flamenga); *Cabeça de velho*, segundo Rembrandt; Visconde de Cayrú, cópia. O retrato de seu pae, pintado do natural, é um dos seus melhores trabalhos, onde se



Sacristia do Convento de S. Francisco.

notam o vigor, a energia do pincel, o conjunto de traços e toques felizes, harmonisando uma esplendida cabeça.

AGOSTINHO DE JESUS MARIA.

Nasceu a 4 de maio de 1830 e foi professor de desenho no Arsenal de Marinha. Actualmente lecciona em collegios e casas particulares.

Seus trabalhos conhecidos são: *retratos* do padre Antonio Vieira, no Seminario Archiepiscopal, de frades, bispos e outras pessoas; diversos *quadros*, cópias dos existentes no Hospicio da Piedade, que se acham no Estado de Sergipe, no Hospicio fundado por Fr. Candido; e outros, finalmente, no convento de S. Bento, em Pernambuco.

JOAQUIM MARCELLINO DE OLIVEIRA SAMPAIO.

Depois do fallecimento de Velasco, continuou seus estudos com José Rodrigues Nunes. Cultivou a pintura a oleo, e, com successo, o desenho, auxiliando a seu mestre nos trabalhos do tecto da Ordem Terceira de São Francisco.

De talento não vulgar, em pouco tempo o resultado de suas producções chamou a attenção dos entendidos. Deixou bons retratos, foi professor no Collegio dos Orphãos de S. Joaquim e no Arsenal de Guerra.

Morreu na flor da edade, em resultado de más companhias.

JOAQUIM RUFINO DE ABREU FIALHO.

Fez o curso de desenho na aula publica e trabalhou com seu mestre no *atelier*, revelando vocação especial para a gravura, pela maneira de bem acabar suas obras.

Em 1890, foi aposentado no logar de desenhista da extincta Directoria de Obras Publicas do Estado.

JOAQUIM GOMES TOURINHO DA SILVA.

Cultivou, de preferencia, o genero retrato, com mais ou menos felicidade.

Delle existem: *retrato* do Conde da Ponte; uma *téla*, representando D. Pedro II e D. Thereza, recebendo as chaves da cidade da Bahia, em 1859; *retratos* dos mesmos, lythographados, sendo distinguido com uma caixa de ouro para rapé, com as iniciaes *P. II; retrato* do autor do Hymno da Independencia, José dos Santos Barreto, pertencente ao Instituto Geographico e Historico da Bahia.

DISCIPULOS DE BENTO CAPINAM

TITO NICOLAU CAPINAM.

Filho e discipulo de Bento Capinam, nasceu em 1822 e falleceu em 1876. A principio, imitou o estylo paterno, depois ampliou sua esphera de acção e, progredindo sempre, chegou a ser considerado bom pintor.

Em companhia de seu pae, executou diversos trabalhos. Além de especialista em scenographia,

cultivou, com applicação e talento, outros generos de pintura. O painel que na egreja do Bomfim representa *a Morte do Justo*, e as télas *Nascimento de S. Francisco de Assis; S. Francisco recebendo o habito, Santa Izabel visitando um hospital, S. Francisco diante do sultão da Turquia, S. Roque no deserto, Confirmação da Regra da Ordem Terceira de S. Francisco, Santa Rosa de Viterbo, os Martyres franciscanos do Japão, S. Conrado de Placencia e a Ceia do Senhor*, todas existentes no claustro da Ordem Terceira de S. Francisco, são de execução do operoso artista.

Concluida a guerra do Paraguay, em 1870, o artista pintou diversos paineis que foram collocados nas arcadas do edificio da casa da Camara Municipal, representando os diversos combates havidos na lucta, em que o Brazil sahira vencedor.

A pintura fôra feita de modo a ficar transparente, e, illuminada pelo lado opposto, produzira bonito effeito.

JOSÉ FRANCISCO LOPES.

Foi professor de geometria pratica no Arsenal de Marinha e no Lyceu de Artes e Officios. Muito intelligente e trabalhador, dedicou-se, de preferencia, a trabalhos mathematicos, desenho topographico, etc.

FRANCISCO JOSÉ RUFINO DE SALLES.

Nasceu a 29 de fevereiro de 1825 e falleceu á 19 de junho de 1906. Consagrou-se ao genero retrato, leccionou em collegios e casas particulares, na Es-

cola Treze de Maio e no Lyceu de Artes e Officios, que lhe galardoou os serviços com o diploma de socio benemerito e collocou o seu retrato no salão nobre.

Em diversas exposições foi premiado com medalha de ouro. Pintou gratuitamente diversas bandeiras de batalhões de voluntarios, durante a guerra do Paraguay, o que lhe valeu ser louvado pelo então presidente da Provincia, e o *retrato* de José Bonifacio, pertencente á Assembléa Estadual; restaurou o tecto e os altares da egreja de Santo Antonio da Barra; retocou a pintura das egrejas do Senhor dos Afflictos, S. Domingos, Palma e o tecto da capella de Nossa Senhora do Rosario de Itapagipe.

JOSÉ ANTONIO DA CUNHA COUTO.

Nasceu a 1 de maio de 1832 e falleceu a 5 de novembro de 1894.

Foi retratista, pintor e photographo, dotado de talento e gosto pela arte; tornou-se muito conhecido por suas producções, e, por vezes, bem feliz no colorido e na physionomia de seus retratos.

Do pintor Couto existem no salão nobre do Lyceu de Artes e Officios nada menos de 11 retratos de bemfeitores, entre os quaes o de D. Pedro II e o do Dr. Luiz Alvares dos Santos, cuja cabeça tem muita expressão; no Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, o do commendador Figueiredo; no Instituto Historico, os de D. Pedro I, D. Pedro II, coronel Joaquim Mauricio, commandante do 46º

Ordem 3ª de S. Francisco. — Bahia.

corpo de voluntarios da Patria, e de D. Manoel, rei de Portugal.

Deixou ainda os seguintes quadros: no convento de S. Bento, *A Virgem, S. José e o Menino Deus, fugindo para o Egypto; a Virgem*, de Murillo, e tres retratos de bemfeitores da Irmandade das Angustias. Na Ordem Terceira do Carmo — *A Virgem*, de Murillo, (excellente cópia); *Santo Elias e Santa Thereza*, e na Escola de Medicina, retratos de D. Pedro II e de diversos professores.

O Tira-Dentes é um outro quadro, representando o celebre dentista João Mirolli, que nas ruas desta cidade extrahia dentes sem dôr, de dentro do proprio carro em que andava.

Repintou os paineis da sacristia da Ordem Terceira de S. Francisco; pintou a *Primeira missa no Brazil*, no tecto da egreja da Sé; a *Conceição*, de Murillo, no salão da Intendencia Municipal da cidade de Santo Amaro e *Christo Resuscitado*, no forro da capella mór da Sé, além de muitos outros trabalhos de cópia.

Na exposição do Lyceu de Artes, em 1889, figuraram: *retrato* de Fr. Affonso de Bolonha; *Scenas de botequim*; *Resurreição* (cópia); *Flores, Fructos*, etc. Era de genio reservado e não entretinha relações com os collegas de arte. Produziu um quadro satyrico, no qual, diversos animaes censuravam uma pintura do professor Canysares, e o expoz no bairro do commercio. O professor Lopes Rodrigues, filho, discipulo de Canysares, em justa represalia, expoz tambem outro quadro, em que o professor Couto está pintando uma téla, e diversos animaes fazem-lhe uma manifestação.

Assim é que um *cavallo*, de luneta, cobre o artista com um chapéu de sol, um *burro* apresenta uma cesta de flores, um *macaco*, móe tintas; num chapéo de pello descançam os pinceis, um *cachorro* tem na bocca um numero de *Novo Mundo*, representando o plagio, isto é, donde Couto copiou o quadro, uma *cabra* põe as mãos num papel, com epigraphe, uma *serpente* roe uma lima de aço como symbolo da inveja.

Foi o retratista que mais produzio em seu tempo.

HERACLIO AUGUSTO ODILON.

Nasceu a 24 de janeiro de 1841.

Acompanhou a seu mestre em todos os trabalhos, como fossem no convento da Piedade e theatro S. João. Foi por muito tempo estabelecido com lythographia e tem produzido muito boas obras, como pintura decorativa de predios, especialmente no que se relaciona com a scenographia.

Viajou o norte do Brazil, como pintor da companhia dramatica dirigida por *Adele Naghel*, sendo muito applaudido, notadamente no Pará, onde insistiram para que alli fixasse residencia.

Foi desenhista da Estrada de Ferro de Alagoinhas, sempre muito considerado por sua competencia. Produzio alguns retratos a oleo, leccionou desenho e ainda se incumbe de trabalhos de pintura decorativa.

Goza de justa reputação como scenographo e paysagista.

Com Heraclio Odilon terminam os discipulos de Capinam.

JOSÉ RAYMUNDO.

Falleceu em 1856, em avançada idade.

Foi retratista, conhecia o latim e era regularmente instruido. Executou o tecto e paineis da nave da igreja matriz de Nossa Senhora da Victoria, e deixou reputação de bom artista.

ANGELO DA SILVA ROMÃO.

Era neto do grande esculptor Manoel Ignacio da Costa. Em 1863, fôra admittido no Arsenal de Marinha como desenhista, accumulando as funcções de professor de desenho da *Companhia de Artifices*. Nesse logar, conservou-se até o anno de 1890, em que fôra aposentado. Publicou um compendio de desenho linear e leccionou, por algum tempo, desenho de imitação; deixou trabalhos de pintura a oleo, no palco do theatro S. João; uma tela representando a Virgem, de tamanho natural, e bem assim um retrato de D. Pedro II, no dito arsenal.

Falleceu em 1895, com sessenta e um annos de edade.

ANTONIO VERA-CRUZ.

Nasceu em 1858, na cidade de Cachoeira, e iniciou os seus estudos de desenho, na lythographia da *Bahia Illustrada*.

Tem produzido grande numero de trabalhos importantes, como retratos *a crayon*, etiquetas etc., muito apreciados.

Sua competencia, como lythographo e gravador, não soffre contestação, principalmente em traba-

lhos á tinta da China, nos quaes se tem revelado um artista de merito e desenhista primoroso.

Reside no Estado de Pernambuco, desde 1873.

PORFIRIO VERA-CRUZ.

Irmão do precedente, nasceu na cidade de Cachoeira, em 1856. Trabalhou nas officinas de João Toutinho e de Heraclio Odilon.

Falleceu em setembro de 1910.

MANOEL CARLOS WEYLL.

Nasceu, nesta capital, em 1855.

Foi, por muitos annos, desenhista, na Estrada de Ferro do S. Francisco, e bem assim na Central da Bahia.

Actualmente exerce as funcções de architecto da Directoria de Obras Publicas do Estado, onde tem produzido, além de outros, os seguintes trabalhos: *Projectos de escolas primarias*, do *Instituto Bacteriologico*, *Desinfectorio Central*, *Sanatorio de Tuberculosos*, *Maternidade*, *Palacio da Justiça e Gymnasio do Estado.*

JOSE' DE ABREU BARRETO.

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 1770 e falleceu em 21 de dezembro de 1854. Intelligente e applicado, teria sido um grande artista si encontrasse escola, onde pudesse burilar o seu apreciado talento.

Deixou: uma collecção de trinta *quadros* sobre assumptos biblicos, na matriz de Nossa Senhora da Purificação, e dez na igreja de Nossa Senhora do Amparo, tudo na cidade de Santo Amaro.

JOSÉ VICENTE SENNA.

Em 1843, pintou o tecto e o forro da sacristia da igreja matriz de Nossa Senhora do Rosario, da cidade de Santo Amaro da Purificação, donde era natural.

EDUARDO PINHEIRO DE LEMOS.

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 1840. Estudou preparatorios e desenho no antigo Collegio Sebrão, na Capital; leccionou portuguez e desenho no Collegio do Dr. Passos, na cidade natal. Foi professor de desenho e musica, na Escola Normal da cidade da Barra (Rio S. Francisco).

Tem produzido: *Nossa Senhora da Conceição* (aquarella), na Sociedade Luz Protectora; o antigo *panno de bocca* do theatro S. Pedro de Alcantara; o tecto da egreja de Nossa Senhora do Amparo, todos estes trabalhos, na cidade de Santo Amaro, além de pequenas obras, em diversos logares.

Reside no Rio de Janeiro, onde é professor particular.

MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA.

Natural da cidade de Santo Amaro.

Em 1834, desenhou a *planta* do altar-mór da egreja de Nossa Senhora do Rosario da mesma cidade, trabalhando 22 semanas e recebendo em pagamento a quantia de 44$000.

PINTORES DE IMAGENS OU ESTOFADORES

JOSÉ CYRIACO XAVIER DE MENEZES.

Nasceu em 1785 e falleceu em 1870.

Teve nomeada em seu tempo, trabalhou para a exportação e deixou alguns trabalhos na igreja da Sé.

QUERINO ANTONIO DO ESPIRITO SANTO.

Falleceu em 1876, contando mais de 60 annos de idade.

Artista de grande nomeada, exportou quantidade enorme de trabalhos; encarnou as imagens, retocou e limpou o douramento do Convento de S. Francisco.

Era preferido nos trabalhos de camaras de embarcações. Quando falleceu, exercia as funcções de guarda roupa do theatro S. João.

JOÃO CHRYSOSTOMO DE QUEIROZ.

Falleceu a 6 de janeiro de 1878, em edade superior a 60 annos.

Foi uma vocação artistica bem pronunciada, operoso e fecundo na delicadeza e gosto de suas producções.

A Bahia ainda não possuiu um artista que offuscasse o nome glorioso de João Chrysostomo, no terreno de sua especialidade.

Trabalhou muito para a exportação e para innumeros freguezes, tal era a acceitação de que gozavam os seus productos artisticos.

Ensaiou-se na pintura em vidro, com resultado brilhante, sendo premiado, com medalha de ouro, em exposição do Lyceu de Artes e Officios.

Ainda existem trabalhos seus, em vidro, conservados como verdadeiras reliquias.

O professor de musica, Livino Argollo, e a familia de Joaquim Fonseca possuem duas dessas obras, pelas quaes já foram offerecidas avultadas quantias.

Conhecia as applicações scenographicas, de que fez uso, com grande exito, em festejos do Natal, pois era apaixonado, em extremo, pelos bailes pastoris, diversão que fez época na Bahia, e que vai desapparecendo.

Escreveu e poz em musica alguns desses bailes, que andam por ahi estropeados, notadamente *A Luz e Adonis*, nos quaes a castanhola e o pandeiro foram supprimidos; *Patuscada; A Noite; Dois coretos* (introducção de bailes pastoris); e duetto *O Fiscal e a Ganhadeira.*

Escreveu, finalmente, a musica dos conhecidos bailes: *Pagodista, Escravo Liberto e Hermano.*

ATHANASIO RODRIGUES SEIXAS.

Nasceu em 1836. Dotado de gosto especial pelo genero de arte que abraçou, produziu obras de verdadeiro merito.

Era o pintor predilecto dos trabalhos do eximio esculptor Baião.

Fôra artista consciencioso e de muito capricho na execução de suas obras. Como pintor de imagens e doirador a sua reputação é incontestavel.

Entre os seus numerosos trabalhos destacam-se:

No convento do Carmo: a *Padroeira*, *Santo Elias* e *Santo Eliseu*, todos de tamanho natural; na Ordem Terceira de S. Francisco: *Santo Ivo*, *S. Luiz*, rei de França, *Santa Isabel* e *S. Domingos;* no convento da Soledade: a *Padroeira*, *Santa Rita e Senhor de Mattosinhos;* no Seminario de Santa Thereza: *Nossa Senhora das Mercês; Senhora Sant'Anna,* no Pará; na Ordem Terceira de S. Domingos: *Nossa Senhora das Dores,* e o *Senhor do Bomfim*, do altar mór; na egreja da Candelaria, no Rio de Janeiro: *Senhora Sant'Anna,* de tamanho natural, tendo o bordado da capa e tunica levantado a betume, com pedras lapidadas, nos jasmins; na Ordem Terceira do Boqueirão: a *Padroeira;* na egreja do Senhor do Bomfim: o *Padroeiro*; na freguezia do Iguape: *Santiago* e *Nossa Senhora do Loreto;* na cidade de Aracajú: *Nossa Senhora da Conceição;* no engenho Santo Antonio, na Pojuca, o doiramento e mais pertences da capella, *Santo Antonio*, *Nossa Senhora das Mercês e Sant'Anna;* e uma infinidade de encommendas para o Estado e fóra delle.

Falleceu em março de 1909.

JOSÉ AGAPITO DE FREITAS.

Nasceu a 24 de março de 1824.

Fôra artista de grande merecimento e acceitação na sua especialidade. Fez o doiramento da matriz do Pilar, do Convento do Desterro, da matriz de Valença, do Convento da Soledade, da egreja de

Altar mór do Convento de S. Bento. — Bahia.

Senhor do Bomfim, e de diversas capellas particulares, como sejam, na Pojuca e Santo Amaro do Catú. Ainda exerce a profissão.

SEVERIANO ALVES DE SOUZA.

Um dos bons discipulos de João Chrysostomo, nasceu em 1838 e falleceu em 1886.

Foi artista de nomeada, trabalhou muito para a exportação, assim como para o Estado.

Entre os seus melhores trabalhos, destacam-se: doiramento das egrejas do Senhor dos Afflictos, Santo Antonio da Barra, Ordem Terceira de S. Francisco; doiramento e pintura das imagens de diversas capellas particulares. Tem, em Portugal, uma *Conceição*, de tamanho natural, obra importante.

GUSTAVO JORGE MANOEL DA PAIXÃO.

Nasceu a 28 de março de 1827. Teve noções de desenho, trabalhou para a exportação, encarnou todas as imagens da egreja matriz da cidade de Valença e fôra reputado decorador de predios.

Finou-se em 26 de Abril de 1910.

MELCHIADES JOSÉ GARCIA.

Nasceu em 1835, foi discipulo de Xavier de Menezes e estudou desenho na aula publica.

Seus trabalhos mais conhecidos são: restauração da pintura e doiramento dos altares de Santa Luzia, S. Caetano e Senhor dos Passos, no mosteiro de S. Bento; restauração, pintura e doirado

da egreja de Nossa Senhora dos Mares, quando elevada á freguezia; doiramento do altar-mór da Cathedral; doiramento e toda a pintura decorativa da egreja de S. Pedro dos Clerigos; doiramento das egrejas de Nossa Senhora do Rosario de João Pereira, Santa Casa da Misericordia, convento de S. Raymundo, tendo retocado a pintura da matriz de Nossa Senhora da Victoria. Continúa no exercicio da arte.

JOSÉ LAURO DE AZEVEDO.

Pintor, poeta satyrico, chimico e perfumista, nasceu em 1835 e falleceu em 1892.

Era de genio irascivel e mordaz. Uns 20 annos antes de morrer abandonou a pintura, dedicando-se ao galvanismo, concerto de objectos preciosos e fabricação de perfumarias. Compoz e publicou *As Bellezas da Bahia*, pamphleto em verso, só escapando da critica a classe artistica. Foi o autor de diversos preparados chimicos, como sejam: *Pó Chinez*, para dentes; *Verniz economico*, que encerra 14 substancias diversas, e é empregado no polimento de mobilias e serve para preservar o livro contra as traças. Collaborou em quasi todos os jornaes satyricos de seu tempo.

O notavel professor de chimica da Faculdade de Medicina, Dr. Rodrigues da Silva, teve occasião de dizer aos seus discipulos, referindo-se ao nosso biographado:

"Os senhores estudem direito, olhem que anda por ahi um artista, bom chimico pratico, bem preparado, intelligente e que nas horas vagas lê os *Martyres da Liberdade*."

Compoz e não deu á publicidade um romance intitulado *Meia noite na taverna.*

E' de sua lavra a seguinte oitava:

Mundo de infamia e torpeza
E' este mundo que habito;
Só vale nelle a riqueza,
Chore embora o pobre afflicto,
O trabalho sempre é mal pago,
O vicio vence o pudor,
A honra não tem valor,
Ter talento é ser maldito.

VICTORINO EDUARDO DE OLIVEIRA.

Nasceu em 1844 e teve por mestre a seu tio Francisco Pio de Mello.

Cerca de 20 annos dirigio a officina de encarnação, no Lyceu de Artes e Officios, encarrega-se de pintura decorativa de predios, sendo especialista em fingimento de pedra marmore. Doirou as matrizes da Conceição da Praia, da Sé, de Nossa Senhora da Purificação, na cidade de Santo Amaro, e de Nossa Senhora de Nazareth, na cidade do mesmo nome.

Ainda vive da arte.

EUCLIDES TELLES DA CRUZ.

Nasceu em 1848 e falleceu a 27 de agosto de 1904.

Foi o discipulo laureado de João Chrysostomo. Intelligente e caprichoso, o seu espirito lucido facilmente penetrava os segredos da arte. Não tinha tempo de satisfazer, promptamente, aos trabalhos que lhe eram encommendados, muito embora cercado de auxiliares.

De todas as obras executadas pelo esculptor Aurelio, Euclides Cruz era o encarnador.

Fez a pintura das imagens da Ordem Terceira de S. Domingos, capella-mór da Ordem Terceira do Carmo, matriz de Nossa Senhora de Nazareth, na cidade do mesmo nome, e Nossa Senhora da Guia, na egreja do Bomfim.

ANTONIO GENTIL DO AMOR DIVINO.

Um dos bons discipulos de João Chrysostomo. Nasceu em 1852 e falleceu a 28 de janeiro de 1894.

Grande exportador de imagens, os seus trabalhos eram bastante procurados e apreciados. Os mais conhecidos, são:

Nossa Senhora da Luz, padroeira do arrabalde da Pituba; *Nossa Senhora da Fé*, na matriz da Sé; *S. Miguel*, no interior do Estado; imagens nas egrejas da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosario da Baixa dos Sapateiros, Rua do Paço e Ordem Terceira de S. Francisco.

Obteve medalhas de prata e de ouro, em diversas exposições.

Em uma das exposições da Escola de Bellas-Artes, apresentou uma imagem, de 50 centimetros de altura, cuja pintura era tão importante que o professor Canysares avaliou-a em 4:000$000.

ERNESTO THEOTONIO DA SILVA.

Discipulo do grande João Chrysostomo, nasceu em 1854. Trabalha em pequenas encommendas, e para a exportação.

Confissionario, no Convento de S. Bento.

JOAQUIM GALDINO DE MATTOS.

Nasceu em 1854 e foi discipulo de João Chrysostomo. Estudou desenho no antigo Lyceu Provincial e, por muito tempo, foi o encarnador das obras do esculptor João Carlos do Sacramento. Tem numerosos trabalhos de exportação e encommendas, na Capital e no interior do Estado, entre outros os seguintes:

Nossa Senhora da Conceição e *S. Francisco*, no Rio de Janeiro; *S. Benedicto*, no Espirito Santo; *S. Miguel*, no interior do Estado; *Senhor do Bomfim*, na capella do mesmo nome; *Senhor da Redempção*, *Senhor Bom Jesus da Bonança e Guia*, na matriz dos Mares; a *Padroeira* e *S. José*, na matriz da Penha; *S. Gonçalo*, *Santo Antonio* e *Nossa Senhora da Boa Morte*, na igreja do Bomfim; *Senhor dos Martyrios*, *Nossa Senhora das Dores*, na igreja da Barroquinha; doiramento da igreja e pintura das imagens da capella do Rosario de Itapagipe; doiramento da igreja e pintura das imagens, na matriz da Villa do Tucano; doiramento e pintura da imagem do *Senhor dos Passos*, na matriz da Serrinha.

ANTONIO VALERIANO DOS SANTOS.

Nasceu em 1831 e falleceu em 1876. Manifestando pronunciado pendor para as applicações artisticas, muito moço ainda, deu provas de grande capacidade profissional, em diversos trabalhos que lhe foram confiados.

Conhecia o desenho de imitação e, iniciando-se na pintura de retratos, produziu alguns bem regu-

lares. Nas horas de lazer dedicava-se a trabalhos de esculptura (miniaturas).

Na egreja matriz de Santo Antonio Além do Carmo existe uma téla, de sua execução, representando o baptismo. Deixou tambem bôa cópia de pinturas de imagens, trabalho, em que se tornou especialista. Viveu e morreu ignorado dos contemporaneos, perseguido por uma pobresa insubmissa.

PINTURA DECORATIVA DE PREDIOS

MANOEL DO CARMO E SILVA.

Nasceu em 1813 e falleceu em 1888.

Tomou parte na revolução de 1837, adoptando o cognome de—Campo Alegre.

Conhecia rudimentos de desenho, encarregava-se de trabalhos de pintura decorativa de predios e era especialista em fingimento de madeira e pedra marmore, e sem contestação, constituiu-se, no seu tempo, o mais abalisado nesse genero de pintura. Cultivou a paysagem com algum resultado.

MANOEL VAZ DA COSTA.

Nasceu em 1831 e falleceu em 1902.

Foi, sem contestação, o chefe da escola de pintura decorativa de seu tempo.

A principio, conhecia pouco o desenho figurado assim como o geometrico.

Bastante intelligente e applicado, conseguiu aperfeiçoar-se no desenho com o professor Canysares, na Escola de Bellas-Artes.

Estudou decoração com o pintor francez Carlos, que produzio a melhor decoração que a Bahia

possue, no Palacete «Visconde de Passé», hoje *Diario da Bahia,* para receber D. Pedro II, em 1859. Esse trabalho decorativo é de grande importancia; tectos de real belleza, paredes ricamente ornamentadas, de uma symetria irreprehensivel e combinações de côres magnificas.

Cultivou tambem a photographia, com bastante exito. Era geralmente estimado e gozou de inteira confiança das pessoas para as quaes trabalhou.

BELLARMINO ALVES DE SOUZA.

Nasceu em 1830 e falleceu em 1876. Bastante applicado, tornou-se conhecido como estofador e depois, dedicando-se á pintura decorativa de predios, firmou reputação de bom artista, principalmente em trabalhos de paysagem. Foi por alguns annos auxiliar do pintor de imagens e dourador, Quirino Antonio do Espirito Santo.

PEDRO JOSÉ DA ROCHA.

Nasceu a 26 de abril de 1853 e falleceu a 16 de junho de 1889.

Estudou desenho com seu pae, Macario José da Rocha, e dedicou-se á pintura decorativa de predios.

Deixou diversos trabalhos de paysagens; uma téla, representando *S. Christovam apagando um incendio;* a pintura do tecto do convento dos Humildes, em Santo Amaro, e outros na Capital, Feira de Sant'Anna, etc.

Era reputado artista regular.

PINTURA

PERIODO SEGUNDO

> As artes dão fama e gloria ao paiz, servindo á sua historia, amenisando seus costumes, despertando nobres estimulos, encantando a vida humana e contribuindo para a educação popular.
>
> Dr. Arestides Milton.

E' fóra de duvida que artistas e obras d'arte nunca lograram, em nosso meio, a consideração devida, salvo, trazendo do extrangeiro a recommendação e o apreço, caso em que ha simulacro de importancia, admittindo, ainda assim, excepções, talvez por que factos de maior *relevancia* absorvem o tempo dos que prestariam assignalados serviços, occupando-se de assumptos relativos á grandeza da arte.

Em geral, o facto é este: admira-se a um bom trabalho artistico; dispensa-se ao seu autor os maiores elogios e louvores; e isso não passa de uma circumstancia toda occasional.

Depois, o artista e a sua obra passam despercebidos.

O distincto bahiano Franco Velasco, por seus dotes intellectuaes e moraes, muito contribuiu para

o desenvolvimento da pintura, na Bahia, revelando-se verdadeiro enthusiasta e continuador da obra meritoria de seu inolvidavel mestre, José Joaquim da Rocha. Entretanto, o grande artista José Theophilo de Jesus, embora houvesse estudado com o referido mestre, e a expensas deste fosse aperfeiçoar os seus conhecimentos na Europa, naturalmente com o fim de continuar a missão de iniciar a mocidade bahiana nos segredos da pintura, desvirtuou-lhe a memoria, trahiu-lhe o pensamento, creando a escola do egoismo, a tenda do monopolio, occultando todo o seu saber, de modo que na sua longa existencia de quasi 90 annos, não deixou, siquer, um discipulo que lhe tivesse aproveitado as lições.

Com a morte de Velasco, foi a mocidade quem primeiramente experimentou os desastrados effeitos da decadencia da arte. Os poderes publicos, sempre armados de indifferentismo condemnavel, não tinham o menor interesse pelo que dizia respeito á instrucção.

Mereciam-lhes especial cuidado a lavoura e a politica.

Uma dava-lhes as enormes vantagens do trafico; a outra o poderio, como satisfação da vaidade. Era o grande labor que absorvia todo o tempo aos poderosos da terra. A obrigação que têm os poderes publicos de tornar uma realidade a acção moralisadora do trabalho artistico, como parte integrante da grandeza nacional, nunca logrou as horas de uma preoccupação séria e efficaz.

Desl'arte, a juventude estudiosa da Bahia, cuja inclinação e cultivo das artes são manifestamente

conhecidos, vio-se preterida de instruir-se, á falta de elementos.

Os talentos reaes tão esquecidos, quanto vulgares, entre nós, representam essa falta absoluta de patriotismo, essa indifferença criminosa que se tem evidenciado contra a grandeza nacional; isto e alguma cousa mais exprimem a ausencia de progresso, a falta de altruismo, a decadencia do nosso meio artistico.

Quantas vocações vivem por ahi esquecidas e torturadas pela miseria, á mingua de protecção e á falta desse apoio benefico com que sóem se recommendar os governos bem intencionados e patrioticos, e que sabem elevar-se á altura da suprema missão que lhes foi confiada, tendo por fito a prosperidade e a grandeza da nação?

Por sua vez, os artistas, obscuros e esquecidos, não ensinavam o pouco que sabiam, resultando dahi a completa decadencia do ensino do desenho.

O filho do povo frequentava quatro e seis annos o curso publico de desenho, sem o menor resultado ou proveito; desenhava o corpo humano com medida de compasso, como se tratasse da demonstração de um theorema de geometria. Fizeram do desenho um objecto de luxo e não uma necessidade artistica.

Por longos annos, predominou essa perversidade, e os copistas se degladiavam; cada qual se julgava mais competente. Dahi a rivalidade em que viviam. As condições precarias em que se encontram a Escola de Bellas-Artes e o Lyceu de Artes e Officios são provas eloquentes, esmagadoras

mesmo, do nenhum apreço que dos poderes publicos merecem instituições dessa natureza.

De vez em quando, em um ou outro movimento isolado, parecia que o governo, compenetrado de seu dever administrativo, em proveito do progresso intellectual e material da Bahia, tentava dar mostras de seus intuitos.

Pura illusão: tudo derivava da iniciativa particular. Em 1831, o professor João Honorato Francisco Regis dava á estampa os estatutos para formação de uma Academia de Musica; em 16 de abril de 1845, Ambrozio Ronzi apresentava a idéa da creação de uma escola de declamação.

Em 1834, começou a funccionar a cadeira de geometria e de mecanica, no extincto Arsenal de Marinha, sendo nomeado lente o brigadeiro Manoel Ferreira de Araujo.

Em janeiro de 1841, Paul Geslim, pintor de historia da Academia de Pariz, já conhecido nesta Capital por diversos trabalhos produzidos, prevenia ao publico, pela imprensa, de que abrira um curso de desenho e pintura ensinando, por methodo facil, aos principiantes. Ainda assim, não se abalou a fibra governamental. A' proporção que a iniciativa particular se ostentava, o governo, em vez de animal-a, retrahia-se.

Em 1845, existia, á Praça de Palacio, o estabelecimento de Bellas-Artes, de Luiz Antonio Dias, onde se ensinava um systema completo de ceroplastica, ou seja imitar ao natural, com a maxima similhança, qualquer objecto: desenho e pintura oriental e mais de doze ramos differentes.

Em 1846, o habil artista José Pereira da Silva

Cadeira do Padre Antonio Vieira no Seminario. — Bahia.

Lobo, se offerecera para ensinar musica nas escolas primarias. O Conselho de Instrucção, porém, entendeu que deveria ser preferido o ensino, na Escola Normal.

Corria o anno de 1856, quando, a 18 de maio, o dr. Antonio José Alves, bastante conhecido pela distincção de seus estudos scientificos e literarios, reunia, no edificio onde funcciona hoje a Escola de Bellas-Artes, então residencia do Cons. Jonathas Abbott, um grupo de bem intencionados homens de letras; e ahi fundaram a *Sociedade de Bellas-Artes*, com o objectivo de despertar o gosto pelas manifestações liberaes, dotando a antiga provincia de gabinetes peculiares a cada uma dellas, elevando moralmente a classe dos artistas, e, ao mesmo tempo, offerecendo ao publico exposições annuaes, em que a utilidade se reunisse ao deleite do espirito, ás fascinações do bello. Os serviços da formosa instituição foram fecundos e do maior proveito, por estarem alliados á abnegação de uns e ao patriotismo de outros, o que, naquella epoca, representava um movimento de valor, no desenvolvimento moral da communhão.

O artigo 15º de seus estatutos estabelecia:

«No dia 2 de Julho a sociedade fará apresentar sempre um quadro relativo á independencia do Brazil e abrirá as suas galerias ao publico, até o dia 4, no qual dará grande concerto.»

Para satisfação do estabelecido, o secretario da corporação, dr. João José Barbosa d'Oliveira, em junho do mesmo anno, concitava pela imprensa, aos artistas pintores a que se propuzessem á execução de um quadro historico, relativo ao assumpto, de-

clarando que o conselho directorio offerecia a quantia de 200$000 ao trabalho melhor inspirado, segundo o julgamento.

A *Sociedade Dois de Julho*, encarregada de solennisar os feitos da Independencia, enthusiasticamente deliberava figurar no capitulo primeiro de sua despeza a consignação de 200$000, como auxilio ao premio que fosse offerecido ao artista mais distincto.

Para esse fim expediu a seguinte circular:

«Illm. Sr.—Tendo a Bahia, pelo grão de civilisação em que se acha, incontestavel direito de possuir uma sociedade de Bellas-Artes, convidamos a V. S. para que se digne tomar parte na instituição, que se vae organizar no domingo, 18 de maio do corrente, ao meio dia, na casa do conselheiro Dr. Jonathas Abbott, á ladeira do Caminho Novo do Gravatá.

Somos de V. S. veneradores e criados—Dr. *Jonathas Abbott*.—Dr. *Antonio José Alves*.» (1)

Quanto estimulo para o futuro?

Mais tarde, a *Sociedade de Bellas Artes* convidou as pessoas que quizessem vender quadros, esboços, desenhos, gravuras ou outras quaesquer peças de arte, para organização de sua bibliotheca.

Ao mesmo tempo que cuidava de um assumpto,

---

(1) A casa indicada para reunião, como que foi predestinada a um só fim: ahi residio o dr. Jonathas, que possuia excellente collecção de obras de arte; ahi fundou-se a Sociedade de Bellas Artes; o Dr. Guilherme Rebello ahi estabeleceu casa de educação; installou-se ahi a Escola Normal; provisoriamente funccionou uma das aulas da Escola de Medicina. Actualmente, ahi têm a sua séde a Escola de Bellas-Artes, o Archivo Publico e duas escolas municipaes do districto da Sé.

não descurava de outro; por isso, em petição dirigida ao governo geral, solicitava:

«Tão sómente em ser-nos permittido levantar sobre a casa dos antigos jesuitas, hoje occupada pela escola de medicina, um andar novo, abrangendo as varias salas possiveis ahi, e necessarias ás Bellas-Artes.»

O illustre Barão de Pirajá, cuja nobreza não implicava com a pureza dos mais invejaveis sentimentos, cedeu os salões do seu sumptuoso solar, o edificio em que actualmente funcciona o *Lyceu de Artes e Officios*, para a *Sociedadade de Bellas-Astes* realisar os seus pomposos concertos, nos dias 2 e 4 de Julho.

Era o culto jubiloso das artes solennisando a victoria da liberdade.

Pois bem: o poder publico, assignalo com aprazimento, nunca cessou de contribuir com o seu auxilio para o brilho e esplendor de tão nobre commettimento.

A assembléa provincial, por morte do professor de musica do *Lyceu,* entregou o ensino dessa disciplina á dita sociedade, responsabilisando-se o governo pelo pagamento das despezas necessarias.

Fez mais: em um orçamento chegou mesmo a votar o credito de 10:000$000 para a construcção de um palacio das Bellas-Artes.

Donde se vê que, naquella época, os homens a quem se commettiam as grandes responsabilidades da administração publica, compenetrados dos deveres de promoverem a felicidade do povo, não olvidaram a grande influencia das artes na civilisação.

A direcção da *Sociedade de Bellas-Artes*, era, então, assim constituida:

Cons. Dr. Jonathas Abbott, presidente; Dr. João José Barbosa de Oliveira, presidente do Conselho; Dr. Antonio José Alves, secretario; Dr. Francisco Muniz, thezoureiro; Dr. Agrario de Souza Menezes, vogal; Guilherme Baldoino Embirussú Camacan, idem; José Rodrigues Nunes. idem; Paulo F. de Bittencourt, idem.

De 1841 a 1870, a Bahia, com uma receita orçamentaria que oscillava de 900 a 2000 contos de réis. subvencionou a diversos filhos seus, para, no Velho Mundo, se aperfeiçoarem no estudo de diversas especialidades, como fossem:

Francisco Primo de Souza Aguiar, José Marcellino Moreira Sampaio e Baldoino José de Araujo Lima, em engenharia civil;

Manoel Joaquim de Souza Britto, em abertura de canaes e construcções de pontes e calçadas;

Joaquim Antonio Moitinho, em chimica industrial e fabrico do assucar;

Francisco Rodrigues Nunes, em pintura;

João Amado Coutinho Barata e Pedro Alves da Silva, em musica;

Francisco Moniz Barretto Filho, em musica e pintura;

Francisco d'Azevedo Monteiro Caminhoá, em architectura civil.

Todos elles corresponderam admiravelmente aos sacrificios da patria, onde se fizeram admirar na manifestação dos conhecimentos adquiridos, no velho mundo.

No governo republicano, a Bahia tem-se des-

Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia. — Bahia.

curado, criminosamente, de promover o desenvolvimento das artes. Já não é aquelle torrão glorioso: de quem dizia o dr. J. M. de Macedo, em 1873, «No Brasil, a Bahia é como a primeira filha do governo colonisador e como a primeira mãe da colonisação, do progresso e do futuro.»

Chegou a perder, infelizmente, o que ha poucos annos lhe outorgava o grande Brasileiro que se chamou Joaquim Nabuco, quando disse:

« A Bahia, provincia que, durante mais de uma geração, póde ser chamada a Virginia Brasileira, porque será a mãe dos nossos principaes estadistas, como a Virginia foi para os Estados-Unidos a mãe dos presidentes».

Pois bem: foi tudo isso; hoje, humilhada e sem valor, quebrados os florões de sua antiga nobreza, limita-se a acompanhar farranchos politicos, sem representantes, ludibriada, por ingratidão de seus filhos. Presciliano Silva viu fecharem-se as portas do seu futuro, com o veto governamental á modesta subvenção concedida pelo congresso estadual, afim de concluir os seus estudos de pintura no estrangeiro.

Nos trabalhos desse artista já se nota, visivelmente, a vocação expressa pelo sentimento; resente-se, porém, do vigor de execução, que lhe dará a persistencia no trabalho.

Por isso mesmo é que se torna necessario ajudal-o, para que um dia venha a preencher os claros ou occupar o logar de José Theophilo de Jesus, Franco Velasco e tantos outros, que fizeram a grandeza, a gloria artistica da Bahia.

Si com a morte de Franco Velasco não se extinguiu completamente o ensino do desenho, este tambem não progrediu; e os seus continuadores não corresponderam á confiança esperada, nem satisfizeram ás necessidades da época.

Propositadamente, suffocavam as aspirações da mocidade, como que receando competidores; e, por isso, o maior esforço não excedia ás raias do copista.

Era desanimador o estado das artes, entre nós, quando um patriota de alto merecimento intellectual, o Dr. Antonio Alvares da Silva, oppositor da Faculdade de Medicina, no empenho de amparar as vocações artisticas da mocidade, apresentou o seguinte projecto de lei, publicado no *Diario da Bahia*, de 17 de março de 1864:

A Assembléa Legislativa Providencial resolve:

Art. 1.º Fica desde já o governo autorizado a crear, nesta cidade, uma escola de artes e officios.

Art. 2.º O ensino durará quatro annos e será dividido em theorico e pratico, do modo seguinte:

§ 1.º Arithmetica, lingua franceza, geometria e trigonometria formarão o primeiro anno escolar.

§ 2.º Mecanica, physica e chimica, desenho de ornamentação, e principios do linear, o segundo anno.

§ 3.º Mecanica industrial, desenho linear applicado ás artes de construcção, physica e chimica industriaes, no terceiro anno.

§ 4.º O ultimo anno será consagrado á tecnologia pratica, nas officinas e laboratorios do estabelecimento.

Art. 3.º O professor de mecanica e de desenho, actualmente empregado no Lyceu, passará no mesmo caracter a funcionar na escola de artes e officios.

Art. 4.º Os professores e director da escola de artes e officios gozarão da categoria e vencimentos iguaes aos dos actuaes do Lyceu.

Art. 5.º Fica o governo autorizado a contractar, dentro ou fóra do paiz mestres de officinas por espaço nunca maior de seis annos.

Art. 6.º Fica o governo autorisado a despender a quantia que entender necessaria com o estabelecimento, com as officinas que mais applicação e utilidade tragam desde já ao paiz.

Art. 7.º O governo fica autorisado a formular o regulamento desta escola, abrindo uma contribuição annual para cada alumno, mas tão modica, que seja de alcance a todas as classes da sociedade.

Art. 8.º Revogam-se as disposições em contrario.—Bahia e sala da Assembléa Providencial, 16 de março de 1864.—*Alvares da Silva.—Marianni.—Garcez dos Santos.—Boaventura.—G. Bulcão.—Almeida Couto.—Carvalho Menezes.—Rodrigo Octavio.—Ramiro Affonso.—Gustavo de Sá.—Rodrigues Seixas.—Silva Reis.*

Apezar do numero de assignaturas, no projecto, o que demonstra a boa vontade de alguns representantes do povo, não foi possivel vingar a idéa que, combatida, foi afinal rejeitada.

Em 1874, em plena sessão solemne de anniversario do Lyceu de Artes e Officios, no predio á rua Chile (1), que faz esquina para rua das Vassouras, o Dr. Luiz Alvares dos Santos estigmatisava os deputados que haviam votado contra o projecto da creação da Escola de Artes e Officios, e desculpava-se de haver concorrido para isso. Eis sinão quando entra o Dr. Aristides Cesar Spinola Zama que, da escada do edificio, deu um não apoiado, e entrando na sala das sessões pediu a palavra, defendeu-se da accusação de seu collega, e mais tarde procedeu correctamente, fazendo, como presidente da Assembléa, com que a Escola de Bellas Artes obtivesse a primeira subvenção.

Em 1871, diversos artistas e operarios desta cidade, julgando demasiado estreitos os moldes de

(1) Sobrado por cima da Pastelaria "Passo da Patria".

acção em que estavam assentadas as sociedades Montepio dos Artifices e Montepio dos Artistas, e, desejando ampliar os horisontes da classe, começaram de cogitar os meios de levar a effeito a creação de um estabelecimento de ensino profissional, theorico e pratico, que não só proporcionasse a instrucção, mas tambem, de futuro, por meio de beneficencia, garantisse a invalidez dos socios e amparasse suas familias.

Procuraram o Sr. João da Silva Romão, homem de letras e descendente de uma familia de artistas distinctos, que, desde então tornou-se a a alma do movimento. Elaborou elle os estatutos que foram apresentados pela commissão nomeada pelo presidente da Provincia, o desembargador João de Araujo Freitas Henriques, em 9 de março de 1872. Estavam as cousas neste pé, quando, a 27 de março desse anno, chegou a esta capital o Sr. D. Pedro II, vindo da Europa.

O presidente da Provincia, desembargador Freitas Henriques, em conversa com o monarcha, dando conta dos actos de sua administração, este lhe perguntou: *Por que não creou um estabelecimento para a instrucção dos artistas?*

Então o presidente, unindo o util ao agradavel, apressou o movimento; e, por acto de 31 de maio do mesmo anno, nomeou commissões, nas freguezias da capital, compostas de homens do trabalho, para angariarem socios, afim de fundar-se tão util estabelecimento.

A boa vontade desenvolvida pelo desembargador Freitas Henriques, auxiliando a tenacidade de João da Silva Romão, deu em resultado

que a 20 de outubro de 1872, no Palacio do Governo, ao meio-dia, depois de uma ouverture executada pela musica do Corpo de Policia, o delegado do Governo Imperial, Dr. Joaquim Pires Machado Portella, assumindo a presidencia da reunião, convidasse para secretarios a João da Silva Romão e a Manoel Emygdio Vanique, e declarasse installada a sociedade Lyceu de Artes e Officios, ouvindo-se, em seguida, o Hymno Nacional.

O desembargador Freitas Henriques, com a palavra, disse: *Considero-me feliz por ver que se realiza a mais nobre ideia de minha administração.*

Por ultimo, o incansavel batalhador da grandeza artistica, João da Silva Romão, de saudosa memoria, cheio de enthusiasmo, recitou o seguinte discurso:

« Meus senhores:

A luz que, ao travez da nuvem, estremece na estrella, irradia de seus raios de prata o céo e a plantinha do valle, que exhala, como reconhecida, o perfume. Do fogo ou granito em braza posto pelo Creador em movimento sobre sua ellipse, porventura desabrochou o planeta que habitamos.

A terra, em principio, féto, vomitando enxofre, ennegrecida de sombras de acido carbonico com vegetação desmesurada, recalcada pelas patas de monstros medonhos, do masthodonte, do hipopotamo, como o tem provado o sabio Cuvier na perscrutação da natureza, hoje, porém, formosa e rica, cheia de luz e de perfumes, de bosques, de fructos e de animaes, com thesouros em seu seio, o ferro, o carvão de pedra, a agua e o marmore, com todas as poesias do céo, recamada de flores e de perolas, e linda e bella como uma sultana, tendo em sua face de rosas sorrisos para a humanidade inteira, vassalla e ao mesmo tempo proclama o homem soberano de seus direitos indestructiveis e sagrados como os seus.

O homem, proprietario ao nascer, feito operario de sua propria civilisação, de pé, com a fronte illuminada pela luz que vem lá do alto, luctando, ha 4.000 annos para ter assento igual na

mesa de seus irmãos, como conviva, sente ao clarão assombroso do seculo XIX d'ssipada de uma vez para sempre, como o cháos do planeta em féto, o primeiro somno da ignorancia que o manietara por tanto tempo, e, como milagre visivel de Deus, surgiu seu genio, aguia acima das nuvens.

A razão triumphadora nos quatro pontos da terra conserva a triste recordação do sangrento sudario que foi a mortalha da humanidade architypada na sacrosanta pessoa do Christo.

Cruzada de uma Palestina, as suas armas são: o livro, o compasso, a linha, a pedra architecturada, a colher do pedreiro, a serra do carapina, o machado do constructor e a bigorna, em uma palavra, a machina, alavanca aperfeiçoada, que dispensa o braço do escravo como instrumento do trabalho intelligente e util.

A mythologia refere que Prometheu, por querer roubar uma faisca dos raios de Jupiter, fôra acorrentado aos quatro membros sobre um rochedo do inferno, e um abutre corroia-lhe as entranhas como requinte de vingança do Empireo.

A razão, alma entranhada no planeta, anathematisa o deus retrogrado, prega a lei do trabalho como condição do progresso, e como hymno; estrophe sublime falando a todos os corações— solta um grito de fraternização universal.

Deus está ahi. Vêde a Europa na sua ultima ousadia, despedaçando o isthmo de Suez.

Não ha mais fronteiras. Os povos de todos os climas apertam as mãos.

A America une o Atlantico ao mar Pacifico, pelo caminho de ferro.

Ao braço do operario são devidas todas essas maravilhas; o engenheiro civil é o seu cerebro.

A França, para quem estão volvidos todos os olhos, recolhida no manto glorioso de sua grandeza, apezar de Sedan, discute em Versailles a necessidade de illustrar seus filhos.

Gambetta, verbo da revolução e publicista, quer luzes para todas as mentes.

O estudo, de feito, produz a meditação, assim como o trabalho, a riqueza.

O *panem et circenses* dos Cesares cahiu por machiavelico e hypocrita.

A phrase de Gladstone: O seculo XIX é o seculo dos artistas, é antes, uma homenagem ao trabalho, que um aviso de alarma. Entre nós o que se passa ?

O solo começa a ser sulcado pelo rapido vôo da locomotiva.

A' estatua offerecida no Rio de Janeiro ao primeiro cidadão, elle oppõe as escolas para o povo.

E devo registrar aqui tambem como uma palavra de reconhecimento das classes operarias, que ao honesto e bem intencionado cavalheiro que, me honra com sua estima, o Sr. Desembargador Freitas Henriques, deve a Bahia a grande idéa de um Lyceu de Artes e Officios; por seu acto de 9 de março deste anno foi nomeada a commissão de confecção dos respectivos estatutos.

No domingo passado, na reunião para a qual foram chamados aqui em Palacio, pela magnanimidade e dedicação do illustre cidadão que vos está presidindo, os operarios, artifices de todas as civilisações, os homens que se irmanam com o povo nos seus soffrimentos e na sua ventura pela sympathia; ou falando da grandeza e vantagens de tão util instituto, disse que sentia e via mesmo surgir por sobre o horisonte um futuro dourado.

Quem me vibrou n'alma tamanha confiança, senhores, foi o honrado administrador da provincia, cuja mão generosa senti levantada apontando-nos o Lyceu de Artes e Officios que vae installado, coroado de estrellas deslumbrantes, sobre vossas cabeças e de vossos filhos... Avante!

Entremos nesse templo do trabalho com admiração e doce enthusiasmo em nossas almas.

Niveis, manometros, marmores feridos pelos cinzel, tintas de cores da aurora, sulfato de cal, pesos e medidas do systema metrico, cylindros quasi acabados de uma locomovel Ransone, nas mãos de um estatuario, uma Conceição de Murillo, molduras de jacarandá, instrumentos de musica, orgãos a exhalarem suspiros, como uma saudade religiosa, um busto Watt, compendios de geographia do illustre Sr. Thomaz Pompeu, um livro da Exposição de Paris, de 1867, Euclides, Algebra do Sr. Ottoni; Atlas, estampas de desenho em moldura de ouro; o retrato do primeiro esculptor do Brazil, o nonagenario Manoel Ignacio da Costa, autor da imagem de S. Pedro de Alcantara, da egreja de S. Francisco desta cidade, um quadro representando o Visconde de Cayrú, pedindo a El-rei D. João VI a abertura dos portos do Brazil, em 1808.

Em nenhuma das galerias que procuramos, na medida de nossos mais ardentes desejos, encontrámos espectros de guerras de sangue vomitando a morte, nem crateras, cheiro de cadaveres, fumo e cinzas de Percepolis; mas a luz, a harmonia, a vida, milagres de arte, encantos da felicidade que nos espera, o futuro dourado de vossos filhos e da Patria.

De pé e descobertos.

No atrio, vêde, deste Pantheon, a mão delicada do mais querido filho da arte, gravou esta legenda: *Aqui nasce toda a esperança!!!*
Bahia, 20 de outubro de 1872 (3).—*João da Silva Romão.*

No dia 3 de novembro, procedeu-se á eleição sob a presidencia provisoria de Romão, cujo resultado foi: desembargador Freitas Henriques, presidente; João da Silva Romão, vice-presidente; Manoel Emygdio Vanique, 1.º secretario. Tendo de retirar-se para a côrte o presidente, por ter sido eleito deputado geral, ficou dirigindo os trabalhos da sociedade o vice-presidente que, fallecendo em 31 de janeiro de 1873, passou o primeiro secretario Vanique a exercer as funcções, de cuja dedicação e zelo deixou exuberantes provas.

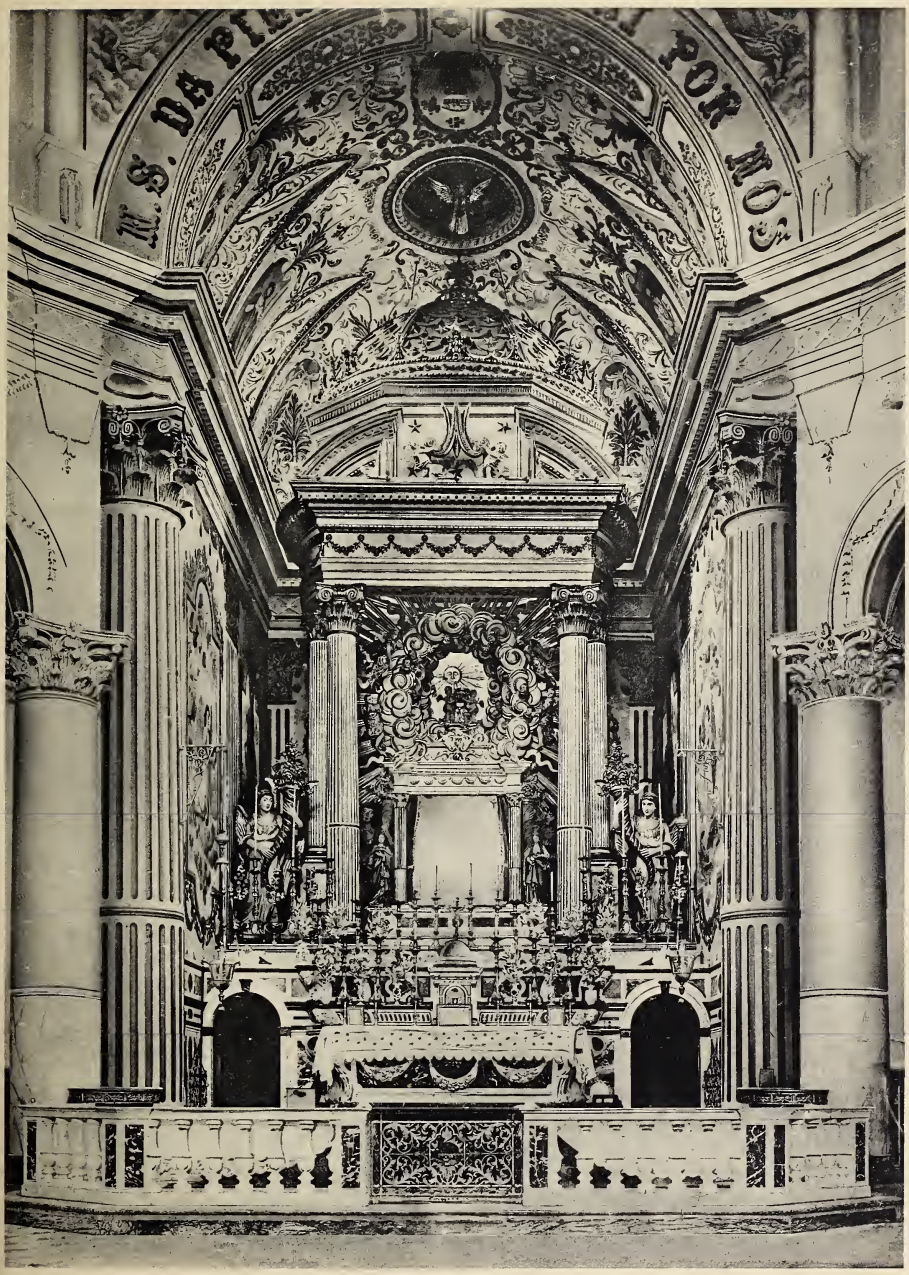
Começaram a funccionar sete aulas diurnas e cinco nocturnas, com professores gratuitos, com 146 alumnos, sendo destes 15 socios, inclusive cinco directores, que davam exemplo de amor ao estudo e documento vivo da utilidade da instituição. No primeiro anno da fundação do Lyceu, de 1872 a 1873, a abertura das aulas effectuou-se no dia 3 de maio, coincidindo com o mez da abertura da exposição de Vienna d'Austria, onde figuraram, entre

---

(3) Muito embora, no discurso acima, seu autor engrinaldasse a fronte do desembargador Freitas Henriques, com os louros do maior serviço prestado á fundação do Lyceu, manda a justiça que fique aqui consignado que, sem regatear benemerencia ao referido desembargador, cabe ao Sr. João da Silva Romão, a maior somma de bons serviços, tornando-se necessario que o Lyceu perpetue o seu agradecimento á memoria daquelle que não mediu sacrificios para bem servil-a, assim como de muitos outros artistas que fizeram jus á gratidão do Lyceu.

Não fique tambem no olvido o nome do Dr. Antonio Alvares da Silva, o primeiro que se lembrou de crear uma escola de Artes e Officios, com o seu projecto de 1864.

O autor destas linhas, em 1896, propoz e foi approvado em assembléa geral, que a direção do Lyceu collocasse em seu salão de honra o retrato do referido doutor. Esta disposição até hoje ainda não foi cumprida.



Altar mór do Hospicio de Nossa Senhora da Piedade. — Bahia.

os productos do Brazil, alguns artefactos preciosos de artistas bahianos, inclusive o *Multiforme*, importante peça de marcenaria, que se desdobra em dezenove objectos differentes, producção do extincto mestre de officina da Casa de Prisão com trabalho, desta capital, José Polibio da Rocha, cujo movel se acha no Palacio do Vaticano, em Roma. De 1873 a 1874, o maior esforço era empregado na compra de um edificio para as aulas e officinas.

De 1874 a 1875, effectuou-se a compra da casa onde funcciona a sociedade, por 40:000$000, visto seu proprietario, Barão de Pirajá, ter cedido 5:000$000 em favor do Lyceu.

Para este emprehendimento muito favoreceu o benemerito conselheiro Dr. João Alfredo Correia de Oliveira que, como Ministro do Imperio, mandou entregar á Sociedade a quantia de 26:000$000 que fôra offerecida á instrucção publica, por dous titulares. Augmentou o numero de matriculas e bem assim o de professores. Em 1875, registou-se a primeira exposição do Lyceu de Artes, fundou-se a galeria « Gavazza », e cunharam-se medalhas para os premiados pelo jury da exposição.

Abriram-se as prelecções populares, sendo oradores os doutores José de Góes Siqueira, Luiz Alvares dos Santos, Rodrigues da Silva, Filgueiras Sobrinho, etc.

Em fevereiro de 1876, abrigava-se nesta Capital, por ter noticias de que no Rio de Janeiro, para onde se dirigia, estava grassando a febre amarella, o professor Canysares, natural de Valencia, na Hespanha. Estabeleceu-se á Estrada

Nova, hoje rua Dr. Seabra, e ahi fez pequena exposição de seus quadros que prenderam a attenção do publico apreciador de bellezas artisticas.

Em sessão do directorio do Lyceu de Artes, de 18 de maio do mesmo anno, foi lido um officio do professor Canysares, offerecendo-se para leccionar o curso superior de desenho, no estabelecimento, cuja aula começou a funccionar no dia 28 do dito mez e anno. O *Diario da Bahia*, de 14 de maio de 1876, referindo-se ao facto disse o seguinte:

«Acaba de offerecer-se para leccionar pintura no Lyceu de Artes e Officios, dispensando qualquer remuneração, o celebre professor de pintura, Sr. Miguel Navarro y Canysares que, em viagem para o Rio de Janeiro, se demorará algum tempo entre nós. Filho de uma familia muito distincta da Espanha, membro de numerosas sociedades conhecidas, percorreu o distincto professor a Europa, demorando-se em Roma oito annos, e America por onde conquistou renome, como bem o comprovam os jornaes das capitaes que visitou e as distincções honorificas que lhe foram conferidas.

Tivemos o prazer de apreciar alguns trabalhos do Sr. Canysares e não podemos deixar de confessar que fazem honra aos mais habeis pinceis. O publico poderá visitar a casa de residencia do digno professor, á Estrada Nova, junto ao Largo de S. Miguel, onde se acham expostos alguns dos seus admiraveis quadros.

Aos artistas desta Capital, que maior numero aspiram pelas lições dos mestres que a Europa só proporciona aos que a visitam, é occasião summamente vantajosa de adquirirem das habilitações do professor Canysares um estimulo e, talvez, os aperfeiçoamentos que por falta de escola não dão a muitos logar distincto entre os artistas celebres, mesmo europeus.

O Lyceu de Artes e Officios, muito penhorado pelo offerecimento generoso que lhe foi feito, agradeceu ao Sr. Canysares e vae convidar a todos que se queiram utilisar das suas lições».

No Lyceu, o professor Canysares estabeleceu as gradações do ensino, e foi uma realidade o que ahi se aprendeu.

Em relação ao assumpto, disse o venerando

desembargador João Antonio de Araujo Freitas Henriques, em seu relatorio, apresentado em 20 de outubro de 1876, na qualidade de presidente da direcção do Lyceu de Artes:

«Em 28 de maio, o directorio, tomando na devida consideração o offerecimento feito pelo Sr. Professor Miguel Navarro y Canysares para fundar, neste Lyceu, um curso superior de pintura, calculando mesmo quanto poderia lucrar a nossa sociedade com a acquisição de tão distincto professor, que, á qualidade de artista privilegiado reune bastante intelligencia, illustração e criterio, resolveu acceitar o referido offerecimento e convidal-o a occupar uma parte do andar superior deste predio e ali montar suas aulas.

Effectivamente, o Sr. Canysares se acha ali installado; muitos de seus trabalhos hontam a galeria do nosso Lyceu; as suas aulas funccionam todos os dias; são poucos os seus alumnos, mas, póde-se dizer, sem receio de errar, que cada um destes poderá, em pouco tempo, exceder a muitos que se intitulam mestres; taes são os conhecimentos profundos de que dispõe o illustre professor e o seu excellente methodo de ensino.

Estamos, pois, convencidos de que foi uma excellente acquisição, e que só teremos motivos de nos felicitarmos por semelhante resolução.»

Caminhavam as cousas regularmente, quando, em consequencia do ajuste de um retrato de D. Pedro II, mandado fazer pela direcção do Lyceu, resultou a retirada do professor Canysares em principios de dezembro de 1877.

Com seus alumnos e auxiliado pelos Drs. Virgilio Damasio, José Allioni e professor Austricliano Coelho, e sob os auspicios do benemerito protector das artes, o hontado desembargador Henrique Pereira de Lucena, depois Barão de Lucena, procuraram crear um estabelecimento artistico, com o nome de Academia de Bellas Artes.

A folha official da época, publicou o seguinte:

« Aos Srs. Miguel Navarro y Canysares e outros, ex-professores de desenho do Lyceu de Artes e Officios, foi dirigido em 10 de novembro findo (1877), o seguinte officio: Devolvendo o projecto de estatutos da Academia de Bellas-Artes, que Vms. pretendem fundar nesta cidade, declaro-lhes que, attendendo a que a idéa da installação da mesma Academia é um acto de patriotismo e de interesse pelo progresso das artes nesta provincia, por Vms. praticado, o qual partindo da iniciativa individual merece por isso todo o apoio e protecção do governo, podem fazer a installação da referida Academia no edificio de que fez o governo acquisição para as escolas do Curato da Sé, e nelle funccionar até que se dê principio ás obras que tem de ser executadas para adaptal-o ao fim a que está destinado.»

De facto, a 17 de dezembro, fundava-se a Escola de Bellas-Artes, como consta do seguinte termo que aqui reproduzo:

«Academia de Bellas-Artes, Bahia e cidade de S. Salvador. Termo de inauguração.

Aos 17 dias do mez de dezembro de mil oitocentos e setenta e sete, ás 2 horas da tarde, á rua do Caminho Novo do Gravatá, presente o Exm. Sr. Desembargador Henrique Pereira de Lucena, Presidente da Provincia, em presença dos abaixo assignados e diversas outras pessoas, foi por S. Ex., declarada inaugurada a Academia de Bellas-Artes da Bahia; do que para constar em qualquer tempo, eu, Austricliano Francisco Coelho, servindo de secretario, lavrêi o presente termo, em que me assigno.—O presidente, *Henrique Pereira de Lucena.*—Dr. *Virgilio Climaco Damasio.—Miguel Navarro y Canysares.—João Francisco Lopes Rodrigues.—José Allioni.—João Francisco Lopes Rodrigues Filho.—Manuel S. Lopes Rodrigues.—Austricliano F. Coelho.*»

Data dessa época o renascimento do verdadeiro ensino do desenho, em todas as suas applicações, cabendo ao professor Canysares, principalmente, a gloria desse commettimento.

Fundada a Academia, os alumnos mais dedicados se encarregaram do fornecimento da mobilia

escolar, composta de caixões de pinho, lanternas de folha de Flandres e mais pertences, todos modestissimos.

Tudo proseguia bem, trabalhava-se muito, o numero de matriculados excedeu de quatrocentos e, faziam-se annualmente 600 a 800 desenhos.

As condições financeiras, porém, do professor Canysares perigavam. Não se encommendavam retratos todo o dia, nem a Bahia proporcionava meios de subsistencia a um artista de sua ordem. Um dia, o professor Canysares disse aos seus alumnos: *Si vocês não cogitarem de um meio com que eu possa me manter, chegarão aqui e não me encontrarão; fui convidado a sahir desta terra, tendo collocação.*

Ante semelhante deliberação, os alumnos reunitam-se para tratar do assumpto.

Resolveram dirigir-se ao Dr. Virgilio Damasio e pedir-lhe uma providencia que conjurasse a situação. Sahiram todos os alumnos presentes e em caminho propoz o Sr. Manuel Lopes Rodrigues que o orador fosse o Manoel Querino, o que todos acceitaram.

Em casa do Dr. Virgilio Damasio, á rua Luiz Gama, o alumno Querino desempenhou-se da incumbencia. O Dr. Virgilio apoiou a pretensão dos alumnos e propoz que o orador elaborasse uma petição para ser presente ao governo da provincia, com assignatura dos collegas, pois seria, de bom grado, o intermediario.

E is a petição:

«Exm. Sr. Conselheiro Barão Homem de Mello, Presidente das Provincia.—Nós, alumno da Academia de Bellas-Artes, plenamente convencidos das exuberantes provas de dedicação que V. Ex. tem dado em favor dessa instituição, não recuamos, na hora

fatal para nós, que estamos a ver submergir-se a nascente Academia de Bellas-Artes, em solicitar o maior dos favores que podemos alcançar. E como temos convicção de que não appellamos, debalde, para um notavel bomfeitor das Bellas-Artes, nesta terra, toda indifferente a este ramo, recorremos a V. Ex. com o fim de obter uma subvenção para o nosso festejado professor Miguel Navarro y Canysares, que, pela falta de recursos em que actualmente se acha, está quasi a ceder ao convite que lhe é feito pelo presidente da Republica Oriental.

Nós, que necessitamos de instrucção, como os nossos irmãos do Norte, da substancia alimentar, precisamos desse auxilio afim de desapparecer de nossa vista e de nossa imaginação esta lembrança aterradora, que ora nos perturba.—Bahia, 27 de maio de 1878.—*Manoel Queiroz.—André Pereira.—M. Lopes Rodrigues.—Emygdio Augusto de Mattos.—João Gualberto Baptista.—Manoel Frederico Affonso de Carvalho.—Bruno de Moraes Bittencourt.—Boaventura José da Silva.—Januario Tito do Nascimento.—Carlos Costa Carvalho.*»

Entregue a petição, o Dr. Virgilio interessou-se de modo que, no orçamento da despeza da Provincia, ficou consignada a subvenção de 2:000$000 para a Academia. A Congregação perpetuou seu agradecimento, collocando no salão de honra do edificio um quadro com os seguintes dizeres:

A ACADEMIA DE BELLAS ARTES -AGRADECIDA A' ASSEMBLÉA PROVINCIAL DE 1878.

"A Congregassão da Academia de Bellas-Artes, para dar um testemunho publico e solemne do quanto é agradecida á muito illustrada e patriotica Assembléa Provincial, pela consignação de dous contos de réis concedidos á mesma Academia deliberou, sob proposta do Sr. Director, que se lavrasse um termo, o qual fosse assignado por seu presidente e pelos professores, assegurando todos envidar seus esforços, para em nada desmerecer o subido conceito a ella dispensado pela mesma illustrada Assembléa.

Do que para constar, eu, Austricliano Francisco Coelho, secretario, lavrei o presente termo, aos desenove dias do mez de novembro do anno de 1878.—Dr. *Virgilio Climaco Damasio*, Presidente.—*Miguel Navarro y Canysares.—João Francisco Lopes*

Rodrigues.—Amaro Lellis Piedade.—João Francisco Lopes Rodrigues Junior. — Eduardo Dotto. — Austricliano F. Coelho, secretario".

Para o bom andamento dos negocios da instituição muito trabalharam professores e alumnos, notadamente os Drs. Virgilio Damasio, José Allioni e professor Austricliano Coelho.

O Exm. Sr. Barão de S. Francisco, na qualidade de Presidente da Provincia, tambem prestou seu concurso valioso, cedendo o edificio para o funccionamento das aulas.

Em attenção aos bons serviços prestados por alguns alumnos deliberou a congregação collocar num quadro de honra os nomes destes. Prestes a se tornar effectiva essa homenagem, um dos professores fez questão fechada para que se não levasse a effeito, visto que não deliberaram cousa identica para elles.

Ficou vencedora essa idéa.

Eram os seguintes alumnos credores daquella justa homenagem: Manuel Lopes Rodrigues, André Pereira da Silva, Antonio Lopes Rodrigues, João Gualberto Baptista, Januario Tito do Nascimento e Manuel Raymundo Querino.

O que foi o ensino do desenho, nessa instituição, ficou cabalmente demonstrado nas exposições annuaes, em que foi posto á prova o aproveitamento dos alumnos, traduzido por uma realidade palpavel, comprovada, ainda hoje, pelos actuaes cultivadores das bellas-artes.

A Bahia deve ao professor Canysares o serviço inestimavel de ter feito resurgir, vantajosamente, o ensino do desenho. Durante sua permanencia nesta

capital produziu diversos trabalhos, principalmente *retratos*, a saber: um *quadro* allusivo á lei de 28 de setembro de 1871, onde se vê o benemerito Visconde do Rio Branco quebrando algemas de escravisados, encommenda do Dr. Luiz Alvares dos Santos e existente na igreja do Bomfim; restauração de nove *paineis*, na Cathedral; pintura do actual *panno de bocca* do Theatro S. João, em 1880; importante *retrato historico*, trabalho a crayon, gravado nos Estados-Unidos da America do Norte, mandado fazer pelo partido liberal, em homenagem ao então presidente da provincia, Barão Homem de Mello, com allegorias representando os fastos da Bahia; o *desenho* representando a pintura, a architectura, a esculptura, a musica, a historia, a fama e seus attributos, em frontão sustentado por columnas jonicas, o qual serve de diploma aos premios de exposição; *retratos* do Desembargador Lucena, Barão de S. Francisco, na Escola de Bellas Artes, de dous bemfeitores da Devoção do Senhor dos Passos dos Humildes, dous da familia Correia Garcia; retocou a pintura do tecto e os paineis do hospicio de Nossa Senhora da Palma; uma *téla* original na igreja da Misericordia, representando de um lado, Nossa Senhora da Piedade e do outro, a Virgem, rodeada de reis, papas e outras dignidades ecclesiasticas.

Por desintelligencia, no seio da congregação da Escola, o professor Canysares retirou-se para o Rio de Janeiro, onde reside desde 1881.

Para avaliar quanto foi prejudicial á Escola de Bellas-Artes a retirada do professor Canysares, basta dizer que, na occasião de ser inhumado o

Egreja no Cemiterio do Campo Santo. — Bahia.

corpo do professor Lopes Rodrigues, no cemiterio da Quinta dos Lazaros, duas personagens proeminentes da dita Escola, lamentando o passamento desse professor dissera uma: «Agora, o que será da Escola?» — «Fechar as portas e entregar as chaves ao Governo», atalhou a outra: «Com a ausencia de Canysares e o fallecimento de Lopes Rodrigues, pae, a Escola cahiu em decadencia».

Assumindo a direcção, o Dr. Braz do Amaral teve a grata felicidade de ver coroado do melhor exito, o seu grande esforço, graças á boa vontade com que agiu, nesse sentido, o honrado Governador do Estado, Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, de saudosissima memoria, augmentando a subvenção da Escola.

A congregação, animada, autorizou ao professor Manuel Lopes Rodrigues a contractar, em Paris, um artista para leccionar modelo-vivo, recahindo a escolha no professor Mauricio Grün, de nacionalidade russa, que satisfez, plenamente, o encargo que lhe fôra confiado.

Foi a primeira vez que, na Escola de Bellas-Artes da Bahia, pousou o modelo vivo.

Na administração do Conselheiro Luiz Vianna houve não só augmento de subvenção, como tambem a concessão do credito especial de 30:000$000 para fundação de um Conservatorio de Musica, além de 6:000$ para pagamento de honorarios ao professor J. G. Sentis, contractado na Europa para dirigir o *atelier* de esculptura, e as despezas necessarias á factura do *atelier* e concertos indispensaveis ao edificio.

A aula de esculptura teve grande animação,

contando-se entre os matriculados diversas senhoras.

O resultado do ensino de pintura e esculptura ainda póde ser apreciado pelo que possue a Escola, nesse genero de trabalho.

No governo do Dr. Severino Vieira as subvenções da Escola e do Lyceu de Artes e Officios ainda figuraram no orçamento da despeza do Estado; na administração, porém, do Dr. José Marcellino desappareceram, por completo, a titulo de economia.

O CONSERVATORIO DE MUSICA

Fundada a *Academia de Bellas-Artes*, em 1877, os seus estatutos foram approvados, por acto do governo da então Provincia, em 12 de julho de 1880.

Ao lado dos cursos de desenho, começou de funccionar a secção de musica, composta de solfejo e canto, sob a direcção do professor Miguel dos Anjos de Sant'Anna Torres.

Predominando sempre a idéa da creação de um conservatorio, os propugnadores dessa idéa tiveram a satisfação de ver coroados os seus esforços, com a promulgação da lei n. 188 de 28 de julho de 1897, que augmentou de 30:000$000 para 40:000$000 a subvenção da *Academia de Bellas-Artes*, com a clausula de se installar o dito conservatorio, obedecendo á seguinte organisação: *a*) um professor de harmonia, contra-ponto, fuga, instrumentação de banda e orchestra; *b*) um dito de piano; *c*) um dito de instrumentos de corda, comprehendendo violino, ou alto, violoncello e contrabaixo; *d*) dito de instrumentos de madeira ou pa-

lheta, comprehendendo flauta, clarineta, oboe, corne inglez, fagote, saxophone e sarruxophone; *e*) dito de instrumentos de metal, comprehendendo piston, trompa, trombone, barytono, ophicleide, bombardon, contra-baixo e outros; *f*) dito de solfejo e canto, comprehendendo solfejo de canto sólo e canto coral.

Depois, o governo do Estado influiu para que o congresso votasse uma lei concedendo mais trinta contos de réis, para servir de fundo de reserva ao conservatorio, em occasião de crise.

Em 10 de janeiro de 1895 a *Academia de Bellas Artes* fôra reformada, modificando-se-lhe o programma geral de estudos, tomando então o titulo de *Escola de Bellas-Artes*. O ensino da musica teve ahi regular desenvolvimento, até o anno de 1904. Entretanto, no governo do Dr. José Marcellino de Souza, este conseguiu do corpo Legislativo do Estado a suppressão da verba destinada ao custeio da *Escola de Bellas-Artes*, retirando-lhe assim a unica fonte de recursos, e impossibilitando-a de cumprir fielmente os seus deveres. Em 1906, duas alumnas completaram o curso de piano, feito em sete series. Em 1910 outras duas, do mesmo modo, concluiram o dito curso. Desde o anno de 1904, as disciplinas professadas na *Escola de Bellas-Artes* deixaram de funccionar com regularidade; e graças, apenas, á boa vontade de alguns lentes, auxiliados por ex-alumnos, continuam as aulas de piano, violino, flauta, theoria elementar da musica, solfejo e harmonia.

ALUMNOS DA ESCOLA DE BELLAS-ARTES

DOMINGOS RUFINO DA CRUZ.

Foi estudante distincto, premiado em diversas exposições; já fallecido.

ENEDINO JOSÉ DE SANT'ANNA.

Premiado em exposições, mostrou sempre bôa applicação; depois graduou-se em engenheiro agronomo e foi professor da Escola Agricola; já fallecido.

JANUARIO TITO DO NASCIMENTO.

Frequentou os cursos da Escola, com algum aproveitamento, foi, por vezes, premiado e leccionou na Escola Treze de Maio; já fallecido.

EMYGDIO AUGUSTO DE MATTOS.

Aprendiz de pedreiro, pobre e desprotegido, á custa de sacrificios ingentes fez os preparatorios, seguiu para o Rio de Janeiro e ahi matriculando-se na Escola Polytechnica, mostrou tal aproveitamento que obteve approvação distincta no 1.º e 2.º annos do curso.

Vocação decidida para o ensino, de uma applicação inexcedivel, possuia um methodo especial pelo qual leccionava mathematicas, com extraordinaria facilidade.

Foi explicador de um dos principes, neto de D. Pedro II que, avaliando as circunstancias de

Altar mór da Matriz de Nazareth. — Bahia.

Emygdio Mattos, dava-lhe uma pensão mensal de 100$000.

Falleceu no Rio de Janeiro, cursando o 3.º anno de engenharia civil.

WENCESLAU VIEIRA DE CAMPOS.

Matriculou-se em 1876 e estudou até o 2.º anno, com bastante applicação e raro talento, para o cultivo das artes.

Fez o retrato do arcebispo D. Romualdo, a crayon, e falleceu em 1879, com 13 annos de idade.

CARLOS COSTA CARVALHO.

Discipulo, e mais tarde professor da Escola de Bellas-Artes, falleceu a 15 de Outubro de 1891, com 42 annos de idade. Era natural do Estado de Sergipe.

Na exposição do Lyceu de Artes, em 1889, figuraram os seguintes trabalhos seus: *Joven consultando um malmequer* (original); *Copo com flores* (estudo do natural); *Duas paisagens* (do natural); *Busto de mulher*, conforme Canysares; *Costumes Orientaes* (copia).

Especialista em trabalhos a crayon, leccionava em casas particulares, retocou o tecto da matriz de S. Pedro Velho e executou diversos retractos a oleo.

JULIO DE MAGALHÃES MACEDO.

Nasceu em Lençóes, (Lavras Diamantinas), em Abril de 1868 e falleceu em 4 de Dezembro de 1891.

Começou seus estudos de desenho com J. A. Cunha Couto, mostrando muito gosto e applicação para as artes.

Frequentou a escola, com aproveitamento, seguindo para o Rio de Janeiro afim de cursar a Escola de Bellas-Artes, o que effectivamente fez, sendo premiado por trabalhos apresentados.

Por occasião da proclamação da Republica fez parte de um batalhão patriotico no Rio de Janeiro. Serviu como desenhista n'uma commissão de engenheiros, no Estado de Minas-Geraes. Voltando ao Rio de Janeiro desempenhou as funcções de scenographo, e deixou alguns trabalhos de pintura a oleo.

ANDRÉ PEREIRA DA SILVA.

Nasceu a 28 de Junho de 1848, na cidade de Cachoeira, e falleceu no Rio de Janeiro a 11 de Outubro de 1892.

Inclinado ao estudo das bellas-artes, desde tenra idade, depois do curso primario recebeu lições de desenho na terra natal. Veiu para esta cidade e empregou-se na lythographia da *Bahia Illustrada*, e ahi ensaiou os seus primeiros passos de artista, juntamente com os irmãos Vera-Cruz e Euclides Ribeiro de Salles. Mais tarde foi gerente da lythographia *Miranda*, e, matriculado na Escola de Bellas-Artes, frequentou as aulas de anatomia, roupagem, historia das artes e esthetica, cópia de gesso e pintura a oleo, com aproveitamento.

Foi premiado em diversos concursos e, como expositor externo, em muitas exposições da Escola e do Lyceu de Artes, com medalhas de prata

e outro. Foi artista de merito, bom lytographo e gravador, dedicando-se a trabalhos de *miscellanea*, no que era perito.

Ha grande cópia de trabalhos seus, como sejam: registos, diplomas, etiquetas, cartões de todo o genero, cópia de musicas, emblemas, etc.

BOAVENTURA JOSÉ DA SILVA.

Nasceu a 14 de julho de 1862 e falleceu em abril de 1895.

Principiou a estudar desenho e lithographia com André Pereira e frequentou as aulas do Lyceu de Artes, no tempo de Canysares.

Creada a Escola, Boaventura ahi matriculou-se nas aulas de cópia de gesso, antigo e troupagem, historia, esthetica e anatomia, com bastante assiduidade e aproveitamento.

Foi premiado diversas vezes no Lyceu de Artes e na Escola, em concurso annual.

Bastante intelligente, deu magnificas provas de sua aptidão.

Estabeleceu-se com lithographia, tornou-se excellente gravador em pedra, executando obras de valor artistico, com justiça, muito consideradas.

Entrou em concurso com o seu mestre André Pereira e foi classificado em primeiro logar.

AUGUSTO PANTALEÃO D'ABREU CONTREIRAS.

Alumno de primeira ordem, bastante applicado, foi premiado diversas vezes, em concurso; promettia, por seu bonito talento, ser um artista laureado.

Falleceu ainda no verdor dos annos.

TITO WEIDINGER BAPTISTA.

Retratista, pintor e photographo, nasceu nesta capital a 1 de agosto de 1863.

Começou a estudar desenho com Antonio Lopes Rodrigues e, mezes depois, passou a ser alumno particular do professor Canysares.

Fundada a Escola, matriculou-se nas aulas de cópia de gesso, pintura a oleo, antigo e roupagem, historia e esthetica, e, em pouco tempo, deu excellentes provas de sua applicação.

Tem produzido grande quantidade de trabalhos a oleo, scenographia, decoração de predios, paysagens, etc.

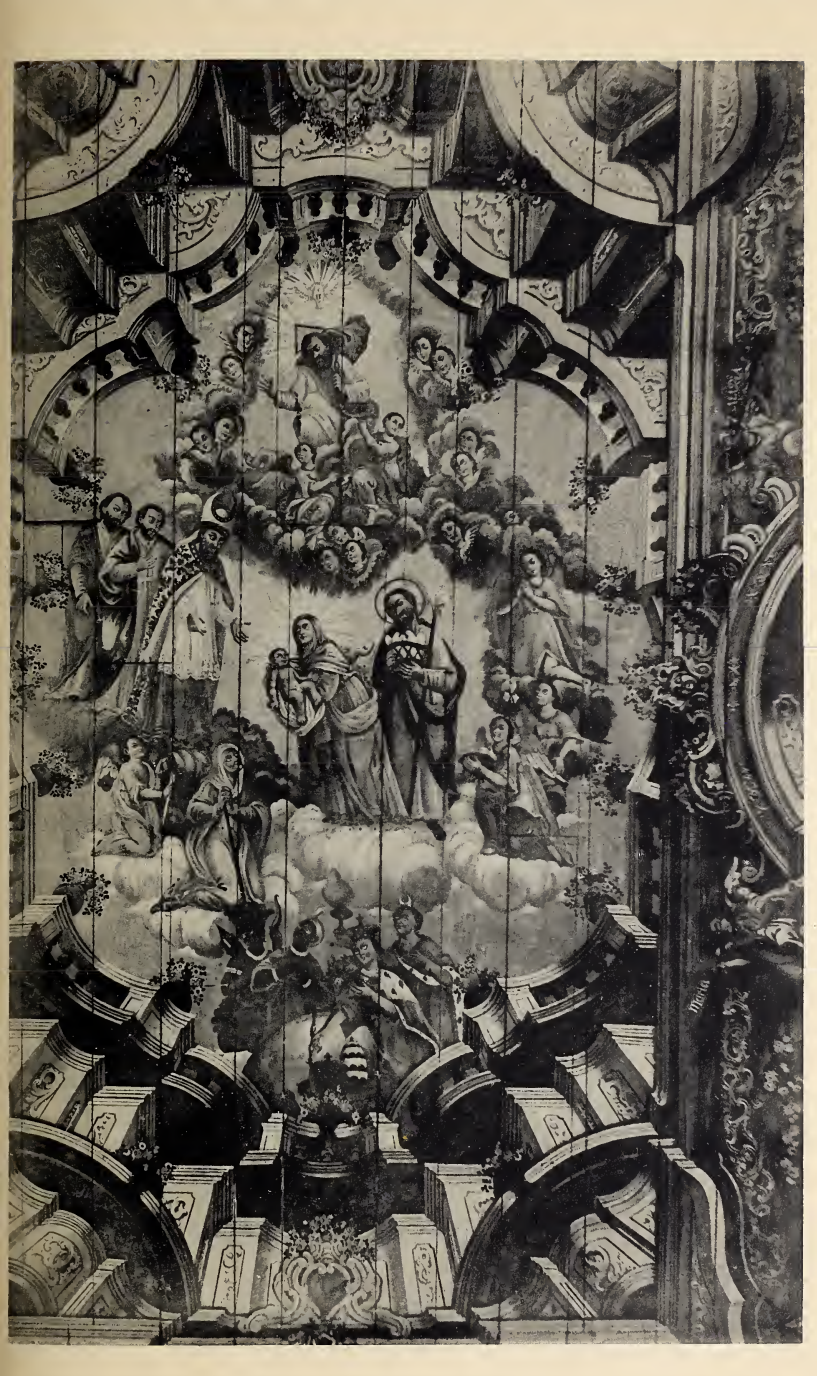
Foi premiado com a primeira medalha de ouro, no concurso de 1878 da escola, e com a de prata no Lyceu de Artes e Officios.

Em 1883, retirou-se para o Rio de Janeiro e dedicou-se ao desenho mathematico, sendo auxiliar do distincto architecto bahiano F. A. Monteiro Caminhoá; e em Pernambuco desempenhou o logar de desenhista da Estrada de Ferro.

Nomeado professor da Escola, pela sua reconhecida competencia, não chegou a tomar posse do cargo, por se achar servindo na Estrada de Ferro do S. Francisco, desenhista.

Trabalhou nas officinas photographicas de Pedro Gonçalves e H. Portella.

Produziu uma téla representando o *Adamastor nas aguas da Bahia*, servindo de fundo o panorama da cidade, cópia do natural, tirada da fortaleza de S. Marcello.



Pintura do tecto da Matriz da Purificação em Santo Amaro. — Bahia. Trabalho de José Joaquim da Rocha.

Em 1899, repintou o panno de bocca do theatro S. João, trabalho do seu mestre Miguel y Canisares.

A téla, allusiva ao *Adamastor*, está no museu de Marinha, em Lisboa. O *Brazil-Portugal*, revista portugueza, estampou uma photographia, considerando-a o principal trabalho artistico recebido pela officialidade do dito vaso de guerra, na America do Sul.

São a sua especialidade trabalhos a crayon.

FRANCISCO TERENCIO VIEIRA DE CAMPOS.

Nasceu nesta capital em 1865; matriculou-se na escola em 1877, cursou as aulas de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes de pintura a oleo, particularmente com o professor Canysares, tendo obtido, em concurso, duas medalhas de prata e uma de ouro.

Emprehendeu uma viagem ao Rio de Janeiro, onde demorou-se oito annos e lá matriculou-se na Escola de Bellas-Artes, estudando desenho com o professor Medeiros e pintura com o abalisado mestre Victor Meirelles de Lima.

Seguindo para a Europa, ahi permaneceu seis annos em Pariz, cursando uma escola livre e estudando em seu *atelier*, de pintura.

Seus trabalhos principaes são: *Anjo Salvador; Assalto ao forte de Curuzú; Resurreição de Lazaro; Repouso do Modelo; Diversos esboços*, sobre assumptos diversos, e não executados por falta de recursos; *José de Anchieta*, o missionario; *a Elevação da Cruz; a Fundação da cidade da Bahia por Thomé de Souza; na Cella*, quadro de assumpto livre; *trabalhos* sobre natureza morta,

fructos, etc.; *Leda* fabula); *a Expiação do Crime*; *o Final do Guarany*; *o Sonho de Cecy*; em esboço: *a Ultima noite de Tira-Dentes*; grande quantidade de *retratos* a oleo e a *crayon*.

E' actualmente professor de composição decorativa, na Escola de Bellas-Artes, e lecciona em casas particulares.

Escreveu um compendio denominado: *Methodo Racional de Desenho a Mão Livre*, subvencionado pelo Conselho Municipal desta Capital.

Na exposição nacional de 1908, figurou uma téla do artista—*A Inspiração*—a qual lhe grangeou justificada admiração.

Representa um anjo, osculando o Sudario—symbolo da fé Christã. Obteve esse trabalho medalha de ouro.

MANOEL LOPES RODRIGUES.

Nasceu a 31 de Dezembro de 1861 e principiou os estudos de desenho e pintura com seu pae, o professor João Francisco Lopes Rodrigues.

Em 27 de Dezembro de 1876, foi nomeado professor da 1.ª classe de desenho do Lyceu de Artes e Officios. Com a fundação da Escola de Bellas-Artes, obteve a regencia da 1.ª classe de desenho. Foi premiado diversas vezes com medalhas de prata e de ouro, no Lyceu de Artes, como expositor externo, e na Escola de Bellas-Artes, por concurso.

De 1882 a 1885, esteve no Rio de Janeiro, sendo encarregado, juntamente com o extincto

literato Valle Cabral, da parte material da Exposição Medica Brazileira.

Executou os desenhos do *Atlas de molestias de pelle da Polyclinica*, do Dr. Silva Araujo; *Atlas de molestias de creanças*, do Dr. Moncorvo; *Atlas da clinica de olhos*, do Dr. Moura Brazil; *Atlas da clinica de morpheticos*, do Dr. José Lourenço de Magalhães, e bem assim as *aquarellas* de anatomia, para a Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Foi um dos collaboradores da *Gazeta Litteraria*, da mesma cidade, encarregando-se da parte concernente á noticia e critica do movimento artistico, e escreveu, na mesma gazeta, uma noticia sobre os artistas que concorreram á exposição de 1884.

Auxiliado pelos cidadãos Luiz Tarquinio, José Augusto de Figueiredo e José da Costa Pinto, e, mais tarde, por D. Pedro II, nos dois ultimos mezes de seu reinado, foi estudar em Paris.

O governo republicano, por iniciativa do Conselheiro Ruy Barbosa que mandou syndicar dos artistas que o imperio subsidiava no extrangeiro, decretou a Lopes Rodrigues uma pensão de 6.000 francos annuaes, a qual terminou em Abril de 1894. Esteve 10 annos na Europa, viajou toda França, foi á Hollanda, Belgica, Italia e visitou a Academia de S. Lucas, em Roma.

Em Pariz, estudou na Escola de Arte Decorativa, sendo depois discipulo de Raphael Collin. Admittido na Escola Superior de Bellas-Artes, teve como mestre ao notavel artista Leon Bonnat.

Tendo completado a edade de 30 annos, retirou-se da Escola, em virtude de ser prohibido, por lei, a frequencia de individuo que attingisse a essa edade e então passou a ser discipulo de Léfévre e de Robert Fleury.

Leccionou o curso nocturno da União Franceza da Mocidade, escolas preparatorias de mestres, que funccionam nos edificios das escolas municipaes. Voltou ao Rio de Janeiro em 1894 para obter prorogação de subsidio, foi de novo a Pariz, e voltou á Bahia, sem obter a pensão do Governo Federal, acceitando a nomeação de professor de desenho do Gymnasio da Bahia, em 1896, e, ao mesmo tempo, a cadeira de pintura da Escola de Bellas-Artes, e a de desenho figurado do Lyceu de Artes e Officios. Creada a Escola Commercial foi nomeado para a cadeira de desenho desse estabelecimento.

Seus trabalhos mais conhecidos são:

O Christo, no salão nobre da Escola de Bellas-Artes, cópia do de Canysares; dois quadros—*Catharina Paraguassú*, um no tecto da igreja da Graça, outro no salão nobre do convento; *pintura decorativa* do palacio do Governo, á Praça do Conselho, e do palacete de residencia do Governador, no arrabalde da Victoria; *pinturas:* do salão nobre do Conselho Municipal da capital e da Assembléa Legislativa do Estado, do palacete do Commendador Bastos, á Calçada do Bomfim, e do edificio da Escola de Medicina; diversos *retratos* de lentes da Faculdade, de bemfeitores da Santa Casa de Misericordia, Corporação Benedictina, etc.

Egreja da Casa da Providencia.
Ladeira do Alvo. — Bahia.

São ainda de Lopes Rodrigues:

Jupiter e Antiope; *a Santa Ceia*; *Christo na Cruz*; *Uma familia infeliz*; *a Bohemia*; *Pastora*; *o Velho Gaspar*; *Baccho*; *Cabeças de estudo*; *Perfil*; *Heyst sur Mer*; *Orchestra volante*; *Naturezas mortas*; *Dois véos*; *o Velho Martelais*; *Adieu*; *a Primeira reprimenda*; *Dolce far niente*; *o Guarany*; *Sans Souci*; *Retrato de amigo*; *Meu atelier de Paris*; *Cerejas e amendoas*; *Natureza morta*; *Domingo de manhã*; *Crisanthemos*; *Uma Procissão na Bretanha*; *Cerejas e papoulas*; *Bellas-Artes*; *Planicie em Málestrait*; *Ruinas em Vitré*; *Officina de ferreiro*; *Camino de Croix de Vie et S. Gilles*; *Le Rachap*; *o Porto de Calais*; *Belle Isle en mer*; *os Banhos de Diana em Clisson*; *o Rio de Loise, perto de Ancenis*; *o Lago, perto de Ancenis*; *Cabeça de estudo*; *os Baluartes do Castello de Clisson*; *os Costumes de Clisson*; *a Cosinha do Castello de Clisson*; *o Valle de Vitré*; *Habitação de operarios em Vitré*; *o Pateo do Castello de Clisson*; *uma Represa d'agua em Malestrait*; *Saint Gereon*; *a antiga capella do Castello de Vitré*; *As prisões do Castello de Clisson*; *Porta do Castello de Clisson*; *Le Bernardot*; *o Cemiterio Saint Croix*; *o Bastian do Castello de Clisson*; *Cabeça de estudo*; *Effeito do sol poente*; *Uma Campina*; *o Primeiro pensamento de amor*; *a Republica*; *Modista*; *Interior de cosinha*; *Fim de capitulo*; *Chacara*; *Estudo de costume*; *Estudos do nú*; *Estudo*; *Typo Russo e Clisson.*

Executou ainda o artista bahiano os retratos do professor Lopes Rodrigues, do Dr. Rodrigues Lima e do prelado D. Antonio de Macedo Costa.

Em face, porém, de tamanha copia de producção, não nos enganamos, e pudemos mesmo acreditar que a obra prima do artista é um retrato do Dr. Pacifico Pereira, em tamanho natural, que figura no gabinete da directoria da Faculdade de Medicina.

ANTONIO LOPES RODRIGUES.

Nasceu nesta capital em 1854; iniciou-se no estudo do desenho com seu pae, o professor João Francisco Lopes Rodrigues, frequentou a escola e depois foi nomeado professor da aula pratica de architectura.

Dedicou-se a trabalhos de desenho mathematico, topographia, construcção de predios, concerto de instrumentos de physica, etc.

E' official desenhista da Directoria de Obras Publicas do Estado.

ANTONIO PEREIRA NAVARRO DE ANDRADE.

Nasceu em 1876, fez o curso geral da escola e depois matriculou-se na secção de architectura, obtendo o diploma de architecto.

E' empregado, como desenhista, na Directoria de Obras Publicas do Estado.

Entre os seus trabalhos distinguem-se: a *fachada* para reforma do edificio do Lyceu de Artes e Officios; *plano*, *fachada* e *orçamento* do Hospital de Isolamento e Instituto Bacteriologico.

Solicitou da Assembléa Geral do Estado dous annos de licença, com vencimentos, para aperfeiçoar-se na Italia.

CYRILLO MARQUES DE OLIVEIRA.

Nasceu em 1877 e obteve, por concurso, as medalhas de bronze, prata e ouro.

Entrou no concurso do premio de viagem á Europa, sendo classificado em segundo logar, apezar de ter feito melhores provas do que o seu competidor, Archimedes José da Silva, o preferido.

Possue uma tela representando a *Virgem entregando o Rosario a S. Domingos* (cópia melhorada); diversos *estudos* de Academia; *retratos* a oleo e a *crayon*; *trabalhos* a *fusain*; *pintura decorativa* de predios, sobresahindo as seguintes:

Na *Sociedade Portugueza de Beneficencia*, decoração da entrada, com os emblemas da *Fé, Esperança, Caridade* e *Justiça*; o tecto do salão nobre, estylo moderno;

Na *matriz de Santo Antonio Além do Carmo*, restauração dos quadros, pintura do tecto e dos quatro Evangelistas;

Na *Sociedade Protectora dos Desvalidos*, entrada no estylo moderno e os emblemas de *artes* e *officios*; no salão nobre, o tecto e uma téla decorativa, representando a padroeira da instituição— A Virgem do Amparo; paredes adamascadas e outras decorações mais simples;

Na propriedade do Dr. Domingos Guimarães, paredes fingindo damasco, com faicha de flores, e representação da *Primavera*;

No Instituto Normal, á entrada, os emblemas da literatura, geographia, geometria, arithmetica, physica e poesia. Possue ainda paysagens de bom

effeito, e mais duas, boa cópia de trabalho nesse genero, como sejam, nas propriedades dos srs. dr. Carlos Ribeiro, dr. Manuel Rego, José Reis, Adelino—proprietario da *loja do Sol* e dr. Pedro Tenorio.

E' tambem perito em retratos a oleo e a crayon.

AGRIPINIANO BARROS.

Nasceu em 1862, em Tacaratú, Pernambuco.

Em 1880, obteve menção honrosa e uma medalha de prata. Dedicou-se ao magisterio, leccionou geometria pratica no extincto Arsenal de Guerra, desenho geometrico no Lyceu de Artes e Officios e, em casas particulares, desenho e mathematicas.

Actualmente é na Escola de Bellas-Artes professor de desenho linear, geometria descriptiva, 1.ª classe de desenho figurado e elementos de musica.

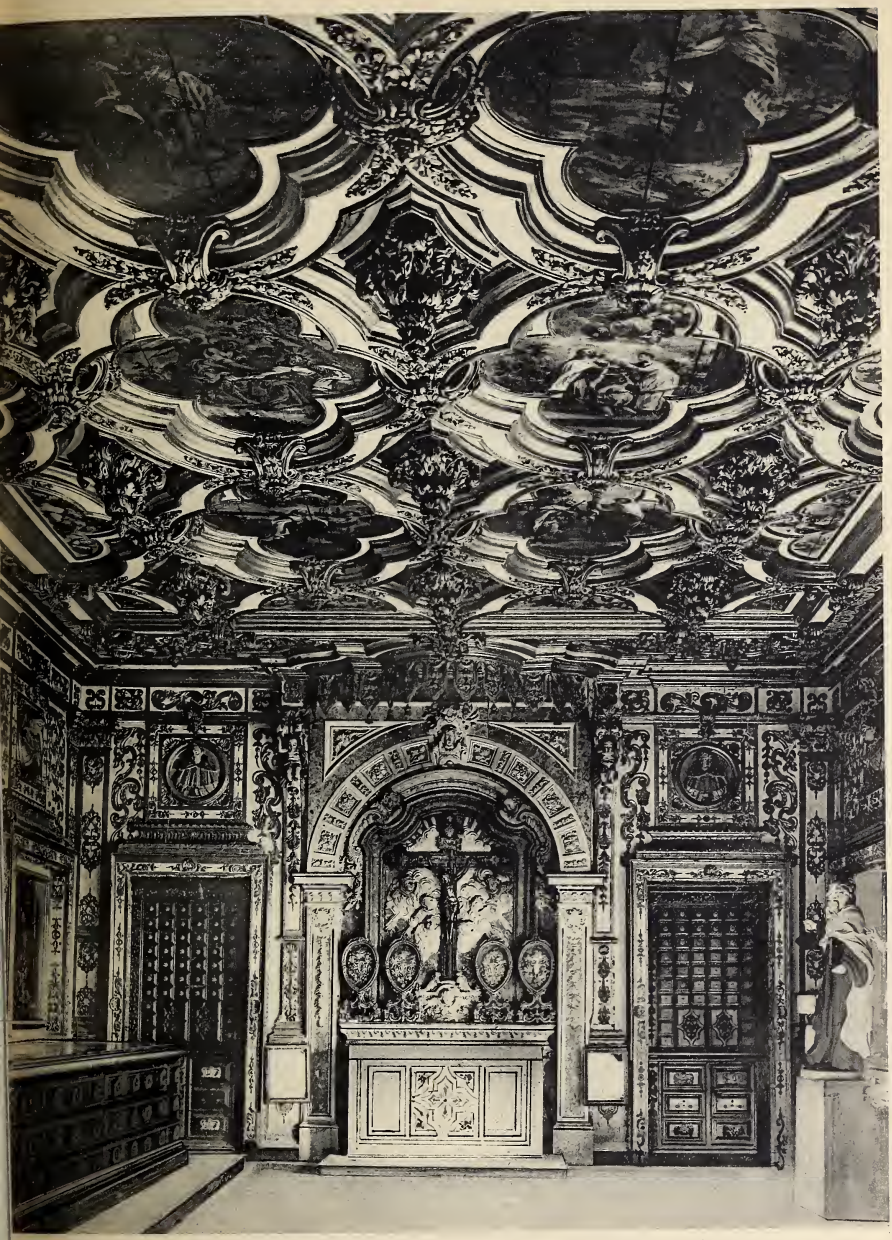
Em 1883, prestou exame do 1.º anno do curso de architecto e foi approvado com distincção.

Presentemente, é professor complementar, por concurso, no Instituto Normal.

PAULO FELIX DO NASCIMENTO, depois PAULO CESAR.

Matriculou-se em 1879, obteve menção honrosa em 1880, medalha de bronze, em 1882, e de prata, em 1883. Em 1884, recebeu medalha de prata na exposição do Lyceu de Artes e Officios.

Estudou lythographia e gravura com André Pereira, e em 1891 foi contractado para o Estado do Ceará, onde esteve dez annos nas officinas de



Sacristia do Convento do Carmo. 1ª parte. — Bahia.

Costa Souza & C. Actualmente reside nesta capital e continúa no exercicio de sua profissão.

FIRMINO SILVINO PROCOPIO.

Nasceu na cidade de Santo Amaro, em 1866.

A principio, foi alumno do Lyceu de Artes e Officios e premiado, em 1888, com o diploma de animação; em 1901 obteve o premio denominado «Dr. Severino Vieira»; no mesmo anno, medalha de bronze pela Escola de Bellas-Artes e em 1903, o primeiro premio na secção de desenho, modelo vivo.

E' sua especialidade a pintura decorativa de predios, sobresahindo, principalmente, a do Instituto Normal, excellente trabalho do artista e que, ao mesmo tempo, recommenda o ensino da Escola de Bellas-Artes.

ARCHIMEDES JOSÉ DA SILVA.

Sendo alumno do Lyceu de Artes e Officios, premiado em diversas exposições, matriculou-se na Escola de Bellas-Artes, e, no mesmo anno, fez concurso para obter o premio de viagem á Europa, sendo classificado em primeiro logar, apezar de ter exhibido provas inferiores ás do seu competidor, o alumno Cyrillo Marques de Oliveira. Esteve em Pariz tres annos, subvencionado pela Escola de Bellas-Artes e um pela Assembléa Geral do Estado. De volta, fixou residencia no Rio de Janeiro.

Na exposição do Lyceu de Artes, em 1889, figuraram os seguintes trabalhos seus:

Cabeça de velho (estudo a dois *crayons*); *Cabeça de velho* (estudo a oleo) *Velho italiano*

Cabeça de menino, *Indio Azumarú* (estudos); *Forte da Barra* (marinha); *Quintas da Barra* (paisagem).

Sua obra prima é um desenho a bico de penna, representando os destroços da barca *Poseidon*, no arrabalde de Amaralina, feito no album de D. Etelvina Soares.

Enviou da Europa á Escola de Bellas-Artes *23 estudos* de academia, a oleo; tres *télas* (copias de quadros celebres); sete pequenos *quadros* de costumes e *31 estudos* a *crayon*.

OSÉAS DOS SANTOS.

Nasceu em Maroim, Estado de Sergipe, no anno de 1865. Em junho de 1880 obteve menção honrosa, no concurso da Escola.

Actualmente, é professor do 3.º curso de desenho figurado, na referida Escola, tem-se dedicado ao magisterio e lecciona no Instituto Normal, collegios «Carneiro», «Piedade» e «Oito de Dezembro».

Tem produzido: *Violinista original*; *Uma lição de piano*, *Pequena florista*; *O quadro da fome* (esboço) *Coração de Maria*, na cidade de Goyana, em Pernambuco; *A Virgem*, de Murillo (cópia), na matriz de Maroim; *paysagens*, *flores*, *fructos*; *Ruinas do convento do Carmo*, em Sergipe; *Apojadura*, (scena do campo e cópia do natural); *quadro allegorico* á chegada do Dr. José Mariano, em Pernambuco; *retratos:* do Dr. Felisbello Freire, na Alfandega de Aracajú, do Dr. Acauã, Ribeiro; quatro de tamanho natural; de bemfeitores da Santa Casa de Misericordia da Bahia; oito diversos da

Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Praia, da Beneficencia Caixeiral, Beneficencia Portugueza, Irmandade do Pilar; dois na Parahyba do Norte e outros em S. Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Amazonas, Santa Catharina, Penedo, Alagôas e neste Estado.

Por cinco vezes solicitou da Assembléa Legislativa de Sergipe, seu Estado natal, uma pensão para ir aperfeiçoar-se na Europa, e nada conseguiu.

D. MARIA CONSTANÇA LOPES RODRIGUES.

Principiou os estudos de desenho com seu pae, o professor João Francisco Lopes Rodrigues, frequentando depois a Escola de Bellas-Artes, sendo diversas vezes premiada por sua applicação.

E' professora da mesma Escola, na 1.ª classe de desenho, e tem leccionado em collegios e casas particulares.

PRESCILIANO IZIDORO DA SILVA.

Principiou a estudar desenho no Lyceu de Artes e Officios, depois na Escola de Bellas-Artes e, ao mesmo tempo, era alumno particular do professor Manoel Lopes Rodrigues. Classificado sempre em primeiro logar, nos concursos da Escola e do Lyceu de Artes, obteve, portanto, premios merecidos.

Actualmente estuda pintura em Pariz, subvencionado pelo Poder Legislativo do Estado, por

espaço de tres annos. Consta que tem tido boa classificação nos concursos de *atelier*.

Na opinião do professor Lopes Rodrigues o alumno Presciliano é «uma extraordinaria vocação artistica» (1).

ANTONIO OLAVO BAPTISTA.

Entrou em concurso e obteve o premio de viagem á Europa; esteve em Pariz, estudando por conta da Escola, por espaço de tres annos.

Remetteu á mesma nove *estudos* de academia, a oleo; 14 ditos a *crayon* e pequenos *quadros*, de assumpto religioso. Adoecendo, voltou á terra natal e, depois de algum tempo, retirou-se para o Estado de Alagôas, onde reside.

D. MARIA JULIA DAVID.

Alumna-mestra pela antiga Escola Normal.

Matriculou-se na Escola, frequentou do 1.º ao 3.º curso de desenho e obteve premios por concurso, como expositora externa. Leccionou no Lyceu de Artes e Officios e actualmente é professora do Instituto Normal.

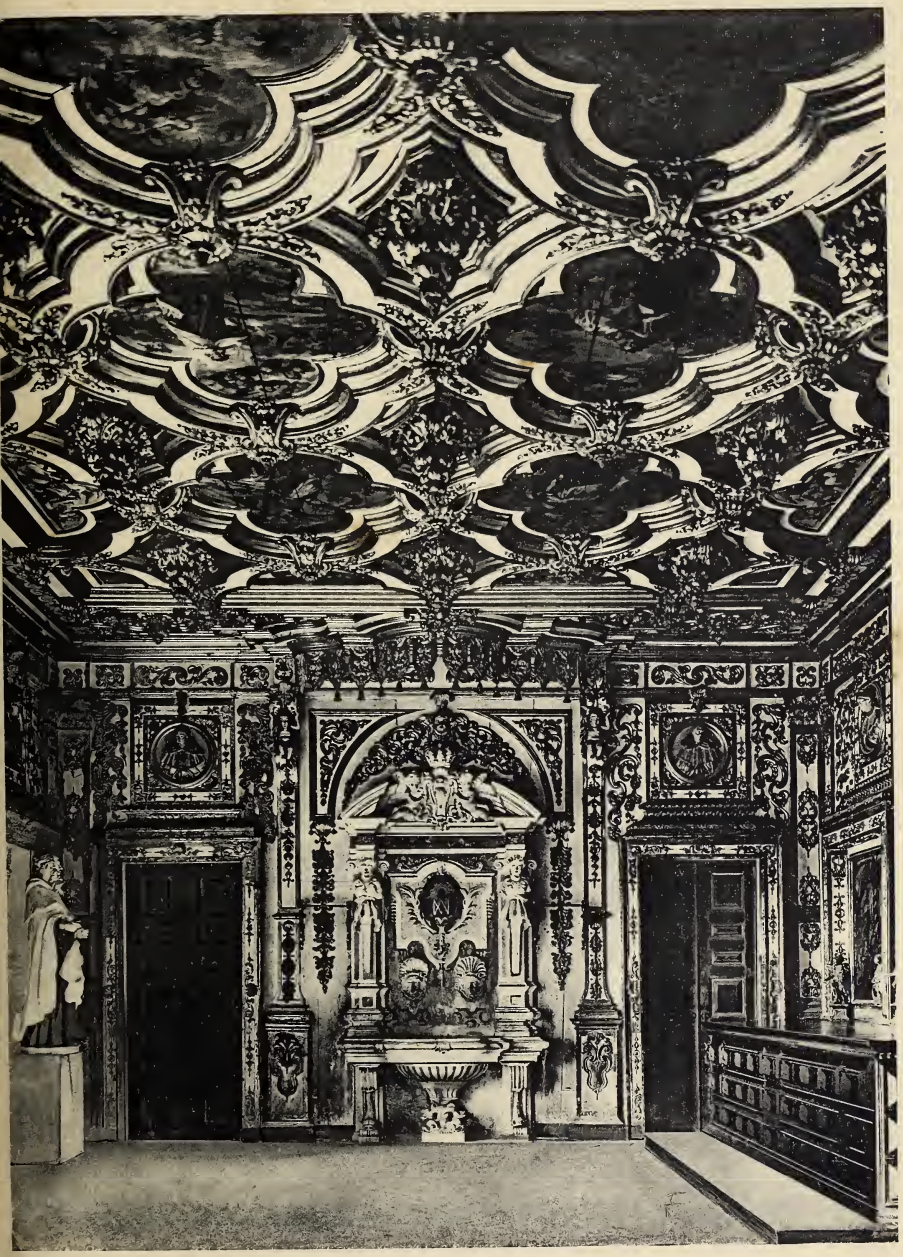
---

(1) Propositadamente, conservamos tudo quanto haviamos escripto sobre o joven artista, na edição anterior deste esboço.

No entanto, é-nos grato amplial-o, com as seguintes informações, como homenagem a um talento que desabrocha, nas mais promissoras revelações da carreira artistica.

Presciliano Silva, voltando do Velho Mundo, inaugurou, em 23 de Dezembro de 1908, no edificio da *Escola Commercial*, uma exposição de seus trabalhos, constituida por quarenta e cinco télas e quinze estudos de desenho, os quaes muito agradaram ao publico, sendo logo adquiridos alguns.

Solicitou novo auxilio dos poderes publicos afim de completar a sua educação artistica, não lhe sendo deferida a petição, a despeito de haver juntado um memorial, subscripto por cento e oitenta e nove alumnos das faculdades de medicina, direito, enge-



Sacristia do Convento do Carmo. 2ª parte. — Bahia.

Na exposição do Lyceu de Artes, em 1889, figuraram os seguintes trabalhos seus:

Tronco e braço, de um gesso; *Perna e roupagem; Cabeça de mulher*, (do natural); *Cabeça de menino*, a oleo; *Busto e roupagem*; *Paysagem*, (fazenda Mucambo), em Itaparica; *Paysagem*, parte dos Barris, vista do Tororó; *Ruinas existentes do lado do Quartel da Palma*; *Campo da Polvora*, *Uma gamelleira vista ao longe*, (todos do natural); *Um pé*, cópia de gesso e pequena *miscellanea*.

Lecciona em casas particulares e continúa a cultivar a pintura a oleo, sem deixar o desenho a *crayon*. Ha pouco tempo, expoz uma pequena téla: *Deixae viz a mim os pequeninos*.

D. ETELVINA ROSA SOARES.

Alumna-mestra pela Escola Normal, frequentou os cursos de desenho e pintura; premiada duas vezes com medalha de ouro.

Actualmente é directora do Collegio do Salvador, professora da Escola de Bellas-Artes, do

---

nharia e dos gymnasios equiparados da Bahia, *S. Salvador* e *Nossa Senhora da Victoria*, da *Escola Commercial* e *Lyceu de Artes e Officios*.

Em seguida, encaminhou-se para o Rio de Janeiro, onde exhibiu os seus trabalhos, ali bem acolhidos, sendo um de seus quadros arrematado pelo governo federal.

De volta á terra natal executou alguns trabalhos de pintura, inclusive um retrato do Conselheiro Ruy Barbosa e uma téla que figurou na Exposição de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, e a respeito assim se enunciou um dos orgãos cariocas, o *Correio da Manhã*:

« Como devem estar lembrados os nossos leitores, o jury da XVII Exposição Nacional de Bellas Artes, composto dos Srs. Treiddler, Visconti, Baptista da Costa, Henrique Bernardelli e Zeferino da Costa, ha cerca de dous mezes indicou o nome do artista italiano Francisco Manna para o premio de viagem, relativo ao *Salon* deste anno.

Manna obteve tres votos: os de Visconti, Treiddler e Baptista

Instituto Normal e lecciona em collegios e casas particulares.

Tem produzido: *retratos* a *crayon* e a oleo; *quadros* diversos, representando naturezas mortas; paysagens, flores, fructos, e bem assim pinturas a oleo, sobre seda, etc.

MANOEL RAYMUNDO QUERINO.

Nasceu a 28 de julho de 1851, na cidade de Santo Amaro da Purificação.

Alumno do Lyceu de Artes e Officios, ahi estudou preparatorios e no collegio *Vinte e Cinco de Março*.

Com a retirada do professor Canysares para fundar a Escola de Bellas-Artes, acompanhou a seu mestre, matriculando-se na secção de architectura. Frequentou as aulas de arithmetica, algebra, geometria, desenho industrial, desenho de figuras, ornatos e sombra, geometria descriptiva, elementos de architectura civil e, concluidos os

---

da Costa, obtendo o pintor bahiano Presciliano Silva dous votos, dados por Henrique Bernardelli e Zeferino da Costa.

Logo um clamor enorme se levantou pela imprensa.

Dizia-se que Francisco Manna, sobre ser italiano, havia mesmo gosado, em seu paiz natal, o premio Nazi, concedido para aperfeiçoamento de sua arte em Roma.

Reunido o conselho superior de Bellas Artes e ventilada a questão, ficou resolvido o seguinte: que o indicado apresentasse documentos provando a sua nacionalidade e edade menor de 35 annos, de accordo com o art. 27 do Regimento das Exposições Geraes de Bellas Artes.

Francisco Manna, immediatamente, requereu ao Ministerio do Interior um titulo de naturalisação.

Esse pedido acaba de ser indeferido pelo Dr. Rivadavia Correia.

Assim sendo, é natural que o premio seja conferido ao pintor Presciliano Silva, não só por ter sido indicado em 2.º logar pelo mesmo jury, como ter sido o unico que apresentou todos os documentos exigidos por lei ».

exames dessas materias, recebeu, em abril de 1882, o diploma de desenhista da secção de Architectura.

Em 1883, matriculou-se no curso de architectos; em abril do mesmo anno fez exames de trigonometria rectilinea, perspectiva, theoria da sombra e da luz, mecanica elementar e, sendo levadas em conta as materias do curso de desenhista, obteve approvação plena no 1.º anno e distincta no 2.º. Matriculou-se no 3.º anno de architecto, frequentando as aulas de machinas simples, de vapor e hydraulicas, empregadas nas contrucções civis, composição de edificios e historia da architectura, no anno de 1884; não prestou exame do 3.º anno por falta de quem leccionasse a cadeira de resistencia dos materiaes e estabilidade das construcções. Devido a essa circunstancia não recebeu o diploma de architecto. Frequentou ainda as aulas de anatomia das fórmas do corpo humano, esthetica e historia das artes, cópia de gesso e pintura a oleo.

Foi premiado com menção honrosa e duas medalhas de prata, pela Escola de Bellas-Artes, e nomeado membro do jury na Exposição de 1885.

No Lyceu de Artes e Officios obteve medalhas de bronze, prata e ouro.

Tem escripto: *Modelos de casas escolares adaptadas ao clima do Brasil*, (2) apresentados ao Con-

---

(2) Em sua edição de 29 de Maio de 1883, assim se expressou conceituado orgão da imprensa bahiana, o *Jornal de Noticias*:

«Pelo sr. Manoel Querino, artista de merecimento, nos foi apresentado um quadro, em que está encerrado o seu plano modelo para a edificação de casas escolares, o qual organizou para offerecer á apreciação do Congresso Pedagogico.

Nas melhores condições de hygiene, de fiscalisação interna, de commodidade material nos parece que está elle levantado,

gresso Pedagogico do Rio de Janeiro, em 1883, acompanhados de desenhos explicativos; *Desenho linear das classes elementares*, mandado admittir nas escolas, por deliberação do Conselho Municipal da Capital; *Elementos de Desenho Geometrico*, comprehendendo noções de perspectiva linear, theoria da sombra e da luz, projecções e architectura, no prélo.

Actualmente, lecciona desenho industrial em collegios e casas particulares, Lyceu de Artes e Officios, Collegio dos Orphãos de S. Joaquim (3) e é official da Directoria de Obras Publicas do Estado. Auxiliou a seu mestre Canysares na pintura do actual panno de bocca do theatro S. João e ao professor Manoel Lopes Rodrigues, nos trabalhos da igreja de Nossa Senhora da Graça. Tem-se encarregado da pintura de casas publicas, particulares, bondes, do Hospital da Santa Casa de Misericordia e do panno de bocca de um pequeno theatro, com 20 palmos por 16. Em attenção a ser-

---

devendo custar pouco dinheiro a sua realização, tendo tambem a vantagem de apresentar simples mas graciosa perspectiva.

Nesse plano ha dous modelos distinctos um de casa escolar para a cidade e outro para o interior, ambos feitos sob as mesmas condições já indicadas, tendo um salão para aula com sala para bibliotheca, um gabinete para chapéos e outro para latrinas.

O salão para a aula está calculado com capacidade para conter 50 alumnos, cada um occupando o espaço de sessenta e quatro centimetros quadrados.

Todo esse trabalho do sr. Querino ha de, sem duvida, merecer a approvação do Congresso Pedagogico, a quem o apresentará um dos seus membros, o nosso distincto comprovinciano o professor Bahia, que se acha habilitado para fazer valer como elle merece.

Entretanto releva notar que é elle o primeiro trabalho de architectura do sr. Querino, que a estuda ainda em nossa Academia de Bellas Artes e que deste modo revela a sua aptidão para ella.»

(3) Em se alludindo ao ensino do Desenho na pia instituição dos Orphãos de S. Joaquim, devemos inserir aqui que o distincto professor Lopes Rodrigues, após exames ali realizados, como

viços prestados fora-lhe concedido o diploma de socio benemerito do Lyceu de Artes e Officios.

GUILHERME CONCEIÇÃO FŒPPEL.

Nasceu em 1867. Em 1885, matriculou-se na Escola de Bella-Artes, desenvolvendo grande applicação, nos diversos cursos, e obtendo, nesse anno escolar, a medalha de bronze. Ao mesmo tempo frequentava, com assiduidade e proveito, a Bibliotheca Publica, na leitura de obras concernentes ás artes.

Chegando á Bahia, em 1888, o artista fluminense Firmino Monteiro, abriu no Lyceu de Artes e Officios, um curso de Perspectiva, e Guilherme Conceição, já avantajado no estudo do desenho, tanto que, em 1887, obtivera medalha de prata, entrara em convivencia com o artista carioca.

Durante os cinco mezes que aqui permaneceu, Conceição Fœppel, sempre avido de saber, aproveitou não só o curso de Perspectiva, mas tambem, a paysagem e outros estudos do natural.

O poder da vontade, que é o apanagio dos fórtes, adelgaçava, no animo do discipulo, a ausen-

---

membro da junta julgadora, lançou na respectiva acta o seguinte honroso laudo:

«Os trabalhos exhibidos pela aula de desenho, tão habilmente dirigida por Manuel Querino, cujo amor ao trabalho e cuja intelligencia de ha muito apreciamos, merecem uma nota especial e esta deu-a Lopes Rodrigues, com as seguintes palavras, que fazemos nossas, escriptas no livro dos exames:

Dois deveres ditaram-me a declaração que julgo necessaria nesta acta.

O primeiro delles é agradecer á mesa da casa pia de S. Joaquim a honra que me deu, me convidando para julgar os exames de desenho industrial.

O segundo, que me é particularmente grato, é o de applaudir ao professor dessa cadeira.

cia de recursos, pois trabalhava dia e noite para aprender, no que era concitado pelo mestre. Retirando-se Firmino Monteiro, fizera-se substituir pelo seu antigo discipulo Antonio Raphael Pinto Bandeira, e este nada deixou a desejar, como excellente professor, que era.

O Lyceu de Artes e Officios atravessava a sua idade de ouro.

A direcção, para estimular os alumnos, creou «o premio de viagem á Europa» para o que mais se distinguisse, observadas as seguintes obrigações:

«A viagem será por quatro annos, com estada em Pariz, Vienna, Roma ou Florença.

Passagem de ida e volta, pensão mensal de 200 francos. Frequencia de dous annos no estabelecimento, conhecimento pratico das linguas franceza, allemã, e italiana; exames de portuguez, francez, mathematicas, desenho de ornato e de figura, elementos de physica, chimica, anatomia das fórmas, geographia e historia.

O alumno premiado comprometter-se-ia a remetter, semestralmente, um trabalho que attestasse

---

Seus discipulos exhibiram-se de modo a não deixar a menor duvida sobre a excellencia dos methodos empregados no ensino.

A nenhuma vacillação, nenhuma difficuldade na demonstração graphica e a perfeita execução dos traçados com que se portaram, são qualidades que recommendam muito especialmente o professor.

E' minha opinião, aliás aqui modestamente externada, que esse ensino deveria fazer parte da instrucção dos nossos operarios, habilitando-os para a lucta da concurrencia estrangeira, pela aptidão.

Faço, pois sinceros votos para que continuem esses discipulos, honrando o mestre, a dar esperanças de um melhor futuro para o progresso industrial do paiz.

Bahia, 2 de Dezembro de 1901.—*L. Rodrigues.*»

(Vide *Jornal de Noticias*, de 4 de Dezembro de 1901.)

applicação e proveito, exhibindo, na volta, o certificado de suas habilitações.

O alumno que gozasse de taes favores se obrigaria a leccionar no Lyceu de Artes, por espaço de seis annos, a disciplina de sua especialidade, salvo, indemnisação».

Como era natural, isso despertou emulação, ao mesmo tempo que se cogitava de uma exposição preparatoria de productos do Estado para figurarem na exposição de Pariz, em 1889.

Os alumnos concorreram, na medida de suas forças, notando-se que Guilherme Conceição apresentou vinte e nove trabalhos escolares.

Não sendo, porém, levada a effeito a concessão do premio de viagem, aproveitou o joven artista os exames de preparatorios, já prestados, e matriculou-se na Faculdade Livre de Direito do Estado, onde bacharelou-se, isto depois de ter solicitado da Assembléa Legislativa um auxilio de 150 francos mensaes, com o fim de aperfeiçoar, na Europa, a sua educação artistica, assumindo a obrigação de, em sua volta, ensinar, gratuitamente, em estabelecimento designado pelo governo. Essa pretensão, aliás justificavel, não mereceu as honras de um parecer da commissão respectiva.

Em 1890, emprehendeu uma viagem á Europa, visitando então a Italia.

Escreveu com a collaboração de Carlos Costa Carvalho, no *Diario de Noticias*, uma serie de artigos: *O desenho e sua influencia nas artes e industrias*, e bem assim outros, nos differentes ramos das sciencias economicas.

Na exposição do Lyceu de Artes e Officios, em 1889, figuraram os seguintes trabalhos seus:

Estudos do natural: *Flores e fructos*; estudos do antigo; *Miscellanea*, *O Balaio de costura;* estudos: *Mulher em trajo antigo*, *Cabeça de mulher e pannejamento*; *Cabeça de velho*; *Cabeça de menino*; *Indio Azumatú;* paysagens: *Arcada da Ordem Terceira de S. Francisco*, *Ruinas do Convento de S. Francisco*, *Largo do Barbalho*, *Rua do Canella*, *Ladeira dos Galés;* marinhas: *Pharol da Barra*, *Ponta do Monte-Serrat*, *Forte de Santa Maria*, *Gambôa*, *Boa-Viagem*; cópia de chromo; *Animaes.*

O *Diccionario Internacional dos Escriptores do Mundo Latino*, de Angelo Gubernatis, deparou-nos, a paginas 618, do terceiro volume, o seguinte:

«Guilherme Conceição Fœppel, jurisconsulto e advogado brasileiro, professor de economia e sciencias das finanças na Escola de Direito da Bahia.»

E' egualmente distincto professor do Gymnasio Estadual e da Escola Commercial.

ALUMNOS DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

VIRGILIO PEREIRA DA SILVA.

Na exposição de 1889, apresentou:

Mulher em trajo antigo, estudo; *Cabeça de velho*, estudo a dois *crayons; Miscellanea*, estudo do antigo e roupagem; *Miscellanea*, estudo do antigo, roupagem e varios objectos; *Indio da*

Cadeira de D. João VI existente no Convento do Carmo em 1808. — Bahia.

tribu do Azumazú, estudo do natural, *Cabeça de velho italiano*, *Retrato do collega F.*, *Cabeça de menino*, estudos; *Ruinas do Convento de S. Francisco*, paysagem. Sem ter abandonado a carreira artistica, é pharmaceutico do exercito, doutor em Medicina, musico de orchestra e faz alguns trabalhos de pintura.

FRANCISCO DA SILVA PINHO.

Ex-alumno da Escola de Bellas-Artes, depois matriculado no Lyceu de Artes, frequentou, com assiduidade e proveito, o curso de pintura dirigido pelo professor Raphael Pinto Bandeira.

Na exposição de 1889, vimos: *Miscellanea*, estudo do antigo e roupagem; *Retrato do collega V.*, *Cabeça de menino*; estudos; *Arcada do Convento do Carmo*, *Ruinas do Convento de S. Francisco*, *Fortaleza de Monte Serrat*, *Largo do Barbalho*, paysagens.

Morreu na flor da idade, quando a arte muito esperava do seu bonito talento.

A GALERIA DO LYCEU DE ARTES

Este estabelecimento possue uma pequena galeria de pintura, constando de retratos, paysagens, costumes, natureza morta, marinhas, em tamanhos differentes, representando diversas escolas.

São composições, copias de quadros celebres, executadas por artistas de genio e por mediocridades. Todos esses trabalhos pertenceram ao antigo Lyceu Provincial, os quaes em 1888, o então

presidente da provincia, Dr. Bandeira de Mello, mandou entregar áquella instituição. Compõe-se de 266 telas, das 391 que existiam no dito Lyceu Provincial, sem contar com uma pequena quantidade de trabalhos outros, que, por falta de cuidado, se perderam.

Avulta nessa collecção um retrato do grande Padre Antonio Vieira, o mais antigo aqui conhecido, de execução do pintor bahiano, Antonio Joaquim Franco Velasco, e bem assim um outro, em tamanho natural, do brigadeiro Antonio de Souza Lima, em frente do seu acampamento, na cidade de Itaparica, theatro de heroismo desse valoroso soldado, nas luctas da Independencia, em 1823.

Dizem ter sido pintada essa tela pelo Barão de S. Angelo, Manuel de Araujo Porto Alegre.

Além da collecção de quadros que enriquecem os salões do Lyceu de Artes, são ainda dignos de apreço e admiração:

A Lealdade de Martim de Freitas, assumpto da historia Portugueza, e o assassinato da abbadessa do Convento da Lapa, Joanna Angelica, pelas tropas lusitanas, em 1822, ambas de execução do artista fluminense, Antonio Firmino Monteiro. Digna tambem, entre os trabalhos artisticos a que me refiro, é a *maquette* — estatua em gesso — miniatura do cons. Ruy Barbosa, executada por Pascoal Del-Chirico, sobre um pedestal da ordem dorica, com emblema da Justiça. Em plano inferior, ramos de fumo e café contornam um escudo e sobre este descança o emblema da Camara municipal desta cidade, doado por D. João III, de Portugal.

MUSICA

> A musica é, sem contradição, a arte mais cultivada; e é, ao mesmo tempo, a que mais se ignora a sua historia.
>
> (Felix Clément.)

A Musica, com quanto a primeira das artes liberaes introduzidas na Bahia, não logrou a proeminencia devida, talvez por abandono da metropole, muito embora o gosto e predilecção manifestos de seus habitantes. Assim é que fez parte da comitiva do primeiro bispo, nomeado para a Bahia, D. Pedro Fernandes Sardinha, cuja posse se effectuou em 1.º de janeiro de 1552, o primeiro musico que pisou em terras da Bahia, na qualidade de mestre de capella, encarregado do ensino dessa disciplina aos alumnos do Collegio dos Jesuitas, vencendo o ordenado annual de 20$000.

Já, em carta dirigida ao Rei D. João III, aquelle prelado dava noticia de haver chegado aqui, vindo da capitania do Espirito Santo, Francisco de Vaccas, reputado bom musico e cantor, companheiro do padre Pennafiel, o qual se offerecera para leccionar aos alumnos referidos, mediante as seguintes condições: «nomeação de mestre de capella, ser ordenado sacerdote e, posteriormente, obter um logar de conego».

O bispo declarara acceitar as condições propostas, principalmente, porque o mestre de capella que o acompanhou não satisfazia ás necessidades do ensino, por não ter vocação para o cargo que exercia.

O promettido é devido.

Em 1554, Francisco de Vaccas era o chantre da Cathedral.

Quanto ao aproveitamento do seu ensino nada consegui a respeito; somente depois de mais de um seculo, é que os escriptores contemporaneos se referem a Euzebio de Mattos, o encyclopedico dos tempos coloniaes.

Em fins do seculo XVII, o padre João de Lima, musico considerado, no seu tempo, — cantando, tocando ou compondo, mereceu applausos dos maiores mestres da época.

A fama que corria de suas habilitações deu logar a que fosse convidado para mestre dessa disciplina, na Cathedral da Bahia, onde, por largo tempo, ensinou musica pratica e theorica, constando que da sua escola sahiram discipulos aproveitados, dos quaes, no entanto, não me é possivel nomear um só.

Exhibiu-se em presença do bispo de Pernambuco, D. Mathias de Figueiredo e Mello, tocando diversos instrumentos de sôpro, de modo surprehendente.

Isto, nos primitivos tempos da colonia.

Modernamente, Tollenare, em suas *Chronicas Domingueiras*, escriptas de 1817 a 1818, referindo-se á musica, na Bahia, assim se exprimia:

«A musica de sociedade é mediocre quanto á execução. Tocam piano e arranham a guitarra de um modo lamentavel; mas, cantam toleravelmente em italiano. Os ouvidos são musicaes, percebe-se-o na harmonia que reina nas peças de varias vozes.

Ha cantigas brazileiras peculiares que são muito agradaveis; recentemente publicou-se em Londres uma collecção dellas. Chamam-nas de modinhas; as palavras são ordinariamente anacreonticas e as melodias graciosamente tocantes. Os negros teem tambem algumas melodias bonitas; a sua musica os transporta a ponto de lhes occasionar uma embriaguez delirante, e, entretanto, frequentemente, não dispõem de outro instrumento além de uma cabaça cheia de calháos.

Não existem orgãos monumentaes; de ordinario, um simples piano serve para acompanhar os côros; mas, por occasião da menor cerimonia, uma magnifica orchestra executa peças agradaveis e sempre renovadas.

Isto exercita os compositores que, á força de procurarem motivos ineditos, se afastaram do caracter amplo e religioso para se approximarem do ligeiro e mundano. Os musicos, isoladamente, são mediocres; mas, guardam bom compasso.

As mulheres não cantam; quando não ha castrados são homens que executam os falsetes, e sahem-se melhor do que o lamentavel canto gregoriano soluçado nas nossas igrejas de provincia, na França».

Acontece, muita vez, particularmente na vida publica, o homem perder num dia, num só instante, o que houvera conquistado em dilatados annos de afanoso trabalho.

Fôra o que succedera a D. Marcos de Noronha e Britto, Conde dos Arcos, capitão general e governador da Capitania da Bahia, espirito superior á sua epoca e modelado pelo cumprimento do dever.

Em face dos acontecimentos politicos de 10 de fevereiro de 1817, e ao assassinato do Padre Roma, o titular lusitano attrahiu sobre si a animadversão e a odiosidade publicas, a ponto de serem ingratamente esquecidos os seus reaes serviços, de modo que, chegando posteriormente do Rio de

Janeiro, em 21 de junho de 1821, em transito para a Europa, e desejando visitar a terra que governara, entre applausos geraes, mediante uma administração proba, honesta e progressista, não lhe foi permittido esse goso intimo, porque lhe promoveram uma manifestação de desagrado, arrancando violentamente o seu retrato da Associação Commercial e queimando-o na praça publica, como desaffronta gratuita.

Não me sobeja tempo para discutir este sombrio eclypse da gloriosa vida politica do eminente Conde dos Arcos. (1)

O mais leve balanço no luminoso acervo dos seus serviços publicos, nos derradeiros annos da colonia, o absolve de quaesquer maculas, porventura, levadas a effeito, sem outro intuito senão o de bem servir ao rei e á patria.

Com o interesse louvavel de levantar a colonia do abatimento asphyxiante, em que se debatia, invocara o prestigio de D. João VI para auxiliar o desenvolvimento da cultura artistica. O monarcha, que sempre se mostrara bem intencionado, ligando o maximo interesse ao engrandecimento do Brazil, e, attendendo ás justas solicitações do Conde dos Arcos, baixou a seguinte carta regia, creando na cidade da Bahia uma cadeira publica de musica:

«*Ao Conde de Palma, governador e capitão general da Capitania da Bahia:*

—Amigo. Eu, El-Rei, vos envio muito saudar, como aquelle que amo.

---

(1) Ultimamente, por occasião do seu primeiro centenario, a patriotica directoria da *Associação Commercial* resgatou a honrada memoria do distincto governador da Bahia da ignominia dos seus impensados contemporaneos.

Sendo-me presente, por parte do Conde dos Arcos, vosso antecessor no governo dessa Capitania, o estado de decadencia a que tem ahi chegado a arte de Musica, tão cultivada pelos povos civilisados em todas as edades, e tão necessaria para o decoro e esplendor com que se devem celebrar as funcções do Culto Divino:

Hei por bem criar nessa cidade uma cadeira de musica, com o ordenado de 400$000, pagos pelo rendimento do subsidio litterario. (2)

E attendendo á intelligencia e mais partes que concorrem na pessoa de José Joaquim de Souza Negrão, hei, outrosim, por bem, fazer-lhe mercê de o nomear para professor da referida cadeira. O que me pareceu participar-vos para que assim o tenhaes entendido e façaes executar.

Escripta no Palacio da Real Fazenda de Santa Cruz, em 30 de março de 1818.

Rei — *Para o Conde de Palma.*»

Souza Negrão, o primeiro professor nomeado para a cadeira de musica, occupou o seu logar, sempre concorrida a sua aula, até ao anno de 1832, quando falleceu.

Posta em concurso a cadeira, foram candidatos:

João Honorato Francisco Regis, José dos Santos Barretto, João Capistrano Leite e Domingos da Rocha Mussurunga, que foi o preferido, princi-

---

(2) *Subsidio litterario* era o imposto de dez réis por uma canada de aguardente da terra, e trinta e dois réis por arroba de carne que se retalhasse nos açougues publicos, cobrado para pagamento do ordenado dos professores publicos, nos termos da lei de 3 de setembro de 1772.

palmente, pelo seu exame theorico e historico, e tomou posse em 1833.

Por fallecimento de Domingos Mussurunga fôra a cadeira de musica adjudicada á *Sociedade de Bellas Artes* e auctorizada a sua direcção a dar-lhe novo methodo de ensino, organização e professor competente, correndo as despezas por conta do governo, nos termos da lei n. 607, de 19 de dezembro de 1856.

A sociedade desdobrou, sabiamente, a cadeira em duas, nomeando Baccigaluppi para leccionar a de violino, e João Amado Coutinho Barata para a de canto e harmonia.

Em virtude do Regulamento Organico de 1862, que reformou a Instrucção Publica, foi removido o professor de musica da cidade de Santo Amaro, Juvencio Alves da Silva, para adjunto da cadeira da capital, entrando em exercicio, até que chegasse do extrangeiro o respectivo cathedratico, que seria ali contractado.

Não se effectuando esta circunstancia, continuou Juvencio Alves na direcção do ensino até ao seu fallecimento, sendo substituido por seu filho Pedro Alves da Silva, que havia chegado da Allemanha, laureado por seus estudos. Fallecendo este, esteve por algum tempo leccionando o professor Francisco Santini, italiano.

Posteriormente, o governo entendeu que o ensino da musica constituia um entrave ao desenvolvimento da instrucção, e, sem mais cerimonia, supprimiu a cadeira. No advento da republica, o governo provisorio, reformando os estudos, restabeleceu novamente a referida cadeira, nomeando

para regel-a o professor Ludgero José de Souza, que, por força do *patriotico* regulamento de 1904, fôra posto em disponibilidade, isto é, vencendo o ordenado para não ensinar.

E' mais uma prova de pouco apreço a que chegou o interesse do poder publico para com a instrucção popular.

De 1830 a 1836, existiu nesta cidade, á rua do Bispo, districto da Sé, uma sociedade denominada —*Academia de Musica*, da qual era professor Domingos Mussurunga, e constituida dos melhores elementos da época, a qual se esmerava na propagação da divina arte.

No dia da installação houve concerto, tomando parte professores e amadores distinctos.

Fizeram parte desta distinguida corporação de artistas e de amadores o dr. Francisco Antonio de Araujo, eximio flautista; o philosopho João da Veiga Murici, Damião Barbosa, João Honorato Francisco Regis, Ambrozio Ronzi, José Pereira Rebouças, Manoel Maria Rebouças e Caetano Dentice.

Ao que consta, na festa da inauguração, fôra executada, a capricho, a *Stabat Mater*—de Rossini.

Ambrozio Ronzi referindo-se á introducção da opera italiana, na Bahia, exprimiu-se do seguinte modo, no *Crepusculo*, rarissimo e ignorado periodico do *Instituto Litterario da Bahia*, de 25 de Fevereiro de 1846:

«Desde o fim do seculo XVI, Horacio Vecchi, de Modena, poeta e mestre de capella, foi quem primeiro experimentou o effeito da musica junto ao da poesia, e, por esta união, a Italia principiou a

conhecer, em 1597, o que presentemente os italianos chamam *Melodrama* ou *Opera*. Mais tarde esse novo divertimento occupou a brilhante côrte de Luiz XVI.

A Inglaterra, no fim do seculo XVII, seguiu o novo exemplo; e então enormes sommas gastava com cantores italianos.

Foi então que a Allemanha fez progressos em musica.

Tambem, na Hespanha, no seculo XVIII, a musica italiana fazia já um notavel progresso.

Depois de dous seculos e meio, foi que a Bahia conseguiu, por uma feliz casualidade, quando a 6 de Fevereiro de 1845, uma companhia de cantores italianos, vindos de Genova, aportou a estas plagas. O povo a recebeu, com applausos; e, no dia 17 de Março, deu começo ás representações regulares com a opera *Lucrecia Borgia*, do maestro Caetano Donizetti.

A empreza constituia-se dos seguintes cantores: —«Virginia Boccomini e Adelaide Tassini»—cantoras absolutas; «Carlota Cannonero»—contralto; «Clemente Mugnai»—1.º tenor; «Antonio Guido» —1.º baixo; «Angelo Boccomini»—1.º baixo comico; «Domingos Calcagno»—2.º tenor; «Antonio Ronchetti»—2.º baixo; «Felippe Cannonero»—corista; «José Antongini»—mestre de piano e director da orchestra.»

Na época da Independencia, a orchestra que funccionava no theatro do Guadelupe, e depois, no S. João, era muito resumida, e compunha-se dos instrumentos seguintes: flauta de uma chave, óboe, fagote, clarineta, violino e violeta.

A pancadaria era representada pelos tympanos, e assim veio sem alteração até ao meiado do seculo passado. As bandas de musica do exercito, creadas em virtude do decreto de 29 de Março de 1810, eram assim constituidas: trombone, corneta de chaves, clarim liso de cavallaria, corneta lisa, arvore de campas, triangulo e serpentão.

O serpentão, instrumento assim chamado por sua configuração imitativa da serpente, é da ordem dos de sôpro, de pau, e pouco usado depois da invenção do trombone. Os sons são redondos e constituem um baixo sonoro e cheio.

Mais tarde, appareceu o ophicleide ou baixo de columna, que era preferido pelos artistas mais considerados.

O bombo e a caixa vieram depois, e bem assim os pratos.

A principio, ninguem queria se prestar a tocal-os, visando humilhação; foi necessario eleval-os á categoria de primeira classe, com o fim de desfazer o mau effeito. Até ao anno de 1849 não estavam ainda em uso os instrumentos de pancadaria.

Coube á musica do batalhão patriotico denominado «Caixeiros Nacionaes» a iniciativa da exhibição, pela primeira vez, nos festejos do *Dous de Julho*.

Diante do bom effeito produzido, as bandas de musica da Guarda Nacional, admittiram o uso da pancadaria, que se tem conservado até hoje.

EUZEBIO DE MATTOS ou FREI EUZEBIO DA SOLEDADE.

Era irmão do celebre poeta satyrico Gregorio de Mattos. Nasceu em 1629 e falleceu a 7 de julho de 1692. Considero o primeiro musico notavel da Bahia.

Estudou humanidades no Collegio dos Jesuitas, tendo por mestre de philosophia o grande padre Antonio Vieira, a quem substituiu no magisterio.

Além de musico exemio e inspirado compositor, tocava harpa e viola, instrumento muito em uso no seu tempo. Compoz muitos hymnos religiosos e cantos profanos amenissimos sobre poesias suas. Poeta tambem notavel, seus proprios collegas o appelidaram de *Inspirado*.

Desenhista admiravel, fazia quadros com perfeição tal que pareciam gravuras.

A seu respeito assim se exprimiu Barbosa Machado, em sua *Bibliotheca Lusitana*:

«Insigne pregador, assim na substancia dos discursos, como na vehemencia dos effeitos; poeta vulgar e latino, cujos versos eram tão discretos, como elegantes; musico por arte e natureza, compondo as lettras que acommodava aos preceitos da solfa; arithmetico grande, sendo sempre arbitro eleito das maiores contas; pintor engenhoso, do qual conservam com estimação particular muitos debuxos; discreto, jovial na conversação, e, ultimamente tão consummado em todas as partes que constituem um homem perfeito, que affirmava delle o padre Antonio Vieira: *Que Deus se apostara em o fazer em tudo grande e não o fôra mais por não querer*».

Desgostoso com accusações que lhe foram feitas por seus irmãos jesuitas, decidiu-se, depois de ter ordens sacras, a tomar o habito dos Carmelitas, com o nome de frei Euzebio da Soledade, facto

Ladisláo dos Santos Titára.

occorido na ausencia do padre Vieira, e, por este muito lamentado.

Suas obras foram em grande parte perdidas.

São conhecidos diversos sermões, praticas, orações funebres, collecção de poesias, estancias, etc.

Affirmam ter sido um dos maiores talentos que o Brazil tem produzido.

Foi musico, poeta, philosopho, mathematico, pregador e desenhista.

JOSÉ DOS SANTOS BARRETO.

Nasceu na cidade de Cachoeira, em 1764.

Nada se conhece de sua vida até ao periodo da Independencia da Bahia, da qual foi verdadeiro enthusiasta e considerado optimo professor de musica, nessa época.

Falleceu nesta cidade a 29 de novembro de 1848, com 84 annos de idade, conforme a certidão de obito. A unica composição conhecida desse artista patriota é o popular *Hymno da Independencia* ou *Hymno Dous de Julho*, victoriosamente applaudido naquella época, e, ainda hoje repetido como nota de alevantado patriotismo, por aquelles que não esquecem o valor das cousas patrias.

O Instituto Geographico e Historico da Bahia possue o retrato, a oleo, do festejado artista, offerta do fallecido tenente reformado do exercito, Clarindo Carneiro de Oliveira Chaves, com a seguinte inscripção: «Falleceu em 1848, com 84 annos de idade. Feito por J. G. Tourinho da Silva, em 1852».

O artista tem na mão uma estrophe com a musica de seu hymno, cuja poesia é a seguinte:

Viva o Brazil Imperante,
Vivam sabios e guerreiros,
Viva a Constituição
Dos felices Brazileiros.

Nunca mais o Despotismo
Regerá nossas acções,
Com tyrannos não combinam
Brazileiros corações.

Potente Brazil! exulta,
Hymnos solennes decanta,
Em louvor dos Defensores
Que alcansam Victoria tanta.

Nunca mais o Despotismo, etc.

União, fidelidade
Nos darão renome e gloria;
Farão entre as Nações todas
Eterna nossa Memoria.

Nunca mais o Despotismo, etc.

Oh! vós Principes da Terra
Em Pedro tendes exemplo;
E' seu Throno o da Virtude
E' da Liberdade o Templo.

Nunca mais o Despotismo, etc.

Em todo logar o Sabio
O Despotismo aborrece;
Respeita as Leis dos Humanos,
Zomba do vil interesse.

Nunca mais o Despotismo, etc.

Ventura e Prazer completo
Venha ver o Mundo inteiro;
Venha aprender a Candura
No Coração Brazileiro. (1)

Nunca mais o Despotismo, etc.

---

(1) Esta poesia é da lavra do veterano da Independencia, Ladisláo dos Santos Titára, na occasião, alferes do Corpo de Estado-Maior do Exercito. Foi cantada pela primeira vez, juntamente com a musica, no dia 2 de julho de 1828. (*Obras Poeticas*, de Ladisláo Titára, vol. 2.º, pag. 138, publicado em 1829.)

DAMIÃO BARBOSA D'ARAUJO.

Nasceu na cidade de Itaparica, em 27 de setembro de 1778, e falleceu, nesta capital, a 20 de abril de 1856.

Seu pae, habil sapateiro e amante da musica, destinara ao cultivo desta arte todos os tres filhos varões que possuia.

Somente Damião Barbosa poude seguir a vontade paterna, por terem fallecido os demais. Vocação decidida e bem applicada, sem bons mestres, nem escola, tornou-se um bom artista, como era possivel naquella época, tocando primeiro violino num theatrinho de madeira, existente no Guadelupe, hoje Praça dos Veteranos, denominado Theatro da Opera. A' chegada de D. João VI aqui, muito influiu no animo de Damião para que se transportasse ao Rio de Janeiro, seguindo a 8 de junho de 1813 (2), não encontrando ali, naquelle tempo, conservatorio, nem tão pouco o esperado cultivo da arte. Relacionou-se com os melhores mestres da época, o celebre padre José Mauricio Nunes Garcia e Marcos Portugal.

Obteve o logar de addido á musica da Brigada do Principe, da qual foi depois chefe e compositor.

Mais tarde foi admittido na capella imperial como violinista e mestre de uma banda de musica de menores.

---

(2) O Dr. J. M. de Macedo, no *Anno Biographico Brazileiro*, diz que a viagem de Damião ao Rio de Janeiro realizou-se em 1808; entretanto, em documento escripto do proprio punho do artista, verifica-se que foi na data acima indicada.

Antes de seguir para o Rio de Janeiro, escreveu arietas, duetos e côros para as operetas portuguezas que, então, se representavam no theatrinho do Guadelupe.

Artista festejado, gozou de muito boa reputação. O distincto pintor e homem de letras, Olympio Pereira da Matta, traçando o elogio funebre de Damião Barbosa, disse:

«O genio á cosmopolita; a eminencia do talento é universal. Ao velho e respeitavel artista seja leve a terra; em flores se lhe convertam as cinzas».

Escreveu: marchas e outras composições militares; arias, côros, duetos, romances, concertos, etc., para salões; Quartetto, offerecido ao ministro Antonio Araujo; *a Intriga Amorosa*, para canto e lettra italiana; *Missa*, offerecida a D. Pedro I; *Missa e matinas*, offerecidas a João Baptista Lisboa; *Te-Deum*, *Tantum-Ergos*, *Matinas* e grande quantidade de musicas sacras, que, por disposição testamentaria do nosso biographado, pertencem hoje á Irmandade de Santa Cecilia.

Intelligencia robusta e laboriosa, á custo de muito trabalho, conquistou a sua laurea entre os apreciadores do seu inesquecivel merecimento artistico.

Escreveu um hymno ao immortal dia Dous de Julho, executado em 1829.

A poesia é da lavra do illustrado veterano da Independencia, Ladisláu dos Santos Titára, que se notabilisou tanto nas letras, como nas armas. Eis uma das estrophes desse hymno:

Calcado no Averno pene
Quem ama em grilhões vivet;
Que os Brasileiros só amam
Ou ser livres, ou morrer (3).

JOSÉ PEREIRA REBOUÇAS

Nasceu na cidade de Maragogipe em 2 de janeiro de 1789 e falleceu, nesta cidade, em janeiro de 1843. Concluido o curso primario e de preparatorios estudou musica, adoptando, como instrumento predilecto, o violino.

Em 1808, transferiu-se de Maragogipe para esta capital, onde fixou residencia.

Matriculou-se na Escola de Cirurgia, que acabava de ser creada pelo Principe D. João VI e não pudendo concluir o curso, consagrou-se, inteiramente, ao exercicio de sua profissão, concorrendo progressivamente com os musicos mais celebres de seu tempo.

Daquella data até á Independencia foi mestre de musica do 2.º Regimento de Milicias. Com a acclamação do Principe D. Pedro e os successos da Independencia, retirou-se para a cidade de Cachoeira, onde tomou parte activa no movimento separatista, com seus irmãos Antonio e Manuel Mauricio Pereira Rebouças.

Foi administrador de um armazem de generos de munição de bocca do exercito pacificador, depois passou-se para o exercito, incorporando-se ao batalhão de «Periquitos», sob o commando do major

(3) *Obras poeticas* de Ladisláu dos Santos Titára, vol. 3.º pag. 60, publicado em 1829.

Antonio da Silva Castro, continuando a servir até depois de 2 de julho de 1823.

Em 1828, emprehendeu uma viagem á Europa, afim de aperfeiçoar-se em musica, na França e na Italia. Frequentou o Conservatorio de Pariz, onde teve como professores de violino, a Beriot e outros. Em Bolonha, na Italia, obteve o diploma de Maestro—depois de aturados estudos de contra-ponto, regras de harmonia e algumas composições.

Foi o primeiro brazileiro diplomado em musica na Europa. Regressando á Bahia, em 1833, foi nomeado pelo arcebispo D. Romualdo, mestre de musica do Seminario Episcopal; em 1841, foi-lhe concedido o titulo de musico honorario da Camara Imperial, por ter composto e offerecido uma importante peça musical para ser executada nas festas da Coroação e Sagração de D. Pedro II. Escreveu diversos trabalhos, sendo considerado de alto valor artistico o *Magnificat*, que compoz para a festa de Santa Cecilia, em 1834.

Foi regente da orchestra do Theatro S. João.

Além de bom musico, Rebouças foi excellente patriota.

PADRE HENRIQUE JOSÉ DA FONSECA

Falleceu a 15 de julho de 1844 em idade maior de 70 annos.

Sacerdote muito considerado, é digno de referencia especial. Foi o primeiro musico de nomeada da Cachoeira e o fundador da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda. Instituiu alli a primeira aula de musica e teve por discipulo o celebre Pa-

dre Pinto, André Diogo Vaz Mutum, Manuel Dantas, José Pereira de Castro, José Branco e muitos outros que souberam, por sua applicação, honrar a grande arte musical.

O violoncello era o instrumento predilecto do padre Henrique da Fonseca.

PADRE JERONYMO PINTO NOGUEIRA.

Nasceu na cidade de Santo Amaro da Purificação, em 1789, e falleceu, na mesma cidade, em 1854.

Foi o fundador do ensino de musica em sua terra natal, donde sahiram bons artistas. Seu instrumento predilecto foi a flauta.

Regeu orchestra e escreveu: missas, mementos, novenas e ladainhas.

FRANCISCO DE SOUZA GOUVEIA.

Nasceu em Santo Amaro, em 1761, e falleceu em 1837.

Reputado bom artista e escreveu ladainhas e diversos arranjos.

MANUEL MARIA REBOUÇAS.

Irmão do maestro José Pereira Rebouças, nasceu, em Maragogipe, a 2 de Agosto de 1790.

Depois de feito o curso primario, estudou latim e dedicou-se á arte da musica, principalmente para se retrahir á prestação de serviços no exercito colonial. Com a chegada da familia real portugueza, em 1808, veio residir na capital, e

assentou praça no 3.º batalhão de primeira linha, sendo pouco tempo depois nomeado mestre da banda do referido corpo, tocando trompa, serpentão e clarineta. Approximando-se a Independencia retirou-se do exercito e dedicou-se ao ensino de primeiras letras. Escreveu um compendio de Pedagogia, adoptado pela instrucção publica do Rio de Janeiro.

Falleceu em Janeiro de 1847.

MANUEL ESMERALDINO DO PATROCINIO.

Nasceu na Cachoeira, em 1800, e falleceu a 17 de Março de 1877.

O illustrado Dr. Milton, em suas *Ephemerides Cachoeiranas*, informa sobre este artista:

«Veterano da Independencia, procurador da Camara Municipal e proprietario de uma casa de armador.

Era de côr, mas estimado geralmente; e, apezar de assegurarem que elle não primava pelo talento, a verdade é—que ouvi-o tocar, na qualidade de musico da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda, primeiramente trompa, depois timbales e por ultimo cantar de baixo profundo».

O cidadão Patrocinio tinha rara habilidade de fazer folhinhas de côr e com antecipação pasmosa.

Si por exemplo, lhe perguntassem o dia em que deveria cahir o carnaval, no anno de 2000, responderia sem elle hesitar e com a maior exactidão.

A mim, quando cheguei de Pernambuco, formado em direito, inquerio-me o bom velho—si eu conhecia bem a Ordenação do livro 6.º. Fiquei verdadeiramente intrigado, e, com ares de pedagogo, disse-lhe que havia manifesto engano de sua parte pois as Ordenações não passavam do livro 5.º.

O cidadão Patrocinio, sorrindo, retoquio-me: ora, meu doutor, ainda lhe resta muito por aprender; mas, por agora fique sabendo —que a Ordenação do livro 6.º é a vontade do juiz. *Tableau!*".

PADRE JOSÉ PINTO D'OLIVEIRA SANTOS.

Nasceu na freguezia da Serra-Preta, em 1803, e falleceu na Cachoeira a 8 de julho de 1888.

Intelligencia privilegiada, excellente musico scientifico e distincto mathematico, foi o continuador do ensino de musica, em sua terra, depois da morte de seu mestre Padre Henrique da Fonseca.

Violinista de merito, muito apreciado por suas qualidades moraes e intellectuaes, deixou muitos discipulos de nota.

Foi um sacerdote modelo no exercicio de sua profissão. Conta-se que elle só recebia mil réis por uma missa; sendo 640 para si e 360 para o ajudante.

Era um sacerdote excessivamente modesto e excentrico. Devolvia ao seu dono as quantias que julgava superiores ao pagamento de suas funcções, no serviço divino.

Fazia timbre em não tomar parte em funcções religiosas ou profanas, nas quaes se houvesse de tocar foguetes; assim como só officiava na egreja do Convento do Carmo. Fugindo, porém, ao bulicio da sociedade, encerrava-se na sua residencia e entretinha-se em tomar notas de factos que o impressionavam, commentando-os a seu modo.

O Padre Pinto é o inventor de importante relogio solar, muito procurado por sua utilidade e alto valor.

Dava-os de mimo aos amigos, e é difficil, hoje, encontrar specimens de tão util artefacto.

IZIDORO BORGES D'ALMEIDA.

Falleceu a 18 de junho de 1878, com idade superior a 70 annos.

Sendo official de carapina e perseguido para servir na Guarda Nacional, dedicou-se á musica, tocando *ophcleide*.

Reputado bom professor de musica vocal, teve como discipulos a Joaquim Pedro, considerado mestre do Corpo de Policia, já aposentado, major Esmeraldo Carneiro das Virgens, mestre da capella da Cathedral, ao grande Adelelmo Nascimento, Ludgero de Souza, lente do Gymnasio do Estado, e a grande numero de bons artistas. Dizem os competentes que depois de Juvencio Alves, Izidoro foi o melhor professor de solfejo, de seu tempo.

Em 1859, foi nomeado mestre da musica do 8.º batalhão da Guarda Nacional.

Dividindo-se a orchestra do Theatro S. João, Izidoro creou e dirigiu, com proficiencia e bom resultado, uma nova orchestra.

DOMINGOS DA ROCHA MUSSURUNGA.

Nasceu a 20 de janeiro de 1807 e falleceu a 29 de fevereiro de 1856.

Além de artista de grande merecimento e distincto homem de letras, foi latinista e poeta. Chamava-se Domingos da Rocha Vianna; mas como houvesse tomado parte na lucta da Independencia, sendo ferido junto ao engenho Mussurunga, como recordação historica, substituiu o cognome Vianna. Começou aos 20 annos de edade a exercer as funcções de professor de musica.

Em 1830, era professor de grammatica portugueza e latina, no Collegio S. Pedro de Alcantara.

Em 1833, fez concurso para as cadeiras publicas de musica e de latim, e foi nomeado cathedratico da primeira e substituto da segunda.

Envolvido na revolução da *Sabinada*, em 1837, esteve preso, respondeu a jury, foi suspenso do exercicio de sua cadeira, sendo absolvido, apezar do orgam da justiça publica, no acto da accusação, ter exhibido o fasciculo do *Hymno da Revolução*, poesia e musica do grande artista.

Em 9 de setembro de 1839, foi reintegrado no exercicio de suas funcções, na cadeira publica de musica.

Creado o Lyceu da Bahia, em virtude da lei n. 33, de 9 de março de 1836, foi transferido para ahi, com as mesmas vantagens. Por sua morte, ficou a cadeira de musica incorporada á Sociedade de Bellas Artes, e a direcção desta, encarregada da fiscalisação do ensino, pago pelos cofres provinciaes, conforme o art. 7.º da lei n. 607, de 19 de dezembro de 1856.

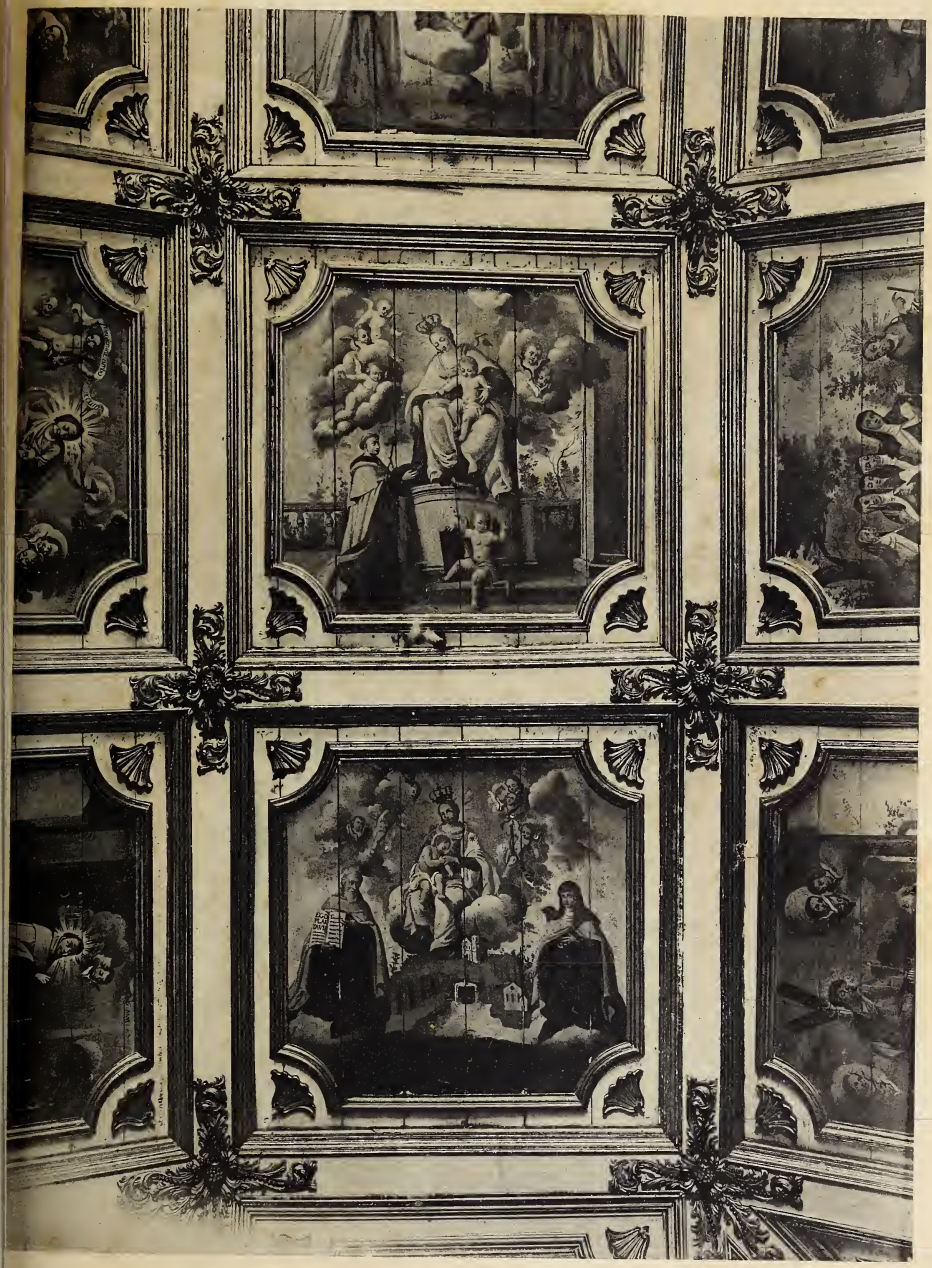
Era condecorado com a medalha da Independencia e gozou sempre da estima publica, por suas qualidades moraes e intellectuaes, muito apreciaveis.

Escreveu diversas composições poeticas que não foram publicadas.

Seus trabalhos conhecidos até 1847, são: *Compendio de Musica*, 1.ª edição, datada de 1834, e a 2.ª, de 1846, dedicado ao seu amigo e condiscipulo, Dr. Francisco Antonio d'Araujo, um dos mais aba-

Ásados jurisconsultos de seu tempo e eximio flautista; *Memoria sobre a creação de um Conservatorio de Musica na Bahia,* que vae publicada abaixo destas linhas; missas festivas de numeros 1 a 9, á grande orchestra; *Credos*, dois; *Te-Deum*, da coroação de D. Pedro II, acceito por aviso da Secretaria do Imperio, de 2 de março de 1842, novenas: *Senhor da Cruz*; *Nossa Senhora da Guia; Senhor dos Naufragantes*; *Nossa Senhora do Boqueirão; Ouverturas* á grande orchestra, tres; Ladainhas: *de Santa Ursula*; *Santa Clara; Antiphona, Prudentes Vergines*; *Magnificat* á grande e pequena orchestra; *Memento*, idem; *Ecce Sacerdos*, offerecida ao Arcebispo D. Romualdo; quadrilhas de valsas e contradanças: *Os resultados do amor*; *Os Nocturnos*; *A Bella Gabriela*; *D. Sebastião*; *O Papagaio*; *O Padre e o Capitão*; *As Bellas Bahianas*; *A Heroina de Aramaré*; *Restauração de Terra Nova*; O *Genio de Geminiano*; *Minuette concertante*; *Collecção de valsas avulsas*; *Polaca de Violino; A Arrudeira*; *A Negra do Munguzá*; *Duetto Bufo*; *O Corta Jaca*; modinhas ao *Senhor Menino*; Modinhas profanas, 12 opusculos; Marcha e Passo Dobrado, offerecidos ao major Cypriano da Rocha Lima e ao major Sergio José Velloso; *Hymno da Maioridade*, offerecido ao Veador Paulo José de Mello; *Hymnos ao Grande dia 2 de Julho*, tres; *Hymno á Integridade do Imperio; Hymno ao dia 2 de Dezembro*, poesia de Francisco Moniz Barreto; *Hymno Festival*, escripto para a procissão do Senhor do Bomfim, depois de terminada a peste, em 1855.

Foi a sua ultima composição.



Tecto da Ordem 3ª do Carmo em Cachoeira. — Bahia.
Pintado por José Theophilo de Jesus.

Deixou ainda um poemeto escripto depois da revolução da *Sabinada*, em que o autor, com a maior originalidade e graça, expõe ao ridiculo os vultos mais notaveis que foram contrarios ao movimento.

Mussurunga foi um astro de primeira grandeza da constellação musical deste paiz, tão fertil na producção de artistas notaveis. (4)

Eis a memoria sobre o Conservatorio de Musica, a que alludi acima:

Illm. e Exm. Sr.—Inclusa offereço a V. Ex. a cópia da Memoria sobre a creação de um Conservatorio de Musica, por mim redigida, e já offerecida ao Conselho de Instrucção Publica, por elle á Assembléa Provincial, que, approvando e louvando a idéa, disse não decretar tal creação pelo de então estado dos cofres.

V. Ex. que é Bahiano deve fazer este grande serviço ao paiz, aproveitando os talentos de nossa mocidade, que pullulam.

Eu tratei de economisar o mais possivel os cofres com tal creação; mas, posso pela pratica de 22 annos de ensino, assegurar a V. Ex. que tal despeza se ha de tornar uma fraca porcentagem das vantagens que devem provir de tal estabelecimento.

Eu, em nome da mocidade da Bahia, requeiro a V. Ex. esta providencia tão util quanto necessaria, e tanto mais espero alcançar por não divisar em V. Ex. um tarifeiro governante mas um Presidente emprehendedor.

---

(4) O Dr. Virgilio Pereira da Silva, alferes pharmaceutico do exercito, obtendo permissão para reeditar o compendio de musica do biographado, teve a leviandade de escrever, na primeira pagina, o seguinte: «correcto e augmentado pelo professor de musica Virgilio Pereira da Silva». Ora, na Bahia, dizer que S. S. corrigiu o compendio de Mussurunga é cousa que ninguem leva a serio.

O augmento consta de "Noções sobre os instrumentos musicaes" occupando sete paginas, o que não parece razoavel num livro puramente elementar.

Além disso, o editor, para se tornar conhecido, aproveitou o ensejo e encartou o seu retrato, circunstancia por si só bastante para, num trabalho que custou vigilias ao talento alheio, significar desrespeito á memoria de um morto illustre. Um livro editado ha 77 annos, não se corrige nem se augmenta, ainda sobrando competencia a quem quer que seja; zela-se como documento historico que representa a época em que foi publicado. Serve para se aferir progresso ou decadencia dessa disciplina, durante esse longo periodo.

Deus guarde a V. Ex. Illm. e Exm. Sr. Desembargador Francisco Gonçalves Martins, Presidente da Provincia.—*Domingos da Roxa Mussurunga.*

Bahia, 28 de março de 1849.

Memoria sobre a creação de um Conservatorio de Musica na Capital da Bahia, offerecida ao illustre Conselho de Instrucção Publica, para levar ao conhecimento da Assembléa Legislativa da provincia, por Domingos da Roxa Mussurunga, professor de musica no Lyceu da mesma cidade.

A Assembléa Provincial da Bahia decreta:

Art. 1.º Crear-se-á, nesta capital, um Conservatorio de Musica, com o titulo de Conservatorio de Musica da Bahia, onde ensinar-se-ão todos os generos de musica, vocal e instrumental, mimica e contraponto.

Art. 2.º O instrumental será dividido em tres classes: a de tecla, a de sopro e a de corda.

Art. 3.º A classe de tecla será ensinada por dous professores, dos quaes um ensinará piano e canto profano; o outro ensinará orgão e canto ecclesiastico.

Art. 4.º A classe de sopro será dividida em tres generos; o de embocadura, o de palheita e o de bocal; cada um destes generos será ensinado por um differente mestre.

Art. 5.º A classe de corda será dividida em tres ordens: a aguda, a média e a grave, havendo um differente mestre para cada uma destas ordens.

Art. 6.º Haverá tambem um professor de musica que ensinará conjunctamente declamação, e em um dia de cada semana fará sabbatina com os discipulos no Theatro Publico.

Art. 7.º Além das nove cadeiras acima mencionadas, haverá tambem uma de musica e outra de contraponto e composição.

Art. 8.º Dos 11 professores destas cadeiras compor-se-á a Congregação, que organisará seu Regimento Interno sob approvação prévia do Governo interinamente e da Assembléa Provincial definitivamente.

Art. 9.º O Conservatorio terá um Directorio composto do director, vice-director, secretario e dous lentes consultivos.

Art. 10. Toda a economia interna pertence exclusivamente ao director; a revisão e adopção de compendios e methodos, e bem assim tudo quanto disser respeito á parte instructiva, ao director;

actos, approvações, conferencias de titulos e toda mais parte deliberativa, á Congregação.

Art. 11. O director, o vice-director e secretario serão da nomeação do Governo, os lentes consultivos sahirão por votação triennal da Congregação.

Art. 12. Os provimentos das cadeiras serão feitos conforme a lei de 15 de outubro de 1827, podendo o Governo admittir tambem qualquer habil extrangeiro, que a ellas se proponha, precedendo acto de engajamento por oito annos, que se poderão renovar a simples requerimento da parte, e para estes não haverá jubilação, salvo naturalisando-se cidadão brasileiro.

Art. 13. Somente das classes dos lentes cidadãos brasileiros, o Governo nomeará o director, vice-director e secretario, vencendo o director uma gratificação egual á metade de seu respectivo ordenado, e o secretario uma egual a 1/3 tambem de seu ordenado.

Art. 14. Haverá no Conservatorio quatro substitutos nomeados da mesma fórma que os lentes proprietarios, vencendo um ordenado igual á metade do destes, sendo um para a classe de tecla, um para a de sopro, outro para a de corda, e outro para a de musica e contraponto.

Art. 15. Os substitutos, além das vezes que substituirem os proprietarios, terão a obrigação de fazer todos os dias de aula, duas horas de exercicio com os principiantes de suas respectivas classes.

Art. 16. Durarão por espaço de quatro horas inalteraveis as lições de todas as cadeiras; menos as de musica, contraponto e composição, que durarão duas horas.

Art. 17. Cada um professor proprietario vencerá o ordenado annual de um conto e duzentos mil réis.

Art. 18. O curso completo do Conservatorio será de oito annos; para elle se não admittirão alumnos maiores de dez annos; e aquelle que preencher o curso com aproveitamento, boa conducta e approvação *nemine discrepante* obterá da Congregação a carta de mestre.

Art. 19. As matriculas do Conservatorio serão de 20$000 cada anno, pagos á Caixa Provincial.

Art. 20. Antes de serem os alumnos admittidos á matricula serão examinados de grammatica e lingua portugueza; para seguirem do terceiro ao quarto anno apresentarão attestado de saberem a franceza; do quarto para o quinto, o da lingua italiana; do sexto para o setimo certidão de exame de arithmetica e algebra.

Art. 21. O curso do Conservatorio será dividido pela maneira seguinte:

1.º anno. Elementos de musica e solfejos até a 2.ª parte dos de Italia.

2.º anno. Continuação dos solfejos e elementos do instrumento a que cada um se queira dedicar.

3.º anno. Solfejos até a quarta parte dos de Italia e continuação do instrumento.

4.º anno. Continuação do instrumento e methodo de canto, os que quizerem ser cantores, e escalas de piano.

5.º anno. Continuação do instrumento, exercicios de canto e methodo de piano.

6.º anno. Continuação do instrumento, exercicio de canto, methodo de piano, mimica e declamação para os cantores e regras de harmonia, acompanhamento.

7.º anno. Continuação do instrumento, exercicio de canto, methodo de piano, mimica e declamação para os cantores, regras de harmonia, acompanhamento e contraponto.

8.º anno. Continuação do instrumento, exercicio de canto, methodo de piano, mimica e declamação para os cantores, baixo cifrado e contraponto e theoria das partituras.

Art. 22. Os professores d'arte ora existentes, que queiram matricular-se para obterem carta, serão admittidos, fazendo logo exame daquelles annos que requererem.

Art. 23. Installado o Conservatorio, nenhum artista extranho desta capital poderá exercer a arte sem que previamente seja examinado perante a Directoria e obtenha, em virtude de exame, licença da congregação.

Art. 24. Será igualmente permittido a qualquer artista nacional ou extrangeiro o gozar do indulto do art. 22, precedendo prévia licença do Governo da Provincia, e tendo pago as matriculas de todos os annos, de cujas materias quizer fazer exame.

Art. 25. O Conservatorio terá tambem um archivista, com o ordenado de 500$, dous amanuenses com 300$, um porteiro com 500$ e dous continuos com 300$ cada um.

Art. 26. As aulas do Conservatorio serão para ambos os sexos, sendo as meninas acompanhadas por seus respectivos paes, irmãos ou pessoas de sua familia.

Art. 27. O Presidente da Provincia lançará mão de qualquer dos proprios nacionaes para estabelecimento do Conservatorio, e pelos cofres da Provincia fará todas as despezas necessarias com os precisos utensilios para este estabelecimento.

Art. 28. Ficam revogadas todas as leis em contrario.

Outrosim: cumpre notar que Domingos Musurunga é o autor do primeiro compendio de musica, em lingua portugueza.

JOÃO MANOEL DANTAS.

Nasceu na Cachoeira, em 1815, e falleceu na Feira de Sant'Anna a 9 de fevereiro de 1874.

Musico insigne, mavioso violinista, deixou bom numero de composições, como sejam: missas, novenas, *tantum ergos*, *ouvertures*, todas dignas de grande apreciação, destacando-se entre todas, duas novenas privativas que foram offerecidas á Nossa Senhora da Ajuda e ao Senhor do Bomfim.

Teria sido innegavelmente uma gloria nacional, si não lhe faltasse escola, onde aperfeiçoasse o talento e aprendesse tambem a dirigir, com proveito, a sua possante inspiração. Fez parte da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda.

Por occasião da sua morte exercia o cargo de mestre da philarmonica *25 de Março*, da Feira de Sant'Anna.

ANTONIO FRANCISCO DO NASCIMENTO VIANNA.

Falleceu a 23 de junho de 1884, em idade superior a 70 annos.

Succedeu na regencia da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda a Florentino Rodrigues, com realce e fama.

Foi inspirado organista e cantor regular.

Exerceu os cargos de escrivão de orphãos e secretario da Camara Municipal da cidade de Cachoeira.

LOURENÇO JOSÉ DE ARAGÃO.

Nasceu em 1815 e falleceu a 20 de junho de 1887.

Mestre da musica do Corpo de Policia, organizou as bandas de musica do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, menores dos Arsenaes de guerra e de marinha.

Leccionou por muitos annos a philarmonica da Sociedade Euterpe, á qual dedicou o seu compendio de musica.

O instrumento predilecto deste artista era a clarineta, em que se tornou eximio.

Foi o primeiro musico que, na Bahia, tocou e ensinou o *saxophone*.

Era especialista em ensinar bandas militares.

Escreveu: dobrados, marchas, polkas, valsas, e era muito feliz em arranjos musicaes, havendo deixado muitos discipulos de nota que honram a sua memoria. Gozou, merecidamente, de grande reputação artistica.

BALTHAZAR ANTONIO DOS REIS.

Nasceu nesta cidade, a 6 de janeiro de 1816, e falleceu, no Estado do Espirito Santo, a 14 de julho de 1882.

Foi o primeiro mestre e organizador da banda do Corpo de Policia deste Estado.

A convite do então presidente do Espirito Santo, Dr. Evaristo Ladislau e Silva, retirou-se para alli, onde exerceu a sua profissão, isto em 1853. Musico habilissimo, entrou em concurso para reger a cadeira dessa disciplina, naquella

occasião creada, sendo nomeado, depois de exhibir brilhante prova de suas habilitações.

Não existindo naquella capital uma orchestra para as funcções religiosas, Balthazar organizou-a proficientemente.

Por occasião da epidemia de febre amarella, distinguiu-se por actos de verdadeira abnegação e caridade, grangeando a estima publica. Foi aposentado em 1880 no cargo de professor de musica.

Em attenção aos serviços prestados á capital do Espirito Santo e á estima com que era distinguido, o Governo municipal denominou—*Rua Balthazar dos Reis* aquella em que o artista residia.

FREI ANTONIO DO PATROCINIO ARAUJO.

Religioso benedictino, falleceu a 29 de agosto de 1876, em idade de 58 annos.

Foi orphão do Collegio e Casa Pia de S. Joaquim, desta cidade, organista de primeira ordem, pianista e excellente compositor sacro.

Escreveu: *Te-Deums*, missas, novenas, vesperas, dedicadas á Nossa Senhora da Graça, que foram cantadas por senhoras no respectivo mosteiro.

Na sua Ordem, exerceu os cargos de mestre de noviços, primeiro visitador, abbade de Pernambuco, definidor, mestre jubilado e pelo Capitulo lhe foram concedidas as honras de abbade geral.

O Monitor, jornal independente, que se publicou, nesta capital, resumiu o elogio do illustre sacerdote, neste rigoroso conceito:

«Insigne musico, distincto organista e esclarecido lithurgista.»

JOSÉ DE SOUZA ARAGÃO

Nasceu em Cachoeira, a 7 de Dezembro de 1819 e alli falleceu a 13 de setembro de 1904.

Iniciou o estudo da musica com José Pereira de Castro e aperfeiçoou-se com o padre José Pinto de Oliveira Santos.

Gozou de alta consideração artistica e de geral estima. Regeu, com brilhantismo, a orchestra de Nossa Senhora da Ajuda, e bem assim foi o primeiro professor da philarmonica installada na mesma cidade, em 20 de setembro de 1857.

Foi eximio violinista e, ao mesmo tempo, provecto professor de piano.

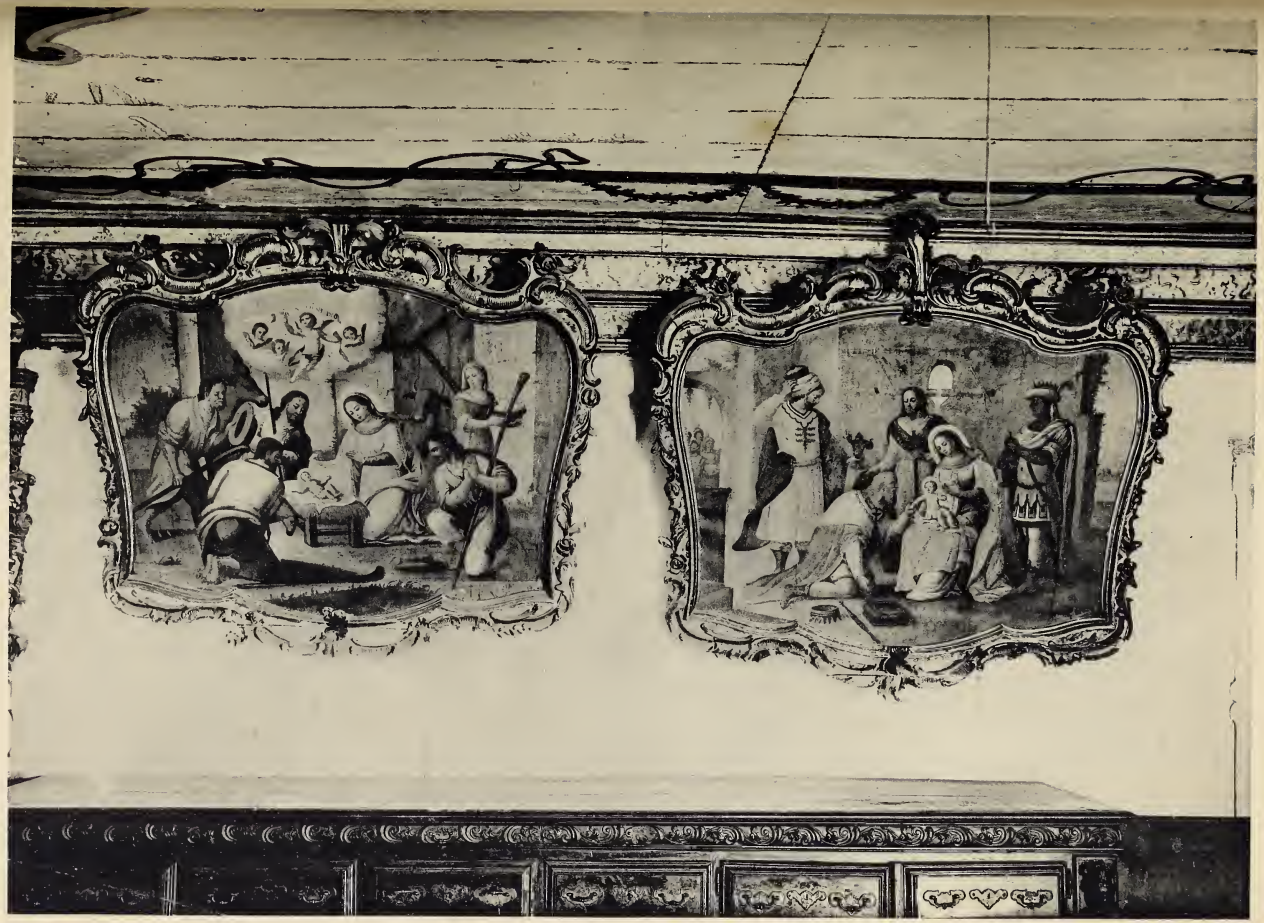
Deixou, na terra natal, um vacuo impreenchivel. Recordava, com orgulho, a circunstancia de ter sido collocado, em primeiro logar, em um grande concerto que houve na capital do Estado, onde se reunira selecto numero de artistas, sob a batuta do maestro Baccigaluppi.

Escreveu: missas festivas, sete; credos, dois; diversos hymnos; árias; *ouverturas;* dobrados; valsas lindissimas; polkas; quadrilhas; marchas funebres e grande quantidade de musicas para modinhas que foram o deleite dos trovadores.

DOMINGOS DE FARIA MACHADO

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 1819 e falleceu nesta cidade em 1872.

Discipulo do padre Jeronymo Pinto Nogueira, estudou musica no logar de seu nascimento. Foi musico, poeta, jornalista e dramaturgo. Intelli-



Adoração dos Pastores e Adoração dos Magos.
Pintura de José Theophilo de Jesus, na Sacristia da Matriz de Cachoeira. — Bahia.

gencia de primeira ordem, era ainda diplomado em pharmacia.

Escreveu: duas missas festivas; novenas privativas á Nossa Senhora da Purificação; ouverturas; mementos, minuettes, polkas, a *Batalha musical*, canto de guerra do Voluntario da Patria. Dotado de grande facilidade em arranjos, poz em musica uma poesia do actor Silva Araujo, composta para festejar a victoria das armas brazileiras, na tomada de Vileta.

No circulo dos musicos de seu tempo era tido como scientista musical.

Escreveu um livro de versos intitulado *Inspirações Religiosas*, e foi redactor-proprietario do jornal—*O Patriota.*

Entre as suas composições poeticas citamos, de memoria, esta estrophe:

A imprensa é o livro eterno
Em que se estuda o passado,
E' a garantia do Estado
Contra os excessos do rei;
E' do universo Arca Santa,
O throno da liberdade,
O supplicio da maldade,
O tabernaculo da lei.

São ainda de Faria Machado: *tres jaculatorias*, muito bem arranjadas, dedicadas á Nossa Senhora da Purificação; *Memento*—composto em poucas horas, para ser cantado, no enterramento de seu mestre.

Finda a cerimonia religiosa da encommendação do corpo quiz romper a importante producção, sendo obstado pelas pessoas presentes.

Escreveu ainda — *A Crise Financeira*, satyra politica.

Foi muito elogiado pelo maestro Baccigaluppi pela bellissima composição—*A tomada de Vileta.* (Guerra do Paraguay.)

JOAQUIM DE SENNA.

Nasceu em Santo Amaro, em 1819, e falleceu em 1891.

Escreveu: *tantum-ergos*, minuettes e outros trabalhos.

FRANCISCO JOSÉ DA COSTA.

Nasceu em Cachoeira, a 23 de Março de 1830.

Discipulo do grande Mussurunga, goza reputação de bom artista, é cantor, lecciona piano e toca, quando se faz necessario, ophicleide.

E' actualmente o director regente da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda.

PEDRO CELESTINO D'OLIVEIRA.

Nasceu em Santo Amaro, foi contemporaneo de Juvencio Alves da Silva e professor de philarmonicas e mestre da banda de musica da Guarda Nacional.

Tocava ophicleide e cantava no côro.

Escreveu marchas funebres e dobrados.

JOSÉ AUGUSTO DA FONSECA.

Nasceu em Santo Amaro, em 1837 e falleceu em 1887.

Excellente instrumentista, tocava piston, regeu orchestra e escreveu dobrados e novenas.

JOSÉ CUPERTINO DE UZEDA.

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 1834 e falleceu a 8 de Fevereiro de 1882.

Cultivando a musica, com dedicação e predisposição artistica, tornou-se conhecido e apreciado.

Cantava de tenor, regeu orchestra e leccionou philarmonicas. Seu instrumento predilecto era a clarineta; escreveu missas, ladainhas, novenas e diversos arranjos.

JOÃO BISPO DA EGREJA.

Nasceu em 1821 e falleceu a 28 de agosto de 1881.

Exerceu, com brilhantismo, as funcções de professor de piano, gozou reputação de bom artista e alta consideração social.

Não ha memoria de que, entre nós, já se ouvisse tocar piston como João Bispo.

Era, realmente, um instrumentista maravilhoso.

A conselho de amigos decidiu-se a ir ao Rio de Janeiro; effectivamente realizou-se essa excursão, e, ahi deu concertos, na presença de SS. MM. Imperiaes, sendo estrepitosamente applaudido. Em um desses concertos entupiram-lhe o piston, de modo que elle fosse mal succedido; essa circunstancia, porém, não offuscou as glorias do artista, que se fez ouvir tão magistralmente, como sempre.

Teve as honras de musico da camara imperial, e foi nomeado mestre de capella da Cathedral metropolitana.

O som especial, emittido pelo piston de prata de João Bispo, o qual lhe fôra offertado pela Exma. Condessa de Barral, deu-lhe a mais ampla nomeada.

As musicas compostas pelo grande Mussurunga tinham sempre uma parte caprichosamente arranjada para ser executada por João Bispo.

Foi extraordinariamente dedicado ao ensino da arte que tanto fez sobresahir o seu merito, sempre applaudido e festejado.

Não consta ter escripto cousa alguma, deixando, entretanto, discipulos de nota, como pianistas. Deu um concerto em Pernambuco, sendo delirantemente apreciado.

Em julho de 1856, realizou-se pomposo beneficio em favor do maestro João Bispo, no theatrinho *Gymnasio Bahiano*, e, por essa occasião, recitou o repentista Francisco Muniz Barreto o seguinte soneto:

O metal que soar fazes tão raro,
Teu nome impondo ao seculo vindouro,
Vale mais, para mim, que todo ouro
Que nos seus cofres amontôa o avaro.

No teu magico piston as Musas—charo,
Guardas immenso, perennal thesouro:
Morrem titulos ganhos, com desdoiro,
E' immortal teu merito preclaro.

No sceptro por mãos d'homens empunhado
Troveja só a lei, que quer ter presa
A vontade do povo a seu máo grado.

Outro é teu poder, tua grandesa
No sceptro, por teu sopro sustentado,
Falla, legisla, impera a naturesa.

CORNELIO VIDAL DA CUNHA.

Discipulo de Pedro Hypolito Mertel, nasceu a 18 de julho de 1821 e falleceu a 10 de abril de 1883.

Estudou musica, com muita dedicação, tornando-se um dos melhores e mais reputados flautistas do seu tempo. Realizou diversos concertos para firmar os seus dotes artisticos, colhendo calorosos e francos applausos.

Dirigiu as bandas de musica do 2.º batalhão da Guarda Nacional, dos menores do Arsenal de Marinha, desta capital, e diversas philarmonicas; e por muito tempo regeu a orchestra do Theatro S. João.

Um amador contemporaneo, referindo-se ao artista, disse:

« Escusa dizer que, representando-se a *Lucia de Lammermour,* o Sr. Cornelio obteve os triumphos que lhe são habituaes, ainda quando o espectaculo não tivesse prestado, valia a pena ter ido ao theatro apreciar os solos da maviosa flauta, pelo excellente executante ».

O elogio não pode ser mais verdadeiro e expressivo. Deixou varias composições e alguns arranjos para orchestra, que perpetuarão a sua memoria de artista.

PADRE MAXIMIANO XAVIER DE SANT'ANNA.

Nasceu a 21 de Fevereiro de 1825 e falleceu em 1883.

Depois do curso primario estudou preparatorios, afim de seguir a carreira ecclesiastica. Sendo muito perseguido, depois de concluidos os seus estudos theologicos, não poude obter ordens sacras, no que levou 12 annos sem nada conseguir. Dedicou-se á musica, e, foi muito apreciado por seu

brilhante talento e pela excellente voz de barytono, que possuia, e ao mesmo tempo revelou alta competencia no estudo do cantochão, sendo nomeado professor dessa disciplina, no Seminario Archiepiscopal.

Teve occasião de tomar parte em uma festa no engenho *Pindobas*, propriedade do Conde de Passé, e ahi o seu triumpho foi completo, cantando admiravelmente, a ponto do titular offerecer-lhe seus prestimos, com todo interesse de servil-o. Nessa occasião, o padre Sant'Anna revelou a perseguição de que era alvo, e o dito titular tomou-o sob a sua protecção, de modo que, pouco tempo depois, o protegido obtinha ordens sacras, no Ceará, e cantava sua primeira missa na Bahia, sendo então Bispo D. Luiz Antonio dos Santos que, exercendo posteriormente o Arcebispado da Bahia, nomeou-o mestre de capella ou director da orchestra ecclesiastica.

Escreveu: *Compendio de musica*, que teve duas edições, e o mais acceito depois do de Mussurunga; *Canticos á Virgem*; *Mez Mariano; Tantum-Ergo*; apreciadissimos bailes pastoris, denominados *Polyphemo* ou *Triumpho do Amor*, *Mouros Grandes*, *Meirinho*, *Principe*, *Visinha*, *Cabrita*, *Astros*, *Ganhadeira* e *Degolação dos Innocentes*.

Este ultimo fôra tido como o melhor baile pastoril da época.

MIGUEL ARCHANJO DE FARIAS.

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 1821, e falleceu em 1881.

Cantava de baixo profundo e tocava violino.

PEDRO CELESTINO PINHEIRO DE LEMOS.

(GERALMENTE CONHECIDO POR PEDRO PERÚ)

Nasceu em Cachoeira, no anno de 1822 e falleceu no Hospital da Misericordia, da mesma cidade, a 19 de Fevereiro de 1876.

O distincto homem de letras, Dr. Aristides Milton, de saudosa memoria, a respeito desse artista, disse, em suas *Ephemerides Cachoeiranas:*

«Tocava flauta divinamente esse artista, a quem faltaram, no entanto, grandes mestres, pois a natureza foi-lhe prodiga, dotando-o de grande talento musical e preciosa inspiração.

Chamavam-no de *Perú* porque elle imitava a este gallinaceo perfeitamente bem, desde que para isto lhe pagassem á vista.

Na organização desse homem, a bossa da avareza predominava com uma tyrannia atroz».

Dizem os seus contemporaneos que elle ouvindo tocar qualquer trecho de musica fazia, de momento, variações no instrumento sobre o motivo, em todos os tons da escala musical.

FLORENTINO RODRIGUES DA SILVA.

Nasceu na cidade da Cachoeira e ahi falleceu, a 6 de Fevereiro de 1839.

Musico de boa nomeada foi escolhido regente da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda.

Contribuiu, extraordinariamente, para o desenvolvimento do gosto que ainda se observa em seus conterraneos, pela divina arte de Carlos Gomes. Compoz minuettes, credos, psalmos, etc.

JUVENCIO ALVES DA SILVA.

Nasceu na villa de S. Francisco, em 1825 e falleceu, nesta cidade, a 9 de dezembro de 1869.

Como professor da cadeira publica de musica desta capital, mostrou sempre muito gosto pelo magisterio e bom methodo de ensino. Flautista eximio, encarregava-se de reger orchestra e leccionava solfejo e piano.

Deixou grande numero de discipulos que attestam o valor artistico do mestre.

Escreveu um compendio de musica, pelo qual leccionava, mas não o deu á publicidade.

JOÃO BAPTISTA HENRIQUES DE PAIVA.

Nasceu a 23 de junho de 1826 e falleceu a 11 de dezembro de 1895.

Cursou preparatorios com destino ao curso medico e, mudando de resolução, seguiu a carreira artistica.

Conhecia bem o latim, o que lhe valeu ser nomeado escripturario da repartição ecclesiastica, no tempo de D. Romualdo.

Em 1850, foi nomeado organista da Cathedral, cargo que exerceu até á morte.

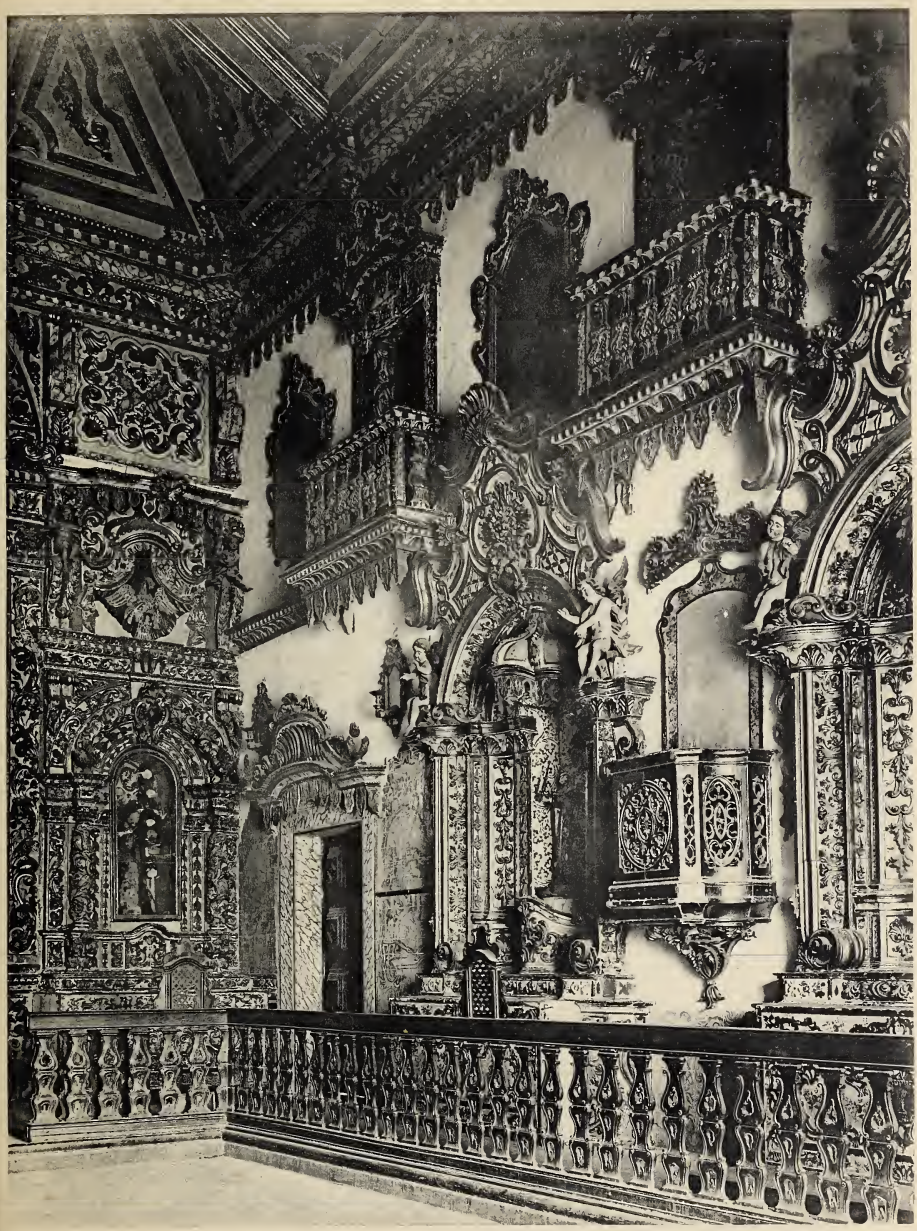
Foi distincto professor de piano e o organista mais considerado de seu tempo.

Conhecia vantajosamente o cantochão e era tido como bom artista.

MANOEL THOMÉ DE BITTENCOURT SÁ.

Nasceu a 21 de dezembro de 1826 e falleceu a 30 de setembro de 1886.

Foi artista muito conceituado, tanto na corporação de que era ornamento, como em geral. Começou a distinguir-se como mestre da banda do 6.º



Vista interna da Ordem 3ª do Carmo de Cachoeira. — Bahia.

batalhão da Guarda Nacional, onde tocava flautim, tendo antes sido considerado bom cantor. Deixou numerosas composições, como fossem: missas, uma das quaes dedicada á Santa Cecilia; dobrados, ladainhas, marchas, polkas, quadrilhas, valsas, *tantum-ergos Te-Deums*, novenas, uma dedicada ao Sagrado Coração, jaculatorias, diversos solos de *Laudamus, Domine-Deus*, *Qui sedes*, etc.

Deu diversos concertos, recebendo applausos geraes, regeu orchestra, leccionou piano em collegios e casas particulares.

Escreveu uma serie de marchas funebres, cada qual mais importante.

DR. POLICARPO CEZARIO DE BARROS.

Fôra tenente-coronel, chefe do serviço sanitario da então Provincia e director do Hospital Militar. Tocava primeiro violino na orchestra do Theatro S. João e com os recursos da arte estudou medicina.

Tinha immensa satisfação em fazer-se ouvir nas festas de Santa Cecilia, trajando o seu uniforme do exercito, em grande gala.

Numa destas occasiões assistiu á festa, no Convento de S. Francisco, o commandante das armas, general Coelho; e, não se conformando com a presença do Dr. Polycarpo na orchestra, mandou chamal-o á sua presença e censurou-o.

O Dr. Polycarpo respondeu que com o auxilio da musica chegara áquella posição.

Voltou ao seu logar, continuando a tocar, comparecendo ainda ao *Te-Deum*, á noite.

JOAQUIM SILVERIO DE BITTENCOURT SA'.

Nasceu a 30 de Dezembro de 1829 e falleceu a 15 de Abril de 1899.

Foi igualmente considerado, e merecidamente, como seu irmão Manuel Thomé.

Começou sua vida artistica tocando clarineta no 6.º batalhão da Guarda Nacional; depois estudou piano e orgão e tocava violeta em orchestra. Foi excellente organista, e o primeiro que, na Bahia, escreveu marchas funebres; deixou grande cópia de musicas para bailes pastoris, modinhas, diversos solos sacros, etc. Sabia, como bem poucos, organizar um sacro concertante, como fez em 15 de Agosto de 1894, no Convento de S. Bento, em louvor de Nossa Senhora das Angustias.

Sua obra prima é, talvez, uma novena de Nossa Senhora da Piedade, trabalho de grande valor. Juntamente com seu irmão Manuel Thomé foi verdadeira notabilidade, proclamada em vida.

JOÃO AMADO COUTINHO BARATA.

Nasceu na cidade de Nazareth, a 27 de setembro de 1830 e falleceu, nesta capital, a 9 de Novembro de 1886.

Revelando decidido pendor para a musica, foi mandado estudar no Conservatorio de Milão, na Italia, onde se demorou por espaço de tres annos, com muito aproveitamento.

Por fallecimento de seu pae, voltou á Bahia; e, embora, sem recursos proprios, conseguiu voltar á Europa afim de completar seus estudos, a ex-

pensas da assembléa provincial, demorando-se mais dous annos na patria de Bellini.

De volta á terra de seu berço, mostrou-se provecto professor de piano, o mais abalisado de seu tempo, sempre rodeado de grande nomeada e alta consideração social e artistica.

Só executava musicas classicas.

Deixou numerosos discipulos de merito, pianistas eximias, residentes nesta capital, em S. Paulo, Rio de Janeiro e diversos *diletantti* bem applicados.

Organizou diversos concertos, em beneficio de instituições pias, com o auxilio de seus discipulos. Não me foi possivel conhecer uma só composição de sua lavra.

Em 1857, a direcção da Sociedade de Bellas Artes, em virtude da autorização constante da lei n. 607, de 19 de Setembro de 1856, nomeou-o professor da cadeira de canto e harmonia.

JUVENCIO LUDGERO DOS SANTOS.

Nasceu em Santo Amaro, em 1831 e falleceu a 22 de janeiro de 1881.

Considerado bom violino, regeu orchestra e dedicava-se ao canto. Escreveu: dobrados, modinhas, quadrilhas, ladainhas e diversos arranjos.

LUIZ DA FRANÇA PEREIRA REBOUÇAS.

Nasceu na cidade de Maragogipe, a 25 de agosto de 1832 e falleceu em 1851.

Estudou preparatorios no Lyceu Provincial e dedicou-se á musica, conseguindo ser bom pianista.

Esteve no Rio de Janeiro e lá deu concertos, com o auxilio de Pitanga, Francisco Manoel e outros artistas de nomeada.

O *Archivo Musical*, da Côrte publicou diversas composições de Luiz Rebouças, que teve notoria reputação como professor.

FRANCISCO MONIZ BARRETTO.

Filho do poeta-soldado de igual nome, nasceu a 21 de julho de 1836, fallecendo a 28 de fevereiro de 1901.

Dotado de vocação artistica, especialmente para a musica, estudou preparatorios e em maio de 1856 partiu para a França, subvencionado pela Assembléa Provincial, com a pensão de 200 francos mensaes.

Lá estudou harmonia com Affonse Dex e violino com o insigne Alard.

Voltou á Bahia em 1861 e começou a leccionar. Não conseguindo grande numero de discipulos, desgostou-se e fez-se professor de francez. Entendeu que a arte estava anarchisada, e, não se prestando ao ensino simplesmente material, desalentou-se e abandonou de vez o violino, fazendo-se ouvir, de longe em longe, na casa de um ou outro amigo. Houve tempo em que o artista não ganhava o necessario para sua subsistencia: deliberou, então, percorrer diversos pontos do paiz, dando concertos.

Seguiu. Voltou coberto de louros, mas de bolsa vasia. Falou-se na creação de um Conservatorio de Musica, e lembraram logo Moniz Barretto para o corpo docente; mas, a idéa não vingou.

Pouco tempo depois reviveu a mesma idéa, e o artista foi convidado para leccionar gratuitamente, o que levou o grande violinista a dizer: *Si eu vivo exclusivamente de minhas lições, de que hei de viver então, si deixal-as?*

Não consta que tivesse deixado discipulos de nota, nem composições.

Em 1882, concorreu á cadeira de francez do Lyceu Provincial, tendo por competidores ao dr. Manoel Carlos Devoto e a José Eduardo Mendes.

MIGUEL DOS ANJOS DE SANT'ANNA TORRES.

Nasceu a 16 de dezembro de 1837 e falleceu a 16 de julho de 1902.

Verdadeiro genio musical, de uma fecundidade prodigiosa. Aos vinte annos de edade já era reputado bom artista. Foi seu pae o unico mestre de musica que teve.

Em 1859, foi nomeado mestre da musica do 1.º batalhão de artilharia do exercito, no Rio de Janeiro; em 1861 passou a servir no 3.º batalhão, destacado no Pará; em 1865, foi a Manaus organizar a musica do estabelecimento dos educandos artifices; em 1870, voltou á Bahia e organisou a banda do 42º batalhão da Guarda Nacional, em Nazareth; em 1872, fixou residencia na capital; leccionou os menores do Arsenal de Guerra, na Academia de Bellas-Artes, diversas philarmonicas e desenvolveu grande actividade, até 1886, na direcção de orchestras.

Compoz inspiradissimas marchas, especialmente para os clubs carnavalescos *Fantoches da*

Euterpe e *Cruz Vermelha*, dobrados, missas, etc. Ensaiou-se em todos os generos, e como compositor sacro foi um modelo.

« O seu estylo era despretencioso sem ser vulgar, modesto, correcto, de um mimo original e surprehendente.

O glorioso maestro Carlos Gomes deu subidas provas de apreço ao merecimento de Miguel Torres quando aqui esteve.

Seu instrumento predilecto era o ophicleide.

Sua agilidade e correcção, no manejo do instrumento, o som, os effeitos de expressão que o artista obtinha, apezar de velho, do ophicleide, eram maravilhosos.

Ultimamente só se fazia ouvir a pedido de amigos, executando peças suas, escriptas ou improvisadas. Era então arrebatador; não se ouvia o mais leve ruido de uma chave, uma nota falsa, uma execução indecisa.

Dos graves aos agudissimos, os sons sahiam todos nitidos, brilhantes, ora leves como um suspiro, alegres como o sabiá, tristes como a saudade, horriveis como a tempestade, arrebatadores como a gloria».

Desgostoso com a decadencia da arte, dizia ao distincto maestro portuguez Barreto Aviz:

" Estou velho e cansado, não tanto pela idade, mas de luctar contra a decadencia da musica, na minha terra, cuja educação está em poder do charlatanismo, ha uns bons 30 annos; e já não vejo o meio de arrançar-lhe das mãos".

Para se avaliar a fecundidade prodigiosa de Miguel Torres, aqui juntamos a collecção de suas

producções, ministrada por pessoa da familia do extincto, a saber:

Missas festivas, 16; dita de *requiem*, uma; dobrados, 300; polkas, 100; quadrilhas de contradanças, 50; ditas de orchestra, 40; valsas para bandas, 60; ditas para orchestra, 48; *Te-Deums*, 8; novenas, 9; credos, 7; *Tantums ergo*, 10; *Ecce-sacerdos*, 5; Ave-Marias, 4; hymnos, 12; árias, 20; marchas militares, 80; ditas funebres, 60; *minuettes*, 12; themas com variações para ophcleide, 3; diversos arranjos, psalmos, symphonias, etc.

Principiou a escrever aos 16 annos de idade, e, de certo tempo em deante, tratou de corrigir o que escrevera na mocidade.

No Estado do Pará, aperfeiçoou-se, estudando harmonia e contra-ponto com o distincto maestro Gurjão, de quem era amigo dedicado.

Si Miguel Torres tivesse a dita de frequentar algum dos afamados conservatorios da Europa, naturalmente perpetuar-lhe-ia a memoria um desses grandiosos poemas symphonicos, que fazem a gloria de um artista.

EUSTAQUIO REBOUÇAS DA CRUZ.

Nasceu na cidade de Maragogipe, a 21 de setembro de 1837 e falleceu em março de 1881.

Estudou, no antigo Lyceu Provincial, latim, francez, desenho e musica, com applicação, tocando fagote e oboe. Apaixonado pela clarineta, passou a estudal-a, conseguindo tornar-se bom instrumentista. Realizou varios concertos em seu beneficio, aqui e no norte do paiz, onde o denominaram

primeiro clarinetista brazileiro, colhendo justos e calorosos applausos, desde Sergipe até o Amazonas.

Escreveu: dobrados, quinze; polkas, nove; valsas, seis; quadrilhas, tres; mazurka, uma; schotisch uma e o hymno *Conde d'Eu*, offerecido ao mesmo titular, em regosijo pela victoria final da guerra do Paraguay. Este hymno executou-o a banda do 1.º batalhão de Fuzileiros Navaes no Rio de Janeiro. Nessa occasião, pretendia Rebouças dar alli alguns concertos, no qué foi obstado por terrivel molestia.

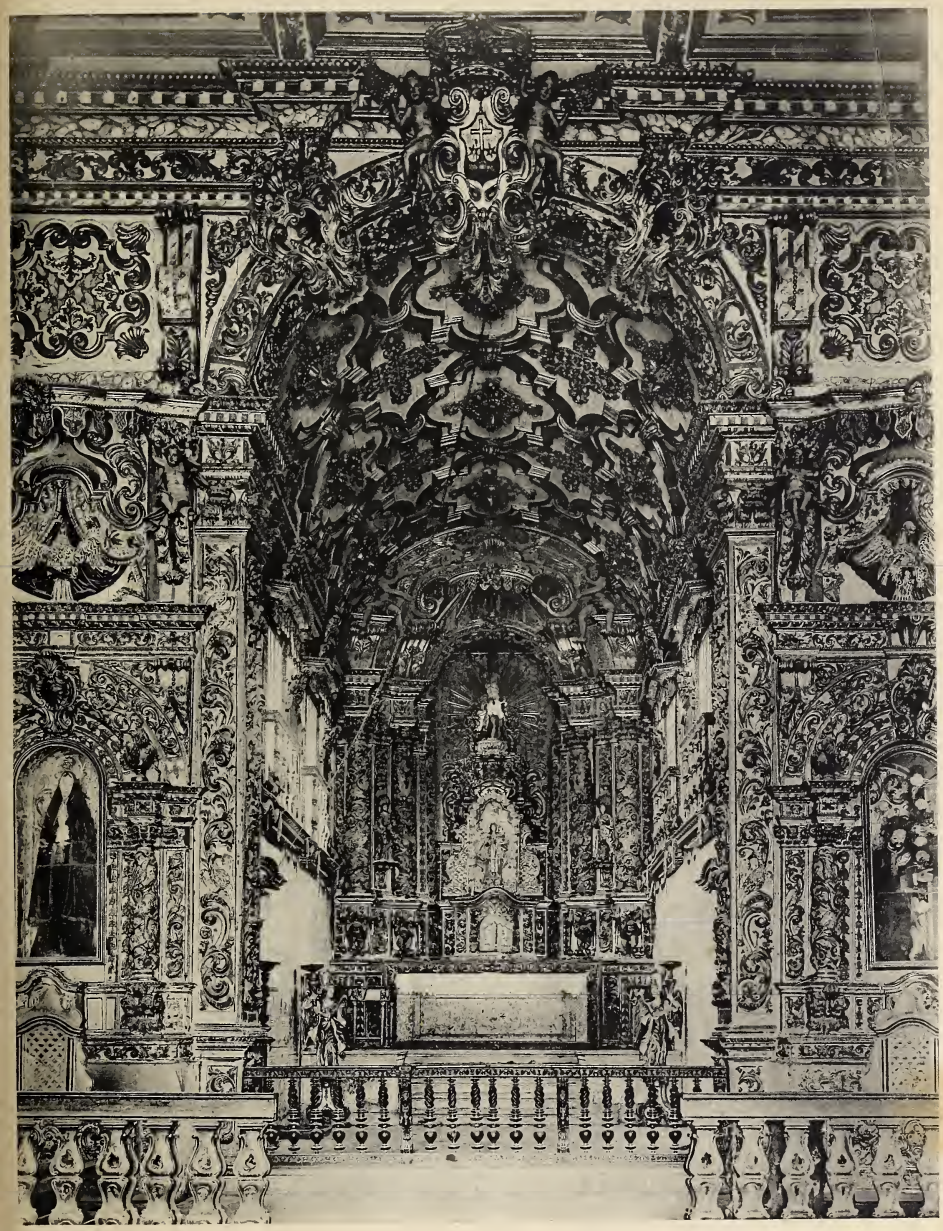
Quando falleceu exercia o cargo de aderecista de uma companhia lyrica.

DR. EPIPHANIO JOSÉ DOS REIS.

Nasceu em 6 de janeiro de 1837, na antiga villa do Inhambupe, hoje cidade do mesmo nome, onde iniciou e concluiu, com desenvolvimento precoce, os estudos primarios, revelando, desde a infancia, clara e surprehendente intelligencia, com pronunciada tendencia para as letras e artes liberaes, cultivando, com enthusiasmo e de preferencia, a musica.

Tornou-se notavel, ainda muito moço, na execução do violino, instrumento de sua predilecção, e como sublime cantor de hymnos sacros, a ponto de ser julgado indispensavel a todas as festividades religiosas do logar.

Na cultura das letras, distinguiu-se, igualmente, com geral admiração dos conterraneos. Reconhecendo o nosso biographado que o Inhambupe, depois de ahi ter sido professor primario e de musica dirigindo a pequena orchestra existente, era um scenario muito estreito para o desenvolvimento e actividade de seu talento, resolveu e conseguiu,



Altar mór da Ordem 3ª do Carmo da Cachoeira. — Bahia.
Construida em 1773.

com auxilio de prestimosos amigos e admiradores, fixar residencia no Rio de Janeiro.

Ahi apresentou-se ao Conselheiro Dantas, conseguindo uma collocação de 2.º violino na Capella Imperial e, por sua applicação e gosto, foi elevado a 1.º violino, e, dahi por deante, com os recursos da arte, iniciou os seus estudos de preparatorios, com brilhantismo, diplomou-se e foi professor distinctissimo no Imperial Collegio D. Pedro II, director do Collegio Abilio e, finalmente, director e proprietario do Collegio Epiphanio Reis, na mesma cidade. Distinguiu-se tanto o Dr. Epiphanio que mereceu a confiança, estima e alta consideração das principaes summidades literarias do Rio de Janeiro, de eminentes chefes politicos e das principaes familias, não só do Rio como de outros Estados, por onde disseminou, com proficiencia, a superior instrucção e esmerada educação que ornam o espirito culto dos innumeros discipulos que actualmente honram a Patria.

No inicio da Republica, o illustre bahiano visitou a terra natal, quando, de passagem para o Maranhão, acompanhava, na qualidade de secretario, a um de seus discipulos, o Dr. Pedro Tavares Junior, nomeado governador daquelle Estado.

Tempos depois voltou ao Rio de Janeiro e lá falleceu.

Foi um grande exemplo do poder da vontade.

MANOEL JOSÉ ALVES.

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 1837 e falleceu em 1888.

Intelligencia disciplinada e bem applicada,

escreveu: quadrilhas, valsas, canticos para o Mez Marianno, operetas; regeu orchestra; tocava violeta e violoncello.

FIRMINO SILVA.

Nasceu em 1839 e falleceu em 1874.

Estudou musica com Maximiano Murta e começou a carreira artistica como musico do Corpo de Policia. Tempos depois retirou-se e foi servir nos 1.º, 2.º, e 3.º batalhões da Guarda Nacional, juntamente com os mestres Rebouças e Joaquim Pedro. Em 1864, serviu no Corpo Fixo da Bahia, actual 50º batalhão de caçadores do exercito; seguiu para a campanha do Paraguay como mestre de musica do referido corpo e lá revelou grande talento musical, escrevendo dobrados apreciadissimos.

Deixou: dobrados, doze; polkas, seis; e quadrilhas de contradanças, cinco.

Morreu no hospital de Santa Izabel e seu enterramento foi feito a expensas de um amigo.

GERMANO ERNESTO DE SOUZA LIMEIRA.

Nasceu na cidade de Itaparica, a 28 de Maio de 1839 e falleceu, em Valença, a 1 de Agosto de 1897.

Estudou preparatorios e, com esmerado gosto, o latim e as mathematicas.

Principiou a carreira artistica como musico do 8.º batalhão da Guarda Nacional.

Por sua notoria applicação, passou a fazer parte da orchestra, tocando violino.

Tomou parte em concertos, com Adelelmo

Nascimento, foi director regente da orchestra do Theatro S. João, professor do Lyceu de Artes e Officios e o primeiro que, entre nós, explicou musica praticamente, servindo-se do quadro negro.

Era dotado de facilidade extrema no apanhado de musica, isto é, fixar no papel o que se ouve cantar ou tocar. Compoz cinco missas festivas, sendo que a de n. 4 é reputada sua obra prima, pela popularidade que conquistou. Na opinião dos competentes, é magistralmente escripta. Germano Limeira destacou-se admiravelmente em arranjos para operetas, novenas, Mez Marianno, etc.

Deixou valsas, polkas e quadrilhas de contradanças. Era tido como profundo conhecedor dos segredos de sua arte e competente em harmonia, contraponto e fuga.

Leccionou a diversas philarmonicas e em casas particulares. Além de violinista, tocava piano e violão.

LIVINO FAUSTINO DOS SANTOS.

Falleceu este artista em janeiro de 1889, em edade maior de cincoenta annos.

Apresentou-se em publico, como clarinetista consummado, na banda de musica do 1.º batalhão de infantaria da guarda nacional.

Artista de gosto pronunciado, fez parte da orchestra do Theatro S. João, nos bons tempos. Estudioso e considerado por suas habilitações comprovadas, era dotado de indole reservada, e exquisito mesmo, a ponto de recusar a sua assignatura aos trabalhos que compunha. Apezar de sobejamente conhecido, em certa occasião, propondo-se a orga-

nisar uma funcção sacra, houve quem duvidasse de sua proficiencia artistica. Livino dos Santos, revoltado contra juizo tão desarrazoado ao seu merecimento, em poucos dias, compoz uma missa a grande orchestra, de alto valor, não só quanto ao gosto, mas tambem quanto ao que diz respeito ás regras da arte, pontuada a capricho, de grandes difficuldades para o primeiro violino e para o ophicleide, resultando dahi descontentamento em alguns collegas de classe. Foi por largo tempo mestre da philarmonica *Minerva* e da banda do *Collegio dos Orphãos de S. Joaquim*. Deixou duas missas, que, na opinião dos competentes, são verdadeiros primores, assim como trechos concertantes de grande effeito e que recommendam a capacidade do auctor. Foi festejado instrumentista e exerceu a arte de afinador e concertador de pianos, sem competidor, no seu tempo.

JOSÉ BRUNO CORREIA.

Nasceu em 1833 e falleceu em 1901. Desde muito moço começou de manifestar pendor para a arte musical. Apreciado cantor em voz de tiple, possuia a vantagem de, em certas occasiões, substituir a outro qualquer cantor, com segurança e brilho.

Deixou consideravel collecção de modinhas, sendo que em algumas a poesia tambem era de seu proprio punho. Depois de José de Souza Aragão, de Cachoeira, foi o artista que mais produziu nesse genero, que fazia o encanto e a delicia dos trovadores do tempo.

JOAQUIM CORNELIO DE SANT'ANNA TORRES.

Falleceu em 1881, com edade superior a sessenta annos. Irmão do maestro Miguel Torres, de saudosa recordação, fez parte da brilhante pleiade de artistas que glorificaram o nome da Bahia.

Fora mestre de banda da guarda nacional, nos batalhões da Sé, 4.º 6.º e provisorio da mesma milicia, e, bem assim, no *Educandario*, instituição orphanologica — creada e mantida por espaço de 17 annos, e que prestou relevantes serviços, amparando a mocidade desvalida, pelo monge benedictino frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, e posteriormente leccionou a diversas philarmonicas. Fez parte da orchestra do Theatro S. João, onde deixou sobejas provas de sua capacidade de musicista.

Tocava todos os instrumentos de sopro, e era eximio no flautim e na corneta de chaves, admiravel no piston e valente no ophicleide.

Sua especialidade era a trompa lisa ou ordinaria, cuja escala natural é muito limitada; mas, com o soccorro da mão direita introduzida no pavilhão, e com o auxilio dos labios e da lingua, Joaquim Torres vencia todas as difficuldades, com a mais perfeita execução.

Esta circunstancia lhe valeu louvores do grande Carlos Gomes, ao tempo em que aqui ensaiou o *Guarany*, admirando-se de ter escripto para trompa a piston, e no entanto Joaquim Torres na trompa lisa conseguia o mesmo effeito.

Carlos Gomes ainda mais surprehendido ficou vendo Joaquim Torres exhibir-se brilhantemente

nos instrumentos indigenas que faziam parte integrante da opera, com a precisão necessaria.

Não era compositor, mas valente instrumentista, porque no Theatro S. João só tomava parte nos ensaios geraes de qualquer opera e ás vezes comparecia no acto do espectaculo.

PEDRO ALVES DA SILVA.

Filho e discipulo de Juvencio Alves da Silva, nasceu na cidade de Santo Amaro, em 1848 e falleceu, nesta capital, a 3 de Novembro de 1876.

Muito criança ainda, mostrou tal vocação para a musica que seu pae conseguiu da Assembléa Provincial uma subvenção para enviar o filho á Europa, afim de aperfeiçoar-se.

Estudou preparatorios com destino ao curso medico; mas, a inclinação arrastou-o para o meio artistico. Possuia o diploma de bacharel em musica pelo Conservatorio da Universidade de Stuttgardt, no sul d'Allemanha; conhecia e fallava diversas linguás, especialmente o allemão e o francez.

Substituiu a seu pae na cadeira publica de musica desta cidade.

Tocava o piano admiravelmente, sobretudo, difficeis variações sobre motivos do *Guarany*, escriptas por elle proprio, e executadas com a mão esquerda.

Deixou diversas composições ineditas, e algumas têm sido dadas á estampa com o nome de quem ficou com o seu archivo musical, segundo informa pessoa da familia.

Deu no Theatro S. João magnifico concerto e nessa occasião o Dr. Jayme Azedo, em nome da corporação Academica de Medicina, collocou no peito do artista uma medalha de ouro, com o distico: *Honra ao Merito.*

Morreu aos 28 annos, quando a arte ainda muito esperava dos seus primorosos dotes artisticos.

ADELELMO FRANCISCO DO NASCIMENTO.

Nasceu em 1848 e falleceu em Pariz, a 16 de Janeiro de 1898.

Foi um talento de escól nos segredos da sublime arte musical. Seu pae foi o seu primeiro mestre, ensinando-lhe com o rigor do tempo, a musica solfejada, a que o alumno attenciosamente se applicava. Estudou preparatorios no antigo Lyceu Provincial, e ao mesmo tempo, com assiduidade, dedicara-se ao estudo do violino, tendo por mestre ao maestro Baccigaluppi.

Muito moço ainda, deu provas de alto merecimento artistico, o que lhe valeu a nomeação de mestre de capella da Cathedral Metropolitana.

Quando se apresentou na orchestra já era um bom violino, tanto que foi escolhido para substituir a seu pae na regencia do Theatro S. João.

Começou nessa época, para o artista uma situação de provações e necessidades, devido á guerra crua que lhe moviam os companheiros, como natural compensação ás asperezas de seu genio irascivel. Chegando aqui a Companhia Lyrica de Eva Carlany encontrou Adelelmo na regen-

cia da orchestra, em cujo logar foi mantido. Com a presença de Thomaz Passini, os amigos do biographado conseguiram collocal-o no logar de 1.º violino concertante e 2.º regente.

No exercicio dessas funcções veio encontral-o o glorioso maestro Carlos Gomes, que se admirou de deparar na Bahia, um violinista de tanta força, firmando-se por essa circunstancia, ainda mais, os creditos do artista.

Seguiu com a companhia lyrica até ao Estado do Pará, juntamente com os nossos patricios Alipio Rebouças, José Eulalio e o sempre lembrado Miguel Torres.

Mais tarde, retirou-se para o Amazonas, onde organizou, com o auxilio de mais alguns artistas bahianos, uma orchestra, no que foi bastante applaudido, e, logo nomeado lente da cadeira de musica do Gymnasio Amazonense e Escola Normal.

Exhibiu-se em diversos concertos, sempre muito applaudido; emprehendeu uma viagem á Europa e lá falleceu, aureolado pelas fulgurações do seu formoso talento.

Acaba de ser publicado, correndo as despezas por conta do Governo do Amazonas, um compendio de musica, obra posthuma de Adelelmo do Nascimento, sendo a edição de 10.000 exemplares. Escreveu algumas composições, destacando-se uma missa dedicada á Nossa Senhora da Bôa Esperança.

FRANCISCO OLAVO DE SALLES MACHADO.

Nasceu em Cachoeira, no anno de 1840 e falleceu nesta capital, a 5 de Abril de 1883.

Estudou violino com José de Souza Aragão;

transferiu-se para esta cidade em 1872, sendo nesta época considerado bom artista.

Na convivencia intima de Adelelmo Nascimento, de quem era extremoso amigo, grangeou muitas relações e o estimulo necessario aos temperamentos musicaes. Viajou, com o seu amigo, todo o norte do paiz, estabelecendo-se no Pará.

De volta, continuou no exercicio de sua profissão, com a proficiencia e enthusiasmo que lhe eram peculiares.

Escreveu: missas festivas, seis; diversas quadrilhas de contradanças, valsas lindissimas, sendo uma destas dedicada á actriz D. Manuela Lucci.

Tinha excellente reputação como artista consciencioso e competente.

MANOEL PASTOR FRANCO.

Nasceu nesta capital em 1850.

Iniciado por seus paes, em um officio mecanico, frequentou diversas tendas, sem resultado.

Remettido para a antiga Companhia de Menores do Arsenal de Guerra, teve que estudar musica com o professor Aragão e, guiado pelas lições de mestre tão provecto, Pastor Franco manifestou decidida vocação para a divina arte.

Dando baixa da companhia de Menores, onde tocava requinta, serviu em diversas bandas de musica da Guarda Nacional, como 1.º clarineta. Mais tarde acceitou convite para fazer parte da orchestra do Theatro S. João, e neste posto não lhe tem sido regateado applausos pelos admiradores de seu talento.

Actualmente toca oboe, na mesma orchestra, lecciona philarmonicas e em casas particulares. Como compositor tem produzido peças de real valor.

E' o autor do *Hymno Civico*, dedicado ás escolas primarias, poesia de Edistio Martins.

LUDGERO JOSÉ DE SOUZA.

Nasceu em 1850, estudou musica com o professor Izidoro Borges d'Almeida e cursou preparatarios no Lyceu de Artes.

Frequentou as lições de violino do extincto maestro Adelelmo Nascimento, especialisando-se, porém, no genero — canto.

E' regente de orchestra e professor de musica do Gymnasio Estadual.

FRANCISCO IRINEU DE MATTOS.

Exposto da Santa Casa de Misericordia, falleceu a 18 de setembro de 1893, com 43 annos de edade, no Estado do Espirito Santo, onde exercia as funcções de mestre de musica do Corpo de Policia.

Estudou musica na Companhia de Menores do Arsenal de Guerra desta cidade, e, por sua applicação e comprovado talento, fôra escolhido contramestre.

Discipulo do festejado professor Aragão, aos 14 annos de idade compoz o dobrado *Passa Tempo*. Escreveu um compendio de musica a que não deu publicidade. Leccionou a diversas philarmonicas nesta cidade, em Valença, Nazareth, e Areia.

Suas producções conhecidas, são : dobrados —*Justo Sentenciado*, *Dous Amigos*, *Tiradentes*, *Saudades da Bahia*, *Vinte e Cinco*, *Vinte e Seis*, *S. João*, *Debochado*, *Republicano*, *Plutão*; quadrilhas de valsas : *Amelia*, *Santa Cecilia*, *Ambrosina*, *Saudades de Nazareth*; marchas : *Adoração de uma virgem*, *Ceciliana* e muitas outras composições perdidas, além de grande quantidade de obras ineditas que o artista, ao retirar-se para o Espirito Santo, deixou sob a guarda de um amigo, que num bello dia as entregou ás chammas.

Era clarinetista eximio, artista habilissimo e de grande facilidade na expressão de pensamentos musicaes. Em summa: valente instrumentista e excellente compositor.

ALIPIO REBOUÇAS.

Nasceu em 1851 e estudou preparatorios no antigo Lyceu Provincial. Dedicou-se ao estudo de musica, estreando-se em 1865, tocando flautim, seu instrumento predilecto, na banda de musica do batalhão n. 110 da Guarda Nacional, sendo o segundo cidadão que, na Bahia applicou-se á execução do saxophone.

Pretendeu fazer o curso da Escola Normal, chegando a prestar alguns exames, mas abandonou a idéa e voltou á vocação primitiva.

Como instrumentista, foi muito apreciado pelo maestro Carlos Gomes, quando aqui esteve e levou á scena o *Guarany*. Fez parte do grupo que, com Adelelmo Nascimento, viajou até ao Pará, com uma companhia lyrica.

Escreveu: seis missas festivas e uma de requiem; diversos dobrados; tantum-ergos; valsas; mazurkas; polkas; credos; *ecce-sacerdos; te-deum*; etc.

Leccionou em collegios particulares, assim como ás philarmonicas — Carlos Gomes, Melpomene, Flora, orchestra da cidade de Itaparica, Cantores do Boqueirão, etc.

Actualmente, é funccionario publico, sem comtudo ter abandonado a profissão.

MANOEL AMBROSIO DOS SANTOS FRAGA.

Nasceu em 1855, estudou musica na aula publica com o professor Juvencio Alves de Souza.

Lecciona em collegios e casas particulares e philarmonicas; faz parte da orchestra do Theatro S. João e é professor da banda do collegio S. Vicente de Paulo.

Encarrega-se de funcções sacras e profanas.

Tem produzido: uma missa festiva, um *te-deum*, valsas, polkas e dobrados.

D. MARIA ALICE BITTENCOURT.

Nasceu a 3 de Fevereiro de 1856, e é filha do extincto professor Manoel Thomé de Bittencourt Sá.

Alliando a delicadeza do seu sexo ás sublimidades da arte musical, exerce vantajosamente as funcções de professora de canto, piano, harmonium e continuando nos mesmos misteres de seu pae, encarrega-se de funcções sacras.

Por excessiva modestia, não publica uma só de suas composições, entre as quaes sobresahem uma ladainha e uma jaculatoria.

LIVINO JOSÉ D'ARGOLLO.

Nasceu em 1855, estudou musica, a principio, com o professor Isidoro Borges de Almeida e depois com o professor Pedro Alves da Silva, na aula publica desta cidade.

Revelou sempre vocação para o estudo do desenho.

Muito apreciado como professor de piano, tem realizado diversos concertos, em seu beneficio, com o auxilio de suas discipulas.

Foi organista da capella do Senhor do Bomfim e actualmente o é da matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia.

Fez uma viagem ao Rio de Janeiro, com o fim de aperfeiçoar os seus estudos, e tem escripto: nocturnos, valsas, barcarolas, marchas, etc.

Entre as suas composições religiosas, nota-se uma *Ave Maria,* que tem obtido acceitação. Lecciona em collegios e casas particulares.

JOSÉ RAYMUNDO DE FIGUEIREDO BRANCO NETTO.

Nasceu em Cachoeira, no anno de 1850 e falleceu a 1 de Outubro de 1882.

Musico distincto, á falta de escola, deixou de ser uma gloria nacional. Instrumentista exemplar, tocava piston com uma facilidade extrema, tendo um sopro mavioso, digno de apreciação.

Leccionou philarmonicas em Santo Amaro e outros pontos do Estado, com proficiencia; deixou varias composições e por ellas póde-se aquilatar do seu merecimento.

EDUARDO MENDES FRANCO.

Nasceu em Cachoeira, a 28 de Dezembro de 1851 e falleceu a 26 de Maio de 1906.

Estudou musica e violino com Justiniano Marques Pinto. Tornou-se insigne musicista, foi regente da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda e, na Feira de Sant'Anna, leccionou a philarmonica — Vinte e Cinco de Março.

Deixou algumas composições que attestam o seu festejado talento musical.

PEDRO URSINO RIBEIRO.

Nasceu em 1864, estudou preparatorios no Seminario, e musica com o seu proprio pae, Pedro Advincula Ribeiro.

Reconhecido e proclamado excellente professor de piano, dedicou-se, desde muito moço, aos misteres de sua profissão.

Tem produzido: mazurkas, gavotas, galopes, valsas, quadrilhas, polkas, schottisch, dobrados e *Tantum-ergos*.

SILVIO DEOLINDO FROES.

Para emmoldurar o nome deste eminente artista, cedemos a palavra ao extincto maestro J. Barreto Aviz:

« Nasceu a 28 de Outubro de 1865, illustre virtuose e compositor bahiano que, si não é um talento prodigioso, é em todo caso um talento, como podem apreciar pelas duas composições que remetto; e verão quanto mimo, quanta doçura, quanta originalidade naquella barcarolla e quanta sciencia harmonica não revela já a sua outra composição!

Silvio Fróes é um artista perfeito, o primeiro entre uma familia de musicos, segundo os conhecimentos que pude obter.

Quando aqui realizei o meu primeiro concerto publico, em 1893, foi Silvio Fróes um dos meus acompanhadores ao piano; tocamos o *Grand Duo Concertant*, de Weber e a *Sonata*, de Prout. Estudou muito estas duas peças, estudou; assim fazem os bons artistas, não porque lhes falte a agilidade, mas para se conhecer minuciosamente o discurso musical; e tão escrupulosa foi a execução de Fróes que, por vezes, me enthusiasmou.

Mas onde elle foi simplesmente admiravel foi no *largo* da *Sonata*.

As ideias, os periodos, as phrases recebiam de Fróes um colorido intenso, maravilhoso.

Ainda tocou em outro concerto, depois resolveu abandonar o piano.

Estuda agora, segundo me participou, a musica como sciencia, e alguns instrumentos para lhes conhecer as suas particularidades mecanicas e sonicas.

Mas, onde sinceramente, como virtuose, Fróes é grande, é precisamente no instrumento por excellencia o mais difficil de todos—o orgão... ha organistas superiores a Fróes?

No Brazil não conheço nenhum; na Europa, de certo ha; mas nem por isso Fróes deixa de occupar um logar superior entre os organistas do velho e novo continentes.

Além das obras acima referidas, que intitulou—*Deux feuilles d'album*—a primeira *Barcarolle Nocturne*. dedicada á Exm.ª Sra. D. Julia de Barros Gonçalves Martins, e a segunda—*Conservation de vieilles gens*, ao Dr. Alberto Müylaert, outras tem ainda ineditas, muitas no estylo religioso, a duas, tres e quatro vozes, com acompanhamento de orgão, e varios romances para canto e piano. E' de suppôr que o illustre compositor, agora na Europa, nos traga a grata surpreza da publicação de algumas destas obras e bom seria que as désse á estampa todas, com o que muito honraria a arte, em geral, e muito especialmente os seus admiradores, no numero dos quaes eu sinceramente me conto.

.....

Mas, com quem aprendeu musica Deolindo Fróes? Quaes foram seus mestres? quem tão seguramente lhe soube guiar os passos a caminho da arte e outros ramos dos conhecimentos humanos, porque Fróes possue uma variadissima illustração? Um nome, um nome só, um só professor fez luz naquelle cerebro durante o periodo de toda a sua juventude: foi sua mãe!

Senhora de altissima educação, muitissimo instruida, mas de uma instrucção solida, positiva, real, ella propria foi a professora de seus filhos, senão em todos os ramos, ao menos em grande parte, porém, escolhia e examinava mesmo os professores que tinha de admittir. Fróes cedo começou a viajar pela Europa, colhendo uma illustração assente em bases solidas. Teria elle por lá tomado alguns professores de musica? Creio que não. Pelo menos nunca me referiu esta circumstancia. Quando muito a um ou outro pediu algumas explicações e assim foi solidificando os seus conhecimentos musicaes. Emfim, o que é deve-o inteiramente á sua mãe (1) ».

Ainda mais: Deolindo Fróes não se destinava á carreira musical; depois de feitos os exames necessarios, matriculou-se, em 1882, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. Por motivo de molestia, abandonou aquelle Instituto e começou a estudar harmonia com o maestro Miguel Cardoso. Em 1888, seguiu para a Europa, e em Pariz cursou *harmonia*, *contraponto e composição*, com Charles Marie Widor, professor de orgão e composição do Conservatorio e celebre organista de S. Sulpicio.

Tem viajado os seguintes paizes: Portugal, Hespanha, França, Inglaterra, Suissa, Belgica, Hollanda, Italia, Austria, Hungria, Allemanha, Suecia e Dinamarca, permanecendo mais tempo na França e na Allemanha.

De volta á Bahia, em 1898, recomeçou seus estudos na Escola Polytechnica desta capital.

Por solicitação de diversos amigos, abandonou, de novo, o estudo da engenharia para encarregar-se da organização do Conservatorio de Musica, annexo á Escola de Bellas-Artes, sendo distin-

---

(1) Vide a revista *Amphion*—1896.

Lavatorio da sacristia da matriz de Cachoeira. — Bahia

guido por seus collegas com a eleição de Director.

Uma modestia excessiva engrinalda o merito do nosso biographado; apezar dessa circunstancia, o seu brilhante talento tem dado ensejo a merecidas apreciações.

Tem tomado parte em diversos concertos musicaes, ora como executante, ora como compositor, a saber:

no que se effectuou, no Polytheama Bahiano, em favor das victimas do *Solimões*, ouvindo-se as primeiras composições orchestraes classicas que se levaram em publico, na Bahia;

Concerto Sala Herz, Abril de 1902, em Pariz, no qual uma pequena orchestra acompanhou uma romanza, em francez, cantada por madame Bourgerel, referindo-se diversos jornaes elogiosamente ao artista;

Concerto Sala Pleyel, Janeiro de 1903, sendo executadas duas composições do artista, a saber: *Fleur de Mourante*, poesia de Millevoye, e *Ballada*, poesia de Gabriel d'Annunzio.

Entre outros jornaes que se referiram ao concerto, *Le Soir* disse:

«O concerto de terça-feira na *Sala Pleyel,* não foi mais do que uma longa serie de ovações ao eminente compositor brazileiro S. D. Fróes e aos seus interpretes, madame Bourgerel e M. Bernard».

O Jornal do Commercio e *O Phaxol,* de Juiz de Fóra, fizeram-lhe extraordinarios elogios, logo que tiveram communicação de seus correspondentes em Pariz. Nesse concerto, tambem exhibiu-se, com brilhante exito, o Dr. João Gonçalves

Martins, que cantou dois trechos, um da *Herodiade*, de Massenet, e outro *Passiflara* de Sgambate;

Concerto classico Union Artistique de XIV Arrondissement, 3 de Abril de 1903, no qual foram executados duas composições do artista;

Concerto da Maison Musicale, Junho de 1903. Ahi Deolindo Fróes executou, ao piano, um estudo de Henselt e duas composições suas: *Barcarole* e *Danse Négre,* e mais um arranjo seu para violino e canto, de um romance de Schumann, poesia de H. Heine.

Deu ainda concertos em Pariz e em outros logares onde o artista executou trechos de Chopin, Hubet, Beethoven, Schumann, etc., sendo constantemente muito applaudido.

Causou sempre boa impressão, na Europa, o facto do artista ser estrangeiro e compôr ao mesmo tempo a musica e poesia, na lingua franceza. Além dos professores acima mencionados, o artista frequentou os cursos de Witt, em Leipzig, e Felix Matté, mestre de capella de Karlsruhe.

Suas composições principaes são: Romances para canto, com acompanhamento de piano ou de orchestra; *Fantasias* e trechos diversos para piano, violino ou orchestra; *Arranjos* para quarteto, quinteto, harmonio ou orchestra, de romances de Schubert, Schumann e Grieg; *Poema symphonico* para orchestra; *Sonata* para piano; *dita* para piano e violino; *Symphonia* e uma *Opera* esboçada sobre assumpto biblico—*A queda de Babylonia;* uma outra sobre *Evangelina*, as quaes, devido á

falta de um poeta ou libretista, a seu contento, não estão acabadas.

Além destas composições, Deolindo Fróes tem escripto sobre assumptos musicaes, theoricos e criticos, nos jornaes da Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo, como sejam: *Ensaio sobre as cadencias; Terminações melodicas; Carta de Bayreuth*, etc.

Foi explicador de mathematica, no Rio de Janeiro, Bahia e em Pariz.

Em o numero das pessoas que tem distinguido o artista como apreciadoras do seu talento brilhante sobresahe o inolvidavel maestro brazileiro Carlos Gomes, que, ouvindo-o executar, ao piano, trechos improvisados ou então sobre motivos do *Guarany*, abraçou-o, com effusão, não cessando de dirigir-lhe felicitações. Quando Carlos Gomes esteve, pela ultima vez, na Bahia, convidou a Deolindo Fróes para tomar parte em concerto, no Polytheama, o que effectivamente se effectuou, tocando o artista, entre outros trechos, o *Duetto* do *Guarany*, a quatro mãos com o maestro e tambem acompanhando a cantora, filha da Exma. Sra. D. Helena Bastos.

Eis em traços ligeiros, o que consegui colher acerca da mentalidade privilegiada de Deolindo Fróes.

GUILHERME THEODORO PEREIRA DE MELLO.

Nasceu a 25 de Junho de 1867.

Orphão de pae, entrou, muito criança, para o Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, em 1876, onde se conservou durante 10 annos.

Actualmente, é professor de musica no mesmo

estabelecimento pio e lecciona em casas particulares.

Possue inedito um compendio de musica e ha pouco editorou um trabalho *A musica no Brazil.*

D. MARIA ELISA LACERDA VALENTE MONIZ DE ARAGÃO.

Ao *Amphion* tomamos as seguintes notas sobre a brilhante pianista, que, além de justas, têm a expressão de desinteressado apreço.

«Nasceu a 17 de Dezembro de 1874 a talentosa pianista, a quem o *Amphion* hoje presta homenagem. Mas este nome não é estranho, dirão os leitores.

Certamente não, meus amigos.

D. Maria Elisa honra simultaneamente a sua patria e o Conservatorio de Lisboa, onde fez o curso de piano e harmonia—1881—a 1891—obtendo distincção em todos os annos (excepto no 5.º) do curso de piano e o 2.º premio pecuniario, no curso geral de harmonia.

Já veem que foi muito sua conhecida, como tambem o foi minha, antes de aqui nos encontrarmos. Perguntando ao nosso mallogrado amigo José Antonio Vieira, ahi por 1884, si tinha algum alumno notavel no curso, respondeu-me: Tenho dous: Garin... e uma brazileira de oito annos, Maria Elisa Valente, que acaba de ser approvada com distincção no 2.º anno, como já foi no 1.º e igualmente no curso elementar. Estes meninos vão longe, vão...

Os discipulos não illudiram os vaticinios do mestre.

D. Maria Elisa está hoje uma pianista de valor real e o que é mais—uma excellente professora.

Poucas são as suas composições e estas quasi todas ineditas.

Assás modesta, duvidando sempre da perfeição de seus trabalhos, foge de os apresentar em publico; comtudo o seu estylo livre é muito original, muito mimoso e muito bem harmonisado.

Os seus compatriotas mostram-se ufanos em possuir esta

illustre pianista e não ha concerto em que ella se apresente que não lhe façam as mais estrondosas e merecidas ovações, pelo que sinceramente os applaudo (1)».

MANOEL TRANQUILINO BASTOS.

Nasceu em Cachoeira, a 8 de Outubro de 1851.

Organização moldada no cadinho da philosophia e da arte, póde ser reputado—o compositor sem erro—, taes são os escrupulos de consciencia e excessiva modestia que caracterizam a competencia deste artista.

E' um verdadeiro apostolo, na sua profissão, de uma instrucção variada e accessivel a todos os commettimentos grandiosos.

E' actualmente regente da orchestra de Nossa Senhora da Ajuda, onde tem accentuado a pericia, que lhe é peculiar, e por isso sempre admirado dos seus contemporaneos, toda a vez que se exhibe em publico.

Tem regido diversas philarmonicas e suas composições mais elogiadas são constituidas de excellentes dobrados, marchas, etc., onde são notorios o caprichoso cuidado de composição e as successivas bellezas de arte.

Presentemente, é professor regente da excellente *Philarmonica Victoria*, na cidade da Feira de Sant'Anna.

D. MARIA DA CRUZ CUNHA.

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, no anno de 1871.

Ambicionando cultivar a musica, para a qual

---

(1) Vide *Amphion*, jornal de musica, redigido pelo extincto maestro portuguez Barreto Aviz.

sempre demonstrou inclinação, matriculou-se no *Lyceu de Artes e Officios*, sob a direcção do competente maestro Remigio Domenech, e após brilhante tirocinio, sempre approvada com distincção em todo o curso, foi-lhe conferido o *diploma de habilitação*.

Lecciona em casas particulares e tem escripto: *Guia Pratico* para organização de grupos coraes e instrumentaes, o qual mereceu o apreço dos competentes maestros Deolindo Fróes e Dr. Alberto Muylaert; e *Compendio Elementar de Musica*, que, na Exposição Nacional de 1908, obteve diploma com medalha de ouro. Esse trabalho é dedicado ao *Lyceu de Artes e Officios*, como prova de reconhecimento.

Actualmente, dirige um grupo coral, cujas alumnas se têm exhibido, por vezes, em publico.

JOÃO BAPTISTA SACERDOTE.

Nasceu no anno de 1850 e depois do curso primario, matriculou-se como estudante de preparatorios, no antigo Lyceu Provincial. Dedicando-se á arte musical fez parte da banda do batalhão n. 110 da Guarda Nacional, na qualidade de segundo piston.

Depois, serviu no 8.º batalhão, sem comtudo deixar os estudos; prestados os respectivos exames, matriculou-se no primeiro anno do curso medico.

Transferido para a Faculdade do Rio de Janeiro, ahi tomou parte nos concertos da propaganda abolicionista, então no seu apogeu, ao lado de José do Patrocinio, o grande apostolo dessa regeneração social. Tem escripto:

Duas missas a grande orchestra, credos, Ave-Marias, novenas, Tantum-Ergos, minuetos, hymnos, elegias, dobrados, polkas, galopes, etc., e ultimamente os *Hymnos Affonso Penna* e *Honra ao Merito*, este dedicado ao Dr. Miguel Calmon.

Na Exposição Nacional de 1908 obteve duas medalhas de prata e ouro.

Encarrega-se de funcções sacras e profanas, e continúa no exercicio de professor de piano.

ANTONINO MANOEL DO ESPIRITO-SANTO.

Nasceu em 1883, e na edade precisa fora internado, como aprendiz, no extincto Arsenal de Guerra desta capital. Ahi começou a estudar musica com o grande Miguel Torres, chegando a auxilial-o nesse mister. A sua dedicação tornou-o discipulo predileto do mestre. Attingindo á edade de prestar serviço no exercito, fora desligado do Arsenal e mandado incorporar no 9.º batalhão de infantaria, como musico de segunda classe, onde permaneceu por espaço de cinco annos. Concluido o tempo de serviço, contractou-se no mesmo corpo, na qualidade de mestre da banda. Retirando-se o batalhão para o Estado do Ceará, Antonino do Espirito-Santo foi desligado, contratando-se no 16º da mesma arma, hoje 50º de caçadores.

Tem um repertorio de mais de duzentas composições de sua lavra, entre *phantasias*, *marchas*, *valsas*, *polkas concertantes*, *polacas*, *boleros*, *quadrilhas*, *mazurkas*, *dobrados concertantes* e *hymno* commemorativo do centenario do marechal Duque de Caxias.

Foi elogiado pelo general João da Silva Barbosa pela composição de uma bonita marcha.

Além das producções acima indicadas, tem mais: selecção das operas *Guarany*, *Baile de mascaras*, *Aida*, *Trovador*, *Huguenottes* e *Viuva Alegre*. Finalmente, leccionou as philarmonicas: *Recreio do Pilar*, *Carlos Gomes* e *Recreio de Periperi*.

Da geração moderna é um dos mais applicados e estudiosos musicistas.

JOAQUIM FERREIRA

Nasceu nesta cidade, em 1840. Satisfazendo á vontade paterna, que se alliava ao seu desejo, começou de estudar preliminares de musica com o distincto artista Cornelio Vidal da Cunha. Em condições de aprender um instrumento, dedicou-se ao estudo do piano, como alumno do artista italiano Henrique Albertazzi. Viajou o Velho Mundo, aperfeiçoando os seus estudos, e, em Lisboa, recebeu de abalisado especialista, os conhecimentos indispensaveis, durante dois annos. De volta á terra natal, consagrou-se ao ensino do piano, sendo hoje merecidamente conhecido como reputado professor e decano da classe dos pianistas bahianos.

Na convivencia dos melhores musicistas, Joaquim Ferreira tomou parte em concertos com João Bispo, Moniz Barreto e muitos outros.

E' o professor de piano que maior numero de discipulos tem preparado. Nada menos de quarenta e seis composições do artista consegui contar, entre valsas, polkas, schottis, quadrilhas de contra-

Vista interna do Convento de S. Antonio do Paraguassú. — Cachoeira. — Bahia.

danças, galopes, phantasias sobre motivo de operas, como: *Baile de Mascaras, Tosca, Ione,* etc. E' o autor de dois hymnos: o do *Gremio Literario da Bahia*, de cuja agremiação é socio honorario, e bem assim da brilhante peça musical, o *Hymno Castro Alves,* executado, entre aplausos geraes, em 1881, por occasião do decennario do glorioso poeta. Com a maxima justiça, figura Joaquim Ferreira, na galeria dos bons artistas bahianos.

JOAQUIM PEDRO MOREIRA.

Nasceu em 1840 e começou a estudar musica com o professor Izidoro Borges d'Almeida. Fora posteriormente iniciar-se no estudo da trompa lisa e, finalmente, do ophicleide com Joaquim Torres (pae).

Pouco depois fora nomeado mestre do 6.º Batalhão da Guarda Nacional, servindo tambem no 2.º e 3.º da mesma milicia.

Reconhecida e proclamada sua reputação artistica, conseguiu ser nomeado mestre da banda do antigo Corpo Fixo da Bahia, mais tarde 16.º Batalhão d'Infantaria do Exercito. Terminado o praso do contracto voltou a dirigir as bandas do 1.º e 3.º da Guarda Nacional, sempre elogiado pelo desempenho da ardua commissão.

No caracter de mestre da banda do antigo Corpo de Policia, revelou Joaquim Pedro que, além de bom instrumentista era um ensaiador de primeira ordem, conquistando os applausos dos competentes e dos que se enthusiasmavam diante de excellente execução. Sob a batuta de Joaquim

Pedro, a musica do Corpo de Policia fizera as delicias da população bahiana.

Seguindo para a campanha do Paraguay, colhera merecidos loiros por todos os logares em que se fazia ouvir a tradicional banda de musica da Bahia. De volta da guerra, Joaquim Pedro continuou na mestrança. Por vezes, a banda do Corpo de Policia teve ensejo de, incorporada á Companhias Lyricas, no theatro, ser alvo de estrondosas ovações. O maestro Carlos Gomes teve occasião de, se referir com elogios, ao alto valor dessa banda, por occasião de ser levada á scena a opera *Guarany*.

Joaquim Pedro dirigiu um nucleo musical de mais de tresentos artistas, numa grande festa. Muitos foram os louvores obtidos pelo artista, no exercicio de suas funcções, tanto na Guarda Nacional, como no exercito, de que possue invejavel fé de officio. Depois de trinta e tres annos de serviço publico foi aposentado, no cargo que exercia, de *tenente instructor geral* das tres bandas do Regimento Policial.

Tem escripto: marchas, dobrados, valsas, etc.

Distincto instrumentista, deixou no Corpo de Policia impreenchivel vacuo, como afinador e ensaiador, pela delicadesa do ouvido. Presentemente, reside no interior do Estado, em actividade de sua arte.

HONORATO PEREIRA DE SOUZA.

Nasceu na cidade de Nazareth. Era filho de um barbeiro, antigo mestre de terno—musico de outiva—que naquella epoca se exhibia nas

portas de egrejas, por occasião de festas, novenas, e lavagens, produzindo o regosijo popular de outr'ora, nas festividades religiosas. Começou Honorato Pereira tocando baixo de columna no referido terno, com vocação para os segredos da arte. O musico italiano Luiz Fachinetti, surprehendido pelas qualidades excepcionaes do estreante, offereceu-se para guial-o nos rudimentos da musica, declarando que isso fazia no empenho desinteressado de aproveitar uma vocação que se estiolava na ignorancia dos meandros da solfa.

Effectivamente fora acceito o convite, e Honorato não desmentiu a previsão do mestre. Sufficientemente apparelhado, Fachinetti trouxe o discipulo para esta capital, entregando-o aos cuidados do *Heta*, o mais considerado mestre de terno de barbeiro do tempo, pois sabia musica e fazia executar pelos seus discipulos trechos das operas mais conhecidas.

Aqui, numa esphera de acção mais ampla, Honorato Pereira dando arrhas de sua capacidade, conseguio aperfeiçoar-se, de modo que se tornou um artista bem regular, tocando ophicleide e cantando em orchestra.

Dedicando-se ás letras, exerceu o cargo de procurador, no fôro da terra do seu nascimento, tornando depois a esta capital, onde falleceu em 18 de Junho de 1879, em idade superior a sessenta annos.

Conta-se que na occasião de embarcar para esta capital, convencido de que estava se aproximando da sepultura, reuniu todas as suas composições musicaes, constando de hymnos ao glorioso Dous de Julho, dobrados, polkas e outros

arranjos, e, na viagem atirou ao mar um caixão contendo todas as suas musicas.

UMA RECTIFICAÇÃO HISTORICA

Não raro o Brasileiro, adventicio na Europa, adquire o habito de pretender ridicularisar, com exageros deprimentes, tudo quanto diz respeito á sua nacionalidade. Desta pécha não se eximiu o illustre artista e diplomata Manuel d'Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo, que, editorando um artigo na *Révue Brésilienne*, e depois transcripto por J. B. Debret, professor de pintura da Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, na sua importante obra *Voyage Pittoresque au Brésil*, terceiro volume, pagina 88, onde vêm narrados os factos mais importantes occorridos de 1816 a 1831, revelou desconhecer, por completo, o movimento artistico da Bahia, sentenciando:

« *La musique de Bahia est le lundum, dont l'excessive volupté de la mélodie regle le pas d'une allemande dansée par un homme et une femme.*

Quant á celle de Minas, c'est la modinha, romance sentimentale pleine de pensées délicates, et qui se chante avec un acompagnement trés chromatique. A Bahia, tout est doux, le sol y produit le sucre; et si l'habitant se stimule par des aliments pimentés, ce n'est qui pour y entretenir sa lascive indolence.

Sainte Catherine e Pernambuco se glorifient du génie musical de leurs habitants.

Et comme en Allemagne, dans les écoles pri-

maires de Sainte Catherine on enseigne, en même temps, l'a-b-c et le do-re-mi-fa».

Como se vê, não podia ser maior a falta de escrupulo de um homem superior, em assumir tamanha responsabilidade, ao lado do desconhecimento das cousas de seu paiz.

Effectivamente, a musica em a Bahia não acompanhou o progresso da esculptura, nem mesmo o da pintura.

Mas, é certo tambem que, no principio do seculo passado, a gloriosa provincia Brasileira já possuia uma representação musical bem regular.

Damião Barbosa fez parte da banda da brigada do principe regente, mais tarde mestre eximio, compositor, e, convidado por este a transportar-se para o Rio de Janeiro, ahi chegando, em 1813, não encontrou conservatorio de musica; mas, o cabedal, que daqui levara, fôra sufficiente por dar-lhe ingresso na Capella Imperial, como violinista, como professor e compositor de uma banda de menores.

José Pereira Rebouças, sendo um violinista de merecimento, mestre da musica do 2.º regimento de milicias, em 1828, emprehendeu uma viagem á Europa, e foi o primeiro brasileiro que frequentou os conservatorios da França e da Italia, onde recebeu o primeiro diploma de maestro conferido a brasileiros. O dr. J. M. Macedo, referindo-se a este artista, traçou o seu elogio, nestas palavras: «Não se mostrou maior em seu genio musical, foi apenas do tamanho de seu tempo em sua patria».

José dos Santos Barreto, reputado, no seu tempo, optimo professor de musica, foi um outro artista de grande merecimento, restando ainda de

seu aprimorado talento, o celebrado Hymno da Independencia da Bahia.

L. F. Tollenare, viajante francez, que aqui esteve nos annos de 1817 a 1818, assim se exprimiu, com relação á musica: « Não existem orgãos monumentaes; de ordinario um simples piano serve para acompanhar os côros; mas, por occasião da menor cerimonia, uma magnifica orchestra executa peças agradaveis e sempre renovadas.

As mulheres não cantam; quando não ha castrados são homens que executam falsetes, e sahem-se melhor do que o lamentavel canto gregoriano, soluçado nas nossas egrejas de provincia, na França».

A carta regia de 1818, que creou a cadeira de musica desta cidade, entre outras disposições, assignala:

« Sendo-me presente, por parte do Conde dos Arcos, vosso antecessor no governo dessa Capitania, o estado de decadencia, a que tem ahi chegado a arte de musica, tão cultivada pelos povos civilisados, etc. »

Si naquella época o governo lamentava a decadencia da musica, é porque esta tinha attingido a um certo grão de cultura.

Apresentando, como faço, documentos que invalidam a opinião do illustre diplomata barão de Santo Angelo, com relação á musica na Bahia, em principios do seculo passado, é-me grato deparar ensejo de rebater uma depreciação injusta, que por longo tempo perdurou, sem protesto. Fica, pois, entendido que nas tres primeiras decadas do seculo passado, a musica, em nossa terra, não se limitava ao *lundú*.

Havia musicos distinctos, havia orchestra, havia musica religiosa e mestres de bandas marciaes.

No caso vertente, tem toda applicação o que dizia Prospero Diniz redactor da « Marmota » :

« Ha certos sabios de alto nariz, que ignoram a historia, de seu paiz.

ARCHITECTURA

> Oh! doce amor das artes, das sciencias.....
> Como viver sem ti?
>
> PADRE J. A. DE MACEDO.

A arte é a expressão de uma necessidade, e não de um capricho.

Ocioso seria indagar a sua origem na historia, pois ella surgiu com a propria historia.

A architectura nasceu no momento em que o homem sentiu a necessidade de abrigar-se na rude e primitiva cabana. Depois de habitar as anfractuosidades da terra, cuja commodidade se tornou mesquinha com o augmento da familia, foi mister preparar habitação mais confortavel.

O emprego de proporções diversas, no modo de construir, serviu-lhe de modelo aos diversos typos architectonicos.

«Os primeiros monumentos foram simples blocos que o ferro não tinha atacado. A architectura começou como qualquer escripta. Foi, primeiro, alphabeto.

Erguia-se uma pedra ao alto, e era uma letra, e cada letra era um hieroglypho e sobre cada hieroglypho repousava um grupo de idéas, como o capitel sobre a columna.

Durante os seis mil primeiros annos do mundo, desde o pagode mais immemorial do Indostão até á cathedral de Colonia, a architectura foi a grande escripta do genero humano. Assim, até Gutemberg, a architectura é a escripta principal, a escripta universal.»

Do meiado do seculo XVI data a degeneração da arte, para a qual muito contribuiram os jesuitas, com o seu estylo uniforme.

A Renascença, ou antes, o renascimento do espirito humano, em suas multiplas modalidades, começou a decahir na Italia, de 1589 a 1680, com o architecto Lorenzo Bermini—creador do estylo —*Barróco.*

Em França, accentuou-se notadamente, no reinado de Luiz XV, quando se inaugurou o estylo amaneirado dos francezes, denominado—*Rocócó.*

Portugal tambem creou o seu estylo nacional o—*Manuelino*—derivado do *arabe* e do *gothico*, que constituiram a Renascença portugueza ou puramente classico no reinado de D. João V. Decaiu depois nos reinados de D. José I e D. Maria I.

Neste ultimo periodo, o estylo portuguez degenerou nos estylos *Barróco e Rocócó*. Ha quem affirme que o estylo *Manuelino* era o antigo estylo classico italiano, modificado pelo cunho portuguez.

A Renascença creou o zimborio na egreja catholica. O estylo bysantino, adulterado e fundido com o latino, deu em resultado o estylo Romance ou Romanico. O estylo ogival, impropriamente

chamado gothico, não tinha regras fixas, e, fora adoptado por diversos povos, conforme o gosto e o material de que dispunham, na occasião. E assim temos: os estylos-gothico francez, allemão, inglez, italiano e o portuguez que é o manuelino.

O Brasil, subordinado ao elemento portuguez, teve nas suas construções que obedecer á confusão e a balburdia architectonica, em que predominou o estylo Barrôco, desvirtuado pela introducção de fragmentos de louça, nas torres das igrejas.

Em 1669, estabeleceu-se na Bahia, uma escola de *artilharia* e *architectura militar*, a qual em 1713, já contava certo numero de partidarios ou cooperadores.

E' quanto se sabe da introducção da architectura, entre nós, antes do seculo XIX. As *Chronicas Domingueiras* de L. F. Tollenare, viajante francez que se distinguira pelo fino espirito de observação, me depararam os seguintes conceitos sobre as construcções, na Bahia, em começo do seculo passado:

«O gosto pelas bellas-artes é muito insignificante em um paiz em que se não sahe da indolencia sinão para se occupar de negocios pecuniarios; onde se é demasiado insensivel ao tedio para procurar distracções delicadas e onde o zelo não é estimulado pela presença de bons modelos. Entretanto, não se deve crer que as bellas-artes sejam aqui completamente desdenhadas.

A pompa do culto catholico valeu-lhe uma certa protecção. O architecto erigiu templos, o

esculptor e o pintor decoraram-lhes o interior e a musica resôa sob as suas abobadas.

O estylo architectonico é o que domina em Lisbôa; não é grego nem gothico.

Nada dessas bellas linhas em que o olhar se apraz em repousar, mas abundancia de recortes, de cornijas, de contornos e de molduras bizarras.

Os templos são pequenos, de uma só nave, sem abobadas de pedra; uma obscuridade bastante solemne, quasi tenebrosa, no santuario. Em vez das naves lateraes vêem-se as sacristias e os côros, acima dos quaes reinam os salões guarnecidos de sacadas dando para o interior e reservadas ás pessoas gradas; são de um bello effeito».

Como se vê, de architectura pouco ha que mencionar, fazendo excepção da matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia, unico templo que justifica um estylo determinado. Sómente depois de haver voltado da Europa o engenheiro Dr. José Frederico Allioni, verdadeiro ornamento de sua classe, foi que a Bahia começou a perceber as bellezas deste ramo de artes liberaes que recommendaram á posteridade os vultos de Vitruvio, Vignole, Scamozzio e tantos outros.

Na Escola de Bellas-Artes desta cidade, de que foi o illustrado engenheiro excellente auxiliar, na sua fundação, ahi iniciou o ensino de architectura, manifestando-se em projectos de novas construcções, assim como em arranjos de edificações antigas.

Os poderes publicos ainda não se convenceram da conveniencia de uma planta cadastral

da cidade, nem tão pouco da necessidade de modelos ou typos architectonicos, na construcção predial.

Em que pese aos poderes dirigentes, é notorio que cada qual edifica como lhe aprraz, sem observancia das leis da esthetica e com absoluto desprezo de rudimentares elementos de salubridade nas habitações.

Datam dos tempos coloniaes, ainda hoje em grande parte existentes, as edificações irregulares, baixas, no estylo feio e forte; templos erguidos em ruas estreitas, tortuosas, simples productos da incuria que ainda são conservados e reproduzidos, talvez como recordação historica do barbarismo, ou como symbolo do desleixo habitual.

Por conseguinte, os habitos inveterados de uma sociedade, em desaccordo com as applicações do bello, não despertaram encorajamento e enthusiasmo no estudo do desenho geometrico, por isso que não podia constituir objecto de cotação no ensino, como ainda hoje, principalmente, pelas influencias do mando, de programmas mal detalhados, escolha de local independente da opinião do architecto ou do engenheiro, adaptações detestaveis, transformando máos edificios particulares em repartições publicas; tudo isso obriga, quasi sempre a arranjos, de onde nunca sahirá um bom acondicionamento. Cousas taes mostram claramente que as posições autoritarias fazem e desfazem, a seu contento, despresando as observações dos habilitados, attendendo unicamente ao mero capricho, que só enxerga pelo prisma do egoismo, oriundo da incompetencia.

É necessario grande esforço para resistir aos estragadores da arte para que não continuem a destruir aquillo que não comprehendem.

Todavia, entre os trabalhos que podem ser mencionados como o inicio da architectura, entre nós, destacam-se : o edificio onde funccionam o Senado Estadual e os Tribunaes de Appellação e Conflictos, a Escola de Bellas-Artes, planta e direcção do engenheiro Allioni; Paço do Conselho Municipal, reformado sob o plano do architecto bahiano F. A. Monteiro Caminhoá e direcção do agrimensor Pedro Julio David; o Gymnasio Estadual, plano do architecto Manoel Carlos Weyll e direcção do engenheiro civil Justino da Silveira Franca; Drogaria America; as capellas do Coração de Jesus e da Providencia, no estylo ogival; o Palacio do Governo, plano do desenhista Antonio Lopes Rodrigues e direcção do engenheiro civil Alexandre Freire Maia Bittencourt; a Escola de Medicina e Pharmacia, plano e direcção do agrimensor Julio David, e bem assim excellentes propriedades particulares nos arrabaldes do Rio Vermelho, Barra, Graça e Itapagipe. Sem contestação, porém, cabem ao engenheiro Allioni a gloria e a primasia de haver introduzido, na Bahia, o gosto pela belleza architectonica das habitações e dos edificios publicos.

Entretanto, teve sua época de florescimento a arte de entalhador, ramo especial de architectura, como ahi está para o attestar a magnificencia interna de nossos templos, onde o olhar apaixonado do observador se detém a contemplar

verdadeiras obras primas, pela audacia da concepção, delicadeza e primor da execução.

Vejamos agora os artistas que mais honra fizeram á Bahia, nas differentes applicações da architectura.

ENTALHADORES

MOITINHO. (*)

Foi contemporaneo do esculptor Felix Pereira, isto é, viveu no seculo XVIII, e os seus mais afamados trabalhos encontram-se na igreja matriz de São Pedro Velho e no Convento da Lapa.

ROQUE. (**)

Floresceu na mesma época do esculptor Manoel Ignacio, para quem muito trabalhou. Era especialista em obras de jacarandá, e particularmente: *peanhas* e *calvarios* para imagens do Christo.

Posso asseverar que o artista Roque é o autor de importantissimo movel — a cama que serviu de leito a D. Pedro II, por occasião da sua visita á cidade da Feira de Sant'Anna. Este leito, em que sobresahem o mimo, a delicadeza e a esmerada execução da obra de talha, é presentemente, propriedade do tabellião, coronel Affonso Pedreira, que o conserva como verdadeira reliquia, tanto mais quanto é trabalhado em jacarandá e pertenceu a seu genitor.

(*) Não se lhe conhecem os prenomes.
(**) Vide nota anterior.

JOAQUIM PEREIRA DE MATTOS.

Era vulgarmente conhecido pela alcunha de *Joaquim Pataca*, e falleceu em 1855, em idade superior a 70 annos.

Reputado bom artista, nenhum outro, de seu tempo, o excedeu no plano e na louçania da execução.

Suas obras conhecidas encontram-se nas matrizes do Pilar, da Sé, cuja capella-mór, por seu fallecimento, foi concluida pelo capitão Cypriano de Souza; algumas obras complementares, na igreja do Senhor do Bomfim, auxiliando-o o seu discipulo Marcellino de Castro; a capella do Senhor dos Passos, na igreja d'Ajuda; o altar de Nossa Senhora das Angustias, no mosteiro de S. Bento; a capella-mór da matriz da rua do Paço; na igreja de S. Bartholomeu, da cidade de Maragogipe; na de Santiago do Iguape; na matriz da Victoria; Conventos da Soledade e do Desterro e mais tres altares na egreja da Ordem Terceira da SS. Trindade.

Cumpre notar que, após a Independencia, (1823) Joaquim Pereira de Mattos addicionou ao seu appellido o cognome—*Roseira*.

CAPITÃO CYPRIANO FRANCISCO DE SOUZA.

Nasceu em 1820 e falleceu em 1890.

Artista de merecida nomeada, trabalhou nas matrizes das cidades de Valença, Cruz de Almas, Rio de Contas e finalmente na de Maragogipe, onde deixou tres altares. Na capital, existem

Lavatorio da Sacristia do Convento de S. Antonio do Paraguassú.

muitos trabalhos seus: na matriz de Santo Antonio Além do Carmo, excepto o altar-mór, e foi o autor dos altares lateraes, no Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

MARCELLINO MARIANO DE CASTRO.

Discipulo de Joaquim Pereira de Mattos, nasceu em 1831 e falleceu ainda na flôr dos annos, em 1855, quando a arte esperava engrandecer-se sob as fulgurações do seu brilhante talento.

São de sua execução: o actual Cruzeiro do Senhor do Bomfim, todos os quadros que nos corredores lateraes contém paineis com passagens da Biblia Sagrada, os dous quadros com as télas representando—a *Morte do Justo* e a *Morte do Peccador*, tambem na egreja do Bomfim.

Auxiliou a seu mestre nas obras dos altares do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Angustias, no mosteiro de S. Bento, e bem assim em diversos trabalhos na igreja da Sé.

MAXIMIANO D'OLIVEIRA BRANDÃO.

Nasceu, nesta capital e falleceu na Santa Casa de Misericordia de Campinas, no estado de São Paulo, em 1896, contando mais de cincoenta annos de edade, cheio de desgostos e de amarguras, que lhe torturaram o espirito, no ultimo quartel da existencia.

Bastante intelligente, gosou de excellente reputação artistica. Tendo estudado o sufficiente para os misteres de sua profissão, matriculou-se e fez o curso da antiga Escola Normal.

Sempre ávido de saber, continuou nas pesquizas de alevantado amor á arte que professava, com o apaixonamento de cultor extremoso.

Viajou diversos paizes da Europa, onde admirou as maravilhas da arte, o que muito aprimorou sua educação.

Os seus melhores trabalhos são encontrados: na igreja do Senhor dos Afflictos; os altares, tribunas e côro, da matriz de Nazareth, nesta capital; nas cidades de Cachoeira, Nazareth, Alagoinhas e Villa do Soure, neste estado, e bem assim no Rio de Janeiro. Sua obra prima, porém, é a parte do trabalho que executou na matriz de Campinas.

As obras de talha desse templo, verdadeiros prodigios de arte, foram executadas por tres artistas bahianos, *Victoriano dos Anjos*, *Maximiano d'Oliveira Brandão* e um outro, cujo nome não me foi possivel saber.

Incontestavelmente, o primeiro destes artistas foi o mais notavel dentre elles, por ser o que maior somma de trabalhos effectuou, cabendo-lhe a supremacia tanto da concepção como da execução.

A respeito dessas obras — inseriu *A Reforma*, jornal do Rio de Janeiro, em 1871, excellente apreciação.

Cabe-me ponderar que o citado estudo critico só se refere a *Victoriano dos Anjos*, quando, no entanto, a meu ver, elle devera estender-se a todos os tres artistas, que executaram as ditas obras; sendo certo, porém, que a maior gloria compete, de direito inconteste, a Victoriano dos Anjos.

E' esta a apreciação:

«Após longa e modesta vida, passada quasi na obscuridade, acaba de fallecer na cidade de Campinas (São Paulo) um homem que, si a arte nacional não fosse ainda um pobre pariá, teria gosado, em vida, de renome e de fortuna.

Chamava-se Victoriano dos Anjos, nascera na Bahia e exercia a arte de esculptor. Durante trinta annos trabalhou elle na obra de talha da matriz da cidade onde falleceu. Não tardará muito que se vá visitar, em piedosa romaria artistica, aquelle templo, mesquinho e ridiculo, como obra architectonica, mas esplendido, formoso e admiravel no seu interior, pelos trabalhos de Victoriano dos Anjos.

Durante trinta annos, longa, paciente, amorosamente, cobriu elle de lavores preciosos, abertos em cedro, as paredes e os altares da igreja.

Difficilmente se poderá fazer ideia, sem tel-a visto, do que é, e do que vale artisticamente a sua obra.

O estylo da ornamentação, em que teve elle aliás de cingir-se a um plano prévio, é um mixto de classico e *barroco*, como o de quasi todos os nossos templos.

Não ha grandeza nem majestade em tal ornamentação. Victoriano dos Anjos, porém, soube dar ao seu trabalho um cunho original de novidade, que a delicadeza do lavôr realça e completa. Os festões, que envolvem as columnas e pendem dos capiteis, em vez de representarem flôres, fructos, aves de uma flora e de uma fauna phantastica, reproduzem, esculpidos, com rara perfeição, os nossos passaros, os nossos fructos, as

nossas flôres. O altar-mór, de per si, como desenho e como execução, é obra de um mestre de imaginação e saber.

Num dos cantos mais obscuros desse altar, está, numa pequena chapa de metal, escripto o nome do auctor daquella maravilha de esculptura de madeira.

Conservem-no os Campineiros, com amor e respeito.

A patria de Carlos Gomes deve presar a arte e os artistas. Breve, quando a estrada de ferro chegar áquella risonha cidade, a visita á sua matriz será um dever de todo o viajante.

Victoriano dos Anjos baixou ao tumulo sem ter recebido nunca premio ou recompensa, além de seu salario de artesano.»

Victoriano dos Anjos deixou na Bahia, os seguintes trabalhos: o altar-mór da matriz de Porto Seguro, obra importante, constituida de 16 columnas; rico sacrario na matriz de Jaguaripe, tendo de um lado a representação do trigo, e do outro a videira, como symbolo do pão e do vinho.

E' um trabalho perfeito e de uma delicadeza admiravel.

ANTONIO GENTIL.

Nasceu em 1833 e falleceu em 1903.

Bastante intelligente, tinha o curso de preparatorios no Seminario Archiepiscopal e desenhava bem.

Dedicou-se á arte de entalhador, em que adquiriu justa nomeada. Executou as obras dos

altares da matriz de Nossa Senhora de Nazareth, na cidade do mesmo nome, e das igrejas de Caytú e Valença.

Juntamente com o artista Maximiano Brandão, executou as obras da Ordem Terceira de São Domingos, com alguma modificação no traçado do artista Farias, excepto as da capella-mór.

JOAQUIM VENTURA ESTEVES.

Contemporaneo do capitão Cypriano de Souza, dirigiu, por longos annos, uma officina de entalhador, á rua do Xixi, e foi o autor das obras da Ordem Terceira da SS. Trindade, menos os altares, confiados á pericia de Joaquim Pataca.

COSTA. (***)

De parceria com Ventura Esteves executou as obras da matriz da Rua do Paço, menos as da capella-mór.

JOÃO BAPTISTA FERREIRA DE CARVÁLHO.

Nasceu em 1833 e aos 12 annos de idade, concluido o curso primario, entrou para a officina de entalhador de Joaquim Ventura Esteves, á rua do Pilar.

Aos 18 annos foi considerado official, continuando sob a mesma direcção, distinguindo-se, especialmente, em trabalhos de igrejas, e assim executou os altares lateraes da egreja de S. Pedro Ve-

(***) Não se lhe conhecem outros nomes.

lho, reparou as obras de talha da matriz do Pilar, Ordem Terceira da SS. Trindade, a capella-mór da matriz de Pirajuhia, capella da Piedade, na Munganga, e os altares da egreja da Barroquinha. Escasseando os trabalhos de igreja, foi para a marcenaria do italiano Carlos Manetti, ás Portas da Ribeira, época em que começava a desenvolver-se a arte de marceneiro.

Tempos depois, sob a direcção do francez Poisson, Baptista de Carvalho, executou obras de talha, em ricas mobilias destinadas á recepção de D. Pedro II, em 1859, no Palacio do Governo, e em Aracajú; para as residencias particulares dos barões de Passé, Catú e outras casas fidalgas. Quando presidente do Lyceu de Artes e Officios o Dr. Manuel Victorino, o nosso biographado preparou o docel do salão nobre; algum tempo depois executou o seu ultimo trabalho artistico: toda obra de talha da elegante galeota do Senhor dos Navegantes, no que foi muito felicitado e elogiado na imprensa, pela boa execução com que se desempenhou da incumbencia. Devido á decadencia da arte, abandonou-a; e, actualmente exerce, as funcções de ajudante do agente do correio, na rua Dr. Miguel Calmon.

CAPITÃO ALEXANDRE.

Deste artista apenas consegui saber que em 1834 executou todos os trabalhos de talha do altar-mór da igreja matriz de Nossa Senhora do Rosario, da cidade de Santo Amaro da Purificação, donde era natural, pela quantia de 750$000.

Essa obra recommenda a pericia de seu autor.

CANDIDO ALVES DE SOUZA

Nasceu em 1840 e falleceu em 1884.

Dentre os melhores trabalhos que deixou sobresahem: um altar na matriz da Conceição da Praia; a capella mór da matriz de S. Thomé de Paripe; um pequeno altar na Ordem Terceira de S. Domingos, outro na matriz da rua do Paço, a capella-mór da igreja de Santo Antonio da Barra e as cornucopias, contendo flôres, seguras por anjos, no Hospicio da Piedade.

Contrariado por não lhe ter sido confiada, depois do ajuste, a execução das obras da Ordem Terceira de São Domingos, enlouqueceu e finou-se no Asylo S. João de Deus.

DOMINGOS OLAVO DO SACRAMENTO.

Nascido em 1848, falleceu em 1901.

Foi um artista muito reputado, e ahi está para attestar o seu grande valor o alto cruzeiro da Ordem Terceira de S. Domingos.

Distincto especialista em ornatos, foram ainda de sua execução: o altar de Nossa Senhora da Victoria, na cidade de Ilheus; um importante nicho, que pertence á familia do sr. Ivo José Gomes, todo em pau setim, ornamentado com sebastião d'arruda, tendo quatro anjos nos angulos, um segurando o Coração de Jesus, outro o de Maria, além de grande quantidade de ornatos, em todo o genero, que o talento de Domingos Olavo sabia produzir, com belleza e arte.

HERCULANO FRANCISCO DUARTE

Discipulo do capitão Cypriano de Souza, nasceu em 1849 e finou-se em 1903.

Intelligencia prompta e de facil apprehensão, muito cedo revelou decidido pendor para a arte, e não poucos foram os artistas que grangearam nomeada á sua custa. Possuidor de grande força de vontade, executou tudo quanto lhe concebia o espirito, chegando até á perfeição de executar trechos de musica, no carrilhão da matriz da Conceição da Praia.

Nessa especialidade, cremos, não deixou successor.

Restaurou as obras de talha da igreja de N. Senhora da Palma, tornou-se notavel em ornatos, figurinhas e outros trabalhos delicados.

Foi talvez o melhor entalhador do seu tempo.

A familia de seu mestre conserva, como reliquia, um artistico presepe, em que os tres reis do Oriente sobresahem como um primor de execução. No mosteiro da Graça encontram-se varios trabalhos do notavel artista.

Desgostoso da arte, abandonou-a, e a morte veio surprehendel-o entregue á humilde profissão de vendedor d'agua.

O destino tem desses golpes brutaes!

CYPRIANO ARCHANJO MOREIRA.

Nasceu nesta capital a 12 de outubro de 1866.

Depois do curso primario foi aprender a arte de entalhador, a que, mais tarde, havia de honrar com as fulgurações de um bonito talento.

Apresentação de Jesus Christo no Templo.
Pintura de José Theophilo de Jesus, na Sacristia da Matriz de Cachoeira. — Bahia.

Em março de 1878, fixou residencia no Rio de Janeiro, e ahi, por sua applicação, tem-se revelado artista de subido valor, conseguindo francos elogios, entre outros, os seguintes trabalhos seus: um dormitorio de peroba, pertencente ao dr. Raphael de Barros, de S. Paulo, que se gaba de possuir o precioso movel; a reforma da ex-capella imperial, no estylo *barroco*, finissimo, de aprurado gosto; obras executadas no Ministerio da Justiça, no Grande Oriente do Brazil, e bem assim na Caixa de Amortisação; uma mobilia de sala de visitas, fantasia, em jacarandá, obra premiada com uma medalha de ouro na Exposição Artistica Industrial de 1900; um dormitorio completo, de peroba chamalotada, em estylo Luiz XVI, o qual obteve medalha de ouro na Exposição de S. Luiz, nos Estados Unidos da America do Norte, em 1904; um escudo para a pôpa do couraçado *Bahia*, em Montevidéo, representando a Republica Brazileira, comprehendendo execução, pintura e collocação. Este trabalho foi muito elogiado pelo almirante Jeronymo Francisco Gonçalves. Em Petropolis, no palacio do Presidente da Republica, existe outra producção artistica: um gabinete de trabalho de aprurado gosto, todo insculpido em imbui, madeira especial e originaria do Pará.

Avultada é a copia de outras obras do artista, de reconhecido valor, nesse genero.

O sr. Manoel Ferreira Tunes, estabelecido no Rio de Janeiro, e industrial de reputada competencia, passou ao distincto artista bahiano este attestado honroso:

«Eu, abaixo assignado, esculptor em madeira e conhecido industrial desta praça, no ramo de marcenaria, attesto que o senhor Cypriano Archanjo Moreira, entalhador, que tem sido meu empregado desde longos annos, é perito na sua arte e póde exercer com vantagem o logar de mestre de uma officina; e por ser verdade, passo a presente declaração que assigno.

Rio de Janeiro, 22 de maio de 1897.—*Manuel Ferreira Tunes*».

Deante deste documento, nada mais accrescentaremos.

GALDINO FRANCISCO BORGES

Artista habilitadissimo, conhecia o desenho geometrico e noções de architectura.

Nasceu em 1834, e finou-se em 1898.

De parceria com Antonio Gentil executou diversos trabalhos na Ordem Terceira de S. Domingos e bem assim dous altares na matriz da Conceição da Praia.

E' o auctor de dous grandes quadros, que encerram telas representando factos da vida de Santa Izabel, rainha de Portugal, na Ordem Terceira de S. Francisco.

Era especialista em ornatos e calvarios de jacarandá, para imagens do Christo.

E' o auctor do importante emblema da medicina, existente no salão nobre da Faculdade de Medicina e Cirurgia.

LUIZ DE MAGALHÃES

Falleceu em 1904.

Era o encarregado de todo o trabalho de talha na antiga e acreditada marcenaria—«Victorino Pereira.»

Os companheiros de Luiz Magalhães referem-se, com elogios, aos seus trabalhos.

JOÃO SIMÕES FRANCISCO DE SOUZA.

Nascido em 1846, teve por mestre a seu pae, o capitão Cypriano de Souza.

Frequentemente tem exercido as funcções de empreiteiro, e nesse caracter tem dirigido trabalhos, na Ordem Terceira do Rosario da Baixa dos Sapateiros, no Asylo de Mendicidade, na cidade de Nazareth, villa do Prado, onde executou a capella-mór e altares, na matriz; Alcobaça, Matta de São João, Pojuca, Ouriçangas; trez altares na matriz da Penha, tres outros no Asylo dos Expostos, um nicho na igreja do Senhor do Bomfim, igreja do Rosario de Itapagipe, capella de Santo Antonio, na Companhia do Queimado; na sacristia da Ordem Terceira de S. Francisco, um medalhão, com emblema das artes, que na exposição do Lyceu de Artes e Officios obteve medalha de ouro.

CUSTODIO CASTRO DO NASCIMENTO.

Nasceu nesta capital em 1880.

Fixou residencia em Santo Amaro da Purificação, e ahi tem executado os seguintes trabalhos: dois altares do Coração de Jesus e de Maria, na igreja de Nossa Senhora do Rosario e o altar pertencente á sociedade Luz Protectora, da mesma cidade.

Diversas obras em miniatura, para trabalhos de marceneiro, são tambem de sua execução.

ANTONIO MAGALHÃES REQUIÃO.

De esculptor mediocre que era, dedicou-se aos trabalhos de entalhador, onde melhor, accentuada. a sua vocação desenvolveu-se.

Em 1859, fez uma cadeira de jacarandá. muito enfeitada e de bom gosto, que fôra offerecida ao sr. D. Pedro II, quando visitou esta cidade; em 1862, encarregou-se da reforma da capella do extincto Arsenal de Marinha, no que fôra muito feliz no desempenho. Nessa occasião pertencia á officina de modeladores do dito arsenal (*)

Antonio Requião fôra aspirante de marinha, e, neste caracter, dando uma queda, ensurdeceu, pelo que foi levado a abandonar o tirocinio, iniciando-se, então, na arte de entalhador, e, neste caracter, reformou os altares da matriz de Cayrú.

Por ventura, para estudar melhor os primores da architectura religiosa, Antonio Requião se fez leigo do Convento de S. Francisco.

ROGERIO DA SILVA TEIXEIRA.

Nasceu em Cachoeira e reside no Rio de Janeiro. Seus melhores trabalhos conhecidos são: o altar de Nossa Senhora dos Mysterios, em Maragogipe, o de Nossa Senhora das Candeias e o de S. Felippe, na freguezia do mesmo nome.

(*) O saudoso artista falleceu em 1887, desastradamente, esmagado por um bonde, em idade superior a 60 annos.

Altar mór da Egreja da Misericordia na Capital da Bahia.

FLORINDO DE SOUZA FARTO.

E' o auctor dos altares de Nossa Senhora da Conceição e das Santas Almas Bemdictas, na matriz de Maragogipe.

PEDRO ALEXANDRINO DE SOUZA.

Nasceu em Maragogipe, em 1817, e falleceu em 1882. Auxiliou a Florindo de Souza Farto em diversos trabalhos, e é o auctor do altar de Nossa Senhora Sant'Anna, na matriz daquella cidade.

MARMORISTA

THOMAZ PEREIRA PALMA.

Nasceu em 1837.

Aprendeu, primeiramente, o officio de canteiro e, nesse caracter, trabalhou nas obras da Alfandega nova. Devido a grandes esforços tornou-se marmorista, sendo o primeiro brazileiro, que, na Bahia, conseguiu nomeada nesse genero de arte. Muitos são os trabalhos executados, que attestam a sua pericia, no interior e nesta capital, notadamente no cemiterio do Campo Santo.

Dirigiu o assentamento do *Monumento ao 2 de Julho*, na praça Duque de Caxias, gratidão aos veteranos da Independencia.

Apezar da sua avançada idade, continúa no exercicio de sua profissão.

E' um dos fundadores do Lyceu de Artes e Officios, ao qual prestou teaes e assignalados ser-

viços. Sinceros e elevados têm sido os seus esforços pelo engrandecimento da classe a que pertence.

AGRIMENSOR

PEDRO JULIO DAVID.

Nasceu a 18 de fevereiro de 1839 e falleceu a 20 de setembro de 1905.

Dotado de bonita intelligencia e applicação, deixou uma quantidade enorme de projectos de trabalhos de construcção. Em 1896, com a reforma das repartições do Estado, foi aposentado com todos os vencimentos, por contar mais de 30 annos de serviço publico, como conductor de obras.

Seus trabalhos mais notaveis são:

A conclusão das obras do Elevador Hydraulico; a reconstrucção dos principaes compartimentos do edificio da Escola de Medicina, incluindo a ornamentação de suas fachadas; a construcção do edificio do Polytheama Bahiano; construcção, projecto e fiscalisação do grande Mercado do Ouro, a primitiva reforma do edificio do Palacio da Victoria; diversos melhoramentos na Penitenciaria do Estado; collaboração nos projectos de aberturas das estradas da Soledade, Retiro e Rio Vermelho, e na construcção da rua da Montanha (Barão Homem de Mello); nivelamentos da Praça do Conselho e de alguns trechos da Estrada de Ferro de Santo Amaro; projecto e administração da Praça Bulcão (cáes do Ouro); execuções da planta do architecto Caminhoá, no edificio do Conselho Municipal e do edificio da fabrica de tecidos da Penha; exploração, estudos e construcção do *tramway* en-

tre o Garcia e o Rio Vermelho, no que foi auxiliado por seu filho, o engenheiro Pedro Jayme David; mudança do regimen do rio Camorogipe; orçamento e fiscalisação da reconstrucção dos edificios do Thesouro Estadual, do Instituto Normal, das ruas Ferraro e Ariani; orçamento, fiscalisação e nivelamento da praça Castro Alves e Barroquinha, aformoseamento da Praça do Conselho; construcção do cáes e gradil do Porto dos Tainheiros, em Itapagipe; reforma do edificio do Conselho Municipal da cidade do Bomfim; projectos da ponte de Maragogipe e da igreja da Conceição do Tororó; diversos estudos de construcção de açudes e estradas de rodagens, no interior do Estado, etc.

ARCHITECTO

GUILHERME OSCAR KLEINSCHMIDT.

Nasceu nesta capital e falleceu em 1910, em edade maior de sessenta annos.

Depois do curso primario, seguiu para a Europa, onde se matriculou na Escola de Artes, de Vienna d'Austria. Satisfeitas as formalidades legaes, obteve o diploma de architecto, attestado vivo de sua capacidade intellectual, pelo brilhante curso que fez. Estabeleceu-se em Chicago, Estados Unidos da America do Norte, e ahi permaneceu muitos annos, accumulou fortuna, á custa de muito trabalho, e que afinal se perdeu.

De volta á terra natal, empregou-se no prolongamento da estrada de ferro *Bahia ao S. Francisco* e depois na *Central da Bahia.*

Entre os seus trabalhos mais notorios, salientam-se:

Projecto e fiscalisação das estações de Cachoeira, Curralinho, João Amaro, S. Gonçalo e outras.

Retirou-se para o Rio de Janeiro, onde fixou residencia. Esteve no Estado de S. Paulo, onde fez o projecto de uma Universidade, incumbencia que lhe dera o engenheiro Theodoro Sampaio, a pedido do Cardeal Arcoverde, e, ahi falleceu proveniente de um desastre.

A par de bom architecto era excellente desenhista.

ARCHITECTO

HANS SCHLEIER.

Nasceu em 1854. Depois de feitos os estudos preparatorios, no Gymnasio Bahiano, seguiu para a Europa, e alli matriculou-se na Universidade de Sttutgart, frequentando mais tarde os estudos em Munich, onde terminou o curso de engenharia civil, especialisando-se em architectura.

Seu trabalho inicial foi a planta e execução do templo catholico de *Langenfelct*, na Bavaria.

De volta á terra natal foi collocado na Estrada de Ferro Central da Bahia.

Depois de iniciado o aprendizado de architectura na Escola de Bellas Artes, pelo engenheiro José Allioni, Hans Schleier foi o mais esforçado propagandista, no traçado e na execução das bellezas architectonicas, de que tanto carece a Bahia, para substituir as construcções pesadas, feias e

sem gosto, que abundam na capital. Este seu accentuado pendor para praticar a arte com boa vontade e a necessaria probidade, tornou o seu nome conhecido bastante para recommendal-o aos pretendentes a construcções, de que foi elle o architecto intelligente, ainda que nem sempre as suas plantas hajam tido a conveniente execução.

INDICE

	PAGS.
Prologo:	I a V
	VII a IX
Esculptura:	X —
Chagas	11 a 14
Felix Pereira	15 —
Bento Sabino dos Reis	15 e 16
Manoel Ignacio da Costa	17 a 22
Antonio de Souza Paranhos	22 —
Francisco de Assis Machado Peçanha	22 —
João Baptista Franco	22 —
Domingos Pereira Baião	23 a 28
Aurelio Rodrigues da Silva	28 e 29
João Carlos do Sacramento	29 e 30
Antonio Machado Peçanha	30 e 31
Basilio Antonio Rodrigues Setubal	31 —
Erotides Americo de Araujo Lopes	31 a 34
João Guilherme da Rocha Barros	34 e 35
Domingos de Barros Lisbôa	35 e 36
José Florencio Gomes Junior	36 —
Raymundo Nonato Vieira Lima	37 —
Jovino de Mattos Guimarães	38 —
Eustaquio Manoel da Cruz	38 e 39
Antonio Borba	39 —
Ivo José de Araujo	39 e 40
Feliciano dos Reis e Silva	40 —
Lino Martins Agra	40 —
Luiz Hermogenes	40 —
João Chrisostomo	40 e 41
Estanislau Ferreira Barros	41 —
Camillo Baptista dos Anjos	41 e 42
Pintura:	
Periodo Primeiro — Do seu estabelecimento na Bahia	43 a 49
José Joaquim da Rocha	50 a 56
Verissimo de Souza Freitas	57 —
Manoel José de Souza Coutinho	57 a 59
José Theophilo de Jesus	59 a 63
Antonio Joaquim Franco Velasco	64 a 68
Antonio da Silva Lopes	68 a 70
Fortunato Candido da Costa Dormundo	70 —
Frederico José da Silva	70 —
Manoel Antonio Pires	70 —

Duarte Baptista e Silva..... 70 —
Cornelio Ferreira França..... 71 —
Francisco Xavier Carnide..... 71 —
Manoel José da Silva Antunes..... 71 —
José Antonio da Silveira..... 71 —
Luiz Gomes Tourinho..... 71 —
Luiz da Silva Dias..... 72 —
Bento José Rufino da Silva..... 72 e 73
Claudio José Ramos Amazonas..... 73 —
José Rodrigues Nunes..... 74 e 75
José Joaquim da Rocha Bastos..... 75 —
Joaquim Gomes Tourinho..... 75 —
Olympio Pereira da Matta..... 76 —
Macario José da Rocha..... 76 e 77
João Francisco Lopes Rodrigues..... 77 a 79
Francisco da Silva Romão..... 79 —
Francisco Rodrigues Nunes..... 79 a 81
Agostinho de Jesus Maria..... 81 —
Joaquim Marcellino de Oliveira Sampaio..... 81 —
Joaquim Rufino de Abreu Fialho..... 82 —
Joaquim Gomes Tourinho da Silva..... 82 —
Tito Nicolau Capinam..... 82 e 83
José Francisco Lopes..... 83 —
Francisco José Rufino de Salles..... 83 e 84
José Antonio da Cunha Couto..... 84 a 86
Heraclio Augusto Odilon..... 86 —
José Raymundo..... 87 —
Angelo da Silva Romão..... 87 —
Antonio Vera-Cruz..... 87 e 88
Porfirio Vera-Cruz..... 88 —
Manoel Carlos Weyll..... 88 —
José de Abreu Barretto..... 88 —
José Vicente de Senna..... 89 —
Eduardo Pinheiro de Lemos..... 89 —
Manoel José de Oliveira..... 89 —
José Cyriaco Xavier de Menezes..... 90 —
Querino Antonio do Espirito Santo..... 90 —
João Chrisostomo de Queiroz..... 90 e 91
Athanasio Rodrigues Seixas..... 91 e 92
José Agapito de Freitas..... 92 e 93
Severiano Alves de Souza..... 93 —
Gustavo Jorge Manoel da Paixão..... 93 —
Melchiades José Garcia..... 93 e 94
José Lauro de Azevedo..... 94 e 95
Victorino Eduardo de Oliveira..... 95 —
Euclides Telles da Cruz..... 95 e 96
Antonio Gentil do Amor Divino..... 96 —
Ernesto Theotonio da Silva..... 96 —
Joaquim Galdino de Mattos..... 97 —
Antonio Valeriano dos Santos..... 97 e 98

Manoel do Carmo e Silva..... 98 —
Manoel Vaz da Costa..... 98 e 99
Belarmino Alves de Souza..... 99 —
Pedro José da Rocha..... 99 —

Pintura:

Periodo Segundo..... 101 a 128
Domingos Rufino da Cruz..... 128 —
Enedino José de Sant'Anna..... 128 —
Januario Tito do Nascimento..... 128 —
Emygdio Augusto de Mattos..... 128 e 129
Wenceslau Vieira de Campos..... 129 —
Carlos Costa Carvalho..... 129 —
Julio de Magalhães Macedo..... 129 e 130
Audré Pereira da Silva..... 130 e 131
Boaventura José da Silva..... 131 —
Augusto Pantaleão de Abreu Contreiras..... 131 —
Tito Weindinger Baptista..... 132 e 133
Francisco Terencio Vieira de Campos..... 133 e 134
Manoel Lopes Rodrigues..... 134 a 138
Antonio Lopes Rodrigues..... 138 —
Antonio Pereira Navarro de Andrade..... 138 —
Cyrillo Marques de Oliveira..... 139 e 140
Agripiniano Barros..... 140 —
Paulo Felix do Nascimento (depois Paulo Cezar) 140 e 141
Firmino Silvino Procopio..... 141 —
Archimedes José da Silva..... 141 e 142
Oséas dos Santos..... 142 e 143
D. Maria Constança Lopes Rodrigues..... 143 —
Presciliano Izidoro da Silva..... 143 e 144
Antonio Olavo Baptista..... 144 —
D. Maria Julia David..... 144 e 145
D. Etelvina Rosa Soares..... 145 e 146
Manoel Raymundo Querino..... 146 a 149
Guilherme Conceição Foeppel..... 149 a 152
Virgilio Pereira da Silva..... 152 e 153
Francisco da Silva Pinho..... 153 e 154

Musica:..... 155 a 163

Euzebio de Mattos ou Frei Euzebio da Soledade 164 e 165
José dos Santos Barretto..... 165 e 166
Damião Barboza de Araujo..... 167 a 169
José Pereira Rebouças..... 169 e 170
Padre Henrique José da Fonseca..... 170 e 171
Padre Jeronymo Pinto Nogueira..... 171 —
Francisco de Souza Gouveia..... 171 —
Manoel Maria Rebouças..... 171 e 172
Manoel Esmeraldino do Patrocinio..... 172 —
Padre José Pinto de Oliveira Santos..... 173 —

Izidoro Borges de Almeida..... 174 —
Domingos da Rocha Mussurunga..... 174 a 181
João Manoel Dantas..... 181 —
Antonio Francisco do Nascimento Vianna..... 181 —
Lourenço José de Aragão..... 182 —
Balthazar Antonio dos Reis..... 182 e 183
Frei Antonio do Patrocinio Araujo..... 183 —
José de Souza Aragão..... 184 —
Domingos de Faria Machado..... 184 a 186
Joaquim de Senna..... 186 —
Francisco José da Costa..... 186 —
Pedro Celestino de Oliveira..... 196 —
José Augusto da Fonseca..... 186 —
José Cupertino de Uzeda..... 187 —
João Bispo da Egreja..... 187 e 188
Cornelio Vidal da Cunha..... 189 —
Padre Maximiano Xavier de Sant'Anna..... 189 e 190
Miguel Archanjo de Farias..... 190 —
Pedro Celestino Pinheiro de Lemos..... 191 —
Florentino Rodrigues da Silva..... 191 —
Juvencio Alves da Silva..... 191 e 192
João Baptista Henrique de Paiva..... 192 —
Manoel Thomé de Bittencout Sá..... 192 e 193
Dr. Polycarpo Cezario de Barros..... 193 —
Joaquim Silverio de Bittencourt Sá..... 194 —
João Amado Coutinho Barata..... 194 e 195
Juvencio Ludugero dos Santos..... 195 —
Luiz da França Pereira Rebouças..... 195 e 196
Francisco Moniz Barretto..... 196 e 197
Miguel dos Anjos de Sant'Anna Torres..... 197 a 199
Eustaquio Rebouças da Cruz..... 199 e 200
Dr. Epiphanio José dos Reis..... 200 a 201
Manoel José Alves..... 201 e 202
Firmino Silva..... 202 —
Germano Ernesto de Souza Limeira..... 202 e 203
Livino Faustino dos Santos..... 203 e 204
José Bruno Correia..... 204 —
Joaquim Cornelio de Sant'Anna Torres..... 205 e 206
Pedro Alves da Silva..... 206 e 207
Adelino Francisco do Nascimento..... 207 e 208
Francisco Olavo de Salles Machado..... 208 e 209
Manoel Pastor Franco..... 209 e 210
Ludugero José de Souza..... 210 —
Francisco Irineu de Mattos..... 210 e 211
Alipio Rebouças..... 211 e 212
Manoel Ambrosio dos Santos Fraga..... 212 —
D. Maria Alice Bittencout..... 212 —
Livino José de Argollo..... 213 —
José Raymundo de Figueiredo Branco Netto.... 213 —
Eduardo Mendes Franco..... 214 —

Pedro Ursino Ribeiro..... 214 —
Sylvio Deolindo Fróes..... 214 a 219
Guilherme Theodoro Pereira de Mello..... 219 e 220
D. Maria Elisa de Lacerda Valente Moniz de Aragão..... 220 a 221
Manoel Tranquilino Bastos..... 221 —
D. Maria da Cruz Cunha..... 221 e 222
João Baptista Sacerdote..... 222 e 223
Antonino Manoel do Espirito Santo..... 223 e 224
Joaquim Ferreira..... 224 e 225
Joaquim Pedro Moreira..... 225 e 226
Honorato Pereira de Souza..... 226 a 228
Uma rectificação historica..... 228 a 231

Architectura:..... 232 a 239

Entalhadores:

Moitinho..... 239 —
Roque..... 239 —
Joaquim Pereira de Mattos..... 240 —
Capitão Cypriano Francisco de Souza..... 240 e 241
Marcellino Mariano de Castro..... 241 —
Maximiano de Oliveira Brandão..... 241 a 244
Antonio Gentil..... 244 e 245
Joaquim Ventura Esteves..... 245 —
Costa..... 245 —
João Baptista Ferreira de Carvalho..... 245 e 246
Capitão Alexandre..... 246 —
Candido Alves de Souza..... 247 —
Domingos Olavo do Sacramento..... 247 —
Herculano Francisco Duarte..... 248 —
Cypriano Archanjo Moreira..... 248 a 250
Galdino Francisco Borges..... 250 —
Luiz de Magalhães..... 250 e 251
João Simões Francisco de Souza..... 251 —
Custodio Castro do Nascimento..... 251 —
Antonio Magalhães Requião..... 252 —
Rogerio da Silva Teixeira..... 252 —
Florindo de Souza Farto..... 253 —
Pedro Alexandrino de Souza..... 253 —

Marmorista:

Thomaz Pereira Palma..... 253 —

Agrimensor:

Pedro Julio David..... 254 e 255

Architecto:

Guilherme Oscar Kleinschmidt..... 255 e 256
Hans Schleier..... 257 e 258